

EDITORIAL

Esta edição da Revista Crítica e Sociedade apresenta o dossiê *Juventudes, Sociabilidades e Ativismos: um panorama da produção da Rede de Estudos e Pesquisas sobre Ações e Experiências Juvenis*, organizado por Marco Aurélio Paz Tella (UFPB) e Nécio Turra Neto (UNESP).

Muitos estudos apontam que a noção de juventude apareceu no século XX e fora interpretada como um momento da vida ligado a instabilidade, rebeldia e delinquência. No célebre livro *Sociedade de Esquina* de William Foote Whyte, publicado em 1943, já se constatava o potente campo reflexivo dedicado ao fenômeno juvenil.

Os acontecimentos de maio de 1968 protagonizados pelos jovens europeus projetaram a juventude não só na cena política e cultural, mas atraiu os olhares e a dedicação das Ciências Sociais.

O presente dossiê segue o lastro dos primorosos estudos das Ciências Sociais sobre a juventude, brindando-nos com seletos artigos, revelando-nos, conforme os organizadores destacam na apresentação do dossiê, a “intensa heterogeneidade nas formas de ser jovem”.

A todos o nosso agradecimento.

Os Editores

APRESENTAÇÃO - DOSSIÊ

Juventudes, Sociabilidades e Ativismos: Um panorama da produção da Rede de Estudos e Pesquisas sobre Ações e Experiências Juvenis

Marco Aurélio Paz Tella¹
Nécio Turra Neto²

Com muita satisfação e entusiasmo apresentamos o dossiê Juventudes, Sociabilidades e Ativismos: um panorama da produção da Rede de Estudos e Pesquisas sobre Ações e Experiências Juvenis, uma coletânea de artigos de pesquisadoras/es que se propõem a refletir sobre questões relacionadas às juventudes, em suas múltiplas formas de manifestação e existência. As autoras e os autores dos artigos que compõem o dossiê integram a REAJ (Rede de Estudos e Pesquisas sobre Ações e Experiências Juvenis), formada por pesquisadoras/es de diversas universidades do país. Os organizadores do dossiê, membros da REAJ, pesquisam há décadas práticas culturais juvenis. Nécio Turra Neto a partir de uma perspectiva da geografia, Marco Aurélio Paz Tella na ótica da antropologia.

Fundada em 2017, a REAJ foi criada durante o II SEJUV (Seminário Juventudes Contemporâneas), ocorrido em Maceió, nas dependências da Universidade Federal de Alagoas. O II SEJUV foi organizado a partir de uma parceria dos grupos de pesquisa LACC (Laboratório da Cidade e do Contemporâneo), da UFAL e o Guetu (Grupo de Estudos e Pesquisas em Etnografias Urbanas), da UFPB. A parceria entre esses dois grupos já indicava um rascunho de uma rede mais ampla, com a participação de diversos grupos de pesquisas, com o objetivo intensificar o contato entre pesquisadoras/es da temática. Assim, a REAJ se constituiu compreendendo a necessidade do intercâmbio e parcerias³ de pesquisadoras/es que realizam pesquisas nas áreas de antropologia, geografia e sociologia sobre juventudes.

¹ Doutor em Ciências Sociais pela PUC-SP. Professor associado do curso de Antropologia e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFPB. Coordenador do Grupo de Pesquisa em Etnografias Urbanas (Guetu/UFPB). Membro Rede de Estudos e Pesquisas sobre Experiências e Ações Juvenis (REAJ).

² Graduação em Geografia pela Universidade Estadual de Londrina, Mestrado e Doutorado em Geografia, pela Universidade Estadual Paulista. Professor Assistente da Universidade Estadual Paulista (UNESP Presidente Prudente). Membro Rede de Estudos e Pesquisas sobre Experiências e Ações Juvenis (REAJ).

³ As parcerias têm ocorrido na participação de bancas de exame, na proposta de GTs e mesas redondas em congressos ou reuniões científicas, como ocorreu nas Reunião Brasileira de Antropologia de 2018 e 2020, Reunião Equatorial de Antropologia de 2019. Com um embrião da REAJ, os grupos de pesquisa LAAC e Guetu coordenaram um GT e uma mesa redonda no JUBRA – Simpósio Internacional sobre a Juventude Brasileira, em 2017. Mas as parcerias pretendem publicações conjuntas e pesquisas com alcance nacional.

Esse dossiê é o segundo produto acadêmico da REAJ, sendo o primeiro a publicação do livro “Juventudes contemporâneas - desafios e expectativas em transformação”, publicado em 2020, organizado por João Bittencourt, com artigos apresentados nas mesas redondas por pesquisadoras/es no II SEJUV.

O intercâmbio de grupos de pesquisa e pesquisadoras/es nos permite acesso a experiências juvenis em diferentes contextos, seja em cidades de diferentes escalas, seja em grupos de pertencimentos de diferentes tamanhos e propósitos. Mostra também as diferentes trajetórias de vida de pessoas e grupos que, a partir de microrrealidades, nos ajudam a compreender conjunturas macro.

No sentido inverso de perceber as experiências juvenis como perigosas, desviantes e/ou ameaçadoras, as pesquisas aqui publicadas são um recorte do que vem sendo produzido no Brasil, nas últimas décadas, preocupadas em compreender as vivências e práticas juvenis, a partir de: sociabilidades, corpos, consumo, tempo livre, vestuário, produção artísticas, ativismo político, atividades ligadas ao esporte, lazeres etc. Dessa forma, observar, como nos lembra Pais (2013), como o social se traduz no cotidiano e nas interações.

As experiências e práticas juvenis revelam intensa heterogeneidade nas formas de ser jovem, reflexo dos agenciamentos, processos de identificação e pertencimentos, que delineiam formas de se relacionar consigo mesmo, com o outro, com outros grupos juvenis, com a cidade. São processos que atuam nos estilos de vida, nas formas de ocupar e ressignificar espaços públicos, de reagir às políticas públicas – essas com visão homogeneizante e disciplinadora sobre as juventudes.

Ao romper com uma perspectiva do desvio (BECKER, 2008), pretende-se compreender as dinâmicas juvenis a partir dos processos de interação, reconhecimento e reciprocidade (HONNETH, 2003), da produção cultural, sociabilidades e insurgências. São práticas coletivas protagonizadas por jovens que agem e reagem à realidade posta, em grande parte das vezes marcada por impasses (PAIS, 2009), incertezas, desemprego, violência, discriminação, racismo e tentativas de disciplinar ou normatizar seus corpos e comportamentos. As práticas coletivas investem na interação, no prazer de “estar junto” (MAFFESOLI, 1996), nos afetos, que fortalecem vínculos sociais intra grupo e entre grupos, bem como na busca de visibilidade e transformação social. Os grupos surgem como espaços de proteção, segurança, proporcionando um “*sentido en común sobre un mundo incierto*” (REGUILLO, 2000, p. 14).

A proposta do dossiê vai nessa linha, com a apresentação de artigos que discutem, dentre outras coisas, a função de grupos juvenis em processos de socialização entre jovens, os espaços e práticas de sociabilidade juvenil, as estéticas e ativismo políticos. Mas também no sentido de

interação social com pessoas e grupos que estão em outras fases de vida, numa perspectiva de inserção social ou de conflito geracional, ambos caminhos reconhecidos nos processos de socialização (SIMMEL, 1983). Dessa forma, os/as jovens se inserem em redes de “*relaciones y de interacciones sociales múltiples y complejas*” (REGUILLO, 2000, p. 49).

O dossiê conta com 8 artigos de pesquisadoras/es que simbolizam os grupos de pesquisa que integram e a proposta da REAJ, de colocar em contato diferentes campos de pesquisa com enriquecedoras propostas metodológicas.

O artigo que abre o dossiê tem como autoras as pesquisadoras Ruth Melo e Mónica Franch, ambas da Universidade Federal da Paraíba. O artigo apresenta uma pesquisa etnográfica em um projeto social que, através da prática do jiu-jítsu, visa proporcionar um espaço para que os jovens de um bairro da cidade de Juazeiro do Norte - CE possam disciplinar seus corpos. As autoras problematizam a inserção dos jovens participantes do projeto, que se alinha a ideia de contenção a jovens “em situação de risco”, em dissonância com as motivações que levaram os jovens ao projeto, que passam pelo desejo de se socializarem e estabelecerem vínculos afetivos.

Na sequência, o segundo artigo do dossiê é de Isaurora Martins e Diocleide Lima, ambas da Universidade Estadual Vale do Acaraú, situada em Sobral (CE). As pesquisadoras apresentam uma reflexão sobre os processos individuais e sociais que motivaram jovens negras a assumir seus cabelos crespos ou cacheados, tornando-os símbolos de identidade, resistência e luta por reconhecimento. Com base em relatos e imagens de jovens negras universitárias, Isaurora e Cláudia nos apresentam os indícios que desencadearam processos de autorreconhecimento e a transformação da relação delas com seus cabelos e, conseqüentemente, com a sociedade.

Próximo a esta temática, está também o artigo de Mylene Mizrahi, Amanda Carvalho, Priscilla Mello e Maria Gabriela Alduino, da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, sobre como a estética de jovens escolares são performadas e negociadas na escola. Adotando como ponto de partida os marcadores de gênero e de raça, aos quais se agrega também o geracional, as autoras analisam um conjunto de relatos de estudantes, professores, pais e gestores escolares, encontrados em matérias jornalísticas ao longo da década de 2010, procurando evidências das disputas em torno do que é considerado a “estética adequada”. Segundo as autoras, a questão estética remete também a uma ética, a uma forma de auto apresentação de si, que revela pertencimentos e formas de se situar no mundo. Portanto, o modo como os jovens adornam seus corpos para se auto apresentarem não pode ser encarado como algo superficial, visto que portam em si as complexidades das relações sociais. As estéticas corporais são lidas no texto como discursividades políticas.

O artigo das pesquisadora Camila Holanda Marinho, Samara Edwiges Andrade Lima e de Vinicius Cavalcante Santos, da Universidade Estadual do Ceará, busca refletir a memória e o esquecimento, rotulações e processos de multipertencimentos relacionados as experiências juvenis, a partir das trajetórias de vidas de três jovens que passaram por instituições educativas e que tiveram seus pais vítimas de homicídios em Fortaleza/CE. A análise das autor/as discute os caminhos e experiências de jovens em situação de violência que procuram reconhecimento social.

Saindo um pouco do Brasil e indo para Angola, país africano da costa Atlântica, temos o texto de Frank Marcon, da Universidade Federal de Sergipe, que explora o ativismo juvenil, mais particularmente ligado ao grupo Revús (Jovens Revolucionários), com foco no caso que ficou conhecido como 15+2. O autor demonstra como as novas possibilidades conectivas, com Internet e celulares, bem como as redes sociais, potencializam ações políticas entre jovens, que não só têm aí um outro meio de expressão, mas também realizam a manifestação política com outra linguagem, altamente estetizada. No caso 15+2, que foi a prisão de jovens ativistas, as manifestações nas redes sociais destes próprios jovens prisioneiros ganharam repercussão internacional, demonstrando o quanto esta geração digital tem a ensinar em termos de mobilização e ação política em tempos de Internet.

De volta ao Brasil, e indo direto para Salvador, temos o texto de Célio Santos, da Universidade Federal da Bahia, que também analisa agrupamentos juvenis do ponto de vista da ação política, mais especificamente, dos “ativismos socioculturais”, como prefere o autor. Trazendo o caso de duas redes de sociabilidade juvenil que se articulam em torno de saraus em bairros da periferia pobres de Salvador, o autor argumenta que essas formas de agrupamento e ativismo oferecem aos jovens experiências de solidariedade e ajuda mútua e também criam espaços de autogestão, em que vigora a horizontalidade de decisões coletivas. Com base nos modos de acontecer dos saraus protagonizados por jovens, em sua grande maioria, negros e periféricos, na capital baiana, o autor reconhece neles a emergência de novos sujeitos na cena política, que colocam em ação práticas insurgentes que desafiam a cidade.

Dando continuidade, o artigo dos autores Phelipe Caldas, Universidade Federal de São Carlos, e Marco Aurélio Paz Tella, Universidade Federal da Paraíba, analisa uma prática de grupos de torcedores da Torcida Jovem do Botafogo-PB, denominada no artigo de “prática do vai e vem”. Os autores pretendem demonstrar como a torcida se organiza nas arquibancadas, baseada em linhas fronteiriças entre jovens e adultos. Phelipe e Marco Aurélio focam mais detidamente nas fronteiras geracionais, nas características e nas formas de torcer que definem quem são os jovens e os adultos,

que os posicionam dentro de identidades torcedoras específicas, num processo que delimita onde cada tipo de torcedor pode assistir ao jogo dentro do estádio. Onde – e como – eles podem circular.

Por fim, temos o texto escrito por Marcelo Custódio Pereira, Nécio Turra Neto e Antonio Bernardes, os dois primeiros da Universidade Estadual Paulista – Presidente Prudente, e o último da Universidade Federal Fluminense – Angra dos Reis. O texto de caráter mais metodológico apresenta o percurso investigativo realizado por uma equipe de pesquisa em cidades médias sobre o tema da diversão noturna. Os autores entendem que falar em diversão noturna remete a pensar espaços, tempos e práticas de sociabilidade que são majoritariamente juvenis, ao mesmo tempo que reconhecem o quanto a oferta de vida noturna em cidades médias tem formatado as práticas de sociabilidade. Para conhecer a vida noturna, em termos de oferta e consumo, em seis cidades que foram estudadas pela equipe, os autores descrevem os processos de aproximação, exploração e mergulho etnográfico. Por fim, o texto apresenta algumas das conclusões gerais que a pesquisa comparativa no conjunto das cidades permitiu chegar, considerando como as lógicas econômicas e as práticas espaciais ligadas à vida noturna dialogam com a produção de uma cidade cada vez mais desigual.

Com este conjunto de textos, algumas das pesquisadoras e pesquisadores ligados à REAJ apresentam um panorama da sua produção atual, daquilo que os têm instigado e dos campos em que têm investido suas energias críticas e criativas nos últimos tempos. São textos individuais e coletivos, que vão evidenciando as conexões da rede, mas também suas ramificações.

No momento em que se encontra esta agregação de pesquisadoras e pesquisadores, o trabalho coletivo em torno de um dossiê só poderia trazer a diversidade temática e de interesses, ainda que haja entre alguns dos oito textos apresentados um fio condutor que congrega questões raciais e políticas.

Esperamos que num futuro próximo, a densidade das conexões desta jovem rede se amplie e os trabalhos possam revelar maiores convergências, sobretudo, se a REAJ caminhar para a realização de pesquisas coletivas de âmbito nacional.

Referências

BECKER, Howard Saul. **Outsiders: estudos de sociologia do desvio**. Rio de Janeiro, Zahar, 2008.

HONNET, Axel. **Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais**. São Paulo: Ed. 34, 2003.

MAFFESOLI, Michel. **No fundo das aparências**. Petrópolis: Vozes, 1996.

PAIS, José Machado. O cotidiano e a prática artesanal da pesquisa. **Revista Brasileira de Sociologia/Sociedade Brasileira de Sociologia – SBS**. Aracaju, jan/jul, 2013.

PAIS, José Machado. A juventude como fase de vida: dos ritos de passagem aos ritos de impasse. **Revista Saúde e Sociedade**. São Paulo, vol 18, n. 13, 2009.

Reguillo Cruz, Rossana. **Emergencias de culturas juveniles: Estrategias del desencanto**. Bogotá. Grupo Editorial Norma, 2000.

SIMMEL, Georg. **Sociologia**. São Paulo, Ática, 1983.

Juventude, esporte e políticas públicas: Uma etnografia com jovens praticantes de jiu-jítsu no bairro Frei Damião em Juazeiro do Norte (CE)

Youth, sport and public policies: An ethnography with young jiu-jitsu practitioners in the Frei Damião neighborhood in Juazeiro do Norte (CE)

Ana Ruth Melo¹
Mônica Franch²

Resumo

Este artigo é um recorte de pesquisa de mestrado em sociologia desenvolvida pela primeira autora, com orientação da segunda. Foi realizada uma pesquisa etnográfica em um projeto social que visa proporcionar um espaço para que os jovens do bairro Frei Damião, em Juazeiro do Norte- CE, possam, através da prática esportiva, disciplinar seus corpos. A prática esportiva em questão é o Jiu-jítsu, arte milenar muito difundida aqui no Brasil e no mundo, que a primeira autora pratica desde 2009. A inserção como participante do projeto permitiu aproximar categorias sociológicas como juventude, lazer e esporte, que foram centrais para pôr em diálogo, por um lado, as expectativas iniciais do projeto, alinhadas com a ideia de contenção a jovens “em situação de risco social”, e por outro lado, as motivações e experiências juvenis no cotidiano do projeto. Ficou evidente que, mais do que se aproximarem da prática do jiu-jítsu em função de uma suposta situação de risco, os jovens se apropriam desse espaço para praticarem uma arte marcial, se socializarem e estabelecerem vínculos afetivos. Metodologicamente, o trabalho teve inspiração na participação observante de Loïc Wacquant, com observações registradas em diário de campo e também realização de entrevistas.

Palavras chave: Juventude. Jiu-jítsu. Políticas públicas. Corpo.

Abstract

This article is an excerpt of master's research in sociology conducted by the first author under the direction of the second author. It is the result of an ethnographic research in a social project for young people in Frei Damião neighborhood (Juazeiro do Norte-Ceará), to discipline young bodies through Jiu-Jitsu, an ancient art widespread over Brazil and abroad. The first author herself is a trainee in Jiu-Jitsu since 2009. Sociological

¹ Mestra em Sociologia pelo PPGS/UFPB. Atualmente atua como Coordenadora Pedagógica do Ensino Fundamental I e professora de Sociologia no estado do Ceará.

² Doutora em Antropologia pelo PPGSA/UFRJ. Professora do Departamento de Ciências Sociais e dos Programas de Pós-Graduação em Antropologia e em Sociologia da UFPB. Coordena o Grupo de Pesquisa em Saúde, Sociedade e Cultura (Grupessc/UFPB).

categories such as youth, leisure and sport are at the core of the analysis. The ethnography contrasted the official discourse and expectations of the project, which included restraining young people "in a situation of social risk", with motivations and youth experiences in the daily life of the project. It was evident that, more than approaching the practice of jiu-jitsu due to a supposed risk situation, young people take this space to train a martial art, to socialize and to establish affective bonds. Methodologically, the research was inspired by Loïc Wacquant's observant participation, fieldnotes and in-depth interviews.

Keywords: Youth. Jiu-Jitsu. Public policies. Body.

Introdução

As práticas esportivas estão presentes no convívio social desde a antiguidade, de forma que as dinâmicas de um determinado grupo social podem ser evidenciadas em seus esportes e nas regras que os norteiam. Embora essa temática tenha ficado por muitos anos fora do campo de interesse da sociologia, já se sabe que praticar esporte não é sinônimo de “falta do quê fazer” e que este tem sido muito difundido ao longo do processo de civilização (ELIAS; DUNNING, 1992). Atualmente, é impossível ficarmos indiferentes frente à dimensão que o esporte vem ganhando no mundo, quer seja desde perspectivas que consideram esse fenômeno a partir do lazer, do bem-estar físico, da sua dimensão profissional ou, ainda, como uma forma de legitimidade social.

Dentro das comunidades periféricas, o esporte tem sido uma estratégia frequentemente utilizada com o objetivo de combater o recrutamento dos jovens pelo tráfico e sua possível inserção em redes de criminalidade, priorizando deste modo um uso instrumental do desporto. Em alguns casos, a prática esportiva é utilizada em políticas públicas como uma ferramenta que possibilita uma aproximação dos órgãos de segurança aos jovens que moram em localidades consideradas de vulnerabilidade social. Desta forma, o esporte não evoca somente estudos sobre atitudes condicionantes do corpo, mas também nos permite refletir sobre formas de governo dos corpos jovens e sobre mecanismos de inserção social, além de nos falar sobre o alívio das tensões do cotidiano, sobre prazeres e desafios, sociabilidade, conflito e solidariedade.

O município de Juazeiro do Norte, localizado na Região centro-sul cearense, tem sido mais um dos vários municípios no país que se apropriou do esporte com o intuito de ocupar o tempo ocioso dos jovens que moram na cidade. Afinal, mesmo com estudos que apontam como o ócio pode ser uma importante dimensão do cotidiano juvenil (FRANCH, 2015), o tempo livre continua sendo visto como um “perigo” para o jovem. Sendo assim, o texto que aqui se apresenta resulta de uma pesquisa desenvolvida entre 2014 e 2019 no município de Juazeiro do Norte, mais especificamente no bairro Frei Damião, junto a um projeto esportivo voltado para jovens

entendidos como sendo “de risco social”, inicialmente desenvolvido pela Secretaria de Segurança do município e posteriormente coordenado pelos jovens membros do projeto, como iremos esclarecer mais adiante. A partir de uma pesquisa etnográfica, inspirada na abordagem de participação observante de Loïc Wacquant (2002), discutiremos alguns dos princípios que norteiam a criação de projetos juvenis de esporte em bairros periféricos e veremos de que modo essas atividades podem ser reapropriadas e ressignificadas pelos participantes que aderiram à modalidade de jiu-jítsu. Como tentaremos mostrar, a procura e a continuidade no projeto ultrapassam, de muitas maneiras, os objetivos do controle, adentrando dimensões de sociabilidade e de identificação com o jiu-jítsu enquanto técnica corporal, filosofia de vida e tecnologia de controle emocional.

O artigo está dividido em cinco partes. Na primeira, trazemos alguns elementos teóricos situando nossa compreensão sobre juventude e mostramos de que modo o esporte tem sido mobilizado como prática de regulação e controle social de segmentos juvenis construídos como ameaçadores em função de seus marcadores sociais. Na segunda parte, apresentamos os dados do projeto investigado, incluindo suas mudanças ao longo do tempo, deslocando-se de uma ação do campo da segurança para uma associação esportiva autogestionada. Na terceira seção, discorreremos sobre o modo como a pesquisa foi realizada, a partir da inserção da primeira autora como praticante de Jiu-Jítsu. Na quarta parte, repassamos sumariamente a história do jiu-jítsu e descrevemos algumas das características dessa prática.

Juventude “perigosa” e esporte como contenção

A juventude, se por um lado tem sido mobilizadora de esperanças e expectativas, também tem sido alvo constante de políticas voltadas para a modelagem de seu comportamento, proteção de seu futuro e resgate da sua condição juvenil. Isso a partir de políticas de segurança que visam a juventude como “irresponsável” demais para proteger a si mesma sozinha, devido ao contexto de vulnerabilidade em que muitos jovens se encontram inseridos.

É estranho pensar numa época em que não havia preocupações com a categoria juventude, uma vez que a mesma nem existia. Porém houve essa época e não faz nem muito tempo se considerarmos o seu processo histórico. De acordo com Carles Feixa (1998), a juventude é uma construção social que pressupõe, de um lado, a existência de condições sociais (normas, comportamentos, instituições) e, de outro lado, imagens culturais (valores, expectativas de comportamento, rituais), dependendo, ambas as condições, da estrutura da sociedade. Ainda de

acordo com Feixa, tais condições teriam se tornado possíveis numa longa transição que deita suas raízes no século XVIII e culmina no século XX – conhecido, de acordo com Philippe Ariès (1978), como “o século da adolescência”. Helena Abramo (1994) nos chama atenção para o fato de que embora essa categoria seja normalmente limitada a uma faixa etária enquanto período de transição, essa “[...] noção de juventude é socialmente variável” (P. 01), pois sua definição pode se modificar de sociedade para sociedade.

Ou seja, embora exista o fator biológico da transição corporal da infância para a vida adulta, a significação desse período, e sua individualização em relação a outros períodos da vida, variam histórica e socialmente. Mais do que isso, não apenas a definição de juventude se modifica de sociedade para sociedade como também dentro de uma mesma sociedade é possível perceber significativas diferenças nas formas de vivenciar a juventude, bem como nas formas como os jovens são compreendidos pela sociedade mais abrangente. A pluralidade das formas de vida juvenis tem contribuído, nas ciências sociais, para o uso cada vez mais comum do substantivo juventude no plural – juventudes –, justamente para tornar visíveis as diferenças e por vezes as desigualdades que atravessam a condição juvenil.

É nesse processo de diferenciação da vivência juvenil, e de diferentes imagens construídas em relação aos jovens, que podemos situar a ideia de “juventude problema”. Por um lado, a juventude, pelo fato de se tratar da geração que, em tese, substitui a geração adulta na sociedade, desperta, coletivamente, cuidados em função da incerteza dessa transição. Já no século XIX, a juventude era vista como problema. Espera-se que o jovem se integre normalmente à sociedade quando chegar à vida adulta, então criam-se mecanismos de controle que possam mediar e garantir que o jovem não desenvolva comportamentos rotulados como “desviantes” nesse período e, conseqüentemente, em nenhum outro momento futuro. Porém, também há “[...] o fato de o jovem olhar para a transgressão com certa curiosidade” (CARLINI-COTRIM, 2000, p. 78).

De acordo com Le Bréton (2012), assumir riscos é uma parte importante da vivência adolescente e juvenil. Num certo desafio à morte, os jovens testam seus limites e se diferenciam assim de uma condição infantil mais protegida. Mas enquanto jovens de grupos privilegiados contam com redes de apoio eficazes no controle dos efeitos dessas experimentações, muito diferente é a situação de jovens menos privilegiados, que podem ver suas biografias interrompidas ou interceptadas nesse momento.

Quando falamos da “juventude perigosa”, portanto, e sobretudo no contexto brasileiro, estamos nos referindo a um modo de olhar os jovens que não fazem parte dos grupos privilegiados, jovens de periferia, dos morros, alagados, favelas e bairros populares como Frei Damião, vistos e

tratados como ameaça à ordem vigente. Quando o Estado se aproxima desses jovens, muitas vezes o faz a partir de políticas repressivas, que se expressam nas altas taxas de encarceramento juvenil e também de mortes em decorrência dos chamados “autos de resistência”, ou seja, mortes à mão de agentes do Estado, que se somam às outras muitas formas com que estes jovens cruzam com a morte. Outra forma de atuação do Estado junto a esses jovens, diretamente relacionada com a ideia de sua periculosidade, é, entretanto, a partir de um objetivo “civilizador”. Na sua origem, o projeto que discutimos aqui se encaixa perfeitamente nesta segunda forma de atuação do Estado – tratava-se de um projeto de artes marciais, voltado a jovens “em risco”, que foi originalmente desenvolvido pela Guarda Civil Municipal de Juazeiro do Norte.

Ao mencionar “objetivo civilizador”, imediatamente vêm à mente as ideias de Norbert Elias (1994). Em sua obra *O processo civilizador*, o autor analisa o processo de refinamento dos costumes na Europa ocidental, elaborando um pensamento que nos inspira a pensar na ideia das políticas públicas como forma de “civilizar” os jovens da periferia. Esse tipo de políticas, quando voltadas aos jovens pobres, objetiva fazê-los incorporar um modelo de comportamento proposto pelas classes dominantes, de forma que o jovem possa se adequar aos padrões de comportamento que se almeja que ele desempenhe no meio social. Sendo assim, as práticas esportivas e artísticas trabalhadas no Programa Atleta Cidadão, que discutiremos aqui, seriam o meio para se atingir o objetivo de disciplinar, “civilizar” esses jovens.

Assim como ocorreu na Europa, aqui também se objetiva a pacificação de lugares onde prolifera a violência e o refinamento dos modos comportamentais dos indivíduos a partir da capacidade de eles exercerem o autocontrole sobre seus atos e emoções. Esse processo de incorporação do *habitus* de um indivíduo civilizado se dá nos processos de interação de uma sociedade, que determina as normas sociais às quais esse comportamento deve se adequar. Aqui o modelo ideal é aquele em que as tensões e desavenças seriam resolvidas pelo Estado, não cabendo ao indivíduo executar atos de violência para não ser “tachado” de incivilizado, que não tem controle sobre seus impulsos naturais. Dessa forma, há um controle social nesse processo, a partir das expressões de nojo, vergonha e exclusão que seriam desempenhadas pelos próprios indivíduos.

Evidentemente, é preciso fazer muitas mediações entre o processo civilizador, nos moldes descritos por Norbert Elias, e a realidade social contemporânea no mundo todo e, principalmente, no Brasil. Seria difícil afirmar que o Estado brasileiro detém o monopólio da força e muito menos pensar que o refinamento de costumes tenha avançado na mesma direção. Fugindo de qualquer intenção evolucionista (povos mais ou menos civilizados), o que pretendemos afirmar aqui é que as práticas esportivas, quando voltadas a jovens de periferia, frequentemente parecem estar

inspiradas nesse ideal civilizatório, partindo do pressuposto de que: a) todos os jovens que moram na periferia são tendencialmente violentos e perigosos; b) as dinâmicas que levam esses jovens a uma maior exposição à violência dependem, basicamente, de atitudes individuais, como controle das emoções. Como veremos mais adiante, não é a partir desses pressupostos que os jovens se aproximaram do projeto em questão.

Do Programa Atleta Cidadão ao “projeto social de jiu-jítsu”

No ano de 2009, foi implantado o Programa Atleta Cidadão em Juazeiro do Norte, que teve como intuito assistir jovens de periferia, oferecendo a oportunidade de uma prática esportiva no contra turno escolar. Administrado pela Secretaria de Segurança Pública e executado pela Guarda Civil Municipal, o Programa foi instalado em bairros periféricos, tidos como localidades violentas nas quais os jovens estariam propensos a se envolver com drogas e criminalidade. Dentre eles, está o bairro Frei Damião.

Local desta pesquisa, o Frei Damião é o terceiro maior bairro de Juazeiro do Norte, e é tido no imaginário urbano do município como periferia/favela (FEITOSA, 2015). Não possui muitos atrativos e espaços de lazer para os jovens, exceto os espaços da escola e das igrejas com os grupos de jovens. Ademais, pelo fato de ser um espaço social que carrega um grande estigma, seus moradores tentam se distanciar da imagem negativa atrelada ao bairro, e diretamente vinculada às pessoas que moram nesse local, empreendendo, para tanto, estratégias de distanciamento. Apesar desse estigma, em Frei Damião, como em muitos outros bairros periféricos, há uma intensa sociabilidade local, envolvendo sobretudo os jovens. Em sua dissertação de mestrado sobre jogos de futebol nos campinhos do bairro (rachas), Antonio Lucas Feitosa (2012) nos fala de uma “sociabilidade espontânea” realizada pelos jovens do bairro, em contraposição ao futsal como prática institucionalizada. Ele também faz alusão ao Programa Atleta Cidadão com as seguintes palavras:

O projeto [Atleta Cidadão] emerge, assim, como uma atividade pensada para ser uma opção de lazer, ao mesmo tempo em que um contraponto as práticas que não são vistas como “sadias”. É o caso dos jogos de futebol em campos de terra, brincadeira comum no bairro, mas que para os agentes de segurança pública são momentos em que se comercializa drogas [...]. Essa postura em relação ao ócio e ao lazer não se encontra distanciada da dimensão disciplinar que as ações descritas [do projeto] acabam por assumir [...]. Assim, ao mesmo tempo em que as atividades esportivas e artísticas têm uma postura disciplinar, também surgem como maneiras de organizar e fundir a sociabilidade (FEITOSA, 2012: P. 61).

Desde seu começo, o Programa Atleta Cidadão esteve diretamente ligado à escola CAIC não apenas por ser esse o local onde eram desenvolvidas as atividades, mas também porque o projeto se volta à comunidade escolar. Pensando em ocupar o tempo “ocioso” dos jovens, as atividades ocorriam em horários diferenciados, de maneira a poder atender aos jovens que estudam de manhã e à tarde sem interferir em suas aulas. Durante cinco anos, foram desenvolvidos trabalhos esportivos com as modalidades de jiu-jítsu, capoeira, futsal e posteriormente, atividade circense. O instrutor de jiu-jítsu era Sávio Montenegro, que comanda uma das maiores equipes de jiu-jítsu da região do Cariri.

Em 2017, ocorreu uma greve geral dos servidores públicos municipais, envolvendo também o setor da segurança e, com isso, as ações do projeto foram paralisadas. Embora a interrupção das atividades somente ocorresse em abril daquele ano, os servidores vinham realizando paralisações mesmo antes da deflagração de greve, que afetavam negativamente as atividades do projeto. Além disso, o programa já não tinha tanta assistência nem recursos como no início. Ao término da greve, ainda em 2017, a Guarda Civil e os demais servidores retomaram o trabalho, porém, as atividades específicas do programa foram remanejadas para o Ginásio Poliesportivo³ localizado quase no centro da cidade e distante do bairro Frei Damião, tornando difícil para os alunos do Atleta Cidadão se deslocarem até o novo local de treino com regularidade.

Para além da distância geográfica, a saída do bairro foi acompanhada de uma mudança ainda mais significativa para os jovens praticantes de jiu-jítsu: a mudança de equipe. Como veremos posteriormente, a prática de jiu-jítsu organiza-se por equipes às quais os praticantes estão ligados por um sentimento de lealdade. Diante da mudança de local e de equipe, os participantes do projeto se viram no dilema de “mudar de lado”, abandonar a prática ou aceitar o desafio de tomar as rédeas do projeto e dar continuidade aos treinos de jiu-jítsu no mesmo local, na mesma equipe, mas de forma autogestionada. Assim foi feito.

Após a retirada do Programa Atleta Cidadão, os próprios jovens se organizaram e reestruturaram um novo projeto. A partir de uma rifa, compraram o material necessário para iniciar os treinos, no caso o tatame, conseguiram um espaço de treino na escola em que estudam e José Alisson, que foi o responsável por reimplantar o projeto, tornou-se instrutor do novo grupo. Assim, o que antes era um programa idealizado pela Secretaria de Segurança Pública e Cidadania, supervisionado e coordenado pela Guarda Civil Municipal, com o intuito de amenizar os impactos

³ Espaço utilizado aqui no município para realizar grandes eventos esportivos e para treinos de diversas modalidades no dia-a-dia, desde que agendados previamente.

do contexto de risco social na vida dos jovens através do esporte, passou a ser, a partir do mês de outubro de 2018, um projeto social organizado e coordenado por jovens entre 17 e 21 anos.

O projeto tem alunos de 12 a 28 anos, mas a faixa etária mais comum é entre 12 e 17, que são os interlocutores desta pesquisa. Com isso, o trabalho aqui descrito apresenta um projeto onde os jovens se tornaram protagonistas do seu próprio espaço de lazer – embora as atividades continuem ocorrendo na escola CAIC e mantenham a sua característica de “treino” que as diferencia da “sociabilidade espontânea” presente em outras atividades no tempo livre juvenil do Frei Damião, como os já mencionados “rachas” (FEITOSA, 2012).

Uma socióloga de quimono: notas sobre a pesquisa

Ao trazer para este artigo a história de mais de dez anos de jiu-jítsu no bairro do Frei Damião incorporamos, também, uma parte da juventude da primeira autora deste texto que nasceu e cresceu no bairro, e que foi atraída para o jiu-jítsu ainda quando adolescente⁴. A pesquisa, portanto, também se refere a essa vivência enquanto membro do projeto que pesquisei. Iniciei os treinos de jiu-jítsu como um espaço de lazer e alívio de tensões, embora na época em que comecei a treinar, em 2009, não pensasse nesses termos. A prática do esporte, deste modo, precedeu a pesquisa e permitiu que ela incluísse uma dimensão corporal extremamente significativa no caso dos estudos sobre práticas esportivas, como tão bem mostrou Loïc Wacquant (2012). A partir da leitura da participação observante desenvolvida por esse autor, deparei-me com desafios semelhantes: se realmente seria capaz de apreender o esporte, se poderia explicar as relações que se estabelecem em meu campo e como seria possível traduzir as dimensões corporais e o não-dito numa linguagem sociológica.

Quando se estuda uma prática na qual se está tão intimamente envolvida, corre-se o risco de não conseguir objetivá-la e extrair conhecimento além das próprias experiências. Por isso, o diário de campo foi uma ferramenta metodológica imprescindível no processo da pesquisa. Esse olhar voltado a descrever não só o que se observava, mas também o que eu realizava em cada treino, auxiliou muito no andamento da pesquisa. Escrever diários de campo foi quase como fazer um diário pessoal das minhas experiências no tatame, permeadas por memórias de uma longa e intermitente trajetória de praticante. Por outro lado, a escrita do diário funcionou como uma

⁴ Sempre que usarmos a primeira pessoa do singular, faremos referência à primeira autora. Essa opção busca evidenciar, no texto, o caráter pessoal e insubstituível do trabalho de campo, bem como sua dimensão experiencial. Já o uso da primeira pessoa do plural expressa a contribuição de ambas as autoras nas reflexões.

bússola que me permitiu ir direcionando e avançando na pesquisa de campo. Os diários produzidos em cada visita ao projeto retratam as interações por mim vivenciadas, a partir das quais estabeleci vínculos com os demais participantes, uns mais outros menos. James Clifford (2002, p.20) afirma que: “A observação participante obriga seus praticantes a experimentar, tanto em termos físicos quanto intelectuais, as vicissitudes da tradução”, de modo que o texto produzido ao final será o resultado das experiências vivenciadas e da capacidade de interpretação das mesmas.

Talvez pelo fato de me entender como participante, talvez por uma simples questão de timidez, adiei o máximo que pude a realização de entrevistas. Quando finalmente optei por fazê-las, segui os modelos de entrevista semipadronizada e de entrevista etnográfica. De acordo com Uwe Flick (2009), a primeira contempla um conjunto de questões abertas que visa extrair a “teoria subjetiva” do entrevistado a respeito do tema estudado; em outras palavras, “[...] os entrevistados possuem uma reserva complexa de conhecimento sobre o tópico em estudo” (p.149) e questões mais amplas os fariam falar de forma espontânea sobre o assunto, possibilitando outras perguntas dentro da própria entrevista, o que me ajudou bastante na hora de refletir sobre as motivações dos jovens em estarem ali. Já a entrevista etnográfica foi bastante útil enquanto estava realizando as observações, pois possibilitava retirar dúvidas e fazer questionamentos aos jovens no momento em que me encontrava em campo. O problema básico desse método era “[...] como adaptar as conversas que surgem no campo em entrevistas nas quais os desdobramentos das experiências particulares do outro estiver sistematicamente alinhado com o assunto da pesquisa” (FLICK, 2006, p. 159). Dessa forma muitas vezes fiquei de fora do assunto, buscando um momento oportuno para realizar a pergunta que desejava ou em outros momentos iniciava conversas direcionando para o que almejava saber⁵.

Mas afinal, o que é o jiu-jítsu?

O termo jiu-jítsu, significa “arte suave”. O que faz todo sentido para quem o pratica, pois quando se luta agitado, com pressa e usando muita força, o atleta consegue apenas se cansar e não realiza nada de técnica, dando a vitória ao seu oponente.

Há quem diga que o jiu-jítsu é uma prática iniciada na Índia pelos monges budistas que precisavam se defender e não se permitiam o uso de armas, então desenvolveram seu próprio corpo para tal fim; posteriormente com a propagação do budismo o esporte também foi se difundindo até chegar ao Japão. Por outro

⁵ Ao todo foram realizadas seis entrevistas com os membros do projeto e os nomes são verdadeiros.

lado, há quem diga que se iniciou no Japão para auxiliar os Samurais no combate, quando eles ficavam sem as armas. De qualquer forma, o jiu-jítsu tem seus princípios voltados para a defesa e não para o ataque, focando num conjunto de técnicas que permitem a uma pessoa fisicamente mais fraca, derrotar outra fisicamente mais forte, para essa arte: “tamanho não é documento” (MELO, 2014).

De acordo com Antonio Claudio E. M. Teixeira (2011), Esai Maeda Koma, apelidado aqui no Brasil de Conde Koma, chegou ao Brasil em 1915, especificamente ao Estado do Pará, onde conheceu Gastão Grace que se entusiasmou ao assistir a uma demonstração da sua luta e levou seu filho mais velho, Carlos Grace, para aprender as técnicas e posteriormente ensina-las aos seus irmãos.

Em 1925 no Rio de Janeiro, Carlos Grace abriu uma academia com seus irmãos, e um deles, Hélio Grace, apenas observava, mas um dia, quando seu irmão precisou se ausentar, ele se ofereceu para dar aulas. O que chamou atenção é que Helio Grace, ao contrário do seu irmão, era magro e raquítico, o que o forçou a adaptar as técnicas de jiu-jítsu ao seu tipo físico, usando técnica ao invés de força. E foram essas alterações nas técnicas que hoje circulam o mundo todo como *Brazilian jiu-jítsu* ou em português, jiu-jítsu brasileiro. Embora haja divergência na história entre qual Grace é de fato responsável pela difusão dessa arte pelo mundo, pois Carlos Grace também reivindica essa glória, é consenso que a família Grace foi a responsável pelo desenvolvimento dessa técnica, embora nem todos os membros sejam lutadores, muito menos as mulheres, que não foram estimuladas a competir.

Por incrível que possa parecer, o lutador de jiu-jítsu não tem como objetivo a intensidade do uso da sua força física corporal. O documento da Cearafitness assinala que o praticante de jiu-jítsu “ganha como base fundamental a destreza, a rapidez e a flexibilidade, sem requerer a força bruta. A atenção e o equilíbrio são fundamentais, pois o objetivo é utilizar-se da força do adversário para a aplicação de um golpe”. Os referentes tradicionais do jiu-jítsu, representados por Hélio Grace, pautam-se no *corpo magro*, muitas vezes considerado incapacitado para o esporte, apreendem uma série de técnicas capazes de desequilibrar e finalizar o adversário (DIÓGENES, 2003, p. 131).

Como podemos perceber, a força não é o elemento principal nesse esporte. A história do jiu-jítsu está associada aos chamados Pitboys, que, segundo Fátima Cecchetto (2004), eram jovens da classe média carioca que, por volta da década de 1990, se envolviam em brigas de rua e eram os que mais procuravam por academias que ensinavam jiu-jítsu. Isso é compreensível, pois a Família Grace difundiu o jiu-jítsu como uma luta superior a todas as outras artes maciais e até criaram um evento, o MMA para provar esse “fato”.

Atualmente, com a esportivização do jiu-jítsu a prática passa a obedecer a regras que põem sob controle o uso da violência, estimulando as dimensões civilizadoras da prática esportiva em detrimento de seu potencial de luta, conforme mostraram Elias e Dunning (1992) em relação a outras práticas esportivas. Até o próprio evento de vale-tudo criado para apresentar o jiu-jítsu como arte superior, hoje é completamente regulado por regras.

Ou seja, a passagem de algo que é visto apenas como lazer a esporte ocorre com o surgimento de regras que definam as ações, as condutas dentro de determinada prática. O que também significa que o processo civilizador ocorre no universo do esporte. Elias segue nos dizendo que a civilização dos jogos de competição é algo extremamente vinculado a questão da restrição, ou minimização, da violência efetuada sobre os outros competidores, isso só é possível por meio de um conjunto de regras sociais (SILVA, 2016).

O jiu-jítsu brasileiro, atualmente, é um esporte praticado e consagrado em vários países. Ainda há essa associação entre os seus praticantes e a violência, mas isso depende muito da academia na qual se é membro. No interior do Ceará, mais especificamente em Juazeiro do Norte, não há essa ligação direta entre brigas de rua e lutadores de jiu-jítsu, apontada tanto por Cecchetto (2004) quanto por Diógenes (2003). Mas é consenso a ideia de que essa violência se dará ou não em decorrência do que se é valorizado no espaço de treino onde seja aluno.

O professor da academia, o mestre, não apenas é considerado, no geral, instrutor técnico; ele exerce uma influência moral e uma autoridade na relação que mantém com os alunos. A fala sobre o *mestre* assume um som mítico, delineado por configurações de poder e hierarquia. [...] O professor é *reflexo*, é *espelho*, funciona como um *orientador* (DIÓGENES, 2003, p. 128).

Como ocorre nas artes marciais em geral, o jiu-jítsu possui uma forma bem clara de evidenciar o avanço dos seus praticantes no domínio do esporte a partir de uma escala de faixas e graus de cores diferentes, as faixas indicando uma mudança de categoria e os graus reconhecendo que o praticante melhorou em habilidades e técnicas, mas que ainda não está pronto para a faixa seguinte. Nesse caso, o praticante recebe apenas *grau* na faixa, que na prática é uma fita de esparadrapo pregada na ponta preta da faixa que o lutador usa sinalizando que ele está próximo da faixa seguinte. A cada quatro *graus* em cada cor de faixa, pode-se receber a faixa seguinte. A média de tempo entre uma faixa e outra varia entre um ano e meio e três anos, até chegar no nível de professor. Mas isso é relativo, depende de o mestre entender que o lutador está apto para trocar de faixa e de sua dedicação aos treinos. Além de reconhecer o avanço do praticante desta “arte suave”,

as faixas também são importantes pois elas organizam as categorias que podem lutar entre si nos campeonatos, que propomos compreender aqui como “tempos fortes” no universo do jiu-jítsu.

(Auto)Etnografando os treinos: a equipe e os jovens



Figura 1: A primeira autora recebendo grau na faixa, pelas mãos do mestre da equipe, Sávio Montenegro.
Fonte: Arquivo pessoal. 06 de outubro de 2018.

Quem treina jiu-jítsu sempre treina em algum lugar no qual o dono também é o mestre ou numa academia na qual esse mestre dá aulas, e a equipe a que pertence leva o nome de alguém consagrado nesse esporte, de alguma técnica de jiu-jítsu ou do próprio mestre. Por exemplo, a equipe Sávio Montenegro leva o nome do seu fundador e mestre e não possui espaço próprio de treino; ele dá aulas particulares, também em academias e projetos sociais, e quem coordena esses projetos são seus alunos faixa roxa ou marrom. Já a equipe rival Kimura leva o nome de uma técnica de jiu-jítsu e tem espaço de treino próprio. No universo do jiu-jítsu a relação com a própria equipe é baseada num sentimento de lealdade, assimilado a uma relação de família, enquanto as relações com as outras equipes são marcadas pela rivalidade. Nosso projeto está vinculado à equipe Sávio Montenegro e isso nos identifica em postura, comportamentos e ensinamentos, pois o aluno

é reflexo do seu mestre. Por isso é tão importante para nós fazermos parte de uma equipe, pois cada mestre impõe sua marca no jeito de ensinar.

Basicamente a figura do professor é que modela esse aluno. E a partir dessa troca recíproca de informação o aluno saberá qual comportamento dele é esperado pelo instrutor. Se será esperado o comportamento de um *pítboy*: aquele que vai se aproveitar de está sempre armado, pois o seu corpo é uma arma, para agredir pessoas desarmadas atitude considerada no meio do esporte como covardia, devido muitas dessas vítimas não terem conhecimento algum de defesa pessoal. Ou o comportamento de um “guerreiro”: aquele que tem consciência que o seu corpo pode ser uma arma letal e restringe o uso de suas técnicas ao tatame e a academia (MELO, 2014).

Numa situação como essa, a figura do instrutor, ou mestre, também poderá ser “manchada” no meio esportivo, devido aos questionamentos de quais valores ele dissemina entre seus alunos.

O projeto conta com uma rotatividade dos alunos. Muitos começam a participar e desistem, seja por falta de tempo, afinal as prioridades mudam ao longo do tempo, seja por “preguiça” também. Como os jovens costumam dizer “nem todos aguentam a pressão”, pressão das lutas e também o desgaste no corpo advindo da prática constante do jiu-jítsu. Há ainda aqueles que vão e voltam, como também foi meu caso. Os participantes são jovens em idade escolar, com bastante tempo livre, poucas responsabilidades domésticas, que são amigos e até parentes dentro e fora do tatame. Esse movimento de ir e vir dos jovens do projeto fica claro na fala de Alisson, atual instrutor do grupo:

Notei que poucas pessoas são as que ficam, eu posso arriscar dizer que do meu tempo até hoje, continuaram junto acho que eu devo ser o único que ainda restou que tá, que tá fixo. Tem uns que vão e volta poucos. O que eu notei que são, que eu digo sem dúvidas assim se num passou por pelo o projeto umas trezentas pessoas ou isso aí já eu arrisco, já foi muita pessoa. Sempre tem as temporadas em tempo tem certas pessoas, depois elas saem em outro tempo tem outras. Não é algo tão notável assim algo tão obvio. Vai acontecendo com o tempo quando você para pra pensar e fulano já não tá aqui. Fulano também, você ver que tem pessoas novas. Então, assim, a galera vai mudando. Sempre. Sempre vai mudando.

Os jovens do projeto são em sua grande maioria meninos: contando apenas os frequentadores mais assíduos, do total de vinte e cinco membros, apenas quatro são meninas, incluindo eu. Todos são estudantes, com exceção de Alisson, que terminou o ensino médio em 2018, apenas dois deles não estudam no CAIC. Dois deles pertencem a mesma igreja evangélica, localizada no bairro.

Reconhecem que o bairro não oferece muitos espaços para lazer, como fica evidente na fala de alguns deles, quando questiono o que fariam se não participassem do projeto:

Ederlanio: Fico em casa assistindo série.

Rikael: Eu mesmo só fico em casa e mexo no celular e vou deitar.

Guilherme: Raramente assim, geralmente eu, eu leio, quando eu num to lendo eu tô ajudando minha mãe.

Isso já era de se esperar em um bairro periférico, devido à ausência de espaços de lazer para o jovem e para comunidade em geral. Na falta de equipamentos específicos, as ruas, os portões, as casas terminam abrigando a sociabilidade juvenil, que se entrelaça com o cotidiano de outros grupos etários e que frequentemente, pelo seu caráter rotineiro, não é muito valorizada ou até mesmo percebida enquanto lazer (FRANCH, 2015).

Os jovens que praticam jiu-jítsu no bairro de Frei Damião pertencem a famílias de baixa renda, seus pais possuem trabalhos diversos, muitos só fazem “bicos”, ou seja, trabalhos informais com baixa remuneração e sem nenhuma garantia de continuidade. Isso faz com que alguns desistam ou faltem bastante aos treinos, porque precisam trabalhar desde cedo para colaborar financeiramente em casa. Apesar de morarem no mesmo bairro e partilharem características sócio-econômicas, os jovens que praticam jiu-jítsu no bairro de Frei Damião são bem diversificados em alguns outros aspectos. Há entre eles evangélicos, católicos e até um ateu. Gostam de ler ou de passar o dia no celular. Alguns são parentes, Saymon e Sara são irmãos; outros namoram, como Paulo e Larissa, Luanderson e Sara. Moradores de periferia, em sua maioria negros. Mas principalmente são amigos, que escolheram três dias por semana estarem juntos, compartilhando o mesmo espaço de treino.

Dimensões morais da prática e a construção do corpo do lutador

O jiu-jítsu é uma arte voltada para a disciplina e o autocontrole. O respeito com o mestre e os demais parceiros de treino também é bastante valorizado. Certa vez, no espaço de treino, tive uma atitude considerada imprópria para aquele momento: comemorei uma finalização ao meu parceiro de treino, Charles. Logo em seguida, Alisson, que é o responsável pelas nossas atividades, me puniu com trinta sapinhos⁶. O motivo da minha euforia, naquele momento, foi porque Charles

⁶ Exercício no qual a gente deve pular com os braços erguidos e ao tocar novamente o solo curvar o corpo para frente até que as mãos toquem o tatame e fazer isso quantas vezes forem solicitadas, no meu caso, foram trinta sapinhos.

é um jovem de 1,65m que pesa 110kg. Nem todo mundo gosta de treinar com ele, porque ele representa uma combinação de força, peso e técnica, o que dificulta bastante a movimentação na luta dos alunos novatos, ou daqueles que têm medo de se machucarem. No início da participação dele no projeto, ele não tinha controle do seu corpo, nem da sua força. E muitas vezes, lesionava seus parceiros de treino mesmo sem querer, mas atualmente, o considero um excelente parceiro de treino, e mesmo ele não sendo meu adversário, fazia tempo que vinha tentando finalizá-lo. E neste dia aconteceu e fiquei muito feliz. Mas externar minha felicidade naquela ocasião foi considerado destoante, pois os treinos são um momento de aprendizado mútuo, onde você precisa do seu parceiro de treino para aprender e se desenvolver cada vez mais, não para rivalizar com ele – ou até mesmo para “torcer” por ele.

Como em muitas outras artes marciais, no jiu-jítsu a finalização é o objetivo imediato das lutas. Ela consiste na aplicação de técnicas específicas, até forçar o adversário a desistir da luta. Uma característica do jiu-jítsu é de ter diversas formas de sair de uma situação difícil de luta. Finalizações como mata-leão, braços cruzados no pescoço do outro, armlock (quando se estica o braço do outro e aplica pressão em seu cotovelo no sentido inverso a sua articulação), e vários outros exemplos, todas essas técnicas possuem algo em comum: não há apenas uma forma de sair delas. No tatame é comum você ouvir “sai daí, se não dá de um jeito, dá de outro”. E isso não serve apenas para o esporte, serve para a vida também. Junior, lutador “faixa roxa” que mora na cidade de Barbalha e com frequência está presente nos nossos treinos, costuma nos dizer: “ou a gente ganha [a luta] ou a gente aprende, mas nunca se perde”. Nesse e em outros momentos, os ensinamentos no tatame são transpostos para a vida cotidiana.

Há mais de um modo de sair de uma situação aparentemente sem saída; essa é uma das lições. Outra lição: você pode estar na vantagem com o seu adversário, pelos pontos, e de uma hora para outra a situação pode mudar, você pode ser finalizado e acabar perdendo a luta sem nem perceber. Da mesma forma, são os nossos desafios diários, não devemos baixar a guarda. O jiu-jítsu ensina valores que são importantes para o nosso convívio em sociedade.

Meus interlocutores falam um pouco sobre essas questões, quando lhes pergunto sobre as lições que o jiu-jítsu lhes ensina e que servem fora do tatame.

Eu acho que respeito. Muito respeito. Na hora que entra no tatame isso daí é já ter respeito por quem é mais é [maior, no sentido de hierarquia]. (jovem entrevistado)

A união com entre times, o que é, num sei só a união mesmo. (jovem entrevistado).

Para além desses aspectos, que podemos entender como ensinamentos morais da prática do jiu-jítsu, o projeto nos proporciona contato com outras pessoas, ampliando assim nosso universo relacional e nos dando acesso a outros pontos de vista sobre a vida:

O que eu gosto mais no projeto é o contato. Estar com pessoas de várias idades. É diferente as vezes até com pai de família também, é pessoas que já são adultas. E precisa saber lidar porque assim a gente aprende a lidar com pessoas, situações, problemas, e como você reage a cada situação dessa. Eu acho que o bom é de fazer, o bom de tudo é fazer amizade (Alisson, responsável).

Além disso, temos acesso a “celebridades” do nosso esporte e da equipe, o que nos insere no universo do esporte. Essa possibilidade decorre do fato de fazermos parte da equipe do mestre Sávio, que é bem conhecido e respeitado na Região do Cariri. O mestre dele, Godofredo Pepey, ganhou várias lutas importantes e é bem conhecido na categoria peso pena. Nesse sentido, fazemos parte de uma linhagem amparada por princípios de lealdade e de autoridade, que visam também à formação do caráter dos lutadores. E assim como é construído nosso caráter, também deve ser modelado nosso corpo.

Se, conforme Marcel Mauss (2003), o esporte é uma prática que restringe o corpo em sua espontaneidade e o potencializa tecnicamente, e todo corpo é marcado e definido pelas práticas da sociedade na qual se inseriu de maneira que expresse o que a sociedade estabelece, não é de estranhar que ser mulher e treinar jiu-jítsu possa esbarrar em resistências. Pareceria que o ideal de delicadeza que se atribui ao corpo feminino fica em “perigo” no tatame, uma vez que esse espaço infringe marcas nos corpos masculinos que implicam em algumas deformidades, construindo os chamados cascas-grossas⁷. Isso só ocorre dependendo da intensidade do treinamento.

De fato, o lutador de jiu-jítsu tem no próprio corpo um abrigo. Trata-se de um esporte que exige sacrifícios imensos ao corpo do praticante. Os dedos das mãos são os primeiros a sentirem o peso dos treinamentos: sofrem com a aspereza do quimono. Já na primeira semana, na área imediatamente acima das unhas, a pele descama-se em carne viva, e é preciso usar esparadrapos para conseguir treinar. Com o tempo formam-se calos, e o desconforto desaparece. Também não demora muito até que se sinta o pescoço dolorido, pois são muitas as posições (estrangulamentos principalmente) em que as grossas lapelas do quimono lhe exercem enorme pressão. Não é incomum surgirem manchas roxas nos dias

⁷ “Mas o que importa notar é o aspecto de fisicalidade que a gíria expressa: o elogio se faz à pele, ao invólucro do corpo, não ao conteúdo. Afinal, é a pele que, endurecida pelo treinamento, se faz casca. Casca que, por espessa, perde em sensibilidade, mas ganha em proteção à dor e aos ataques dos adversários. A “casca-grossa” é, portanto, um embrutecer[...] (TEIXEIRA, 2011. P. 358)”.

seguintes aos treinamentos, normalmente localizadas no pescoço e debaixo das axilas (TEIXEIRA, 2011, p. 357).

A construção desse corpo pressupõe rigor e disciplina: “O disciplinamento dos corpos pelo esporte torna-se produtivo ao passo enquanto geram expectativas indispensáveis para a civilização das condutas” (PINHEIRO, 2012, p. 100).

Podemos perceber a eficácia desse processo de autocontrole nos relatos dos alunos do projeto, quando afirmam conseguirem controlar algumas emoções como a raiva, para não cometerem nenhum equívoco, como machucar seriamente alguém. Um dos jovens que participam do projeto disse em entrevista: “Eu fiquei mais calmo. Eu fiquei mais calmo depois que eu comecei a treinar, porque antes eu vivia metido em confusão”. E Alisson complementa essa ideia:

Desde seis anos pra cá já evitou d’eu ter afundado a cara de muitas pessoas, tacada a mão na cara de muita gente. Ou até posso falar que em seis anos nunca cheguei pra ninguém briga e pra brigar. O que muitas pessoas, é o mito que há sobre o jiu-jitsu, artes marciais em si, quando você aprende você vai se tornar uma pessoa mais violenta, mas é totalmente o contrário. É totalmente o contrário ela inibe o seu lado violento. Na verdade, você tem que controlar, que em meus seis anos nunca sai no tapa com ninguém e o meu conhecimento que eu tenho era pra esquarterar essas pessoas aí, fazer um estrago muito grande. Na verdade, é totalmente o contrário. Então, acho que o jiu-jitsu em si mudou tanta coisa. Mudou minha, minha relação com família, que me fez eu respeitar a hierarquia, com os professores, que ensinou que eu tenho que respeitar quem tá acima de mim, uma autoridade acima e como guiar aqueles que tá abaixo e não ser superior, mas ser um visionário digamos assim. Ter uma visão pra elas pra todos. Então, eu acho que o jiu-jitsu é isso. O que ele mudou na minha vida essa parte da hierarquia, saber respeitar quem tá acima, saber respeitar, o sacrifício de todo mundo.

Aqui aparece novamente a ideia de autocontrole, mas também alguns aspectos morais dessa arte marcial, pautada na questão da hierarquia, e no domínio da sua agressividade. Há uma compreensão generalizada, que tem a ver com práticas localizadas e específicas, que atribui aos lutadores de jiu-jítsu uma predisposição à briga, fazendo um uso desmedido das técnicas aprendidas em pessoas não são lutadoras. Mas como Alisson evidencia, sabemos os perigos que o nosso corpo proporciona para os outros, principalmente quando esse outro é alguém que não sabe se defender, e isso faz com que tenhamos que ser responsáveis pelo uso que fazemos do nosso corpo e com os ensinamentos que aprendemos sobre o jiu-jítsu.

E são esses valores do jiu-jítsu que escoam para o cotidiano que contribuem para a formação do caráter. E a disciplina de continuar treinando, mesmo com as dores que o esporte

infringe ao corpo, é o controle esperado do lutador. Assim, como descreve Wacquant, acerca do boxe:

[...] vem o prazer de sentir o corpo desabrochar, adelgar-se, “fazer-se” pouco a pouco pela disciplina que lhe é imposta. Além do sentimento de cansaço e de plenitude corporal amiúde vivaz que ele proporciona, o treino é, nele mesmo, sua própria recompensa, quando o lutador consegue dominar um gesto difícil, que oferece a sensação nova de ter redobrado sua potência, ou quando obtêm uma vitória sobre si mesmo (como sobrepujar a angústia do treino com um parceiro [...]), reputada por sua bravura física e por sua rudeza; apreciam saber que eles “são diferentes das outras pessoas. Eles são lutadores” (Idem, 2002: P. 88).

Para os jovens que moram na periferia, o jiu-jítsu funciona como um marcador de distinção. Além disso, proporciona que seus corpos fiquem fortes e viris, seguindo padrões de como deve ser um corpo masculino, atendendo a uma noção de masculinidade, sem que necessitem pagar uma academia para terem esse corpo socialmente idealizado. Mas no caso citado abaixo, o corpo, o condicionamento físico, foi o resultado dos treinos, e não o objetivo inicial.

José Alisson: Nunca fiz academia na minha vida, mas não há quem diga. Nunca malhei na minha vida. **Entrevistadora:** Concordo, tu era um graveto. **José Alisson:** Mas eu era muito magro mesmo. Então, um dos sinais mais notáveis é que, que é bastante que assim pegou em mim muito que eu sofri bastante, sofri não doeu ou algo doloroso, mas que eu sentir na pele, é o meu corpo que eu nunca fiz academia na vida eu era muito magro eu consegui desenvolver um corpo atlético musculoso sem ter nunca na vida ter malhado eu acho que esse foi um ponto muito, que às vezes tem pessoas que olha né? Positivo. [...]Eu nem esperava que esse resultado fosse acontecer, nem esperava que isso fosse acontecer. É como ate como eu falo pra alguns que pensam que, ah! Mas você malha. Eu falo, não. Não malho. Ah no jiu-jitsu eu quero ficar forte assim. Eu não. Eu falo o seguinte ó, jiu-jitsu tem em si seus benefícios isso é só apenas mais um deles, isso é uma consequência de quem realmente treina. E tem muita gente que fala, ah, mas eu treino há tanto tempo e eu nunca vi resultado. Pois então, é porque não treina. Porque é um é um fruto. É um benefício, e é algo que você vai adquirir nem que não queira. Se você faz tudo corretamente.

Para construir esses corpos os lutadores convivem com uma companheira fiel, a dor. Nesse meio, a dor é tida como um indicativo positivo, ela diz se você treinou direito ou não, onde dói é onde você precisa melhorar enquanto lutador e fazer correções na aplicação da técnica. A dor mostra onde o atleta está vulnerável. Ela também permite que o atleta saiba se está aplicando um golpe de forma eficaz a partir da dor do outro.

Considerações finais: o jiu-jítsu como metáfora da vida

Neste artigo, mostramos como uma iniciativa que surge no bojo das políticas públicas de segurança voltadas aos jovens, com um objetivo de contenção e prevenção da violência, foi apropriada e ressignificada por jovens moradores do bairro de Frei Damião, em Juazeiro do Norte, a partir da identificação, mais do que isso, verdadeira paixão, de alguns jovens pelo jiu-jítsu. Nesse sentido, começamos descrevendo o Programa Atleta Cidadão e concluímos discutindo o “projeto social de jiu-jítsu”. No entanto o que parece uma mudança simples denota certo protagonismo juvenil, capaz de promover estratégias que possibilitaram a continuidade dos treinos, mesmo com a saída de cena da instituição promotora.

Os motivos pelos quais os jovens chegam até o projeto social são diversos. Muitos chegam através dos amigos, mas apenas permanece quem se identifica tanto com o jiu-jítsu quanto com os outros alunos. Afinal ninguém continua indo aos treinos sem gostar dessa prática esportiva, porque ela realmente machuca o corpo e em alguns casos até o deforma. A orelha “estourada”, por exemplo, que consiste em vários hematomas sobrepostos na região da orelha como resultado dos constantes atritos nos treinos, é uma deformação amplamente valorizada nesse universo pois ela aponta que o lutador é “casca-grossa”.

Percebemos que o projeto possibilita uma dupla inserção a esses jovens. Por um lado, ele tem um forte componente local, pois se articula com as redes de parentesco, amizade e vizinhança vividas no território. Por outro lado, amplia o universo de experiências juvenis ao inserir seus participantes no mundo social do jiu-jítsu, estruturado a partir de equipes que cobram de seus participantes um sentimento de lealdade e mantêm entre elas relações de rivalidade. A tentativa de levar o projeto para um outro espaço conflitou com ambas as inserções – a dinâmica local de construção de afetos e a lealdade à equipe – abrindo o caminho para uma solução autônoma. Esta breve história do Programa Atleta Cidadão e seus desdobramentos é um bom exemplo de como as políticas voltadas aos jovens de periferia com frequência partem de ideias estereotipadas sobre esses jovens, desconsideram as dinâmicas locais e ainda apresentam problemas quanto a sua continuidade.

Mostramos, ainda, os aspectos morais e corporais presentes nessa “arte suave”, que incluem, por um lado, o cultivo de valores como o respeito às hierarquias, o autocontrole e a perseverança e, por outro lado, a construção de um corpo de lutador que exige disciplina e amadurece na dor. Ainda vimos como as situações no tatame são apresentadas e apreendidas como metáforas da vida cotidiana. Nesse sentido, a saída da Secretaria de Segurança do projeto não

significou o abandono do caráter “civilizador” dessa prática, no sentido dado por Elias (1994). Esse aspecto nos ajuda a compreender o apoio institucional que essa iniciativa juvenil teve por parte da direção da escola CAIC, onde os treinos acontecem até hoje.

Embora importante, a dimensão civilizadora não esgota as possibilidades de compreensão do projeto aqui discutido. A paixão pela prática, o prazer de estar entre amigos, a admiração pelo mestre, a possibilidade de fazer parte de uma equipe maior, a excitação dos campeonatos, as transformações no corpo e o desenvolvimento de uma percepção da própria força e dos movimentos corporais, o sonho de se tornar um lutador ou simplesmente a busca por atividades fora de casa, todos esses elementos embasam e justificam a permanência do projeto de jiu-jítsu no bairro de Frei Damião, e se tornam estímulos para a prática deste esporte e também para a pesquisa sociológica.

Referências

ABRAMO, Helena Wendel. **Cenas juvenis: punks e darks no espetáculo urbano**. São Paulo: Página Aberta, 1994.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Tradução: D. Flaksman. Rio de Janeiro: LCT, 1978.

CECCHETTO, Fátima Regina. **Violência e estilos de masculinidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

CLIFFORD, James. Sobre a autoridade etnográfica. In: Gonçalves, José Reginaldo Santos. **A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX**. 2ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002. P. 19-62.

DIÓGENES, Glória. M. S. **Itinerários de corpus juvenis: o jogo, o baile e o tatame**. 1 ed. São Paulo: Anna Blume, 2003.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: Uma História dos costumes**. V.1. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

FEITOSA, Antonio Lucas Cordeiro. **Práticas sociais e espaço urbano: diferentes cartografias e representações sobre o Bairro Frei Damião**. 2015. 147 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia. UFPB/CCHLA: João Pessoa, 2015.

FEITOSA, Antonio Lucas Cordeiro. **Sociabilidade, lazer e Violência: Práticas esportivas e juventude no bairro Frei Damião**. 2012. Monografia (Graduação em Ciências Sociais) - Departamento de Ciências Sociais. URCA/ CH: Crato-CE, 2012.

FLICK, Uwe. **Introdução a pesquisa qualitativa**. Tradução de Joice Elias Costa. 3ª Ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FRANCH, Mónica. **Tardes ao leu**: um ensaio etnográfico sobre o tempo livre entre jovens de periferia. 2015. Dissertação (Mestrado em Antropologia). UFPE/PPGA: Recife, 2015.

LE BRÉTON, André. O risco deliberado: sobre o sofrimento dos adolescentes. **Revista de Ciências Sociais – Política & Trabalho**, 37(2), pp.33-44, 2015.

MAUSS, Marcel. Técnicas do corpo. In: **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003. P. 399-408.

MELO, Ana Ruth de. **Estereótipos, disciplina e cidadania**: interação e construção do corpo na prática do jiu-jítsu no bairro Frei Damião. Monografia (Graduação no Curso de Ciências Sociais) - Departamento de Ciências Sociais. URCA/ CH: Crato-CE, 2014.

PINHEIRO, Antônio dos Santos. **Juventude, violência e drogas**: os desafios às políticas de segurança. Fortaleza: FUNCAP, 2012.

TEIXEIRA, Antônio Claudio Engelke Menezes. Os usos do corpo entre lutadores de jiu-jítsu. In: **Interseções** [Rio de Janeiro] v. 13 n. 2, p. 351-369, dez. 2011.

WACQUANT, Loïc. **Corpo e alma**: Notas etnográficas de um aprendiz de boxe. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

De estigma a emblema: Cabelo, autorreconhecimento e resistência entre jovens universitárias negras

From stigma to emblem: Hair, self-recognition and resistance among black college students

Isaurora Cláudia Martins de Freitas¹
Diocleide Lima Ferreira²

Resumo

Partindo de relatos e imagens de jovens negras da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), situada em Sobral (CE), analisamos, neste trabalho, os processos sociais e individuais que levaram essas jovens a assumir seus cabelos crespos ou cacheados, transformando-os em emblema de resistência e luta por reconhecimento. Ancoradas em discussões teóricas que tematizam juventudes, racismo, processos identitários e condição da mulher negra no Brasil e numa metodologia de pesquisa qualitativa que privilegiou os relatos escritos e a recolha de fotografias do antes e do depois da “transição capilar”, percebemos que a relação das jovens com seus cabelos possui um antes e um depois da entrada na universidade. Nos relatos, o contato com as teorias sociais, com outras jovens negras e com o movimento estudantil, possibilitado pela entrada na Instituição, é apontado como responsável por desencadear o processo de autorreconhecimento como mulheres negras que as fez ressignificar a relação com seus cabelos, consigo próprias e com a sociedade.

Palavras chave: Jovens universitárias. Cabelo. Autorreconhecimento. Racismo. Resistência.

Abstract

Based on reports and images of young black women from the Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), located in Sobral (CE), we analyze, in this work, the social and individual processes that led these young women to assume their kinky or curly hair, transforming them in emblem of resistance and struggle for recognition. Anchored in theoretical discussions that focus on youth, racism, identity processes and the condition of black women in Brazil and in a qualitative research methodology that privileged written reports and the collection of photographs before and after the “capillary transition”, we realized that the relationship

¹ Pós-doutora pelo Instituto de Ciências Sociais-Universidade de Lisboa. Professora associada da Universidade Estadual Vale do Acaraú e do PROFSOCIO-UVA. Coordena o Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Culturas Juvenis (GEPECJU). Integra a Rede de Estudos e Pesquisas sobre Ações e Experiências Juvenis (REAJ).

² Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas, professora adjunta da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) e do Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional (PROFSOCIO-UVA).

of the young women with their hair has a before and an after entry into university. In the reports, the contact with social theories, with other young black women and with the student movement, made possible by the entrance to the Institution, is pointed out as responsible for triggering the process of self-recognition as black women that made them resignify the relationship with their hair, with themselves and with society.

Keywords: Young university students. Hair. Self-recognition. Racism. Resistance.

Introdução

Um fenômeno marcante no Brasil do século XXI é o crescimento de movimentos de mulheres voltados para a valorização da estética negra, através, especialmente, dos cabelos. Nesse sentido, *blogs*, canais no *YouTube*, perfis no *Instagram* e no *Facebook*, marchas etc. foram criados para difundir ideias e ações voltadas, sobretudo, para a valorização dos cabelos crespos ou cacheados. Atenta a este movimento, a produção acadêmica sobre tal fenômeno também tem crescido, de modo que, em uma simples busca na *internet*, é possível encontrar dezenas de trabalhos, entre artigos, teses e livros, de diversas áreas, voltados, em sua maioria, a analisar o cabelo da mulher negra em sua relação com os processos identitários, como o fizeram Lima (2019), Gomes e Duque-Arrazola (2019) e outros que destacaremos ao longo do texto.

Partindo de pesquisa realizada em salões étnicos de Belo Horizonte, Gomes (2006) analisou o processo através do qual o corpo e o cabelo de negros e negras transformam-se em ícones de construção da beleza e da identidade. Lody (2004), através de imagens de penteados de africanos, sobretudo de Angola, e de negros brasileiros mostra o significado da cabeça e dos cabelos para a construção da identidade negra. Camargo (2018) pesquisou, através das mídias digitais, o processo social e subjetivo da transição capilar, mostrando seu impacto na constituição de identificações de mulheres negras e não-negras. Transição capilar é o termo que tem sido popularmente utilizado para designar o processo em que mulheres deixam de alisar os cabelos para assumir seus cabelos crespos ou cacheados, fenômeno que também foi abordado no estudo de Oliveira e Mattos (2019) que, a partir de relatos de mulheres negras recolhidos da internet, pensam a transição capilar articulada aos processos de subjetivação e produção de identidade.

Nosso trabalho, portanto, vem somar-se à recente produção acadêmica já existente sobre cabelo e estética negra como elemento político que se presta a confrontar o racismo arraigado em nossa sociedade e, ao mesmo tempo, contribui com o processo de subjetivação através do qual mulheres, que antes se sentiam envergonhadas e inferiorizadas por suas características físicas e alisavam ou escondiam os cabelos crespos ou cacheados, hoje exibem orgulhosas seus cabelos

naturais e se permitem usá-los da forma que bem entendem sem se preocupar com os padrões impostos pela ditadura estética da branquitude.

A partir de relatos e imagens de jovens negras da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), situada em Sobral (CE), analisamos neste trabalho os processos sociais e individuais que levaram à transição capilar, fazendo com que essas jovens passassem a assumir seus cabelos crespos ou cacheados, transformando-os em emblema de resistência e luta por reconhecimento (HONNETH, 2009) numa sociedade racista. O objetivo principal do estudo foi perceber se e de que modo a entrada na universidade contribuiu com esses processos.

A educação brasileira ergueu-se a partir de um padrão eurocêntrico que produz o apagamento dos referenciais dos outros povos que tomaram parte na formação da nossa cultura, sobretudo os indígenas e africanos, dos quais somos majoritariamente descendentes. De acordo com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD) de 2018, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 55,8% da população brasileira é formada por pessoas que se declaram pretas ou pardas, sendo que apenas 9,3% se reconhecem como pretas. De acordo com a mesma pesquisa, nas universidades públicas, historicamente frequentadas por jovens brancos das classes mais favorecidas, pretos e pardos já são 50,3% dos estudantes³. Percentual inédito que pode ser lido como um dos resultados das políticas e ações afirmativas criadas no Brasil a partir de 2003, ano de criação da Secretaria de Políticas Públicas de Promoção da Igualdade Racial (Lei n.10.678/03). Posteriormente, foi promulgada, em 2012, a Lei nº 12.711, de 29 de agosto, conhecida como Lei das Cotas, que dispõe sobre a reserva de vagas nas universidades e institutos federais para alunos de escolas públicas, pretos, pardos e indígenas.

A UVA, universidade pública mantida pelo governo do Ceará, possui a peculiaridade de ser uma instituição de abrangência regional que recebe jovens de mais de 50 municípios das regiões noroeste e norte do estado, cujas trajetórias acadêmicas são marcadas, em sua maioria, pela mobilidade cotidiana entre seus municípios de origem e Sobral, realidade retratada por Freitas em suas pesquisas (FREITAS, 2013; FREITAS; BRAGA, 2013). Mesmo só tendo implantado a política de cotas no ano de 2017, o perfil dos estudantes da UVA sempre foi majoritariamente de jovens pobres, pretos e pardos, oriundos de escolas públicas.

Muitos negros e negras que acessam o ensino superior entram na universidade com “máscaras brancas”, para usar o termo de Fanon (1983), que aponta o quanto “o homem de cor” precisa ser libertado de si próprio, devido ao fato de, a partir de um processo de internalização da inferioridade, que lhe é imputada pelo branco, buscar embranquecer-se, o que, para o autor,

³ Ver em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101657_informativodf.p.

representa um “desvio existencial” imposto pela cultura branca. Neste sentido, observamos em nossa universidade um movimento em que corpos negros, aprisionados à estética branca, começam a retirar a máscara da branquitude, deixando aparecer quem verdadeiramente são. Como sociólogas e professoras, sempre atentas ao que se passa ao redor, encontramos a temática de pesquisa aqui retratada através do convívio cotidiano com as nossas alunas e alunos ao longo dos anos de magistério no ensino superior.

Diante do exposto, podemos dizer que nosso percurso metodológico na elaboração desse estudo foi fruto da “observação vivencial”, que, de acordo com Marinho (2020, p. 52), é uma observação propiciada pela junção da atuação profissional com a trajetória como pesquisadoras. Tal observação nos permitiu, como professoras do curso de Ciências Sociais da UVA, identificar jovens que entraram na universidade com os cabelos lisos e que ao longo do percurso acadêmico fizeram a transição capilar. Com base nessa observação, convidamos cinco jovens, com idades entre 22 e 28 anos, a colaborarem com a pesquisa. No entanto, apenas quatro delas participaram. Todas são alunas ou ex-alunas do curso de Ciências Sociais justamente por ser nosso lócus imediato de observação e também pela desconfiança que tínhamos, antes do início da pesquisa, de que as teorias sociais acessadas no curso proporcionam uma visão crítica sobre os padrões de beleza socialmente estabelecidos, bem como sobre o racismo.

De acordo com Contador (2001), “a negritude é um “em construção” de significados, num agenciamento de formas culturais que celebra os valores estéticos da negritude.” Tais valores têm no corpo negro um de seus territórios de representação. Portanto, “a negritude é também uma questão de narrativa – micronarrativa – onde está presente a gestão da tensão entre “o que se é” e “o que se quer ser””. (CONTADOR, 2001, p. 32). Partindo dessa premissa, buscamos acessar os modos como as jovens narram a sua negritude, especialmente a partir da relação com seus cabelos que revela a tensão entre o liso (“cabelo bom”, na concepção da cultura racista) de antes e o crespo/cacheado do tempo atual. Com esta intenção, buscamos fugir da formalidade das entrevistas, cujos roteiros, mesmo que abertos, acabam por orientar as falas num determinado sentido, e adotamos uma metodologia qualitativa que privilegiou os relatos escritos pelas jovens. Foi-lhes pedido que escrevessem um relato sobre a relação com seus cabelos. Deste modo, pretendemos também valorizar a capacidade observadora e interpretativa das jovens pesquisadas, como sugere Ranci (2005).

O que recebemos como retorno foram “escritas de si”, através das quais as jovens se mostraram, se expuseram e se ofereceram ao nosso olhar a partir do que disseram sobre si mesmas

(FOUCAULT, 2004, p. 156). Para Foucault (2004, p.157), a “narrativa de si é a narrativa consigo mesmo” e é, portanto, exercício de introspecção, de subjetivação e de reflexividade.

Além dos relatos escritos, solicitamos, a cada jovem, fotografias do antes e do depois da transição capilar.

Pensada como componente do funcionamento da sociedade contemporânea, que é extremamente visual e dependente da imagem, a fotografia é ao mesmo tempo representação e memória do modo fragmentário através do qual a realidade social se apresenta. Incorporada à pesquisa sociológica, ela permite ver o que não pode ser visto por outros meios. (MARTINS, 2008, p. 36). As fotografias que nos foram cedidas estão incorporadas ao texto como extensões das narrativas, pois elas próprias funcionam como narrativa pictórica que revela a transformação visual das jovens a partir da mudança nos cabelos.

O texto está dividido em três partes, além da introdução e das considerações finais. Na primeira, apresentamos uma discussão sobre racismo no Brasil centrada na questão do cabelo da mulher, um dos principais alvos da cultura racista e sexista. Na segunda parte, apresentamos os perfis das jovens, os relatos escritos por elas e ainda as fotos do antes e do depois da transição capilar que elas nos cederam. No último tópico, pensando a transição capilar como um rito de passagem, os relatos são analisados à luz de discussões teóricas que tematizam juventudes, racismo, processos identitários e a condição da jovem negra no Brasil.

O Racismo Nosso de Cada Dia e o Cabelo da Mulher Negra

No Brasil, uma das principais heranças do processo de colonização foi o racismo. A partir da chegada oficial dos portugueses, em 1500, iniciou-se em terras brasileiras um complexo processo de ocupação cuja face mais perversa foi o extermínio dos povos indígenas e a escravização de negros trazidos do continente africano, a partir de 1550, para trabalhar nas lavouras de cana de açúcar. Do encontro forçado entre indígenas, europeus e africanos nasceu um povo e uma cultura marcados pela miscigenação e pela diversidade de práticas culturais. No entanto, a tão propalada “democracia racial”, que, de acordo com Freyre (2006) nasceu da “confraternização” dos povos que se encontraram em solo brasileiro, nunca existiu. Entre nós, não se estabeleceu uma discriminação racial legal, como nos Estados Unidos e na África do Sul, mas construiu-se à custa do patriarcalismo, do privatismo e da pessoalidade, um modo peculiar de racismo tão eficaz que ao longo dos séculos vem sendo reproduzido até mesmo pela população negra. É eficaz justamente porque aparenta não ser racismo. Como afirma Souza (1999), referindo-se às análises de Anthony

Marx, o que ocorreu no Brasil foi a “constituição de uma ideologia social apenas aparentemente inclusiva e extremamente eficiente.” (SOUZA, 1999, p. 136).

De acordo com Almeida (2018), “a sociedade contemporânea não pode ser compreendida sem os conceitos de raça e racismo” (ALMEIDA, 2018, p. 15). O conceito de raça, constituído em meados do século XVI, se presta a classificar os indivíduos a partir de suas características biológicas, sendo a cor da pele um dos principais marcadores dessa classificação. Tal conceito serviu de base para que o colonialismo europeu desumanizasse, destruísse e escravizasse os povos dos demais continentes. (ALMEIDA, 2018, p. 22). Portanto, o conceito de raça deve ser pensado não mais a partir da dimensão biológica, mas, sobretudo, como construção política e social (HALL, 2003, MUNANGA, 2004), na medida em que seu conteúdo é sempre social e político (MUNANGA, 2006, p. 52).

Com o conceito de raça, nasce também o racismo, que Almeida define como “um tipo sistemático de discriminação que tem a raça como fundamento” e se manifesta de forma consciente ou inconsciente através de práticas que trazem privilégios ou desvantagens aos indivíduos pertencentes a determinado grupo racial. (ALMEIDA, 2018, p. 25). Para o autor, todo racismo é estrutural, pois está entranhado na organização política e econômica da sociedade como um elemento “normal” que dá sentido e sustentação às desigualdades e às violências verificadas na ordem social contemporânea.

Nossas relações e práticas sociais cotidianas são atravessadas pelo racismo em suas mais variadas expressões. O racismo está ancorado na formação social colonial e escravocrata e reverbera nos nossos hábitos e costumes. É praticado pelo estado, pelas instituições de ensino e por todos nós. Inclusive pelos próprios negros que, diante de uma sociedade que desde sempre produz narrativas e estratégias de invisibilização e embranquecimento, se esforçam para escapar de sua identidade étnica e racial, buscando aproximar-se de modelos considerados “superiores” ou “normais”.

A identidade negra é uma “construção social, histórica, cultural e plural” que se constitui no olhar que os sujeitos que pertencem a um mesmo grupo étnico/racial lançam sobre si mesmos, a partir da relação com o outro. “Construir uma identidade negra positiva em uma sociedade que, historicamente, ensina aos negros, desde muito cedo, que para ser aceito é preciso negar-se a si mesmo é um desafio enfrentado pelos negros e pelas negras brasileiros (as)”. (GOMES, 2003, p. 171).

Assumir-se negro ou negra no Brasil é um doloroso processo pessoal e social, pois o racismo começa no Estado e reverbera em todas as instâncias da sociedade (família, escola,

universidades, empresas, igrejas etc.) e no próprio sujeito negro que acaba por internalizar o racismo e, em nome dele, se auto violenta em tentativas de branqueamento. De acordo com Munanga (2004), há uma grande dificuldade em definir quem é negro no Brasil justamente porque “Há pessoas negras que introjetaram o ideal de branqueamento e não se consideram como negras. Assim, a questão da identidade do negro é um processo doloroso.” (MUNANGA, 2004, p. 52).

Oracy Nogueira (1998) cunhou a expressão “preconceito de marca” para caracterizar o tipo de racismo existente no Brasil em contraposição ao “preconceito de origem” que, segundo o autor, vigora nos Estados Unidos. Para ele, o “preconceito de marca” é o critério usado no Brasil para discriminar os indivíduos e é construído levando-se em consideração o fenótipo, ou seja, a aparência física dos indivíduos que inclui não só a cor da pele, mas também os traços fisionômicos e o tipo de cabelo.

Consideramos que, mais que a cor da pele e os traços fisionômicos, o cabelo é o marcador da identidade negra no Brasil. Num país marcado por uma grande mistura étnica e racial, um cabelo crespo é sempre denunciador da existência de ancestrais negros, bem como é alvo de insultos nas famílias, nas escolas e nas ruas. Pixaim, carapinha, cabelo ruim, Bombрил, cabelo duro, cabelo de arame são alguns termos utilizados pejorativamente para designar os cabelos dos negros e das negras.

Para Gonzalez (1984), o racismo constitui um sintoma da “neurose cultural brasileira” e, articulado ao sexismo, “produz efeitos violentos sobre a mulher negra em particular.” (GONZALEZ, 1984, p. 224). Isto ocorre porque, como afirma Hall (2003), as etnicidades dominantes estão sempre ancoradas em uma economia sexual, em uma figuração de masculinidade e de classe específicas.

A tríade racismo, machismo e sexismo há séculos vem contribuindo para relegar à mulher negra brasileira um lugar de subalternidade nos mais diversos ambientes sociais, fazendo também com estas sejam as vítimas preferenciais da violência de gênero, constando nas estatísticas nacionais como as que mais são estupradas e assassinadas, como veremos mais adiante.

A objetificação e a hipersexualização do corpo da mulher negra é outro modo de manifestação do racismo. A imagem da mulata sensual, “da cor do pecado”, fácil e boa de cama é historicamente “vendida” em letras de músicas, na literatura, em comerciais e programas de TV e no carnaval como produto de exportação brasileiro, alimentando o imaginário sexual masculino de brasileiros e estrangeiros. O corpo da mulher negra é “celebrado” e desejado sexualmente e o cabelo é alvo de estereótipos e insultos que também aparecem materializados em versos de canções que se tornaram muito populares no país. “Nega do cabelo duro, qual é o pente que te penteia?”,

verso da canção composta por David Nasser e Rubens Soares para o carnaval de 1942 e “nega do cabelo duro que não gosta de pentear”, da canção Fricote composta pelo baiano Luiz Caldas, em 1985, são exemplos disso.

Em uma sociedade que há muito escolheu o cabelo liso como padrão de beleza majoritariamente aceito, a relação das mulheres negras com os seus cabelos sempre foi conflituosa. Conflito este que leva muitas a decidirem por processos de alisamento para se sentirem mais “aceitas” pela sociedade e por elas próprias. De acordo com Gomes (2006), o cabelo crespo é um sinal diacrítico que imprime a marca da negritude nos corpos. “Nas múltiplas possibilidades de análise que o corpo negro nos oferece, o trato do cabelo é aquele que se apresenta como a síntese do complexo e fragmentado processo de construção da identidade negra.” (GOMES, 2006, p. 26).

Assim, a formação das identidades de mulheres negras está associada ao modo como seus cabelos são percebidos e o lugar a elas destinado modifica-se a depender da forma de cuidar e se relacionar com os cabelos. (OLIVEIRA; MATTOS, 2019).

Por ser o cabelo um elemento tão importante na construção da identidade negra, o movimento *Black Power*, criado nos Estados Unidos no final dos anos 1960, escolheu-o como marcador de reconhecimento e símbolo da luta contra o racismo. No Brasil da segunda década dos anos 2000, assumir os cabelos crespos ou cacheados passou a ser um ato político e uma das maiores expressões de resistência e autorreconhecimento das mulheres negras que, inclusive criaram um movimento social (organizado via redes sociais) com essa temática: A Marcha do Orgulho Crespo, que desde 2015 acontece em várias cidades do país.

Os relatos das jovens que colaboraram com a nossa pesquisa revelam elementos que nos permitem pensar as questões trabalhadas até aqui e outras mais e, por isso mesmo, serão apresentados a seguir em sua quase integralidade por considerarmos que, dessa forma, o leitor poderá perceber melhor a trajetória e processo que levou cada uma das jovens a aceitarem seus cabelos.

Cabelos e Identidades em Transição

Aline, Fernanda, Laenia e Laís são as quatro jovens que nos cederam os relatos e as fotografias expostos nesta parte do texto. O material nos foi enviado via e-mail e/ou redes sociais em outubro e novembro de 2019. Todas elas assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido para que usássemos o referido material e, por este motivo, usamos seus nomes

verdadeiros e expomos suas imagens. Cada relato é precedido de um pequeno perfil para que o leitor possa conhecer o contexto social e familiar no qual as jovens estão inseridas.

Aline: na ancestralidade a busca pela cura das feridas que o racismo causou

Maria Aline Sabino Nascimento tem 28 anos e nasceu em Sobral. Sua mãe é cozinheira e não concluiu o ensino fundamental. O pai já é falecido e ela diz não saber muita coisa sobre ele. A vida escolar foi toda cumprida em escolas da rede pública. Ela afirma que sempre esteve no Cadastro Único do governo, mas nunca chegou a receber os benefícios do Bolsa Família. No segundo semestre de 2013 ingressou no curso de Licenciatura em Ciências Sociais da UVA e em 2018 concluiu a graduação e foi aprovada no mestrado em Antropologia Social do Museu Nacional, na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), onde atualmente cursa o doutorado. Sua relação com os cabelos, assim como a de muitas jovens negras, sempre foi conflituosa até o ingresso na universidade, onde iniciou a militância em um coletivo do movimento estudantil e teve a oportunidade de participar como bolsista do Programa de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID)⁴. As experiências vivenciadas na universidade, aliadas à mudança para o Rio de Janeiro, contribuíram para mudar radicalmente a sua visão sobre os seus cabelos e sobre si mesma, como ela mesma conta:

“Desde criança eu achava meu cabelo feio. Lembro de sempre me lamentar por não ter nascido com os cabelos lisos que minhas irmãs tinham. A situação foi piorando à medida que eu ficava adolescente e meu cabelo ficava com o cacho cada vez mais fechado. Fase complicada por si só, minhas crises aumentavam por me sentir feia e preterida por amigas e garotos. Foi então que comecei a querer um cabelo liso a todo custo. A primeira vez que alisei meus cabelos foi com o ferro de engomar, mesmo ele tendo ficado com um cheiro de queimado horrível, eu me olhava no espelho e me sentia mais aceita. Desde então, parti para processos mais pesados e violentos, e comecei a alisar meus cabelos com produtos químicos logo depois de ingressar no ensino médio. Com o passar do tempo, meu cabelo já não aguentava mais o processo químico de alisamento e eu continuava com uma autoestima destruída. Tomar banho de piscina era um pesadelo, chuva em festas era um pesadelo, até mesmo meu suor que fazia a raiz do meu cabelo voltar ao natural era motivo de auto ódio. Dentro da minha casa, o parâmetro de comparação eram minhas irmãs, que são brancas e possuem cabelos lisos, e a história do patinho feio traduzia perfeitamente o que eu sentia. Sentimento de inadequação, não pertencimento a lugar e grupo nenhum. No segundo semestre de 2013, eu iniciei o curso de Ciências Sociais, na Universidade Estadual Vale do Acaraú. Um ano depois, eu decidi passar pela transição e

⁴ Programa financiado pela Coordenação Nacional de Aperfeiçoamento de Pessoal (CAPES), que concede bolsas a alunos de licenciatura participantes de projetos de iniciação à docência desenvolvidos por instituições de educação superior (IES) em parceria com as redes de ensino.

assumir meus cachos. Essa decisão foi resultado de um processo muito importante de autorreconhecimento enquanto mulher negra. Após ter acesso a diversas leituras e, principalmente, a minha entrada dentro do Movimento Estudantil, comecei a compreender meu lugar dentro do colorismo, compreendendo, conseqüentemente, o porquê eu sempre procurar tirar fotos contra a luz para ficar com a pele clara, porque eu me posicionava de uma forma em que meu nariz saísse fino nas fotografias, porque eu nunca aceitava os cabelos que eu tinha. Fui compreendendo também porque eu fui uma criança, adolescente e jovem preterida por homens e mulheres, até mesmo pelo meu pai, que era negro e não suportava ver em mim uma pessoa semelhante a ele. Contra a vontade da minha mãe, que sempre deixou claro que cabelo bonito é cabelo liso e que os cabelos que eu queria assumir “era cabelo de negra”, fiquei na decisão e passei pelo difícil período da transição. A universidade, o Movimento Estudantil, meus amigos e minhas amigas, me ajudaram muito. [...] No entanto, não era fácil assumir o volume do meu cabelo dentro de uma cidade como Sobral, ainda tão branca e provinciana. [...] Fim da colocação de grau e da minha graduação, vim morar no Rio de Janeiro para iniciar meu mestrado em Antropologia Social. Somente aqui, depois de quatro anos de transição, eu comecei a deixar meu cabelo cada vez mais livre e volumoso. Isso se deve ao fato do meu contato com minha ancestralidade ter sido muito forte no Rio de Janeiro. A cada vez que eu me amo mais enquanto mulher negra, eu amo mais meus cabelos, amo mais as diferenças que tenho em relação às minhas irmãs e minha mãe. Já não sou o patinho feio. Hoje, busco na minha ancestralidade curar as feridas que o racismo me causou.” (NASCIMENTO, 2019).



Antes



Depois

Fernanda: “Meu cabelo é o encontro com a minha ancestralidade”

Fernanda Maria Matias Sousa nasceu em Sobral, em 1993. A mãe é doméstica e o pai trabalhador informal. Os dois não concluíram o ensino fundamental. A jovem foi beneficiária do Programa Bolsa Família e sempre estudou em escolas públicas, ingressou no curso de Licenciatura

em Ciências Sociais da UVA em 2012 e concluiu em 2018. A passagem pela universidade foi marcada pela militância no Movimento Estudantil e pela participação como bolsista no Programa de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). Vejamos como ela conta a história da sua relação com os cabelos.

“Mais ou menos há uns 10 anos atrás, ainda na adolescência, passei por um processo de alisamento do meu cabelo, eu, minha mãe, todas as minhas irmãs, primas e a maioria das minhas amigas. Não entendia ao certo o que significava, no início tive resistência, mas depois de muita insistência, algumas pessoas diziam que ficaria melhor de pentear, diminuiria o volume, que eu teria menos trabalho com ele e que ficaria mais bonita (na época eu tinha muito problema com meu corpo e aparência) e acabei fazendo as chamadas "escova progressiva/inteligente/definitiva". No entanto, não foi isso que aconteceu, pelo contrário eu tive mais trabalho, sofrimento, testa queimada, aqueles chatos retoques na raiz, sempre a grana estava apertada, então passava do tempo e ficava uma coisa estranha. Tinha que comprar chapinha, escova, não podíamos adquirir, aí vinha a saga de pedir emprestado às amigas ou familiares, mas sempre muito dispendioso, pegar, deixar, quebrar, concertar. Além de tudo, eu não me sentia bem, parecia que faltava algo de mim. Com o passar do tempo, acesso a algumas leituras, militância e, principalmente sororidade das companheiras cacheadas, eu cortei todo o alisado do meu cabelo. E quanto mais a raiz dele crescia, e os cachinhos foram voltando, mergulhei em processo intenso da compreensão da minha ancestralidade e enquanto mulher negra. Intensifiquei no processo de problematização de como os mecanismos de embranquecimento são perversos e violentos. O racismo se estrutura, tentando nos aniquilar de todas as formas, querendo produzir pessoas sem identidade, assim como diz Emerica, para sermos objeto da história. Contudo, a população negra nunca desistiu de CONTRA-ATACAR, na tentativa da construção de novos quilombos. Hoje, compreendo como esse processo me fortaleceu no entendimento da minha identidade como mulher negra, pobre, periférica e lésbica. Quebrando diariamente o padrão estético branco, heteronormativo, sexista e racista. Frequentemente sou indagada sobre meu cabelo, e respondo: - É o encontro com a minha ancestralidade!” (SOUSA, 2019).



Antes



Depois

Laenia: “Os dias de luta e de glória da transição capilar”

Assim como Aline e Fernanda, Laenia Nascimento da Silva também é natural de Sobral, e até a entrada na universidade vivia no distrito de Jaibaras. A mãe é dona de casa e completou o ensino fundamental, o pai é ajudante de produção numa fábrica de cimentos e possui o ensino médio completo. Tendo estudado sempre em escolas públicas, a jovem, que atualmente tem 23 anos, ingressou no curso de Licenciatura em Ciências Sociais da UVA no ano de 2015. A formatura ocorreu no início de 2020 e logo a seguir mudou-se para o Rio de Janeiro, devido ao ingresso no mestrado em Antropologia Social no Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Em seu relato, os processos que a levaram à transição capilar são contados como “dias de luta e glória” por terem sido atravessados por idas e vindas, dúvidas, angústias e, por fim, a aceitação, o reconhecimento, a libertação e a alegria de inspirar outras jovens a assumirem seus cachos.

“Falar em transição capilar, bem mais que apenas cabelo, envolve toda uma gama de outros aspectos. A verdade é que a decisão de voltar aos cachos se trata de um processo de reconhecimento, e principalmente de aceitação pessoal. Minha volta ao cabelo natural, assim como para outras meninas, não foi algo fácil. Cresci em meio a uma família de genética “lisa”. Na minha casa, meu pai, minha mãe, e o meu irmão, que pelo fato de ser um menino e possuir o cabelo tão liso quanto o de minha mãe, me geravam constantes indagações de porque só o meu cabelo ser cacheado. Assim, logo quando adentrei a fase mocinha de querer me arrumar, aos 11 anos tive minha primeira chapinha, e ali iniciava a saga da busca por um cabelo cada vez mais liso. No entanto, alisar constantemente o cabelo se tornava a cada dia mais cansativo, tanto pelo tamanho dos fios, como pelo tempo necessário para isso. Foi então que logo depois, aos 12 anos, realizei minha primeira progressiva. O resultado foi de uma inteira satisfação, pois o que antes levava mais de uma hora para ser feito, agora estava em minha cabeça permanentemente. Acredito que o primeiro alisamento é o cerne para uma “ditadura capilar”, quanto mais liso está o cabelo, mais liso queremos. Com o avançar da idade, depois da progressiva, comecei a experimentar outros alisamentos mais fortes, tais como a escova inteligente e a escova definitiva. Em 2016, estando no terceiro período da graduação em Ciências Sociais, iniciei minha primeira transição capilar. Naquele momento eu começava a sentir a necessidade de voltar ao meu cabelo natural, principalmente por não lembrar de como ele era. [...] em novembro acabei por me render novamente ao alisamento capilar, tendo em vista a praticidade que me possibilitaria naquele momento. [...] O tempo foi passando e em um determinado momento, a fala de Mariana, minha colega de curso, me marcou bastante: ‘Antes de eu me formar ainda vou ver a Laenia com o cabelo todo natural!’. Naquele momento o que ela falou não fez muito sentido, inclusive, até neguei e afirmei gostar e que continuaria com o cabelo liso. No entanto, mal sabia eu que depois aquela frase agiria como uma válvula de escape para iniciar novamente a transição capilar. Dando continuidade ao alisamento, continuei até o ano de 2018. No dia 16 de fevereiro, realizei meu último botox. Passei a contar a partir daquele dia o início da transição. Como não

tinha muito o que fazer naquele momento, iniciei um processo de pesquisa sobre transição capilar e passei a seguir nas redes sociais pessoas estivessem passando pelo mesmo processo. O processo de transição, mesmo quando se trata de uma certeza, é difícil do início ao fim. Nos primeiros meses a raiz começa a ficar alta, e pelo costume de um cabelo sempre lisinho, recorria frequentemente a chapinha e ao secador, na busca por disfarçar a raiz que nascia. Os frequentes cortes, que apesar de importantes, tornavam cada vez mais evidente as duas texturas de cabelo, sendo essa a questão mais difícil de se lidar na transição. Aqui, faz-se importante mencionar o apoio durante a transição, pois era com a ajuda de inúmeras pessoas que eu conseguia passar pelos dias difíceis, como minha mãe, que apesar de possuir cabelo liso, sempre me apoiou na decisão de voltar aos cachos, e até mesmo por antes da transição achar prejudicial à saúde os alisamentos e as fontes excessivas de calor que eu usava. Outro apoio fundamental e de extrema influência foi de minha amiga Laís, que também passou pela aceitação dos cachos em circunstâncias diferentes. No dia 12 de março, dois dias após meu aniversário, estava voltando à tarde de Sobral e só pensava uma única coisa: quando chegar em casa, caso eu ache uma tesoura, vou cortar o cabelo. [...] Chegando em casa, sentei em frente ao espelho, com o cabelo separado em mexas, enquanto passava creme para evidenciar a parte lisa da cacheada e cortava, passavam inúmeras coisas pela minha cabeça: o quão difícil foi passar por todo aquele processo em um ano e um mês, no quanto eu pude me “RE-conhecer” e aprender a gostar daquele cabelo que já era meu, mas ao mesmo tempo se fazia tão novo para mim, e no quanto cresci e aprendi a me admirar, mesmo quando nada ficava bom com as duas texturas. Durante esses 13 meses vivi um enorme processo de amadurecimento e de valorização do meu verdadeiro “eu”, reconhecendo que eu não precisava passar por tudo que passei durante os últimos nove anos alisando o cabelo para me sentir bem. Eu estava assumindo, novamente, o controle sobre mim, por isso a decisão de cortar o cabelo em casa era um momento que eu mesma precisava fazer e sentir. Foi como se eu estivesse retirando as amarras que me foram colocadas aos 11 anos de idade, quando comecei a alisar o cabelo. [...] Escolher cachear me deu margem a uma liberdade que eu não tinha quando alisava, de ser quem eu sou sem me preocupar. Agora sou eu quem escolho molhar o cabelo quando quiser, testar muitas opções de cremes e fazer inúmeros penteados. Mas uma coisa ainda se torna melhor do que ter me tornado cacheada: sentir que eu inspiro e poder ajudar alguém a passar também pela transição. Depois do Big Chop⁵, duas meninas já me relataram também está vivenciando esse processo, o que me deixa extremamente feliz e realizada. Sou grata à Mariana [...], à Laís e Joana por me acompanharem na fase mais difícil da transição, à minha mãe por ser meu apoio, às Ciências Sociais por me proporcionar amadurecimento e engrandecimento enquanto ser humano, e às inúmeras pessoas que foram referência para mim sem ao menos saber.” (SILVA, 2019).

⁵ Grande corte feito para a retirada da química dos cabelos que passaram por processo de alisamento.



Antes



Depois

Laís: “Meu crespo, minha identidade e minhas raízes”

Maria Laís Nascimento Cordeiro é natural da comunidade de Batoque, zona rural do município de Pacujá, localizado na microrregião de Sobral, mesorregião Noroeste do Ceará, a 299 km da capital, Fortaleza. Os pais são agricultores e somente o pai concluiu o ensino fundamental. Sua comunidade foi reconhecida como quilombola no final de 2014. Oriunda de escola pública e beneficiária do Bolsa Família, Laís ingressou no curso de Licenciatura em Ciências Sociais da UVA em 2015, foi bolsista do PIBID e tem atuado no movimento quilombola. Sua história é contada como um processo de “desconstrução” da relação com os cabelos.

“Hoje, aos 22 anos, vejo que a minha relação com meu cabelo foi sendo desconstruída no decorrer da minha vida. Acho importante falar que não passei pela transição capilar que tanto ouvimos falar nos dias atuais, pois nunca pensei na possibilidade de alisar o cabelo, mas, assim como a maioria das mulheres que alisam os cabelos para se sentirem aceitas em uma sociedade racista, também já senti a necessidade de esconder quem eu realmente queria ser, usando minha aparência, traços que marcam o meu rosto como lembrança da minha descendência daqueles que foram escravizados. Algumas vezes eram momentos de tristezas por não sentir que era bonita como as minhas amigas que em sua maioria tinham cabelos cacheados no padrão aceitável, ou seja, um cacho perfeito. Usando uma linguagem mais atual meu cabelo se enquadra na categoria 3c/ 4a que seria do cacheado ou crespo [...] fui crescendo e continuava não gostando do meu cabelo. Quando fiz quinze anos fui passar o dia na casa de uma amiga e ela fez chapinha no meu cabelo, lembro que não gostei da sensação daquele cabelo, mas deixei o dia todo para mostrar minha mãe e outras pessoas. A mãe achou estranho e perguntou se eu tinha gostado, mas outras pessoas, principalmente os mais velhos, diziam que tinha ficado lindo e que assim não ficava tão assanhado, mas eu não tinha gostado. Então quando molhei meus

cachos voltaram e eu os mantinha em uma ditadura presos ou soltos mais com tanto creme para baixar o volume que chegava a ficar duro e pegajoso, sem contar que sempre estavam molhados. E assim era a realidade que mantinha meu cabelo até entrar na faculdade para cursar Ciências Sociais. Digo que a graduação foi uma parte muito importante na minha vida, não só pela questão profissional, mas também me ajudou em muitas questões pessoais. Quem me conheceu no início da graduação vai lembrar que quando cheguei vivia de cabelos presos, foi no decorrer do curso que minha mudança e aceitação começaram a surgir. Lembro que achava o cabelo da Aline Sabino maravilhoso e bem no fundo achava parecido com o meu, mas não tinha coragem necessária para usar ele daquele jeito [...] Assim como a Aline, a minha “Vó postiça” Joana D`arc, que foram as primeiras a me mostrarem a força das mulheres negras durante a graduação, e minha prima Joseli, que é militante do povo Quilombola. Elas foram as primeiras a me fazerem ter outra visão sobre meu cabelo, me mostraram, acho que sem nem sentirem, que meu cabelo não era somente um cabelo e sim um símbolo de resistência e que ele poderia falar por mim. Então, comecei a pesquisar sobre cabelos cacheados, no começo ainda queria aquele cabelo perfeito sem nenhum fiozinho fora do lugar, com o tempo passei a cuidar dele com hidratações e, às vezes, umas receitinhas caseiras que as blogueiras ensinavam, então passei da fase do cacho perfeito e comecei a assumir o volume do meu cabelo aos poucos em determinados eventos. Não vou negar que, na maioria das vezes, eram eventos da universidade, pois ainda não me sentia à vontade para fazer essa mudança no meio das pessoas que me conheciam a vida toda. Até que um dia aconteceu e foi naturalmente como se aqueles momentos de insegurança nunca tivessem acontecido. Ainda houve gente que falou sobre a minha “Juba de leão”. SIM!!! E querem saber? Sempre haverá aquelas pessoas que vão querer me colocar em uma caixinha e seguir todos os padrões que essa sociedade racista me faz acreditar ser verdade, mas hoje tenho orgulho da pessoa que meu cabelo fez eu me tornar, aquela que quando está de cabelo solto almeja o que um dia foi motivo de tristeza. VOLUME? Lógico que quero. Meu cabelo foi uma parte essencial da minha formação enquanto mulher negra foi ele que me mostrou ainda na infância como a sociedade pode ser cruel até mesmo para uma criança, mas foi ele que mostrou a força que há dentro de cada pessoa negra, principalmente nós mulheres que ainda somos silenciadas. E hoje busco mostrar para as mulheres cacheadas principalmente as mulheres negras que seus cabelos são maravilhosos, busco cada vez mais conhecer técnicas que ajudem a definir cachos, para que quando uma pessoa falar que vai alisar por que não sabe o que fazer para ter um cacho perfeito, mostro que nossos cabelos não são perfeitos, assim como nós, mas podemos cuidar e aceitar eles como são. Poderemos Alisar? SIM!! Mas por que será algo que queremos verdadeiramente e não para seguir padrões que não foram feitos pensando na variedade de pessoas que existem, somente uma minoria que prega uma superioridade. Hoje meu coração se alegra quando vejo as crianças da minha comunidade aceitando seus cabelos, quando vejo pessoas mais velhas dizendo a elas que seus cabelos são maravilhosos e se algum dia elas quiserem realmente alisar, cortar, trançar, pintar ou qualquer outro motivo, mas que seja aquilo que vai realmente fazer elas felizes que façam, que brinquem com seus cabelos, que vejam um amor que aos poucos fui construindo em mim e repassando para meus companheiros de caminhada. Que sejam exemplos para outras pessoas, que sejam o apoio que elas precisam, pois é uma imensa alegria fazer parte da história de superação e dessas pessoas. Por experiência própria foi muito prazeroso saber que fui inspiração para minha amiga Laenia na sua transição capilar, algo que eu nem imaginava que teria tamanha importância, mas que para ela serviu de estímulo para continuar na luta, [...] Assim, encerro meu relato lembrando de todas as mudanças que me ocorreram durante este processo,

e nas pessoas que me cercam, pois foi uma das melhores sensação olhar minha mãe escolher um creme de pentear para cabelos cacheados, pois a cada dia que passa vou vendo que de algum modo fui desconstruindo alguns pensamentos e mudando algumas realidades. Agradeço o convite de escrever este pequeno relato, que talvez para muitos será apenas um pequeno texto sobre um menina que outrora chegou a odiar seus cabelos, para se tornar um mulher negra descendente de pessoas que foram escravizadas, que na maioria das vezes é forte e que abraçou a luta dos seus antepassados [...]”. (CORDEIRO, 2019).



Antes



Depois

De estigma a emblema: um rito de passagem

As quatro universitárias que nos emprestaram suas histórias através de depoimentos possuem em comum o fato de serem jovens, mulheres, negras e pobres. Ou seja, possuem todos os atributos que, no Brasil, se prestam a estigmatizar, inferiorizar e criminalizar os indivíduos.

Os estudos contemporâneos sobre juventudes apontam que é preciso ter em conta as diversas formas de vivenciar a condição juvenil. Assim, mais que uma faixa etária, ser jovem evoca inúmeras situações que apontam diversos modos de experienciar essa fase de vida (MARGULIS, 2008; PAIS, 2003; ABRAMO, 2005), dependendo das pertencas de classe, gênero, étnico-racial, religiosa, entre outras. Nesse sentido, Margulis e Urresti (2008) questionam se a juventude é uma categoria unissex, visto que a condição juvenil se oferece de forma diferente para as mulheres e para os homens. Para as jovens, segundo os autores, o tempo transcorre de uma maneira diferente por estar vinculado à sedução, à beleza, à maternidade, dentre outros atributos que a cultura atribui ao feminino. Fonseca (2001), em seu estudo sobre experiências e subjetividades na educação das

jovens portuguesas propõe a construção de um conceito de “cultura juvenil feminina” que dialoga com os estudos culturais e com as teorias feministas para mostrar que o gênero é um aspecto fundamental na construção da vida cultural (e social) de rapazes e moças, pois, em nossas sociedades “existem ideologias e práticas materiais de gênero que interferem na produção e reprodução da masculinidade e da feminilidade”. (FONSECA, 2001, p. 23). E se ao gênero acrescentarmos a condição de classe e de etnia/raça, vamos perceber que a vivência da juventude para a jovem pobre e negra é atravessada por desvantagens, riscos, constrangimentos, negociações e resistências frente a uma sociedade machista, sexista, elitista e racista como a brasileira, como veremos a seguir.

Negação de si, estética do alisamento e sofrimentos

“como dói perceber a relação entre a opressão racista e os argumentos que usamos para convencer a nós mesmas e aos outros de que não somos belos ou aceitáveis como somos”
(bell hooks)

Nos relatos que coletamos, percebemos uma narrativa da transição capilar permeada por relações que envolvem a estética “negada” por outrem e, sobretudo, o quem sou eu e o que querem que eu seja. Essa relação conflituosa desemboca em questões de aceitação, insegurança, baixa autoestima, negação de si e busca de reconhecimento constante entre os pares, familiares e tantos outros com quem buscassem envolvimento. As quatro jovens conectam as suas narrativas às sociabilidades vividas entre os grupos de família e grupos de amigos e suas aspirações, mas se percebem sempre diferentes dos demais e descrevem esses processos através de sacrifícios que tiveram que fazer para serem reconhecidas. Por conta das descrições, passamos a compreender que o cabelo é o elemento mais simbólico na expressividade do ser preto e no confronto com a estética impositiva da chamada branquitude. A transição capilar define-se, então, enquanto fio condutor de uma espécie de ritual de passagem, marcado por diferentes momentos que envolvem dor e afetos múltiplos, confronto entre o eu e os outros. Para Segalen (2002),

[...] o ritual faz sentido, visto que ordena a desordem, atribui sentido ao acidental e ao incompreensível, confere aos atores sociais os meios para dominar o mal, o tempo e as relações sociais. Sua essência é misturar o tempo individual e o tempo coletivo. Definidos em suas propriedades morfológicas e através de sua eficácia social, os ritos também se caracterizam por emblemas sensíveis, materiais e corporais. (SEGALLEN, 2002, p. 32).

O conceito trazido por Segalen nos foi essencial para entendermos o processo de transição capilar na perspectiva narrada pelas jovens aqui referenciadas. Como elas descreveram o antes e o depois do assumir os cachos ou o crespo e como ressignificaram suas vidas quando deixaram de realizar o alisamento capilar, tendo como marco para esse momento, a entrada na Universidade. O que estamos chamando de rito de passagem levará em consideração o que todas as jovens nos apontaram enquanto elementos chaves, que serão expostos de acordo com a sequência que elas dispuseram nos seus depoimentos, assim dispostos: a negação de si, a questão estética, o alisamento e o sofrimento; a universidade como marco que simboliza o reconhecimento da negritude, as novas estéticas existenciais e seus consequentes impactos na vida das jovens.

A questão estética e a representação de si demarcam os primeiros elementos apontados por elas. Acharem-se diferentes e feias fizeram com que Aline, Laenia, Fernanda e Laís buscassem o alisamento ou a contenção dos cabelos.

De acordo com os relatos, os marcadores estéticos definem o padrão do que elas percebiam enquanto feio e bonito através de comparações entre si próprias e seus familiares ou pessoas próximas. Assim, demonstram o quanto foram influenciadas a empreenderem o alisamento como forma de minimizarem as diferenças. Esses marcadores são sobremaneira mais incisivos sobre as mulheres negras, até mais que sobre os homens negros, “sobre elas, é imposto um paradigma de beleza eurocêntrico, no qual a pele clara e o cabelo longo e liso são atributos que definem uma mulher como bonita ou atraente no imaginário branco racista e na mentalidade colonizada.” (hooks, 1995, p. 127 *apud* LIMA, 2019, p. 06/07). O tom exposto pelas jovens denota um sentimento de inferioridade, mal estar e vergonha pelos cabelos cacheados ou crespos. Cabe evidenciar que, a vergonha é um sentimento moralizante que se opõe à noção de honra, dignidade. A vergonha relaciona-se com a humilhação (LA TAILLE, 2002), e seus efeitos dizem respeito à ordenação do que uma sociedade elege enquanto certo e errado. Nos relatos das jovens percebe-se um conjunto de sociabilidades difíceis apontados como elementos iniciais das suas condições de existência social.

O “sentimento de inadequação e não pertencimento a lugar e grupo nenhum”, muitas vezes começa dentro da própria família, sobretudo quando se trata de famílias multirraciais, como as de Aline, cujas irmãs possuem cabelos lisos, e Laenia, que afirmou ter crescido “em meio a uma família de genética “lisa”. É comum no Brasil a formação de famílias inter-raciais, onde são gerados filhos brancos e/ou negros, o que promove diversos conflitos raciais. Os que nascem com tons de pele mais escura se tornam preteridos, apontados negativamente, relegados ou mesmo, denegados. Aline relata esse preterimento com mais ênfase, confluindo com os achados da pesquisa realizada

por Schucman e Gonçalves (2017), em que uma participante relata vários momentos em que sofre preconceito no seio da própria família, por conta da sua cor de pele e cabelo, herança do seu pai. Para as autoras acima citadas, “embora pareça chocante ou mesmo inadmissível que o racismo se faça presente dentro da esfera mais íntima e, supostamente, continente da vida do indivíduo, o dado não foge à lógica das formações raciais” (SCHUCMAN; GONÇALVES, 2017, p. 63). Ainda que as diferenças na família não se evidenciem, a estética do branqueamento opera, como no caso de Fernanda, cuja experiência do alisamento foi vivida de forma coletiva por todas as mulheres do grupo familiar.

Os relatos seguem descrevendo a prática do alisamento dos cabelos e o quanto esse ato conferiu desagrado e dor para as jovens. O uso de instrumentos como ferro de engomar, pranchinhas, acrescido de queimaduras, uso de produtos químicos pesados em técnicas que prometiam a “mágica” do “liso permanente”, e a “facilidade” para manipular os cabelos, colocavam as jovens em situações constrangedoras e demarcadas pelo desejo de adequação a um modelo positivo para quem não se agradava com os cabelos delas e negativo para elas, que sofriam com a mitigação de suas origens e de terem que autonegar-se para compor o quadro do esteticamente, e por que não dizer, racialmente aceito. Acrescente-se a isso os gastos com a manutenção das pranchinhas, escovas (progressivas, inteligentes, definitivas) e, como aponta Fernanda, quando a “grana estava apertada”, o cabelo ficava “estranho” por não ter como retocar a raiz, que não permanecia definitivamente lisa. Mesmo Laís, que nasceu numa comunidade que buscou o reconhecimento quilombola, revela esse sentimento de tristeza por não sentir que era bonita como as amigas que possuíam cachos mais abertos, “no padrão aceitável”, e por isso mantinha os cabelos presos, duros e cheios de creme ou molhados, o que ela nomeia como “ditadura”.

As ações descritas acima, revelam que, desde crianças, as jovens se obrigaram ao enquadramento do embranquecimento, que eclode no chamado “racismo estrutural” construído sobre os corpos dos sujeitos considerados de alguma forma “impuros” pelos seus traços ou componentes naturais. Violências diversas alimentam a frustração e a estruturação da estética do alisamento capilar, que se configura como a forma mais reativa de encontrar a beleza “pura”, controlado por um dispositivo de poder chamado aceitação. E não poderia acontecer sem automutilação, reflexões com inflexões degenerativas autogestadas pela concepção imposta socialmente do belo e do feio.

O alisamento capilar é uma faceta de poder que atravessa os corpos das jovens, reorienta suas subjetividades, e modela artificialmente sujeitos para o agrado alheio. Aline, em seu relato, afirma ter sentido uma repulsa tão forte de si que diz ter despertado um sentimento de “auto ódio”.

Essa afirmação é sobremaneira emblemática da condição que, agregada à condição da mulher negra no Brasil, demanda o debate da interseccionalidade, tão bem demarcado por Akotirene (2019).

Para a autora,

A interseccionalidade visa dar instrumentalidade teórico-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado – produtores de avenidas identitárias em que mulheres negras são repetidas vezes atingidas pelo cruzamento e sobreposição de gênero, raça e classe, modernos aparatos coloniais. (AKOTIRENE, 2019, p. 19).

Ainda para a autora acima citada, “mulheres negras são castigadas mais vezes” (AKOTIRENE, 2019, p. 42). A tradução disso tudo se revela historicamente na interdição do cabelo afro. De acordo com Camargo (2018),

O cabelo, componente constitutivo do corpo, reflete traço de personalidade e é afirmação de identidade, algo presente em algumas etnias africanas e cujo significado social tem atravessado o tempo e adquirido novos contornos [...]. No período colonial era comum que homens e mulheres escravizadas tivessem seus cabelos raspados, um ato cujo significado é de mutilação [...]. Além disso, sob argumento de necessidades higiênicas, tal prática tinha o objetivo de minar qualquer sentimento de pertencimento étnico que aqueles povos poderiam guardar com relação ao cabelo [...]. (CAMARGO, 2018, p. 25).

Nos dias atuais, esse interdito se materializa no ato de alisamento do cabelo. A interdição-alisamento gera o sofrimento psíquico e físico, mas quem se importa? O cabelo interdito já é parte de um corpo interdito histórica e culturalmente. Nesse processo, queimar os cabelos, esticá-los, usar produtos químicos cada vez mais fortes, idas e mais idas a salões ficando horas e mais horas esperando o alisamento acontecer, tudo isso pouco importa para quem impõe o padrão. Para Camargo (2018),

Devido à construção social do significado do cabelo crespo se relacionar à representação racializada construída no contato colonial e na escravização de pessoas sequestradas do continente africano, as mulheres que possuem traços lidos como negroides, como cor da pele, traços faciais e textura do cabelo, serão atingidas por tais relações de poder de maneira muito mais incisiva e violenta do que aquelas que não possuem os mesmos traços. (CAMARGO, 2018, p. 36).

Adensando esse debate à questão da violência seccionada por gênero, de acordo com o Atlas da Violência, elaborado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), foram registrados 4.936 assassinatos de mulheres em 2017. São 13 homicídios de mulheres por dia, das quais 66% é negra. Dos 26.835 casos de estupro registrados no mesmo ano, 89% tiveram mulheres como vítimas, sendo a maioria delas negras.

Quando se trata dos registros de violência física, as mulheres representam 67% das pessoas agredidas fisicamente em 2017⁶.

Mulheres Negras e redescobertas: a Universidade, novas estéticas, feminismo negro, novas linguagens e (re)existências

A estética padrão branca assume uma versão que faz referência ao agradável e ao prazeroso, camuflando com isto, a sua dimensão e discursividade política. Desta forma, a estética sutilmente invade as subjetividades negras apontando moldes e atravessa um caminho de sentidos em que não pode ser reduzida a questões de aparência, mas de força, de potência (MIZRAHI, 2019), de tal modo, que as jovens abordadas nos fizeram compreender que a concepção de estética se materializa em um ato de resistência e em conjunto com outros elementos, se transfiguram em reconhecimentos para mulheres negras, com outra concepção de beleza e sua aceitação. A estética para as mulheres negras migra da esfera da futilidade para a ação política. O modo de ser e se apresentar publicamente para as mulheres negras impõem o entendimento de que elas garantem o debate no espaço público a partir do seu apelo visual, com a intenção de agradarem primeiro a si próprias em seguida, aos outros ou não.

Para as jovens acompanhadas nesta pesquisa, a discursividade política ganha espaço nas suas vidas quando adentram a universidade, mais especificamente, no Curso de Ciências Sociais. É a partir desse momento que elas iniciam o processo de problematização da sociedade em que vivem. Desnaturalizam a fixidez das normas e regras das instituições sociais, questionam os elementos tidos como inquestionáveis na cultura e nas construções históricas e passam a se reinventar, a se recriar e, com isso, a construir outras subjetivações e extrapolar dimensões que as incomodavam, mas que eram impelidas a amenizar em contextos diversos da vida social.

Na universidade, elas tiveram acesso a leituras com as quais se identificaram; se envolveram em coletivos e movimentos políticos; iniciaram relações e sociabilidades que proporcionaram o contato com múltiplas ideias e experiências com outros jovens, que compartilharam seus saberes e vivências aprendidas em outros âmbitos. Passaram a exercitar capacidades e habilidades que, muitas vezes, as famílias e as escolas não permitem que sejam expostas ou exploradas. Passaram a debater temas como sexualidade, gênero, raça, diversidades e tantos outros, componentes que se tornaram intervenções diretas em suas vidas, colaborando para a constituição de uma nova estética de existência (FOUCAULT, 2004).

⁶Ver em: <https://mapadaviolenciadegenero.com.br/>. Acesso em: 10 dez. 2019.

Novos enfrentamentos se fizeram presentes, bem como novos conflitos e adversidades. No entanto, há um elemento comum que está presente nos relatos das quatro jovens: a consciência identitária, provocada, sobretudo, pelo reconhecerem-se mulheres negras. Tal reconhecimento é engendrado pelas sociabilidades buscadas nos grupos de pares. Laís e Laenia afirmam que tiveram incentivos das colegas de turma e de corredores e das amigas na universidade. Tal movimento é interessante, pois nos permite compreender conceitos como sororidade, altruísmo e uma espécie de reflexo identitário, que cria uma nova perspectiva de relações das jovens consigo e com os/as outros/as. É aí que se inicia a passagem de uma existência para a sua ressignificação ou (re)existência. O rito de passagem começa a se manifestar no reflexo identitário e o primeiro elemento a ser valorizado é o cabelo. Laís e Laenia enfatizam bem este aspecto nas suas relações com as amigas, que as incentivaram a dar vazão aos cabelos cacheados. Por conta deste incentivo, passaram a não mais alisar ou prender os cabelos, começaram a se desafiar e a revelar o cabelo natural, constitutivo dos seus corpos, e a refletir sobre porque o escondiam. Inicia-se aí a afirmação da identidade negra, pela força e potência do cabelo. Lembram ainda que, outras jovens, que já abandonaram o alisamento e ostentam cabelos crespos ou cacheados passaram a ser suas referências, fato que chamamos de efeito espelho da transição capilar.

Concomitantemente com a transição capilar, as jovens reveem a autoconfiança, a beleza contida, expõem corpos com mais expressividade, usam mais cores, mudam o estilo de vestir, aprendem outros saberes-fazer, elaboram novos sentimentos de pertença, e praticam a militância tanto em coletivos de cunho partidário quanto na pauta das questões da negritude, das diversidades de gênero e das desigualdades socioculturais. Para bell hooks,

Em uma cultura de dominação e anti-intimidade, devemos lutar diariamente por permanecer em contato com nós mesmos e com os nossos corpos, uns com os outros. Especialmente as mulheres negras e os homens negros, já que são nossos corpos os que frequentemente são desmerecidos, menosprezados, humilhados e mutilados em uma ideologia que aliena. Celebrando os nossos corpos, participamos de uma luta libertadora que libera a mente e o coração.(hooks, 2005).

Aline reflete bem a fala de bell hooks, quando afirma: “A universidade, o Movimento Estudantil, meus amigos e minhas amigas, me ajudaram muito”. A passagem pela universidade conectou as jovens com um multiverso relacional e reflexivo onde tiveram oportunidade de reverem como indivíduos e acessarem outras dinâmicas que extrapolam as comunidades em que vivem, as linguagens, os gostos, enfim, rompem com cristalizações e definições e se imputam novas atitudes.

Ao transformarem seus modos de agir no mundo, aderiram a um novo glossário e a uma nova postura existencial. Iniciaram o contato com as teorias feministas e todo o debate que as circunda, bem como passaram a refletir sobre o feminismo negro, mais especificamente. Nesse aspecto, é fundamental a influência que as feministas negras exerceram sobre as suas existências, desvelando o que Aline e Fernanda afirmam ser o encontro com a ancestralidade, cujo sentido é assumir e viver plenamente a negritude.

Nas observações que fizemos, percebemos a incorporação de duas novas linguagens: uma corporal e outra falada. Elas passam a usar adereços como colares, brincos, anéis, roupas coloridas, turbantes, lenços que remetem às heranças africanas. Bem como passaram a usar um glossário de palavras/conceitos comuns aos movimentos de reconhecimento identitário negro como: resistência, empoderamento, africanidades, afrodeslocamentos, colonialismo, decolonialismo, colorismo, ancestralidade, dentre outros. Esses momentos demarcaram todas as ações cotidianas das jovens.

Tivemos a oportunidade de acompanhar “de perto” a formação das quatro jovens na Licenciatura em Ciências Sociais. Das quatro, só uma delas ainda está em fase de conclusão do Curso. Todas elas participaram como bolsistas do PIBID, sob nossa coordenação de área. O referido programa é um complemento prático no processo formativo para a docência, que proporciona aos integrantes atuarem nas escolas antes dos Estágios Supervisionados. Com a entrada no PIBID elas puderam exercitar a construção da “imaginação sociológica” (MILLS, 2018), a partir das suas capacidades de contextualizar o conhecimento teórico com a realidade dos alunos das escolas públicas. Tais articulações levavam em consideração o acúmulo de saberes adquiridos no Curso de Ciências Sociais, relacionando as categorias de análise demandadas pelos conteúdos escolares com seus sentidos na vida prática dos alunos e as suas devidas ressignificações. Esse momento foi rico em reflexões, análises e transposição de saberes e conhecimentos que subsidiaram muitas intervenções do Programa nas escolas públicas em que atuavam. Todas elas levavam os debates demandados pelo currículo escolar e conseguiram debater sobre a negritude em discussões e ações que causavam impactos aquém do esperado entre os alunos e o corpo docente. Ou seja, passaram a multiplicar e ensinar as suas expertises sobre negritude para os que, como elas, também passavam por processos conflituosos em seus reconhecimentos. Fernanda, inclusive, fez sua pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) na escola em que atuava como bolsista do PIBID (SOUSA, 2017). Mesmo saindo do PIBID, algumas delas, como é caso de Laís, Laenia e Fernanda, participam de eventos nas escolas nas semanas da Consciência Negra, com atividades como oficinas de turbantes, palestras sobre colorismo, gênero e a condição da

juventude negra. Esses são efeitos radiais, que elas construíram, perpetuam e esperam que se amplifiquem.

Além das ações do PIBID, empreenderam em seus recortes de pesquisas temas que refletem as suas posturas de mulheres negras, elegendo para suas próprias análises no campo científico, temáticas que abordam a juventude negra e moradora da periferia (NASCIMENTO, 2017), gênero e violência na educação (SOUSA, 2017), o reconhecimento quilombola na região norte do Ceará (Laís, cujo trabalho ainda não foi finalizado).

Outro elemento de diferenciação percebido por nós foi a transposição de fronteiras espaciais dos seus lugares de moradia, pois passaram a conhecer novos espaços com os deslocamentos para a universidade (entre cidades), na própria cidade de Sobral, na busca pela juventude da periferia, e ainda dentro e fora do estado participando de eventos (de cunho político ou científico) em busca de conhecimento e outras trocas de experiências. Aline e Laenia, atualmente, são alunas em cursos de doutorado e mestrado, respectivamente, no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional, da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Concorreram às vagas no referido programa através da Política Afirmativa do Sistema de Cotas Raciais. Fernanda por alguns anos trabalhou como articuladora de Políticas Públicas para a Juventude, na Secretaria de Cultura, Juventude, Esporte e Lazer de Sobral (SECJEL); atua em coletivos feministas da referida cidade, foi aprovada em concurso público e aguarda sua convocação, na Prefeitura de Sobral para cargo efetivo na pasta de Assistência Social e Direitos Humanos. Laís está concluindo o curso de Ciências Sociais e é constantemente chamada para falar sobre juventude quilombola em eventos regionais e nacionais e oferta oficinas de turbante em escolas da região. Em conversas informais, ela nos revelou que sua comunidade é liderada pelo seu avô, e quando ele “partir”, quem assumirá a liderança do quilombo é sua prima Joseli, que foi a primeira mulher do grupo a entrar na universidade e levar a história do seu povo para além das suas fronteiras, retornando com conhecimentos que ajudam no fortalecimento e resistência da Comunidade do Batoque (Quilombo onde moram). Laís afirma em seu relato que se inspira em Joseli, e nos afirma o seguinte, como forma de expressar o que apreendeu das suas experiências: “enquanto puder escrever, escreverei sobre o meu povo, não deixarei nossa história morrer. E quando não for possível falar, deixarei que minha pele, meus traços faciais e meu cabelo falem por mim, pois continuaremos resistindo e existindo”.

O cabelo, novas expressividades e consumo

Mizrahi (2019) em sua pesquisa sobre a estética negra nos espaços públicos das cidades, afirma a presença de uma produção de aparências em fluxo, que articulam classe, raça, gênero e geração, entrelaçando

[...] estilos de cabelos femininos que são, cada um a seu modo, respostas esteticamente motivadas aos racismos cotidianos com os quais os sujeitos negros são obrigados a se deparar em suas interações urbanas. Esses estilos compõem performances realizadas em desafio aos estereótipos com os quais esses sujeitos são julgados, classificados e observados pelo olhar racializador, branco ou não negro. (MIZRAHI, 2019, p. 461).

Essa percepção é interessante, pois remete ao que também percebemos em Sobral, não somente com as jovens aqui referidas, mas em tantos outros jovens que passam a operar na mesma intenção de provocar com a estética outra referência de beleza, moda, vestuário, gostos musicais, referenciais religiosos etc. A própria cidade vai ganhando outros itens na composição dos seus espaços com a nova estética e efeitos visuais dos seus ocupantes. Tal movimento acaba sendo também campo de disputas e conflitos, pois, à medida que a discussão sobre a negritude ganha dimensão, ela passa a ser grafitada com desenhos nos muros da cidade, pichadas com assinaturas ou poesias de jovens negros e negras da periferia, declamada nas praças com o movimento dos *slams* e das batalhas⁷, cantada nos raps e funks. Esses fluxos reposicionam o glossário das “palavras da cidade” (BRESCIANI, 2008), chamando a atenção pela estética de seus interlocutores, que entendem que uma das formas de impactar visualmente e provocar a desconstrução do racismo é expondo os seus cabelos, com volumes, cores, tranças, turbantes etc.

Em Sobral, especificamente, há uma manifestação muito intensa de jovens moradores da periferia ocupando espaços diversos da cidade com seus manifestos e gritos de resistência pelo direito à cidade, com promoção de *slams* e batalhas de poesias e raps que ocorrem tanto em praças do Centro da cidade, espaço mais conservador e tradicional, tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN)⁸, quanto nas praças dos bairros da periferia. Nesses momentos e espaços, os jovens operam suas ideias, artes e suas estéticas sendo constantemente reprimidos pela polícia. Todas as intervenções feitas pelos jovens levam a tônica do combate ao racismo e tem causado um efeito agregador da juventude periférica da cidade. Aline é uma das

⁷ Competições em que poetas recitam suas criações originais em espaços públicos para um público que depois escolhe a melhor performance.

⁸ O conjunto arquitetônico de Sobral foi tombado pelo IPHAN em 1999.

entusiastas desse movimento e o transformou em recorte de pesquisa, tanto no seu mestrado quanto no doutorado.

Entretanto, na composição dos cabelos cacheados, crespos, *black* ou afro, além do abrir mão do alisamento, quem assume esse estilo não escapa da sedução mercadológica, pois a mesma indústria que cria os produtos de alisamento passa a investir em produtos de enaltecimento e, ao mesmo tempo, disciplinamento de cachos, operacionalizando, sutilmente, novas definições e controle. Com um arsenal de produtos para “melhorar” o visual, investem na vaidade feminina com muita ênfase, nomeando e classificando tipos de cachos e crespos de acordo com seus formatos e volumes: 2A, 2B, 2C (ondulados e menos volumosos); 3A, 3B, 3C (Cachos no formato molinha, ou mais definidos e mais volumosos); 4A, 4B, 4C (Cabelo crespo ou afro, com estrutura mais fechada e ressecada)⁹. Laís, em seu relato, faz referência a essa classificação, que vem nos rótulos dos produtos de diversas marcas, em que muitas carregam nomenclaturas como “Bomba cachos”, “disciplina cachos”, “reductor de volumes”, determinando como as mulheres devem manter seus cabelos. Ou ainda com nomes como “morte súbita”, “desmaia cachos” e “desmaia crespíssimo”, o que nos leva a entender que mesmo voltados ao público negro, reforçam preconceitos, na medida em que vendem a ideia de que os cabelos das negras precisam ser disciplinados, controlados.

As jovens, em seus relatos, demonstram que acessam e reproduzem essas classificações e tantas outras. Ainda demonstram um linguajar bem específico dos diversos momentos da chamada “transição capilar”, que inicia com o que Laenia identifica como *big chop*, que é um corte de cabelo bem curto, com o qual as raízes ficam livres dos produtos químicos e os cabelos crescem cacheados ou crespos. O termo em inglês acaba sendo a metáfora da própria ação de rompimento com a determinação do alisamento: um corte grande deixando o cabelo bem curto, expondo não só as raízes dele em si, mas que também expõe as raízes da ancestralidade negra e o entretanto do seu crescimento irá expor as mulheres negras, que como afirma Grada Kilomba,

[...] tem que ver com um processo de consciencialização: começa com a negação, da negação passa-se à culpa, da culpa à vergonha, da vergonha ao reconhecimento e deste, finalmente, à reparação. Reparar significa precisamente isso, arranjar o que estava estragado e perceber a violência de certas estruturas. Mas este processo só pode acontecer se o que estamos a falar tiver visibilidade, tiver espaço.¹⁰

⁹ Ver: <https://cabelo.com.br/tipos-de-cachos/>. Acesso em: 08 ago. 2019.

¹⁰ Ver: <https://www.geledes.org.br/o-colonialismo-e-uma-ferida-que-nunca-foi-tratada-doi-sempre-por-vezes-infeta-e-outras-vezes-sangra/>. Acesso em: 10 ago. 2019.

Com isso, pudemos compreender os processos através dos quais jovens do interior do Ceará passaram a se perceber negras em lugares de negação e contraposição da raça, insurgindo-se contra o racismo estruturado para anulá-las.

Considerações Finais

Analisando os relatos das jovens sobre a relação com seus cabelos ao longo da vida, percebemos que aceitar os cachos constituiu uma espécie de rito de passagem entre a vergonha do cabelo crespo, estigmatizado pela cultura racista, e o desejo de seguir a estética do branqueamento, representada pelo liso ou contido (no caso de Laís) e o orgulho dos cachos cada vez mais volumosos, que, inclusive, passam a inspirar outras jovens negras.

Percebemos ainda que a relação das jovens com seus cabelos possui um antes e um depois da entrada na universidade. Nos relatos, o contato com as teorias sociais, com outras universitárias negras e com o movimento estudantil, possibilitado pela entrada na instituição, são apontados como responsável por desencadear o processo de autorreconhecimento como mulheres negras que as fez ressignificar a relação com seus cabelos, consigo próprias e com a sociedade.

Desse modo, podemos pensar a universidade como lugar de fortalecimento identitário de onde se desencadeiam processos de subjetivação que reverberam no autorreconhecimento e na luta por reconhecimento e contra o racismo. Na UVA, por exemplo, como consequência desse processo, em 2018, foi criado pelos estudantes o encontro de negros e negras da UVA, evento destinado a debater as questões que afetam os universitários e as universitárias negras.

Nesse sentido, tal processo nos permite também fazer uma leitura do incômodo social que a presença de negros e negras na universidade provoca e os constantes ataques às políticas afirmativas. Mesmo sabendo que a Política de Cotas não garante a equidade racial no contexto universitário, afirmamos sua importância na construção de possibilidades de negros e negras das camadas menos favorecidas acessarem cada vez mais a instituição que ajuda a promover uma leitura mais crítica da realidade que desencadeia processos como os aqui descritos em que jovens aprendem a se aceitarem como são, se empoderam e passam a ter orgulho do que antes era vivido como estigma e sofrimento.

O empoderamento das jovens não encerra conflitos, mas ajuda a transpor, a minimizar e a extrapolar o que Djamila Ribeiro nomeia como “solidão da mulher negra”¹¹, estado qualificado não somente pelas relações amorosas, mas pelas sociabilidades que vivenciam desde a infância. O sentir-se sós é de certo modo suprido quando passam a exercitar o reconhecimento e a compartilhar as experiências com outras/os negras/os, ocasionado por um sentimento de pertença a um grupo, que reforça as identidades culturais, ou seja, “aqueles aspectos de nossas identidades que surgem de nosso “pertencimento” a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais.” (HALL, 2001, p. 8). Embora não exista a identidade em essência, uma vez que as identidades são fragmentadas e contraditórias, recorrer a este conceito constitui uma estratégia importante para todos aqueles que passam por processos constantes de silenciamento, negação e negociação de suas identidades. O fortalecimento e o reconhecimento dessas identidades é uma tarefa de toda a sociedade e as políticas públicas de educação devem ser o principal vetor no desencadeamento desse processo, assim como na construção de uma sociedade antirracista.

Referências

- ABRAMO, H. W. Condição juvenil no Brasil contemporâneo. *In*: ABRAMO, H. W; BRANCO, P. P. M. **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Instituto Cidadania; Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 37-73.
- AKOTIRENE, C. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- ALMEIDA, S. L. **O Que é Racismo Estrutural**. Belo Horizonte: Letramento, 2018. (Coleção Feminismos Plurais).
- BRESCIANI, M. S. M. **Palavras da cidade**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2008.
- CAMARGO, K. **A transição capilar e a luta pela representação do uso do cabelo crespo e cacheado em contexto de usos de mídias digitais**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso - Departamento de Sociologia, Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, 2018.
- CONTADOR, A. C. **Cultura juvenil negra em Portugal**. Oeiras: Celta, 2001.
- FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Rio de Janeiro: Fator, 1983.
- FONSECA, L. P. **Culturas juvenis, percursos femininos – experiências e subjetividades na educação de raparigas**. Oeiras: Celta, 2001.

¹¹ Ver: Djamila Ribeiro: Relações interracialis e a solidão da mulher negra. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?reload=9&v=2ZNx1LV6c4A>. Acesso em: 10 ago. 2019.

FOUCAULT, M. *Escritas de Si*. In: FOUCAULT, M. **Ética, sexualidade, política**. Organização e seleção de textos Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. (Coleção Ditos e Escritos V).

FREITAS, I. C. M. Universitários de cidades interioranas: modos de vida e projetos de futuro. **Revista Linguagens, Educação e Sociedade**, Teresina, v. especial, p. 323-356, ago. 2013.

FREITAS, I. C. M.; BRAGA, J. R. M. Os universitários viajantes: suas práticas e sociabilidades. **Revista o público e o privado**, Fortaleza, n. 21, p. 91-110, jan./jun. 2013.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal (Introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil – 1). 51. ed. rev. São Paulo: Global, 2006.

GOMES, C.; DUQUE-ARRAZOLA, L. S. Consumo e identidade: o cabelo afro como símbolo de resistência. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, [S. l.], v. 11, n. 27, p. 184-205, 2019. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/index.php/site/article/view/496>. Acesso em: 10 dez. 2019.

GOMES, N. L. **Sem perder a raiz**: corpo e cabelo como símbolos de identidade negra. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

GONZALEZ, L. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. São Paulo: ANPOCS, 1984. (Coletânea Ciências Sociais Hoje, v. 2). p. 223-244. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/247561/mod_resource/content/1/RACISMO%20E%20SEXISMO%20NA%20CULTURA%20BRASILEIRA.pdf. Acesso em: 10 dez. 2019.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 6. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

HALL, Stuart. Pensando a Diáspora. Reflexões Sobre a Terra no Exterior. In: SOVIK, Liv. (org.). **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

HONNETH, A. **Luta por Reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais**. 2. ed. São Paulo: Ed. 34, 2009.

hooks, b. Alisando nosso cabelo. Tradução: L. M. Santos. **Revista Gazeta de Cuba – Unión de escritores y artista de Cuba**, Cuba, jan./fev. 2005. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/alisando-o-nosso-cabelo-por-bell-hooks/>. Acesso em 30 de julho de 2019.

LA TAILLE, Y. O sentimento de vergonha e suas relações com a moralidade. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 15, n. 1, p. 13-25, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/prc/v15n1/a03v15n1.pdf>. Acesso em: 05 ago. 2019.

LIMA, E. G. A representação do cabelo (crespo/cacheado) por *Youtubers*: um estudo de recepção do processo de empoderamento e construção identitária da mulher negra. In: Intercom – Sociedade

Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, 21.,2019, São Luís. **Anais [...]** São Luis, MA: [s. n.], 2019.

LODY, R. G. M. **Cabelos de Axé: identidade e resistência.** São Paulo: Senac, 2004.

MARGULIS, M.; URRESTI, M. *La Juventud es más que una Palabra.* In: MARGULIS, M. (editor) **La juventud es más que una palabra: ensayos sobre cultura y juventud.** 3. ed. Buenos Aires: Biblos, 2008.

MARINHO, C. H. Cidades e emoções: rotas juvenis, encontros e movimentos. In: Dossiê: Cidade, imagem e emoções. **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v. 19, n. 55, p. 51- 63, abr. 2020. Disponível em: http://www.cchla.ufpb.br/rbse/Art-3_Dossie_RBSEv19n55abril2020.pdf. Acesso: 02 ago. 2020.

MILLS, C. W. **Sobre o artesanato intelectual: um ensaio.** São Paulo: Editora Schwarcz: Companhia das Letras, 2018.

MARTINS, J. S. **Sociologia da fotografia e da imagem.** São Paulo: Contexto, 2008.

MIZRAHI, M. As políticas dos cabelos negros, entre mulheres: estética, relacionalidade e dissidência no Rio de Janeiro. **Revista Mana**, v. 25, n. 2, p. 457-488, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/mana/v25n2/1678-4944-mana-25-02-457.pdf> Acesso em: 20 dez. 2019.

MUNANGA, K. A difícil tarefa de definir quem é negro no Brasil. (Entrevista). **Revista Estudos Avançados**, São Paulo, v. 18, n. 50, p. 51-56, jan./abr. 2004. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000100005. Acesso em: 10 jun. 2019.

MUNANGA, K. Algumas considerações sobre “raça”, ação afirmativa e identidade negra no Brasil: fundamentos antropológicos. **Revista USP**, São Paulo, n. 68, p. 46-57, dez./fev. 2005-2006. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13482>. Acesso em: 03 maio 2019.

NASCIMENTO, M. A. S. **Performance e aprendizagem no slam da quentura em Sobral - CE.** 2017. Trabalho de Conclusão de Curso - Curso de Ciências Sociais, Universidade Estadual Vale do Acaraú, Sobral, 2017.

NOGUEIRA, O. **Preconceito de marca: as relações raciais em Itapetininga.** São Paulo: Edusp, 1998.

OLIVEIRA, A. P. O.; MATTOS, A. R. Identidades em transição: narrativas de mulheres negras sobre cabelos, técnicas de embranquecimento e racismo. **Estudos & Pesquisas em Psicologia**, v. 19, n. 2, 2019. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/44283/30181>. Acesso em: 20 set. 2019.

PAIS, J. M. **Culturas Juvenis.** 2 ed., Lisboa: Imprensa Nacional: Casa da Moeda, 2003.

RANCI, E. Relações difíceis: a interação entre pesquisadores e atores sociais. *In*: MELUCCI, A. **Por uma sociologia reflexiva**: pesquisa qualitativa e cultura. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

SCHUCMAN, L. V.; GONÇALVES, M. M. Racismo na família e a construção da negritude: embates e limites entre a degradação e a positivação na constituição do sujeito. **ODEERE**, [S. l.], v. 2, n. 4, p. 61-83, dez. 2017. Disponível em: <http://periodicos2.uesb.br/index.php/odeere/article/view/2366>. Acesso em: 08 ago. 2019.

SEGALEN, M. **Ritos e rituais contemporâneos**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2002.

SOUSA, F. M.M. **Educação, disputas e sexualidade**: vivências, práticas e discursos na Escola Elza Goersch em Forquilha-CE. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso - Curso de Ciências Sociais, Universidade Estadual Vale do Acaraú, Sobral, 2017.

SOUZA, J. Democracia racial e multiculturalismo: a ambivalente singularidade cultural brasileira. *In*: Encontro Anual da ANPOCS, 23., 1999, Caxambú, **Anais [...]**. Caxambú: [s. n.], 1999. Disponível em: <https://www.anpocs.com/index.php/encontros/papers/23-encontro-anual-da-anpocs/gt-21/gt19-17/5016-jessesouza-democracia/file>. Acesso em: 10 de maio de 2019.

À procura da estética adequada: Raça, gênero e geração no espaço escolar

Looking for the right aesthetic: Race, gender and generation in the school space

Mylene Mizrahi¹
Amanda Carvalho²
Priscilla Mello³
Maria Gabriela Alduino⁴

Resumo

Neste artigo acompanhamos reivindicações de protagonismo juvenil como performadas no espaço escolar, a partir de relatos, embates, disputas e controvérsias reportados durante a década de 2010. A análise segue por uma abordagem material das estéticas corporais, balizada por raça e gênero, aos quais foram adicionados, durante o processo de pesquisa, um terceiro marcador, o de geração. Muitos dos descompassos encontrados apontam para disputas intergeracionais que traduzem, por sua vez, diferentes ideais estéticos e diferentes expectativas de conformidade na aparência. Ao mesmo tempo, do ponto de vista da juventude, a centralidade que as estéticas corporais adquirem em seus projetos atravessa não apenas os diferentes gêneros, sexualidades e ou marcadores raciais, mas também as diferentes classes. Levar a sério reivindicações juvenis em torno de seus gostos, pode parecer, a olhares mais tradicionalistas, dar atenção ao que é concebido como superficial. Mas pode apontar também caminhos produtivos para repensarmos o próprio projeto escolar. Como veremos, a estética e as aparências, nada têm de superficiais.

Palavras chave: materialidades, consumo, cabelos, uniforme escolar, corpo

Abstract

In this article we follow claims of youth protagonism as performed in the school space, based on reports, struggles, disputes and controversies reported during the decade of 2010. The analysis follows a material approach to body aesthetics, marked by race and gender, to which they were During the research process, a third marker, the generation marker, was added. Many of the mismatches found point to intergenerational disputes that translate, in turn, different aesthetic ideals and different expectations of conformity in appearance. At the same time, from the point of view of youth, the centrality that body aesthetics acquire

¹ Antropóloga com doutorado na UFRJ e doutorado-sanduiche na University College London. Professora do Departamento de Educação da PUC-Rio, onde coordena o EstetiPop – Laboratório de Estéticas, Antropologia e Cultura Pop/Popular. Integrante da Rede de Estudos e Pesquisas sobre Ações e Experiências Juvenis (REAJ).

² Graduanda do curso de Pedagogia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

³ Graduanda do curso de Pedagogia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

⁴ Graduanda do curso de Pedagogia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

in their projects crosses not only the different genders, sexualities and or racial markers, but also the different classes. To take youthful demands seriously around their tastes, it may seem, to more traditionalist views, to pay attention to what is conceived as superficial. But it can also point out productive ways to rethink the school project itself. As we will see, aesthetics and appearances have nothing superficial.

Keywords: materiality, consumption, hair, school uniform, body

Introdução

A década de 2010 parece que nos deixará um legado paradoxal. De um lado o progressismo, como visto nos muitos protagonismos de gênero, de sexualidade, de raça, de classe. Ocupação das ruas, das escolas, das universidades. Em suma, ocupação do espaço público, como as Jornadas de junho de 2013 fizeram ver, e como também fizeram a ocupação das escolas públicas por estudantes secundaristas. De outro lado, os anos de 2010 foram o palco para movimentações que culminaram na ascensão da extrema-direita ao poder central, resultando em uma ocupação mais ou menos duradoura do Palácio do Planalto por forças não apenas conservadoras, mas, poderíamos dizer, retrógradas, uma vez que uma série de suas reivindicações se constitui na base de uma volta a determinados valores e costumes que antecedem a abertura democrática que se coloca em curso a partir dos anos 1980. Esse encontro de diferenças e uma certa impossibilidade de convivência entre diferenças tornou-se cristalizado pela cerca que separou apoiadores e condenadores do impeachment da então Presidente Dilma Rousseff.

Não é, contudo, esse cenário mais amplo que queremos abordar. Melhor dizendo, se o abordaremos será da maneira com que tais disputas entre diferentes modos de ver o mundo e de ser ver dentro desse mesmo mundo são vivenciadas na arena estética. Em especial, nosso interesse recai sobre a centralidade que o corpo adquire em processos de reivindicação de protagonismos juvenis, fazendo da aparência e das estéticas corporais dispositivos essenciais em performances que são também discursividades políticas.

O movimento que ficou conhecido como “primavera feminista”, colocou sua pauta de gênero junto à explicitação do corpo e de seus poderes, defendendo a liberdade de seus saberes e direitos, inclusive no espaço público e na arena política⁵. A reivindicação do uso do shortinho e lemas como “meu corpo minhas regras” ou “não é não” – ambos afirmando os direitos das jovens

⁵ A expressão “primavera feminista” foi utilizada para designar tal movimento tanto na mídia quanto em reflexões acadêmicas. Como exemplos ver, para o último caso Nascimento (2018) e Dutra (2018), e para o primeiro artigos do El País e da Carta Capital (https://brasil.elpais.com/brasil/2015/11/13/opinion/1447369533_406426.html) (<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/primavera-feminista-o-lugar-da-mulher-e-na-politica-8213/>)

mulheres a seus corpos, seus pelos, cabelos e desejos – reverberados tanto nas escolas, que seriam ainda ocupadas por secundaristas, quanto nas ruas, que seriam ocupadas pelas mulheres em suas Jornadas de 2015, trariam à tona o corpo como central. Como nota Heloisa Buarque de Hollanda (2018), a quarta onda feminista contrasta fortemente com as ondas feministas anteriores justamente pelo lugar que é outorgado ao corpo na elaboração das novas pautas de gênero. Mas se o corpo parece ser marca de uma quarta onda feminista, esse corpo surge novamente como crucial quando nos voltamos para reivindicações juvenis outras, como as que possuem na raça marcador de diferença fundamental.

Neste artigo acompanharemos tais reivindicações de protagonismo juvenil como performadas no espaço escolar, a partir de relatos, embates, disputas e controvérsias reportados por diferentes meios de comunicação ao longo da década de 2010. Mas se raça e gênero estiveram desde o início balizando nossas buscas, o caminho metodológico pelo qual esta pesquisa segue, fornecido pelas materialidades, nestas incluídas não apenas os objetos, mas também os corpos, impôs um terceiro marcador social de diferença, o de geração. Muitos dos descompassos encontrados apontam, como veremos, para disputas intergeracionais que traduzem, por sua vez, diferentes ideais estéticos e diferentes expectativas de conformidade na aparência. Ao mesmo tempo, do ponto de vista da juventude, a centralidade que as estéticas corporais adquirem em seus projetos atravessa não apenas os diferentes gêneros, sexualidades e ou marcadores raciais, mas também as diferentes classes. O que os diferenciaria, como argumentamos em outra ocasião com Bourdieu (1984), seriam questões relativas à constituição do gosto (MIZRAHI, 2015).

Levar a sério reivindicações juvenis em torno de seus gostos, pode parecer, a olhares mais tradicionalistas, dar atenção ao que é concebido como superficial, como no caso dos investimentos corporais inerentes à produção da beleza e da aparência, o que é revelador, inclusive, de julgamento moral. Mas pode apontar também, como pensamos que nosso material permite notar, caminhos produtivos para se repensar o projeto escolar. Como observou Michel Serres (2013), se é a escola que queremos repensar é àqueles aos quais ela se destina que devemos escutar. Nesse plano, como veremos, a estética e as aparências, nada têm de superficiais.

É assim por uma abordagem da estética que seguiremos. Procuraremos mostrar que toda estética é também uma ética, argumentando, com Daniel Miller (2013) que as superfícies, as aparências, nada têm de *superficiais*. Portanto, não será por uma abordagem estritamente interseccional que seguiremos, como pode fazer pensar o acionar dos marcadores sociais de diferença, como introduzimos acima. Na verdade, ao nos centrarmos no corpo, nas aparências e nas estratégias de auto-apresentação, veremos as estéticas corporais serem convertidas em

discursividades políticas. De modo que se a reivindicação de protagonismo é feita por meio do corpo, esta é também combatida, cerceada, questionada, por meio desse mesmo corpo e das materialidades que, como investimentos corporais, o compõem. Portanto a reivindicação de protagonismo juvenil se faz acompanhar do cerceamento no espaço escolar do corpo como artefato cultural e expressividade política.

A análise que apresentamos a seguir foi realizada no contexto da Iniciação Científica da PUC-Rio e se desdobra de um projeto de pesquisa maior, que tem por centro o trinômio juventude, arte e educação. Visamos levar adiante o rendimento oferecido pela articulação entre estéticas corporais, circulação pelo espaço público e a produção de discursividades políticas, como mostramos em outra ocasião (MIZRAHI, 2012, 2015, 2019). Agora queremos explorar tal nexos junto aos protagonismos feministas juvenis e a relação entre racismos cotidianos e visualidade. Nosso ponto de partida é dado pelo espaço escolar. Contudo, a restrição ao contato físico exigido pela pandemia de Covid-19 e a concomitante restrição à circulação de pessoas e coisas e o fechamento de escolas e outros órgãos ligados à administração escolar nos obrigou a, momentaneamente, transferir nossa pesquisa para o campo digital, mantendo nosso foco sobre a criatividade e os processos de subjetivação juvenis e os parâmetros dados pelos dois marcadores de diferença raça e gênero.

É assim um pequeno fragmento de nossa pesquisa que apresentamos aqui. Após essa breve introdução, apresentamos a trajetória conceitual e a mudança de estatuto na antropologia das coisas, artefatos e objetos materiais, os quais estamos aqui amplamente chamando de materialidades, até a conformação de uma Antropologia do Consumo e uma Antropologia da Arte. Em seguida exploramos o rendimento de uma discussão articulada junto à conjunção de uma abordagem da materialidade dos objetos à de uma abordagem da materialidade dos corpos. Na seção seguinte, expomos trechos pertinentes das reportagens analisadas. Por fim encerramos o artigo retomando alguns dos pontos levantados junto aos episódios analisados e propondo que estes nos parecem oferecem caminhos possíveis para repensarmos o projeto escolar.

As materialidades e a vida social

Nossa pesquisa tem por objetivo amplo analisar as reivindicações de protagonismo feminino juvenil, observando a qualidade conectiva que a dimensão estética oferece às jovens, possibilitando que se tornem protagonistas e lideranças ativistas, buscando compreender a articulação entre estética e relações sociais no espaço escolar. No presente artigo, partimos dos

discursos midiáticos para adentrar as tensões suscitadas no espaço escolar pelas diferentes expressões corporais, em particular elementos indumentários e adornos corporais, como uniformes, cabelos e objetos materiais relativos a ancestralidade africana. Tal exploração do discurso midiático, contudo, não se conformara em “análises do discurso”, mas assumirá uma perspectiva antropológica sobre as coisas, seguindo o caminho apontado por elas na significação dos eventos analisados.

A relação que a antropologia estabelece com os objetos materiais é, podemos dizer, ambígua. De um lado os objetos materiais são tema de momentos-chaves dos desenvolvimentos da disciplina, como podemos adentrar por meio das categorias nativas *hau*, *mana*, *potlach*. Termos nativos que foram convertidos a categorias analíticas, tamanha a potência de suas contribuições para as formulações que Franz Boas (CODERE, 1956), Marcel Mauss (2003) e Bronislaw Malinowski (1978) legaram à teoria antropológica. Estes autores forneceram as bases de uma teoria da troca que seria central ainda para os desenvolvimentos das antropologias econômica, dos objetos, dos museus, da arte, do consumo, para a discussão sobre patrimônio. Mas é simultaneamente a esse momento áureo da trajetória das coisas na Antropologia que as materialidades iniciam, se não o seu ocaso, o longo período em que estarão fora de cena. Tomá-las da perspectiva da “cultura material” possibilitou também o projeto evolucionista de ordenar as sociedades, a partir de instrumentos classificados como contendo mais ou menos “tecnologia”. Esse uso mal resolvido da cultura material se desdobrou para o espaço dos museus. De tal modo que se era ali que de fato que a antropologia acontecia (Stocking Jr., 1988), foi ali também que pudemos ver claramente a perspectiva classificatória assumida sobre as sociedades por meio de seus objetos materiais. Quem já visitou um museu tradicional de etnologia ou ala de algum museu que proceda a uma ordenação evolucionista das coisas certamente viu quadros e/ou vitrines com, por exemplo, pequenas lanças ou containers de cerâmica ordenados de modo a induzir o espectador a, ao acompanhar com os olhos a evolução na aparência dos objetos, pensá-la como reveladora da evolução técnica que adviria com a passagem do tempo. Em outros termos, esses quadros e vitrines fazem pensar que uma evolução cronológica corresponde a uma evolução das sociedades. Corresponderia assim ao seu “progresso”.⁶

Concomitante aos desenvolvimentos da antropologia e às críticas feitas por Boas aos limites do método comparativo em antropologia (BOAS, 2006), os museus passaram a contextualizar seus objetos, não sem, contudo, trazer outros problemas. As coisas expostas poderiam ser agora não

⁶ Não terei espaço aqui para esmiuçar a noção de progresso, problematizada por Lévi-Strauss em seu ensaio-libelo “Raça e história” (LÉVI-STRAUSS, 1993).

apenas as consideradas inanimadas, como os artefatos e plantas, mas as coisas animadas não humanas, como animais, e também humanas, como pessoas.⁷ Surgem assim os dioramas, como podemos ver no Museu de História Natural, em Nova Iorque, ou as exposições com humanos expostos, como esteve no Musée de L'Homme, em Paris. Desde o início o problema da representação está colocado para a antropologia, o que culminará, de um lado, na própria reformulação da ideia de museu de etnologia, como emblematicamente representa a fundação do contemporâneo Musée du Quai Branly, em Paris e as muitas controvérsias que envolveu sua concepção (LAGROU, 2008). De outro lado, tal “crise da representação” acarretará a virada reflexiva da antropologia nos anos 1980, colocando no centro da discussão os dilemas éticos que presidiam a representação da cultura e do outro, como feita pelo antropólogo (CLIFFORD, 2002).

Retrospectivamente, podemos ver entre os anos 1920 e 1980 o hiato formado pelas pesquisas que apostam no rendimento analítico que os objetos oferecem para as sociedades estudadas. Esse silenciamento em torno da significação social dos objetos é, no entanto, perturbado por ninguém menos do que Claude Lévi-Strauss, o antropólogo mais renomado no século XX e reconhecido pela originalidade com que suas pesquisas impactaram a disciplina. É junto aos animais e às plantas que Lévi-Strauss leva adiante seu projeto racionalista argumentando, de um lado, que o totemismo dizia respeito menos a uma crença irracional nos poderes dos seres não-humanos e mais a um modo de ordenar a diferença no mundo (LÉVI-STRAUSS, 1975) e que o pensamento mítico era menos “mágico” e mais um modo de conhecer o mundo, classificando-o e procedendo a operações próprias ao pensamento moderno científico (LÉVI-STRAUSS, 1989).

Lévi-Strauss coloca as bases para o que passou a ser intitulado de “sistema classificatório de bens” e que será fundamental para a abordagem das coisas nas sociedades modernas. Mary Douglas (DOUGLAS AND ISHERWOOD, 1979), Pierre Bourdieu (1984) e Marshall Sahlins (2003) trarão, cada um a seu modo, contribuições ao campo a partir de trabalhos que retomam a significação dos objetos na vida social. Em comum aos três, entretanto, está a perspectiva representacional que assumem na consideração da vida material nas sociedades capitalistas. Mais especificamente, na consideração dos bens de consumo. As coisas, de tal perspectiva, *falam* sobre a vida, mais do que possuem capacidades disruptivas de engendrará-la, perspectiva que será imprimida aos bens, objetos, coisas e artefatos a partir da leitura crítica que, nos anos 1980, um grupo de antropólogos produz. Daniel Miller (1987), Arjun Appadurai (2008), Alfred Gell (1998), Grant McCracken (1988), entre outros, argumentarão todos que o significado das coisas advém

⁷ Igor Kopytoff (2008), a partir de uma análise da biografia do escravo, mostra, de modo contra-intuitivo, como o humano pode entrar e sair do estatuto de pessoa e coisa ao longo de sua trajetória de vida.

menos da possibilidade de elas formarem um código análogo ao linguístico, de modo tal que os objetos poderiam ser analisados como linguagem, e mais de suas qualidades materiais, agentivas e de conexão.

Sem desprezar as diferenças que regem cada um dos enquadres oferecidos por esses últimos autores, o que os reúne é o fato de todos eles trazerem para o centro de suas análises a materialidade. As coisas, mais do que simbolizar ou representar uma instância outrem, fazem, causam, agem, participam, facilitam relações sociais. Importante ainda frisar que tal perspectiva alternativa sobre os objetos se deu *pari passu* com questionamentos do chamado grande divisor Natureza e Cultura, colocados em curso a partir dos anos 1980 e que reverberou por diferentes campos da antropologia.⁸

Produzindo corpos e pessoas

Neste artigo adentraremos o campo das juventudes a partir de uma discussão em torno das estéticas corporais, em consonância com a trajetória de pesquisa e as elaborações conceituais de Mylene Mizrahi, que coordena esse grupo de pesquisa. Faremos isso junto ao enquadre fornecido pelas abordagens da materialidade. No que toca aos objetos materiais, privilegiaremos as contribuições que Daniel Miller vem trazendo a esse campo específico. Mas para além da materialidade dos objetos, traremos para nossa conversa a materialidade dos corpos como trazida à cena por Judith Butler na discussão relativa à performatividade de gênero como engendrada pela filósofa norte-americana. Conjugaremos a materialidade dos objetos, como explorada por Miller (1987, 2005, 2013), à materialidade dos corpos, como problematizada por Butler (2019) para junto com ambos os autores notarmos que em um mundo pós-gênero o foco sobre as coisas nos permite adentrar processos de subjetivação e de produção do self de modo amplo. Com Miller e Butler recorreremos aos adornos e ao corpo para pensar a pessoa de modo amplo, tomando o consumo como prática criativa que participa ativamente na produção das estéticas corporais. Os corpos e suas aparências são assim *assemblages* que resultam da apropriação e incorporação de objetos industriais retirados do mercado e aos quais se atribui sentidos próprios⁹.

⁸ Chamamos atenção para duas problemáticas importantes que derivam de uma problematização do cogito cartesiano, como inerente a uma consideração da materialidade e de seus efeitos na vida social. De um lado suas consequências para o problema parte e todo, como produzidas pelas reconceituações de sociedade e indivíduo levada adiante por Marilyn Strathern (1988) em sua conceituação do gênero a partir de etnografias melanésias. De outro, a simetriação entre sujeito e objeto como levada a cabo pelos Estudos da Ciência desde as contribuições de Bruno Latour (LATOUR, 1994).

⁹ Por *assemblage*, termo francês que significa colagem e mais utilizado no campo das artes visuais, queremos nos referir ao próprio processo de montagem e desmontagem que produz o corpo e as estéticas corporais. Fazemos assim

A estética corporal emerge assim como produto de uma composição feita por meio do consumo, entendido de um ponto de vista antropológico. Como atividade que não se encerra com a aquisição do bem e que corresponde a todo o trabalho realizado pelas agências individuais para “desalienar” o produto do mercado (MILLER, 1987). Miller, assim como Gell, McCracken e Appadurai, entre outros, defendem ativamente uma perspectiva não-linguágica dos objetos. Em particular, Miller argumenta que os objetos são “humildes”: nos ordenam silenciosamente enquanto pensamos que somos nós a os ordenarmos. Devemos, segue o autor, colocar o objeto no centro de nossa análise, olhando-o em si mesmo, destacando suas qualidades físicas, sua materialidade. Concordando ainda com o autor que não há nada de superficial naquilo que a superfície dos corpos comunica (MILLER, 2013), recorreremos à noção de performatividade de gênero para argumentar que a corporalidade e a pessoa são produtos tanto do dado biológico quanto como dos objetos materiais colocados na superfície dos corpos ou dados a ver nessas mesmas superfícies (MIZRAHI, 2019).

Em *Corpos que importam*, Butler (2019) busca escapar à diferenciação entre natural e cultural denotada pelos termos sexo e gênero, enquanto definidores de realidades radicalmente distintas e empregados em conjunto e de modo contrastivo. Diferentemente, Butler recorre à materialização que o sexo produz, à materialidade dos corpos, para realizar um argumento circular em que um, digamos o sexo, não precede o outro, digamos o gênero. Tampouco corpo biológico e corpo cultural se definem a partir de uma diferenciação radical entre si mesmos. “Sexo”, segundo a conceituação da autora, é dupla e simultaneamente dado e feito, e é nessa interação, na interação que a performatividade discursiva produz, que emerge de modo sempre provisório o “sexo” feito. Um feito que elabora sempre e a partir do “sexo” dado. Os corpos importam [*body matters*] na medida em que sua materialidade será sempre reiterada pelas práticas regulatórias que produzem o “sexo”.

Essa reiteração necessária ao delineamento do “sexo”, diretamente relacionada à sua provisoriidade, nos remete à defesa que faz Miller (2005) não apenas do rendimento analítico que a materialidade dos objetos pode apresentar para a investigação antropológica, mas do próprio ancoramento que os objetos materiais podem possuir para a constituição da pessoa. Da perspectiva de Miller, os objetos materiais – a roupa, a indumentária, os adornos corporais – facilitam a

referência a duas noções centrais forjadas por Latour na formulação da Teoria do Ator-Rede em seu *Reassembling the social* (2005): ao *actant*, o coletivo de agências humanas e não humanas que resulta na pessoa, e ao que o autor designa “o social”, processo permanente de composição inerente à própria vida social e muito distinto da noção durkheimiana de sociedade total (DURKHEIM, 1999). De nossa perspectiva, portanto, nem vida social nem o corpo e a pessoa estão dados mas estão em permanente movimento, composição e decomposição.

performance de gênero. Propomos ir além, argumentando que os objetos indumentários e os adornos corporais compõem a performance que materializa o “sexo”. Em outros termos, os objetos não apenas facilitam, mas possibilitam mesmo essa performance. Sem eles, sem os objetos de vestuário e os adornos corporais, o gênero não poderia ser performado nem tampouco constituído. Dessa perspectiva, se o gênero é performativo, no sentido de que ele produz uma série de efeitos no mundo junto a modos particulares de agirmos, andarmos e falarmos, e sermos ainda apreendidos pelo outro, isto se dá por meio de nosso corpo e de nossa aparência. Por meio de estratégias de auto-apresentação, compostas tanto através de nossa corporalidade como dos objetos dos quais nos cercamos para performá-las e assim “consolidar uma impressão de ser homem ou ser mulher”.¹⁰

Mas expandindo um pouco mais a noção de performatividade a partir do diálogo com a materialidade dos objetos, podemos pensar que ela nos permite ainda pensar na raça como performativa. Como argumentamos em outra ocasião,

Se as drags recorrem a objetos materiais como roupas, sapatos, maquiagens, cabelos, gestuais e próteses corporais, entre outros recursos, para se produzirem, o mesmo vale para as normatividades sexuais que precisam cotidianamente reiterar o seu gênero em um esquema binário. Vale também, proponho, para abordarmos os diferentes sentidos de self, inclusive as distintas identidades negras, ou os vários modos que uma pessoa encontra para se produzir negra. Ao argumentar que a raça pode ter uma dimensão performativa, não coloco em marcha uma discussão sobre a transracialização, debate acalorado suscitado pela revelação de que Rachel Dolezal, liderança de movimento negro norte-americano, era na verdade branca (Tuvel 2017). O que me parece interessante é perguntar em que medida não podemos também tomar a negritude como performativa e passível de ser performada, assim como Butler propôs em relação ao gênero. Se com os cabelos ambíguos se pode acionar a ambiguidade racial de modo agentivo, o mesmo deve valer para os cabelos Black, reivindicando etnicidade. (MIZRAHI, 2019: 474-5)

No referido artigo exploramos o significado de três diferentes estilos de cabelos negros, portados por mulheres, destacando de um lado seu aspecto relacional, ao qual voltaremos na seção a seguir, e suas qualidades pragmáticas, nas quais por ora nos detemos. Estes três estilos foram os dados pelas extensões de cabelos humanos, investigadas junto a mulheres pertencentes à cadeia produtiva do funk carioca; pelos cabelos Black ou afro, como usados por estudantes de uma universidade do Rio de Janeiro; pelas extensões de cabelos sintéticos, ícone da chamada Geração

¹⁰ Ver entrevista de Judith Butler em <https://www.youtube.com/watch?v=9MlqEoCFtPM>

Tombamento. Como exposto no excerto acima, com Miller e Butler propomos que uma abordagem que resulta da articulação entre teorias da materialidade e teorias da performatividade de gênero permite-nos acessar o modo como são produzidos “os diferentes sentidos de self” e a constituição da pessoa de modo amplo. Permite-nos, portanto, abordar um *self* que produz a si ao produzir seu corpo.

É, portanto, nesse processo de apropriação dos bens – via produção, apreensão e circulação de objetos e imagens – que os sujeitos não apenas dão visibilidade a si como membros partícipes da sociedade urbana moderno-ocidental, mas mostram também como se entendem no mundo e como entendem esse mesmo mundo. De modo que a estética, a forma e a aparência, como discursos não orais, permitem-nos acessar aspectos da vida social que de outro modo poderiam ficar silenciados, constituindo-se em importante ponte de acesso às subjetividades, às moralidades, às emoções, às políticas, às identidades coletivas.

As muitas disputas que o gosto e a aparência colocam em jogo

Nesta seção queremos evidenciar, por meio de embates e descompassos entre jovens, seus pais e instâncias da gestão escolar, o significado que a dimensão estética e a aparência adquire para os primeiros e a simultânea incompreensão desse mesmo significado para as últimas. Desse modo, com a discussão realizada na seção anterior, propomos avançar um pouco mais e argumentar que a beleza, mais do que mera aparência, mostra-se como fortemente relacionada às capacidades agentivas dos corpos e de nossa perspectiva, da pessoa. A aparência em vez de *mera*, simples, superficial, guarda, e muito, suas complexidades (MIZRAHI, 2018). E considerando que entendemos que é por meio da aparência e das estéticas corporais que um se mostra no mundo, mostrando também como o entende e como nele se entende, é também a partir de uma abordagem relacional da estética que nos voltamos para os episódios envolvendo jovens e disputas de gosto no espaço escolar.

Realizamos um levantamento na web de matérias jornalísticas relativas à articulação entre escola e estéticas corporais, tendo por tema os uniformes escolares e os cabelos, norteadas por dois marcadores sociais de diferença: gênero e relações raciais. No total reunimos 40 matérias, a partir das palavras-chaves escolas, alunos, uniforme, cabelos, discriminação e preconceito. Organizamos nossas buscas por meio de três triênios: 2011-2013; 2014-2016; 2017-2019, além de alguns poucos meses iniciais do corrente ano de 2020. No decorrer das análises das matérias foram descartadas notícias abordadas em outros países, uma vez que nosso foco recaiu sobre jovens e suas estéticas

corporais em escolas no Brasil. Portanto das 40 matérias encontradas, foram selecionadas 22 notícias.

Mas se inicialmente partimos de dois marcadores – gênero e raça – identificamos na análise das matérias a incidência de um outro marcador, o de geração, que emergiu a partir das manifestações de estudantes que, em última instância, buscavam criar um diálogo com as esferas de coordenação e direção das escolas, fazendo um contraponto à regra da normalidade imposta pelos uniformes e pelo entendimento do que seriam cabelos adequados ao ambiente escolar. Reproduzimos abaixo trechos das 22 matérias selecionadas. Como esperamos mostrar o denominador comum entre elas se dá pela disputa geracional em torno do que seria a estética adequada para o espaço escolar. Tais disputas fazem ver discriminação de raça e/ou gênero e/ou sexo.

1. O descompasso geracional

“Eu não culpo as diretoras, porque elas são de outra geração. Mas a gente precisa ir tentando melhorar o pensamento de quem está por perto”¹¹

“A gente precisa notar como o feminismo precisa ser debatido ainda, se a gente não falar sobre ele, nunca vai ficar em evidência. (...) Nossa geração tem muita vontade, mas muitas vezes não age”¹²

“A gente tenta conversar, mas ninguém quer ouvir”¹³

“Falamos que não estamos no shopping, que a roupa não deve chamar a atenção. Ainda é uma questão muito arcaica”¹⁴

“Procuramos de alguma maneira contribuir para que não haja sofrimento desnecessário entre aqueles que se colocam com uma identidade de gênero diferente daquela que a sociedade determina. Creio que a escola não deve estar desvinculada de seu tempo e momento histórico. A tradição não importa em anacronia, mas pode e deve significar nossa capacidade de evoluir e de inovar”¹⁵

2. A estética como norma

“Existe um padrão de trabalho, não uma discriminação específica com a Ester” Estudante recém-formada.

¹¹ (<http://g1.globo.com/educacao/noticia/2016/03/alunas-criticam-regras-que-vetam-shorts-em-escolas.html>)

¹² (<http://g1.globo.com/educacao/noticia/2016/03/alunas-criticam-regras-que-vetam-shorts-em-escolas.html>)

¹³ <http://g1.globo.com/educacao/noticia/2016/03/alunas-criticam-regras-que-vetam-shorts-em-escolas.html>

¹⁴ (<http://g1.globo.com/educacao/noticia/2016/03/alunas-criticam-regras-que-vetam-shorts-em-escolas.html>)

¹⁵ (<https://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/colégio-pedro-ii-extingue-distinção-de-uniforme-por-genero-20139240>)

“Não entendeu a regra da escola” Pai de aluno.¹⁶

“A intenção era que o instituto tivesse uma organização mínima e que, por uma questão de segurança, conseguíssemos identificar os alunos. “Diretor do campus, a respeito da imposição do uso de uniforme escolar.¹⁷

“Ela prevê que o cabelo tem que estar dentro da normalidade, mas eu não sei o que isso quer dizer”. Guilherme, Advogado, a respeito de episódio em que adolescente é barrada na entrada da escola ao chegar com cabelo pintado de azul.¹⁸

“É crespo e é cheio. Não é adequado esse cabelo. Venhamos e convenhamos mãe” Fala da Diretora¹⁹

Segundo a denúncia da mãe, a diretoria do colégio havia pedido ao garoto que cortasse o cabelo, de estilo “black power”, por ser “inadequado”, e depois impediu a matrícula da criança.²⁰

Alunos de colégio de SP fazem 'saião' em protesto contra a direção. Diretor diz que não exige uniforme mas aluno deve seguir código informal.²¹

“Eram mini-saias, mini-shorts, como se estivessem indo para a balada. O tipo de vestimenta é totalmente impróprio e tem gerado muitos problemas nas classes”, Fala da diretora.²²

“A tenente-coronel Lúvia Azevedo Alves, que comanda as unidades do Colégio Tiradentes em Belo Horizonte e na Região Metropolitana, nega que tenha havido qualquer orientação para que alunas alisassem o cabelo. Segundo ela, teria havido um mal-entendido sobre adequações que visam a manutenção da estética militar.”²³

“Nós queremos eles parecidos, semelhantes”, explicou. “Por isso o cabelo tem corte [para os meninos]; o rabo de cavalo, a trança das meninas. Mas nós sempre explicamos. Embora sendo militares, e as pessoas têm uma visão do militar como muito endurecido, a ideia não é essa. O novo causa um certo transtorno, mas logo eles se adaptam, a família entende e acaba que todos gostam do colégio”, disse o oficial.²⁴

As escolas cívico-militares começam a ser implantadas, em formato piloto, a partir desse ano. (...) Os alunos deverão seguir uma série de regras de comportamento e vestimenta, que incluem, entre outras

¹⁶ [Movimento negro protesta em frente à escola acusada de racismo - Educação](#)

¹⁷ <http://g1.globo.com/pernambuco/vestibular-e-educacao/noticia/2012/10/apos-protostos-alunos-do-ifpe-derrubam-blitz-do-uniforme-no-recife.html>

¹⁸ <http://g1.globo.com/minas-gerais/triangulo-mineiro/noticia/2012/02/adolescente-pinta-cabelo-de-azul-e-e-barrada-em-escola-em-uberaba.html>

¹⁹ <https://exame.com/brasil/escola-que-mandou-aluno-cortar-o-cabelo-sera-investigada/>

²⁰ <http://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2013/12/policia-vai-investigar-escola-que-pediou-para-aluno-cortar-cabelo-black-power.html>

²¹ <http://g1.globo.com/educacao/noticia/2013/06/alunos-de-colegio-de-sp-fazem-saiaco-em-protesto-contradirecao.html>

²² <http://g1.globo.com/mato-grosso/noticia/2013/02/escola-proibe-saias-e-short-apos-alunas-irem-escola-como-periguete-em-mt.html>

²³ <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2018/10/10/orientacao-sobre-trancas-afro-gera-protesto-de-alunas-em-colegio-da-pm-em-belo-horizonte.ghtml>

²⁴ <http://www.generonumero.media/cabelo-maquagem-e-ate-cor-do-esmalte-modelo-militar-nas-escolas-impoe-controle-dos-corpos-de-estudantes-civis/>

coisas, padrões de apresentação específicos para meninos e meninas. O objetivo, de acordo com o Ministério da Educação, é promover a melhoria na qualidade do ensino na educação básica. Segundo o documento, alunos do sexo masculino deverão “manter nítidos os contornos junto às orelhas e o pescoço” —a ideia seria facilitar a utilização de boina, item obrigatório do uniforme. O estudante também será orientado quanto a necessidade de se apresentar “bem barbeado” e, ainda, “cabelos e sobrancelhas na tonalidade natural”. O item elimina, por exemplo, com a possibilidade do aluno frequentar as aulas com o cabelo platinado. Quanto ao padrão estabelecido às meninas, a aluna “poderá utilizar seus cabelos curtos ou longos”. O manual oferece ainda instruções específicas de acordo com o comprimento. Curtos, “cuidadosamente arrumado”, médios e longos, “rabo de cavalo na parte superior da cabeça ou trança simples. Devem ser mantidos penteados e bem apresentados”. Os adereços estão liberados, desde que sejam “discretos”.²⁵

Mariana Conde Sekeres, de 17 anos, uma das organizadoras da defesa ao colégio, convocada pelo Facebook, afirma que a escola não é racista. Existe um padrão de trabalho, não uma discriminação específica com a Ester, diz a estudante recém-formada. O engenheiro e pai de aluno Carlos Herculano Ávila, de 50 anos, destaca que a escola é inclusiva e também avalia que a estagiária não entendeu a regra da escola de usar cabelos presos.²⁶

Segundo o diretor geral no campus Recife, Valbérico Cardoso, antes do início da fiscalização, houve uma campanha de conscientização, cerca de 15 a 20 dias antes, com a distribuição dos uniformes, informando que o uso deles seria obrigatório. (...)A intenção era que o instituto tivesse uma organização mínima e que, por uma questão de segurança, conseguíssemos identificar os alunos. Muitas vezes eles entravam de chinelo e shorts. Se um desses alunos participasse de uma aula de química, no laboratório, por exemplo, poderia correr até riscos de saúde, se caísse uma solução no pé dele”, disse à reportagem do G1.²⁷

A escola Associação Cedro do Líbano de Proteção à Infância, em São Paulo, está sendo acusada de racismo nas redes sociais após a repercussão de um comunicado enviado aos pais, pedindo para que as alunas comparecessem a um evento de fim de ano com o “cabelo liso e solto”. De acordo com o aviso, assim a apresentação ficaria “ainda mais bonita”.

Abaixo do texto, havia uma foto da atriz Larissa Manoela, que interpretou a personagem Maria Joaquina na novela *Carrossel*.²⁸

²⁵ <https://noticias.r7.com/educacao/cabelo-platinado-e-vetado-em-manual-de-escolas-civico-militares-06022020>

²⁶ [Movimento negro protesta em frente à escola acusada de racismo - Educação](http://g1.globo.com/pernambuco/vestibular-e-educacao/noticia/2012/10/apos-protestos-alunos-do-ifpe-derrubam-blitz-do-uniforme-no-recife.html)

²⁷ <http://g1.globo.com/pernambuco/vestibular-e-educacao/noticia/2012/10/apos-protestos-alunos-do-ifpe-derrubam-blitz-do-uniforme-no-recife.html>

²⁸ <https://catracalivre.com.br/cidadania/escola-de-sp-causa-polemica-ao-pedir-que-alunas-usem-cabelo-liso-e-solto-em-apresentacao/>



“Não responsabilizo as mães ou as filhas. Conversei com elas. O que me incomoda é que isso tenha acontecido dentro do perímetro da escola e que a atitude da instituição tenha sido de omissão. Os pais delas também não foram procurados. A coordenadora foi avisada de que a escola já está trabalhando com as crianças e prefere não colocar a questão em foco, mas a questão precisa estar em foco”, destacou a mãe da aluna²⁹

3. Discriminação racial e/ou racismo

“ É crespo e é cheio. Não é adequado esse cabelo. Venhamos e convenhamos mãe” Segundo a denúncia da mãe, a diretoria do colégio havia pedido ao garoto que cortasse o cabelo, de estilo “black power”, por ser “inadequado”, e depois impediu a matrícula da criança. Fala da Diretora.³⁰

“Desde pequena, digo para minha filha que o cabelo dela é lindo. Ela sempre gostou, mas depois desses episódios, ela me pediu para alisá-lo. Um local que é pra se educar e se respeitar, acabou com a autoestima dela”

“No ano que vem, a minha filha não estará mais estudando lá, mas quantas crianças mais precisarão passar por isso? O black é identidade. É a nossa identidade”

“Antes de ele entrar para o candomblé, eu avisei para a professora e ela logo disse que ele não entraria no colégio. Eu expliquei que ele teria que usar branco e as guias, mas ela não aceitou. (...) Eu levei o meu filho e, na porta da escola, ela [diretora] não viu que eu estava atrás e colocou a mão no peito dele e disse: ‘Aqui você não entra’. E eu expliquei que ele teria que usar as guias e o branco por três meses e aí ela respondeu: ‘O problema é seu’”³¹

A mãe da criança, Polyelle Conrado, disse que na última segunda-feira (20), a filha chegou chorando em casa porque a professora teria lavado o cabelo de todas as colegas, menos o dela porque era “duro”. (...) A diretora explicou que conversou com a professora da sala e com a monitora. Disse ainda que houve um comentário informal da mãe, que não queria que lavassem o cabelo da criança. Mas não há nenhum registro desse pedido. A mãe da menina negra. Disse que nos dias chuvosos ela até achava bom que a filha não lavasse

²⁹ <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/10/mae-diz-que-filha-sofreu-racismo-em-escola-do-rio-cabelo-de-pobre.html>

³⁰ <http://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2013/12/policia-vai-investigar-escola-que-pedi-para-aluno-cortar-cabelo-black-power.html>

³¹ (<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2014/09/aluno-e-barrado-em-escola-municipal-do-rio-por-usar-guias-do-candomble.html>)

o cabelo na escola. Mas como a situação foi se repetindo, pensou que era por causa do racionamento de água no DF. Só esta semana a menina explicou que a "professora" não tocava no cabelo dela.³²

"Olá! Mamãe Débora, peço-lhe se possível aparar ou trançar o cabelinho dos meninos, eles são lindos, mais (sic) eu ficaria mais feliz com o cabelo deles mais baixo ou preso. Beijos, Fran"³³

"Quando eu era menor já falaram do meu cabelo, já falaram da minha cor. Eu não gosto de ficar lembrando. Eu sempre digo que meu cabelo não é duro, e sim o preconceito das pessoas"³⁴

"Não responsabilizo as mães ou as filhas. Conversei com elas. O que me incomoda é que isso tenha acontecido dentro do perímetro da escola e que a atitude da instituição tenha sido de omissão. Os pais delas também não foram procurados. A coordenadora foi avisada de que a escola já está trabalhando com as crianças e prefere não colocar a questão em foco, mas a questão precisa estar em foco", destacou a mãe da aluna. (...) Minha filha vem sistematicamente reclamando de um grupo de amigas e suas atitudes em relação a ela. Relata que a perseguem, criticam e zombam dela com certa frequência. Certa vez, foram três dias seguidos sob a mesma reclamação. (...) Esta semana ela trouxe um capítulo novo: Fulana disse-lhe que seu cabelo "é de pobre", claramente se referindo ao cabelo afro como algo menor. (...) "³⁵

4. Discriminação de gênero e/ou sexismo

"As inspetoras ficaram desesperadas, falaram que não poderíamos usar aqueles shorts porque acarretaria assédio"³⁶

"Eu estudo nesta escola desde a 4ª série e antes eu podia usar shorts. Na 5ª série, foi vetado o uso dos shorts e das saias. Há uma sexualização do corpo da mulher, as regras são moldadas a partir dessa concepção. É uma questão machista"³⁷

"Abaixo-assinados, hashtags (#vaitershortinhosim) e mobilizações promovidas recentemente por alunas, tanto de escolas públicas quanto de privadas, colocaram novamente em xeque uniformes e regras de vestimentas no ambiente escolar. (...) Falam que não estamos no shopping, que a roupa não deve chamar a atenção. Ainda é uma questão muito arcaica"

"Eu fiquei magoado por ter sido chamado de 'viadinho', 'bichinha' e esse tipo de coisa. É simplesmente um salto. Por que um homem não poderia usar?", revoltou-se o rapaz, que ainda questionou: "Se coordenadora, professoras, pedagogas e até colegas podem usar, por que eu não posso?"³⁸

Considerações finais

³² <https://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/policia-investiga-discriminacao-racial-em-creche-publica-do-df.ghtml>

³³ <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-36584895>

³⁴ <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2016/02/12/crianca-negra-sofre-racismo-todo-dia-na-escola-diz-mc-soffia.htm>

³⁵ <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/10/mae-diz-que-filha-sofreu-racismo-em-escola-do-rio-cabelo-de-pobre.html>

³⁶ <http://g1.globo.com/educacao/noticia/2016/03/alunas-criticam-regras-que-vetam-shorts-em-escolas.html>

³⁷ <http://g1.globo.com/educacao/noticia/2016/03/alunas-criticam-regras-que-vetam-shorts-em-escolas.html>

³⁸ <http://g1.globo.com/espírito-santo/noticia/2016/06/aluno-do-es-relata-preconceito-em-escola-ao-usar-salto-alto-apos-teatro.html>

Os descompassos que acompanhamos com as diferentes matérias analisadas se fazem em torno de disputas sobre o que seria uma *estética adequada*. Essa dimensão estética, interessantemente, atravessa gênero e raça como, de um lado, o caso em que uma criança tem sua matrícula proibida a menos que deixe de frequentar a escola com o cabelo “Black power” e a adolescente que é impedida de entrar na escola com cabelo azul. Em ambos os casos o signo é o cabelo e é a visualidade que informa a reação. No primeiro caso, fazemos uma articulação imediata entre racismo e visualidade, mas é interessante notar que a reação da escola é diretamente ligada à forma do cabelo: “a escola não permite extravagâncias”, diz a diretora. No segundo caso não podemos afirmar que há um viés de gênero. E o que fica evidente é que o que move a direção da escola é de fato uma questão de gosto ou o que eles designam com sendo adequação estética. Nesse sentido, o cabelo azul também é lido como uma extravagância.

No entanto, a articulação entre racismo e visualidade é incontornável na medida em que o cabelo Black só pode ser uma extravagância se o que é qualificado como excesso só se faz a partir de uma concepção do que seria um modo correto e, portanto, em bases racistas, de um negro se apresentar. Esse gosto é assim constituído em consonância a um modo mais propriamente brasileiro do racismo operar, anteriormente qualificado por meio de teorias da democracia racial, como legado a partir de Gilberto Freyre (2002), e que Lélia Gonzalez sagazmente qualificou como um racismo de denegação (GONZALEZ, 2019). Podemos pensar, com Kabengele Munanga (2019) que é por meio da reivindicação de uma *estética adequada* que o gosto emerge como operador que permite escamotear o racismo que se manifesta em reação à fenotípicia diversa brasileira. Como negação do racismo e apagamento da “geografia dos corpos de brasileiras e brasileiros” e em prol de uma defesa da mestiçagem como retórica de construção do caráter nacional (MUNANGA, 2013: 544). Esse racismo à brasileira, sendo muitas vezes silencioso, é também muitas vezes manifesto por meio do gosto que, como argumentou Bourdieu (1984), é sempre um desgosto. É sempre a expressão ou a negação daquilo de que não se gosta.

Mas se esse racismo é vivido como uma questão de adequação estética, de gosto, a escola não é lugar de extravagância, esteja-se portando o cabelo black ou o cabelo azul. Não ser extravagante é ser “normal”, uma normalidade que, mais uma vez, está referenciada em um ideal de aparência e de beleza. Observa-se, assim, um ideal de “normalidade” estética na instituição escolar, forjado a partir de uma noção de beleza única e universal. Como no caso da escola que envia para seus alunos a foto de uma artista mirim, branca e de cabelos lisos, informando que é desse modo que as meninas devem se auto apresentar. Note-se que o personagem desempenhado pela menina, em uma novela voltada para o público infanto-juvenil, maltratava seu coleguinha

negro na escola. E se padrões de supremacia racial podem informar o que se entende por estética adequada, esta pode ser informada ainda pelas normas de gênero, como mostra a matéria sobre o aluno de segundo ano do Ensino Médio foi repreendido por vestir saia e top para brincar na festa junina da escola. A escola, apesar de não ter uniforme, argumenta que o aluno deve seguir o código informal, indicando que se a escola não tem uma norma vestimentar existe um código tácito que opera como norma silenciosa. As normas de gênero fornecem, ao menos em parte, as normas estéticas de modo que as normas indumentares são reguladas por papéis de gênero convencionais.

Além de descompassos geracionais, racismos e clivagens de gênero, esses embates em torno da estética adequada permitem notar ainda apreciações de cunho sexista, como no caso em que a direção da escola quer evitar que as meninas usem short de modo a não *distrain os meninos*. O feminino é assim recolocado não apenas como elemento disruptor, mas como elemento perturbador da ordem, e a mulher jovem como a dona da capacidade de atração que deve ser sempre controlada. A mulher aparece assim no lugar daquela sobre a qual o controle deve ser exercido, ao mesmo tempo em que é despida de sexualidade. Pois se aos meninos é franqueado o uso de short fica subentendido que a menina não se deixa despertar por um garoto, como se ela não pudesse ser perturbada por sua sexualidade, por meninos que vestem short e eventualmente despem suas blusas. Fazer do short uma ameaça, sexualiza as meninas. Contudo, não é perguntado às jovens o que significa o short para elas e em que medida ele é usado com a intenção de sensualizar, de instigar o outro de modo erotizado. Como nas palavras de uma delas, “eu não culpo as diretoras, porque elas são de outra geração. Mas a gente precisa ir tentando melhorar o pensamento de quem está por perto”. Sem querer dizer que o erotismo deva ser excluído da vida das jovens, muito ao contrário, mas na verdade quem as erotiza é a própria escola, na figura de mulheres mais velhas que, podemos pensar, se sentem desconcertadas com o corpo jovem exposto.

Voltamos assim à questão inicial, a saber o não entendimento do significado da dimensão estética e da aparência para os jovens de modo amplo, expresso pelas tensões geradas entre uma estética adequada e o descompasso geracional. A incompreensão da relevância da vestimenta para as jovens se articula à incompreensão do significado do corpo na vida dos jovens de modo amplo, como viemos vendo até aqui. E ao falarmos em corpo, notamos mais uma vez, não estamos nos referindo somente à carne ou à sua dimensão orgânica ou ainda à sua biologia, mas pensamos o corpo como uma *assemblage* feita também por meio do mundo dos objetos. Ele se aproxima assim do *actant* de Bruno Latour (2005), de modo que a pessoa é essa agência que emerge do coletivo que constituído por *ânima, carne e coisa*³⁹. Mais ainda, ao falarmos em estética não estamos pensando

³⁹ Ver a nota de número 4 para um breve esclarecimento sobre a noção de *actant*.

somente ao que é dado a ver. Como argumentou Alfred Gell (1998), esse é um modo mais propriamente ocidental de se proceder ao significado do que é dado a ver que se erigiu a partir de uma ruptura entre forma e função ou forma e conteúdo. É dessa perspectiva que argumentamos que a aparência não pode ser, em nosso caso, qualificada como mera, na medida em que nela estão codificados significados que estão para além do visível. Em outros termos, não há nada de superficial no que nos é revelado pela superfície dos corpos.

A estética corporal é uma dimensão fundamental dos processos de subjetivação juvenis. É por meio dela que os jovens se mostram no mundo e mostram como entendem esse mesmo mundo. E esses conflitos mostram ao fim que o que os jovens buscam é garantir a autonomia sobre seus corpos e aparências. Por sua vez, o descompasso geracional indica que as instâncias de gestão precisam se despir de suas concepções e conhecimentos prévios para levarem a sério as muitas reivindicações juvenis. Como propôs Serres (2013), se é a escola que queremos transformar é aos jovens que devemos ouvir. E se, como demonstrou Nilma Lino Gomes (2003), a estética tem poderes para promover uma educação antirracista, olhar para ela do ponto-de-vista dos jovens certamente contribuirá para a tarefa de repensarmos o projeto escolar.

Referências Bibliográficas

APPADURAI, A. **A vida social das coisas**: as mercadorias sob uma perspectiva cultural. Niterói: Editora UFF, 2008.

BOAS, F. As limitações do método comparativo da antropologia. In: CASTRO, C. (Org.). **Antropologia Cultural/Franz Boas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006, pp. 25-39.

BOURDIEU, P. **Distinction**: a social critique of the judgement of taste. London: Routledge and Kegan Paul, 1984.

BUTLER, J. **Corpos que importam**. São Paulo: n-1 edições; Crocodilo Edições, 2019.

CLIFFORD, J. **A experiência etnográfica**: antropologia e literatura no século XX. GONÇALVES, J. R. dos S. (Org.). Rio de Janeiro: UFRJ, 2002.

CODERE, H. "The amiable side of kwakiutl life: potlach and the play potlach". *American Anthropologist*, vol. 58: 334-351, 1956.

DOUGLAS, M.; ISHERWOOD, B. **The world of goods**. London: Routledge, 1979.

FREYRE, G. **Casa-grande e senzala**. Rio de Janeiro: Record, 2002. 46ª edição.

GELL, A. **Art and Agency**: na anthropological theory. Oxford: Clarendon Press, 1998.

GONZALEZ, L. “A categoria político-cultural da Amefricanidade”. **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Hollanda, H. B. de (org.). Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

GOMES, N. L. “Cultura negra e educação”. *Revista Brasileira de Educação*, 23: 75-25, Maio/Jun/Jul/Ago 2003.

HOLLANDA, H. B. de. **Explosão feminista: arte, cultura, política e universidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

KOPYTOFF, I. “A biografia cultural das coisas: a mercantilização como processo”. In: **A vida social das coisas**. Niterói: EdUFF, 2008. pp. 89-121.

LAGROU, E. “A arte do outro no surrealismo e hoje”. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 14, n. 29: 217-230, jan./jun. 2008.

LATOUR, B. **Jamais fomos modernos**. São Paulo, Editora 34, 1994.

_____. **Reassembling the social: an introduction to the actor-network theory**. Oxford: Oxford University Press, 2005.

LÉVI-STRAUSS, C. **O totemismo hoje**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1975.

_____. **O pensamento selvagem**. Campinas: Papirus, 1989.

_____. “Raça e história”. **Antropologia estrutural 2**. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1993. pp. 328-366.

MALINOWSKI, B. **Os argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné, Melanésia**. 2ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978. Coleção Os Pensadores.

MAUSS, M. “Ensaio sobre a dádiva”. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003. pp. 183-314.

MCCRACKEN, G. **Culture and consumption**. Indiana: Indiana University Press, 1988.

MILLER, D. **Material culture and mass consumption**. Oxford: Basil Blackwell, 1987.

_____. **Materiality**. Durham: Duke University Press, 2005.

_____. **Trecos, troços e coisas: estudos antropológicos sobre a cultura material**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

MIZRAHI, Mylene. Cabelos como extensões: relações protéticas, materialidade e agência na Estética Funk Carioca. **Textos Escolhidos de Cultura e Arte Populares (Impresso)**, (9): 135-157, 2012.

_____. Cabelos ambíguos: beleza, poder de compra e ‘raça’ no Brasil urbano. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, 30 (89): 31-45, 2015.

À procura da estética adequada: Raça, gênero e geração no espaço escolar

Mylene Mizrabi

Amanda Carvalho

Priscilla Mello

Maria Gabriela Alduino

_____. O Rio de Janeiro é uma terra de homens vaidosos: mulheres, masculinidade e dinheiro junto ao funk carioca. **pagu**, 52, 2018.

_____. As políticas do cabelos negros, entre mulheres: estética, relacionalidade e dissidência no Rio de Janeiro. **Mana**, 25: 457-488, 2019.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

SERRES, M. **Polegarzinha**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

SAHLINS, M. “La pensée bourgeoise”. **Cultura e razão prática**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003. pp. 166-203.

STOCKING JR., G. **Objects and others: essays on museums and material culture**, Univ of Wisconsin Press, 1988

Experiências, multipertencimentos e riscos de vida: Narrativas de jovens filhos de jovens vítimas de homicídios

Experience, many belongings and risks of life: Narratives of young children of young victims of homicides

Camila Holanda Marinho¹
Samara Edwiges Andrade Lima²
Vinicius Cavalcante Santos³

Resumo

As últimas décadas apresentaram aumento exponencial de jovens vítimas de homicídios no Brasil. Com isso, percebe-se a produção de um grupo formado por jovens que são filhos de jovens vítimas de homicídios. Nesse sentido, esse artigo tratará de reflexões sobre a memória e o esquecimento, as rotulações sociais e os multipertencimentos relacionados às identidades e experiências juvenis analisadas através da compreensão de trajetórias juvenis na contemporaneidade. Para tanto, foram realizadas entrevistas semidiretivas e presenciais com três jovens que possuem experiências em instituições educativas e atividades laborais e que tiveram seus pais vítimas de homicídios na cidade de Fortaleza.

Palavras chave: Juventudes. Homicídios. Rotulações. Experiências. Multipertencimentos

Abstract

The last decades have shown an exponential increase in the number of young victims of homicides in Brazil, with that, we can see the production of a group formed by young people who are children of young victims of homicides. In this sense, this article will deal with reflections on memory and forgetfulness, social labeling and many belonging related to youth identities and experiences analyzed through the understanding of contemporary youth trajectories. To this end, semi-directive and face-to-face interviews were conducted

¹ Doutora em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professora da Universidade Estadual do Ceará (UECE), no curso de Ciências Sociais, *campus* Itapipoca, e no Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas. Integrante da REAJ – Rede de Estudos e Pesquisas sobre Ações e Experiências Juvenis. Coordenadora do TRAVESSIAS: Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Trajetórias Juvenis, Afetividades e Direitos Humanos.

² Graduanda do curso de Serviço Social da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Bolsista do programa de Iniciação Científica IC/UECE. Pesquisadora do TRAVESSIAS: Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Trajetórias Juvenis, Afetividades e Direitos Humanos.

³ Graduando do curso de Ciências Sociais *campus* Itaperi da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Bolsista do programa de iniciação científica da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico (FUNCAP). Pesquisador do TRAVESSIAS: Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Trajetórias Juvenis, Afetividades e Direitos Humanos.

Experiências, multipertencimentos e riscos de vida: Narrativas de jovens filhos de jovens vítimas de homicídios
Camila Holanda Marinbo
Samara Edwiges Andrade Lima
Vinicius Cavalcante Santos

with three young people who have experiences in educational institutions and work activities and whose parents were victims of homicides in the city of Fortaleza.

Keywords: Youth. Homicide. Lettering. Experiences. Many belongings.

Entre o crime e o rap, click-clack,
Nasce um som, morre um moleque
História triste sem snap,
Quem é guerra quer paz
Vocês querem músicas sobre armas
Escrevo sobre traumas

Favela Vive 3. ADL, Choice, Djonga, Menor do Chapa e Negra Li. 2018

Riscos iniciais

A letra do rap citado na epígrafe desse artigo anuncia os temas que serão discutidos: juventudes e suas lutas em defesa da vida. Essa composição de Choice, Djonga, Menor do Chapa, Negra Li e grupo ADL, importantes rappers brasileiros, entrelaça suas experiências de vida com a sonoridade de resistência das periferias brasileiras. Ser jovem, preto, morador de um bairro pobre no Brasil produz elementos de rotulações, de um lado; mas, por outro, demarca um lugar social caracterizado pela expressão de uma criatividade que narra as suas trajetórias de vida e as de seus “chapas”, “parceiros”, “irmãos”, alardeadas através de produções artísticas que sinalizam desafios enfrentados pelas culturas juvenis na contemporaneidade.

As juventudes do século XXI vivem sob a providência da luta pelo reconhecimento e da proteção de suas vidas. Suas trajetórias são delineadas por um cenário de instabilidades e incertezas marcado pela dificuldade de inserção não precária no mundo do trabalho, pela experiência em instituições escolares inclusivas e não violentas, pelo trânsito na cidade não ameaçado pela violência institucional, pela afetividade plural e respeitada e pelo reconhecimento de que suas vidas importam. Ser jovem em um mundo onde sua existência é classificada pela ideia limítrofe de que eles não são isso ou aquilo, de que não sabem o que sentem ou o que querem, é negar suas singularidades e pensar suas experiências juvenis através de vieses estereotipados e homogeneizantes. Podemos considerar que o enquadramento nos limites discursivos produzidos para as juventudes do século XX — Geração Perdida (anos 30), Geração Silenciosa (anos 40 a 60), *Baby boomers* (anos 40 a 60), Geração Y (anos 80) ou Z (anos 90), por exemplo — fortalece uma ideia totalizante e eurocêntrica, que desconsidera o fato de que essas experiências não foram vividas

por todas as juventudes da mesma maneira, especialmente quando incluímos as interseccionalidades, que desfazem uma visão hierarquizada e colonizada das experiências sociais.

As dificuldades de compreensão de grupos juvenis, esquematizando-os em simplificações e/ou rotulações que podem anular suas singularidades, negam sua percepção dentro de uma ideia de cultura. Portanto, dentro da perspectiva socioantropológica de entendimento de que a cultura representa uma complexidade, um comportamento, um padrão de significados que incorpora simbologias, performances e multipertencimentos produzidos pelos indivíduos e apreendidos de geração em geração através das práticas sociais. Machado Pais, na obra *Culturas Juvenis* (2003), compreende a dimensão das juventudes como sintomas de cultura:

Se as culturas juvenis aparecem geralmente referenciadas a conjuntos de crenças, valores, símbolos, normas e práticas que determinados jovens dão mostras de compartilhar, o certo é que esses elementos tanto podem ser próprios ou inerentes à fase de vida a que se associa uma das noções de “juventude”, como podem, também, ser derivados ou assimilados: quer de gerações precedentes (de acordo com a corrente geracional da sociologia da juventude), quer, por exemplo, das trajetórias de classe em que os jovens se inscrevem (de acordo com a corrente classista) (2003: p.30).

Nesse sentido, esse artigo tratará de uma compreensão que toma as juventudes a partir da ideia de pluralidade e de suas expressividades culturais. Com isso, podemos refletir sobre as diversas possibilidades de experiências nas quais as juventudes estão situadas como atores sociais, no caso, aqui, quando as suas experiências juvenis são marcadas por um cenário de violências. Nesse sentido, dois conceitos são importantes para o debate sugerido nesse texto: o conceito de experiência e o de reconhecimento. Convidamos os leitores a seguir conosco um caminho teórico pelo qual as juventudes em situações de violências (tomando, do mesmo modo, o conceito de violência dentro de sua pluralidade) buscam reconhecimento social no curso de suas experiências juvenis.

Compreender as juventudes a partir do conceito de reconhecimento é importante, pois, no caso do elevado índice de homicídios de jovens no Brasil, suas famílias e as redes afetivas dos quais estão inseridos, lutam para que haja o reconhecimento da sua condição humana em diferentes perspectivas. Para Honneth (2003), existe uma estrutura tripartite das relações de reconhecimento. Primeiramente, o autor pretende apresentar a dimensão das relações de reconhecimento pelo amor, que estão ancoradas estruturalmente na dimensão da natureza afetiva e dependente da personalidade humana, podendo ser essa dimensão violada através de um ato de violência física contra uma pessoa. A segunda dimensão diz respeito ao reconhecimento das pessoas como sujeitos de direitos, pois os indivíduos precisam estar em condições de desenvolver sua autonomia, a fim

de que possam reconhecer-se reciprocamente como pessoas jurídicas contemplada por direitos civis, sociais e políticos. O desrespeito a essa dimensão gera casos de privações e de exclusões. A terceira dimensão exposta por Honneth versa sobre a solidariedade, portanto, a esfera de integração social, onde encontram-se os valores e os objetivos que constituem a autocompreensão cultural de uma sociedade. Nesse caso, o desrespeito é representado através da degradação da integridade moral da pessoa. Assim, Honneth entende que a dimensão da personalidade ameaçada é aquela da dignidade e com isso mobilizadora de injúrias e estigmatizações.

A aplicabilidade dessa teoria no caso brasileiro nos leva a uma reflexão sobre a efemeridade das trajetórias de jovens registradas nos 35.783 assassinatos que ocorreram no país, segundo dados do *Atlas da Violência – Retrato dos Municípios Brasileiros 2019*, elaborado pelo IPEA em parceria com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública⁴. Essas mortes, dentro de uma lógica violenta de sociedade e Estado, possuem índices em ascendência que não se estabilizam ou reduzem. Esse dado revela, portanto, a necropolítica, como assinala Achille Mbembe (2011), quando o Estado, ao escolher quem deve viver e quem deve morrer, quando nega a humanidade do outro, torna qualquer violência possível, inclusive o extermínio de vidas. São jovens pretos, pobres, nordestinos e do sexo masculino que, ao longo de suas trajetórias, lutaram por reconhecimento e deixaram essa luta como uma herança para suas famílias. São pessoas, muitas vezes, cuja humanidade é negada, tendo suas mortes aceitas em virtude da proteção daqueles que podem ter suas vidas ameaçadas por jovens “perigosos”.

No correr de suas experiências de vida, a maioria dos jovens que são assassinados no Brasil possuem pouca escolaridade e uma frágil inserção no mundo do trabalho. Uma pesquisa realizada pelo Comitê de Prevenção e Combate à Violência da Assembleia Legislativa do Ceará⁵ revelou que, antes dos jovens morrerem, foram ameaçados e tiveram amigos, irmãos e primos vítimas de homicídios. As mortes ocorreram perto de suas casas, possibilitando que a sua mãe, uma das primeiras a chegar na cena do crime, pudesse ouvir o tiro que matou seu filho. Seus familiares lutam pelo reconhecimento de que “suas vidas importam”, através da apuração do caso pelo judiciário, pois muitos inquéritos policiais, além da frágil apuração, não apontam o autor do crime, prejudicando o andamento do processo legal, e, com isso, ficando na impunidade. Além disso, as pessoas que compõem suas redes de afetividade convivem com a construção da imagem dos jovens associadas a práticas imorais e ilegais, que podem justificar seus assassinatos, pois é comum

⁴ Ver relatório em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/19/atlas-da-violencia-2019>

⁵ Ver relatório em: <https://cadavidaimporta.com.br/>

perceber a recorrência de estigmas que o senso comum produz sobre suas breves trajetórias de vidas. No entanto, não há nenhuma pesquisa ou dado oficial que identifique que a maior parte dos jovens assassinados estavam envolvidos com o mundo do crime, e, mesmo estando, um Estado Democrático de Direito deve partir da premissa da responsabilização dos crimes cometidos, e não da pena de morte. São mortes matadas em razão do número elevado de armas ilegais que circulam pelo país, assim como do despreparo de uma parte dos agentes de segurança pública, uma polícia que mata e morre muito no Brasil⁶.

Sendo assim, as trajetórias de vida de jovens em risco e ameaçado de morte no Brasil estão marcadas pela experiência da precariedade. É precário o acesso às políticas públicas, a uma vida segura, à inserção no mercado de trabalho, às atividades de lazer e cultura, produzindo, dessa forma, marcas de inseguranças e incertezas que delinham suas experiências de vida, comumente compartilhadas pelos jovens através de seus discursos, quer seja nas atividades de pesquisa realizadas pelos acadêmicos, ou nas ações do campo da intervenção social orquestradas pelos operadores das políticas públicas e sociais. Walter Benjamin (1975) discorre que a experiência é uma vivência compartilhada pela narrativa. Portanto, o autor compreende que a experiência é uma vivência, algo que o sujeito passou, que atravessou, algo que aconteceu e que não será nada se não puder ser transformada em alguma narrativa compartilhada socialmente. Para Benjamin, é o compartilhar que transforma a vivência em experiência. Jorge Lorrosa (2002) entende que o saber da experiência possui uma qualidade existencial e emana as apropriações de nossa própria vida. Dessa forma, “o saber da experiência não se trata da verdade do que são as coisas, mas do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece” (p. 27). Portanto, é um saber adquirido em virtude do modo como alguém vai respondendo ao que vai lhe acontecendo ao longo da vida, assim como o modo como as pessoas são afetadas pelos acontecimentos vividos.

Após esse preâmbulo inicial, o objetivo desse artigo é analisar as narrativas e as experiências de vida de jovens que são filhos de jovens que foram assassinados em Fortaleza nos idos dos anos 2000. Qual a memória que possuem sobre seus pais? Como compreendem as classificações sociais que recebem? Quais os laços de multipertencimentos e os discursos sociais que produzem sobre a condição juvenil na contemporaneidade? Essas indagações foram investigadas em uma pesquisa qualitativa⁷ que fez uso de entrevistas semidiretivas realizadas de forma presencial como recurso

⁶ Ver artigo “Letalidade e Vitimização Policial: características gerais do fenômeno em três estados brasileiros” de Luís Felipe Zilli. Disponível em: http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/8873/1/bapi_17_cap_10.pdf

⁷ Projeto de Pesquisa coordenado pela Prof.^a Dr.^a Camila Holanda Marinho, com o financiamento de bolsas vinculadas ao programa de iniciação científica da Universidade Estadual do Ceará (UECE) e da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico (FUNCAP) em edital com vigência 2019/2020. As entrevistas demarcam a primeira etapa

metodológico para o registro das narrativas e das trajetórias de vida dos jovens que concordaram em compartilhar conosco suas emoções, posicionamentos e experiências.

Morte e vida juvenis

Fortaleza no ano de 2002, segundo dados do Mapa da Violência no Brasil III⁸, registrou 395 casos de homicídios de jovens na faixa etária entre 15 e 29 anos. Dez anos depois, essa taxa teve um aumento exponencial, chegando a um número de 1.294 casos, segundo dados do *Mapa da Violência 2014: os jovens do Brasil*⁹. Por trás desses dados, identifica-se a existência de um grupo no qual suas emoções ante a morte e o luto podem estar invisíveis e silenciadas, por estarem alocadas nas periferias da cidade. No entanto, são histórias de garotas que sofrem com a morte, que vivem com a saudade e lutam pela preservação da memória dos garotos de vidas efêmeras, portanto “jovens viúvas”, conforme definido por Camila Holanda Marinho (2009):

Essas são garotas que namoraram rapazes envolvidos em gangues, com eles tiveram filhos e foram, posteriormente, surpreendidas com a notícias de suas mortes. “Mortes prematuras”, pois, apesar de anunciadas, não eram acreditadas. E, quando elas acontecem, inicia-se mais um novo período em suas vidas. Em seus relatos, percebo como esse eterno recomeçar possibilita diferentes definições e marca as trajetórias percorridas. Em cada um desses momentos, essas jovens acumulam experiência e estigmas, papéis e atitudes, traumas e lições (2009: p. 65).

Nessa pesquisa, a autora buscou alcançar nos discursos das narradoras, as compreensões que possuem sobre a maternidade, a morte, o comportamento feminino e os espaços de sociabilidade onde vivem, para com isso, revelar a produção do universo simbólico que atribuem a vida social e os desafios vivenciados nas trajetórias de jovens de vidas em risco. Portanto, discutir questões que envolvem as “jovens viúvas” vai além de desvendar seus perfis, nos levando a alcançar o contexto em que elas estão inseridas, que assim como de muitos jovens brasileiros, que vivem em territórios vulnerabilizados pela pobreza e permeados por violências de diversas ordens. Assim como os seus namorados, suas vidas também são marcadas pela precariedade de acesso aos serviços públicos e por um cotidiano em que aparentemente a vida se banalizou e a morte perdeu sua

da pesquisa por realizar levantamento de dados com jovens inseridos em atividades laborais ou educacionais. Posteriormente, serão realizadas entrevistas com jovens que estão cumprindo medidas socioeducativas, pois foram interrompidas em razão da pandemia no Covid-19.

⁸ Ver: https://www.mapadaviolencia.net.br/publicacoes/MapaViolencia_III.pdf

⁹ Ver: https://www.mapadaviolencia.net.br/pdf2014/Mapa2014_JovensBrasil.pdf

conotação trágica, tornando-se um espetáculo cotidiano televisionado por programas policiais. Seus percursos são marcados por lutas simbólicas em defesa da preservação de suas trajetórias e contra as rotulações que podem legitimar a necropolítica como uma ação que tem os jovens, pobres, pretos e nordestinos como alvo.

Num cenário com contornos mais dramáticos, onde a curva da vida não se estabiliza, o que possibilitaria vidas longas, e não breves, aos jovens, retomamos uma das preocupações das “jovens viúvas” com seus filhos. Elas disseram que temem que seus filhos vivenciem situações de risco, de ameaça às suas vidas, de preconceito que possa fazer com que eles carreguem a herança de ter suas histórias de vida marcadas pelas tragédias ocorridas nas histórias de seus pais. Com isso, os relatos de Anderson, Miguel e Rebeca¹⁰ são reveladores de questões contemporâneas sobre as juventudes brasileiras. Em comum, eles possuem em suas trajetórias inserções positivas no mundo do trabalho e em instituições educacionais, no entanto compartilham o medo e se indignam com a possibilidade de sofrerem algum tipo de violência, seja diretamente contra eles ou contra um amigo, irmão, primo ou conhecido que pode ter sua vida ameaçada. São jovens que escutam rap, música regional e brasileira. Namoram, se divertem, convivem com suas mães e familiares e assumem os discursos do modo de vida de sua geração. Carregam rótulos, memórias e multipertencimentos como emblemas das culturas juvenis ao refletir as singularidades inquietantes de suas experiências de vida.

Anderson é um jovem de 20 anos que teve o pai assassinado (25 anos), quando ele tinha 4 anos de idade, em um conflito que envolveu traficantes e milicianos em seu bairro. Completou o Ensino Médio em uma escola de educação profissional e trabalha com carteira assinada. Mora com sua namorada e tem uma filha de 01 ano. Sua família materna é formada pela mãe e por um irmão. Anderson foi um dos jovens que integrou o movimento de ocupação secundarista das escolas de Fortaleza no ano de 2016, assumindo-se como líder e tendo Marielle Franco como inspiração. Trabalha como atendente de um banco, sonha em fazer um curso para se tornar professor, porém adiará esse sonho para cursar administração de empresas à distância, financiada pela sua contratante. Anderson é um jovem que possui um discurso bastante politizado, pois reconhece seu “privilegio branco”, reclama da ineficiência dos partidos políticos como lugares de identificação juvenil e da fragilidade do papel da escola como lugar de proteção e produção de projetos de futuro para os jovens.

Miguel tem 19 anos e concluiu o Ensino Médio na rede pública. Recebeu uma bolsa de um programa governamental de inserção profissional, mas está atualmente desempregado, porém faz

¹⁰ Os três nomes são pseudônimos e serão usados para preservar a privacidade e integridade dos narradores.

uns “tramos” para conseguir uma renda em atividades eventuais, como no salão de beleza de sua tia e em festas e eventos como *barman*, a convite de amigos. Miguel é um representante da Geração N, um jovem que trabalha muito em atividades informais e eventuais. Ele nos disse que sonha com o ingresso em uma universidade, pois com uma graduação ampliaria suas oportunidades no mercado de trabalho. Aos 5 anos de idade, presenciou a morte de seu pai (28 anos), que foi baleado ao defender sua mãe de um assédio por parte de homens desconhecidos em um dia de lazer em uma lagoa da cidade. Atualmente, se divide entre morar com sua avó e com sua mãe em residências localizadas em bairros distintos e periféricos de Fortaleza. O jovem tem quatro irmãos filhos do mesmo pai e da mesma mãe. Miguel nos contou que seu maior objetivo é dar melhores condições de vida à sua mãe, que sofre há 10 anos com lúpus¹¹.

Rebeca, 20 anos de idade, é uma jovem fruto de uma geração onde o debate feminista é forte e cotidiano. Ela disse que lembra do dia do assassinato de seu pai (28 anos), pois tinha 11 anos, e afirma que sua morte foi ocasionada pelo envolvimento com o tráfico de drogas. Rebeca é uma jovem estudante da Universidade Estadual do Ceará. Ela não trabalha, mas já teve vínculo empregatício em empresas de venda de seguros e em uma locadora de automóveis. Como renda, possui uma bolsa de extensão da Universidade e nos contou que sua mãe se esforça trabalhando muito para que ela não precise trabalhar e se dedicar integralmente aos estudos. A jovem reside em um bairro da periferia e mora com a mãe e a avó. Na entrevista realizada com Rebeca, ela relatou uma relação abusiva que viveu com um namorado aos 18 anos, deixando traumas que fazem com que ela reavalie sua relação atual por medo de sofrer algum tipo de violência, mas afirma que o atual namorado é um jovem que a respeita e compartilha com ela o mesmo gosto musical.

Multipertencimentos

Ser jovem na cidade de Fortaleza, capital do estado do Ceará, poderia conter inúmeros significados positivos, vide a rica variante urbanística do local. A cidade é um chamado ao atrevimento e à curiosidade típica das juventudes. Com um litoral que banha inúmeras comunidades, as possibilidades de criações e reinvenções são inúmeras. Elas vão dos *trances* no

¹¹ Doença inflamatória e autoimune, que pode afetar múltiplos órgãos e tecidos, como pele, articulações, rins e cérebro. Miguel falou que sua mãe sofre com o fato de não poder sair na rua durante o dia, pois o sol afeta gravemente sua pele.

mangue da Sabiaguaba à prática de surf no Titanzinho, os saraus no Mirante e no Jangurussu, os skatistas da P.I. (Praia de Iracema), os flertes na Praia dos *Crush*, até chegar nas rodas de capoeira na região mais à oeste, que contempla o Pirambu, Cristo Redentor e Barra do Ceará. Para além da região praiana, os demais bairros também contam com aglomerações juvenis em torno dos reggaes de rua, batalhas de rima nas praças, bailes funk, festas voltadas à comunidade LGBTQIA+, casas de forró, casas de santo, igrejas, templos, ruas e praças.

Todo esse exposto tem como finalidade pincelar a pluralidade de culturas e oportunidades de vivências que afetam coletivamente meninas e meninos desta cidade. Entretanto, essa vivência é atravessada por determinantes como a exclusão por gênero, raça e classe social que são provocadas nas diversas manifestações de violência por parte de ações dos poderes públicos e das organizações criminosas. Fora a violência policial, as periferias da capital estão cada vez mais divididas entre grupos armados que cometem crimes, comumente conhecidos como “facções”, que lutam pela hegemonia dos territórios. Um dos comportamentos que foi assimilado pela população da cidade, sobretudo jovens, se refere à limitação da circulação por determinados bairros. Durante o período de pandemia causada pelo coronavírus, segundo dados do Fórum Popular de Segurança Pública do Ceará¹², de janeiro a maio de 2020, cerca de 798 adolescentes e jovens de 12 a 24 anos foram assassinados, representando 42,29% do total de mortes desse período com um aumento de 138,92%, se for comparado com o mesmo período do ano anterior. Tais dados mostram como sequer a pandemia foi capaz de cessar a violência que atinge crianças e jovens cearenses.

Gilberto Velho (2006) alerta que os jovens não constituem tribos ou segmentos isolados, pois sua heterogeneidade e dinamismo, vinculados a novos tipos de projetos e trajetórias, são “combinações e sincretismos, que de algum modo originais, certamente podem nos ajudar a pensar melhor sobre problemas teóricos e concretos da vida social” (2006, p. 200). Portanto, para o autor, multipertencimentos se refere:

a construção das identidades é um processo que decorre do tempo, é dinâmico, transforma-se e se dá em múltiplos contextos socioculturais e níveis de realidade. Essas experiências, no entanto, não são indiferenciadas. Elas têm pessoas, valores e significados específicos que precisam ser analisados tendo como referência básica os pontos de vistas e visões de mundo das categorias sociais consideradas (2006: p. 193).

¹² Ler Nota Pública divulgada em: <https://www.instagram.com/p/CBqy3TcF6QG/>

Um dos narradores dessa pesquisa, Anderson é um jovem consciente sobre as desigualdades que afetam a juventude de sua cidade e reconhece seus privilégios por ser um rapaz branco, que concluiu o Ensino Médio e possui um trabalho formal. Ele afirma que sua formação política teve início no 8º ano do Ensino Fundamental, quando fundou o primeiro grêmio estudantil de sua escola: “O meu crescimento político me fez conhecer o outro lado das coisas”. O jovem relata que figuras públicas do atual cenário nacional, como Marielle Franco, Tarcísio Motta e Taléria Petrone são pessoas com quem possui afinidades ideológicas. Anderson se refere à Marielle Franco como grade admiração: “Você não vê um discurso dela que não fique pensando: ‘Caralho, pelo amor de Deus!’ Quando fui no Rio de Janeiro ainda tinham muitas paredes pintadas com imagens dela e cartazes pela cidade.” O relato a seguir mostra como a morte de Marielle possui atravessamentos e sentidos múltiplos, ao simbolizar a luta por justiça social e contra as diversas formas de opressão, e impactou afetivamente e politicamente a trajetória de Anderson:

Houve uma mudança na minha vida. Meu aniversário foi dois dias antes da morte da Marielle. Após a morte dela, teve uma ciranda gigantesca na Praça da Gentilândia só com mulheres. Parece que aquele dia mudou minha vida porque foram tantos sentimentos. Eu já tava começando a me afastar da militância e a morte dela me sugou de volta. Hoje tô bem afastado porque é difícil conciliar filhos, trabalho e militância.

Em 2016, ano em que Anderson ocupou uma Escola de Ensino Médio em Fortaleza, na chamada “primavera secundarista” que ocorreu em todo o Brasil, ele foi expulso da escola após a desocupação quando cursava o 4º bimestre do primeiro ano do Ensino Médio. Durante a entrevista ele relembra com saudosismo e melancolia o destino de companheiros que não tiveram a mesma sorte que ele:

Tem um menino que era da ocupação que foi excluído da escola e hoje ele é faccionado. Ele foi expulso no final do segundo ano, não chegou nem a concluir. Ele era um aluno muito bom, muito inteligente, tinha muito potencial, mas a escola o enxotou, e a facção abraçou, assim a escola faz até hoje. A escola enxota, e a facção tá lá pra abraçar.

Esse relato aciona um alerta sobre o lugar da escola nas trajetórias juvenis. A relação entre escola e juventudes possui grandes contradições no que diz respeito à ideia de equidade e qualidade. Juarez Dayrell (2007) aponta que é no âmbito dessa instituição que a maior parte dos jovens toma consciência de oportunidades e possibilidades existentes no curso de suas trajetórias de vida, ao mesmo tempo que tem a percepção de que lhes são negadas as condições reais para aproveitá-las.

Outro ponto diz respeito aos desafios em tornar a escola um lugar interessante e acolhedor das necessidades e desejos juvenis, visto que o que costuma ser dito pelos jovens é que a escola não consegue entender nem responder suas reais demandas, pouco contribuindo em suas construções como sujeitos ou excluindo-os em casos de contestações de seus limites educativos, como no caso das lideranças das ocupações de escolas na “primavera secundarista”. Anderson coleciona histórias de jovens que foram expulsos pela escola e abraçados pelas facções, assim como lamenta viver em um bairro onde um grande número de pessoas passam pela experiência do encarceramento.

Nesse sentido, consideramos importante analisar o que os jovens que participaram dessa pesquisa pensam sobre a redução da maioridade penal e as práticas de encarceramento juvenil. A seguir suas percepções sobre os temas:

A redução da maioridade penal, por exemplo, é enxugar gelo, sabe? Porque não vai sanar o problema, que é muito maior e complexo. Essas pessoas estão precisando de amparo e de ajuda. O Estado tem que seguir o que está no ECA e cumprir o seu dever. As pessoas não têm saúde de qualidade, não se alimentam direito, as escolas são precárias como aqui no Jangurussu. Esses meninos vão ser encarcerados com outros e produzirão mais crimes. Acho que é isso o que as facções querem. Encarcerar os meninos com os adultos vai ser ruim. É uma lavagem cerebral tão grande que as facções fazem na cabeça dos meninos que os próprios falam que se quiser matar pode matar porque estão aí pra morrer (Anderson, 20 anos).

Não adianta você reduzir a maioridade penal, sendo que você vai colocar um menor de idade, dentro de um presídio com caras muito mais experientes do que ele, que podem corromper ele a ficar ainda mais mau. Então, se houvesse um projeto em torno disso, e fizesse com que, tá você cometeu tal crime e você vai ficar preso numa cela de crimes semelhantes, idades semelhantes, em algo totalmente organizado, e não nessa desorganização que é o sistema carcerário brasileiro (Miguel, 19 anos).

Eu sou contra. Primeiro que a gente já vive uma crise no sistema prisional de superlotação. Segundo que a gente sabe que o sistema não tem capacidade de reinserir os jovens na sociedade depois que saem de lá, funciona mais como uma gaveta que guarda as pessoas e quando saem sem nenhum tipo de oportunidade eles voltam pro crime. Depois esses jovens geralmente cometem crimes ou entram pra criminalidade por falta de oportunidade, necessidade, entre outros. Esses jovens são aliciados a cometer crimes justamente porque não são “legalmente puníveis” mas tu não acha que diminuindo a maioridade penal vai diminuir ainda mais a idade que esses jovens vão entrar pro crime? (Rebeca, 20 anos).

Rebeca é uma jovem universitária que faz parte de uma geração no qual um de seus multipertencimentos está associado à identificação com os discursos feministas. Contudo, ela não escapou de sofrer uma violência, que atravessou sua vida, e fez dela mais uma vítima de violência

contra mulheres: “Eu vivi um relacionamento muito abusivo. Passei um ano sem ninguém, muito traumatizada. Eu acho que a questão do relacionamento abusivo me marcou muito”. A contribuição feminista para os estudos sobre a violência de gênero nos permite perceber as disparidades de gênero e suas consequências mais extremas. O fato de Rebeca ser uma jovem universitária de 20 anos permite que ela perceba o machismo e a misoginia que são acontecimentos regulares na vida das mulheres. Mesmo a vivência no ambiente acadêmico, regado por movimentos e debate sobre as questões de gênero, não foi capaz de protegê-la. Rebeca confessa que um de seus maiores medos é ser agredida novamente.

Outro fato importante de ser destacado nessa pesquisa sobre violência de gênero foi a motivação da morte do pai de Miguel. Aos 5 anos de idade, ele presenciou a morte do seu pai ao agir em defesa da honra de sua mãe que foi assediada por um grupo de homens, enquanto a família estava em um momento de lazer se refrescando do calor fortalezense em um banho de lagoa. Seu pai, que tinha 28 anos de idade, levou cinco tiros e morreu na frente do filho, da esposa e de outros banhistas, interrompendo um dia de lazer e mudando a trajetória de uma família vítima de uma atitude machista, no qual os homens coisificam a condição feminina, tomando os corpos das mulheres de posse e dando a eles limites de exposições, liberdades e direitos. Portanto, são preocupações femininas que circundam seus percursos e trajetórias de vida, tornando-se preocupações que passam de geração a geração.

Rebeca mora com duas mulheres, a mãe e a avó, e diz que sua mãe é a chefe da família e responsável pela renda familiar. Ela se reconhece como: “de classe média baixa, porque, assim, a gente tem certo conforto, só que a gente não tem casa, não tem carro, às vezes, aperta aqui, aperta ali, tira dali, bota aqui, mas dá pra levar.” A jovem disse que atualmente não está trabalhando, mas que já trabalhou informalmente como vendedora durante um ano e meio em duas empresas. Ressalta que sua renda vem das bolsas de assistência estudantil e já esteve vinculada a dois programas: um de monitoria e o outro de um projeto de extensão e destaca o apoio de sua família com relação aos seus estudos:

... financeira eu não posso dizer que eu tenho dificuldade nenhuma, porque tem gente que tem mais dificuldade do que eu. Eu sempre tive o apoio da minha mãe, da minha avó, então, teve um tempo que a gente tava muito ruim financeiramente, mas uma das prioridades, por toda a história que ela passou, foi conseguir me manter nos estudos. Um colégio, com todo o esforço do mundo ela conseguiu pagar um colégio particular pra mim, pra me ver melhor e tentar ser diferente do que ela passou e na faculdade também... minha meta principal hoje é conseguir me formar e não sei se eu quero levar adiante os estudos

acadêmicos ou se eu quero passar num concurso ou entrar no mercado de trabalho agora. Ainda não tenho nada definido.

Em suas pesquisas sobre os jovens universitários, Isaurora Claudia Martins de Freitas ressalta a importância que esses espaços educacionais possuem nas trajetórias de vida dos estudantes e na construção de seus projetos de futuro. A importância do “estar junto”, num ambiente no qual as relações interpessoais são complexas, em razão dos multipertencimentos juvenis, é uma possibilidade de acessar as diversidades dos modos de pensar e de se comportar de diferentes grupos sociais, portanto “descobrimos que a categoria estudante universitário abriga uma multiplicidade de situações e modos de ser que nos levou a perceber a heterogeneidade das juventudes universitárias” (FREITAS; BRAGA, 2013: p. 107). Assim, identificar Rebeca como uma jovem universitária não faz dela um perfil comum às experiências das demais jovens, pois as singularidades de cada um são pessoais e intrasferíveis, no entanto sua experiência na universidade revela a importância das instituições educacionais como lugares de mobilidades, seja socioeconômicas, ideológicas e afetivas, como também de produção de projetos de futuro vinculado à inserção no mercado de trabalho.

Experiência diferente da vivida por Miguel, que concluiu o Ensino Médio, porém não ingressou em uma universidade, apesar de nutrir esse sonho. Ele é um jovem representante da chamada “Geração N”, pois trabalha muito em atividades diversas, eventuais, informais e a partir da indicação de uma pessoa conhecida. Em comum com Rebeca, Miguel também foi atendido por um programa governamental com bolsa de inserção no mercado do trabalho, porém precisa complementar sua renda familiar realizando outras atividades para ajudar as despesas de sua família e destina parte do que ganha para sua mãe. O jovem já trabalhou como auxiliar de garçom em uma barraca de praia, vendendo *drinks* em festas e eventos com amigos e atualmente trabalha no salão de beleza de sua tia ajudando na limpeza do lugar. Miguel é um jovem da Geração N, não porque não trabalha nem estuda, mas sim por trabalhar muito sob formas precárias, eventuais, instáveis e incertas.

Outsiders na cidade

Anderson, Miguel e Rebeca são jovens que gostam de ouvir rap. Um trecho do “Favela Vive 3” retrata claramente a realidade da juventude brasileira, sobretudo, preta, pobre, periférica e nordestina: “Meu pai me disse: Cuidado com essa pochete e esse cabelo loiro, meu filho, cê num é

branco, geral vestido igual, mas os canas te olharam diferente, eu só lamento no banco de trás, cê vai sentir o solavanco”. Percebemos na letra a desigualdade sofrida por um jovem preto em comparação ao jovem branco, em razão de um acessório considerados pela maioria como um adereço desviante, pois as discriminações que uma pessoa preta sofre possuem uma escala mais severa. É a partir disso que a discussão a respeito dos *outsiders* na cidade se inicia, pois estamos falando sobre o preconceito e as rotulações sofridas pelos jovens periféricos¹³ ao longo dos tempos. Preconceito este que parte de diversos segmentos da sociedade, como na própria família, na escola e no Estado, sobretudo representado pela polícia.

Para se pensar a categoria *outsider*, Howard Becker (2008) nos convida a analisar os processos de rotulação social dos quais os indivíduos estão sujeitos a serem classificados sob um viés estigmatizador. Becker caracteriza como desviante o sujeito que transgredir às regras estabelecidas na sociedade em que está inserido, porém as regras não são leis escritas, mas práticas e regimentos morais determinados por uma maioria dominante. Assim, o indivíduo que não se adequa a essas práticas morais é considerado como um ser desviante ou um *outsider*:

Regras sociais são criações de grupos sociais específicos. As sociedades modernas não constituem organizações simples, em que todos concordam quanto ao que são regras e como elas devem ser aplicadas em situações específicas. São, ao contrário, altamente diferenciadas ao longo de linhas de classe social, linhas étnicas, linhas ocupacionais e linhas culturais. Esses grupos não precisam partilhar as mesmas regras e, de fato, frequentemente não o fazem. Os problemas que eles enfrentam ao lidar com seu ambiente, a história e as tradições que carregam consigo, todos conduzem à evolução de diferentes conjuntos de regras. À medida que as regras de vários grupos se entrecrocaram e contradizem, haverá desacordo quanto ao tipo de comportamento apropriado em qualquer situação dada (2008: p. 27).

O problema central deste estudo não está na análise simplesmente do desviante, mas no perfil que a atual sociedade tem adotado para definir um ser desviante, portanto um perfil específico e selecionado, que enquadra jovens periféricos que são pobres, pretos e nordestinos. Em seu texto, Becker apresenta que o sentido de um comportamento classificado como desviante será determinado não só por quem o comete, mas também por quem se sente ofendido por ele. O autor nos auxilia a pensar questões sobre as diferenciações sociais quando jovens de classes e raças distintas são abordados pela polícia ao cometerem uma infração ou quando são condenados pela justiça. Raramente presenciamos jovens brancos de classes privilegiadas e moradores de bairros de

¹³ “Jovens periféricos” pode ser tomada como uma expressão nativa comumente utilizada como forma de identificação dos jovens moradores das periferias da cidade.

elite nos bancos das delegacias e nas sentenças judiciais. Já as cadeias estão lotadas de jovens pretos e periféricos, evidenciando, com isso, uma seletividade penal.

Anderson se autodeclara como branco e afirma que determinadas oportunidades conquistadas tiveram influência em virtude de sua tonalidade de pele: "Antes eu não havia tido nenhuma experiência de trabalho. Meu privilégio branco ajudou muito, era o perfil que eles queriam: branquinho, cabelinho pro lado. É todo mundo meio igual fisicamente no banco". Miguel se considera de pele parda. Ele fala que a vida na comunidade é complicada, pois falta assistência estatal e há uma forte repressão policial que acaba com os eventos e movimentos culturais e de entretenimento da juventude, seja um "racha" (jogo de futebol), um reggae ou um baile funk. Observa-se na autodeclaração dos jovens como a referência sobre a sua raça ou a sua cor de pele pode ser um fator que os colocam em risco. Com isso, é importante compreender a percepção da branquitude como um discurso que pode eleger critérios de proteção e afastamento de possibilidades de rotulações sociais. Lia Vainer Schucman (2014) ao refletir sobre a branquitude, em um diálogo com Franz Fanon, destaca que, no Brasil, a branquitude está atrelada a uma ideia de *status* e ao fenótipo, que garantem privilégios, portanto, atribui um aspecto ideológico que transforma uma característica fenotípica em uma relação de hierarquia e poder. Com isso, grupos mais vulnerabilizados sofrem discriminações ou processos mais violentos do que outros. Zelma Madeira (2014) nos auxilia na compreensão referente ao tratamento diferenciado dados as populações discriminadas por questões étnicas, pois: "a indígena se ateuve as ameaças de extermínio, enquanto a negra se viu diante da marginalização. A questão racial negra foi evitada numa recusa de se discutir os problemas que os afligem, engajados como escravizados no processo econômico" (2014, p 239).

Importante destacar que o debate sobre os *outsiders* da cidade envolve o recrudescimento da violência da polícia militar, revelado pelos elevados índices de ações policiais que resultam em mortes, e até mesmo na frequente afirmação de jovens que sofrem frequentemente abordagens violentas por parte da polícia. O extermínio dos jovens tem sido justificado pelo argumento da atividade suspeita, assim como legitimado pela "guerra as drogas", que vitimiza jovens pobres, pretos e periféricos com índices alarmantes. Miguel possui um discurso impactante, ao se mostrar conformado com a violência institucional: "man, aqui até quem não é envolvido sabe que cadeia pra malandro é sorte". Portanto, a morte é cotidiana, anunciada e atemporal, ou seja, os jovens estão morrendo cada vez mais, principalmente em razão da guerra entre as facções e o Estado. É trágico a compreensão de que as facções podem ser uma opção de integração perversa para os

jovens, por outro lado representam o inimigo do Estado, a segurança da comunidade, o medo para a população. No entanto, para pesquisadores e ativistas de direitos humanos, as facções refletem as desigualdades sociais e as desesperanças juvenis frente aos seus projetos de futuro. O discurso do Miguel fala sobre o discurso punitivista, desigual e racista, no qual um indivíduo caracterizado como “envolvido” com o crime e com as drogas não terá outra saída a não ser a morte, pois, caso tenha “sorte”, conseguirá cumprir uma pena no sistema prisional brasileiro — recorrentemente denunciado aos organismos internacionais como instituições de práticas de crimes contra os direitos humanos.

Atualmente, a política pública sobre drogas que está em vigência no Brasil adota o viés criminal e proibicionista. Esta interdição é exclusiva a determinadas substâncias psicoativas, assim como também se apresenta de forma seletiva com relação a avaliação do consumo entre as classes sociais, estabelecendo quem faz uso classificado como recreativo (portanto, sem graves prejuízos e ilegalidades) ou comercial (associado ao comércio varejista). Porém, essa política de combate às drogas é apenas mais uma justificativa para o racismo praticado pelo Estado e pela sociedade. A proibição é exclusiva a uma classe: o jovem pobre e preto. Indagados sobre a sua opinião com relação à descriminalização de drogas, os narradores dessa pesquisa disseram que são favoráveis. Miguel utiliza o argumento de que o indivíduo que for usuário, não precisaria estar se arriscando entre a cadeia ou a morte, pois não estaria se envolvendo diretamente com o tráfico de drogas e considera que “a maconha não é uma droga tão pesada”. Anderson assume usar maconha e já ter consumido “drogas mais pesadas”, mas que elas não faziam bem a ele. Rebeca diz que é a favor, mas que, particularmente, não tem interesse na experimentação e utilização da substância.

Achille Mbembe, em seu texto *Necropolítica* (2011), discorre sobre a soberania do poder estatal ao designar quem deve viver e quem deve morrer, com o objetivo de construir uma sociedade perfeita. O poder político e estatal não conseguiu controlar com eficácia a produção e entrada de drogas e sua disseminação no Brasil, através da fragilidade de proteção das fronteiras, da escassez de efetivos policiais para contenção do tráfico de armas, da criminalização do varejo, dos recuos de investigações nas apreensões de drogas para o atacado, e assim, uma grande parcela dos jovens periféricos consideram o mundo do crime, a inserção em facções e o tráfico de drogas como projetos e modos de vida juvenis. A condição de Estado de Exceção, como assinala Agamben (2004), em que vivem estes jovens periféricos torna-se alarmante, pois o próprio Estado

tornou-se difusor de terrorismo através ações de violência física, ameaças, intimidações e assassinatos¹⁴.

Memória e esquecimento

No percurso de jovens que foram precarizados e vulnerabilizados por uma sociedade que estabelece enquadramentos para seus reconhecimentos sociais, como anuncia Butler (2011), a morte e o luto se configuram como rotas juvenis atemporais, pois circundam a trajetória de jovens ao longo de gerações. No rap do grupo brasileiro essa experiência também é revelada: “Eu sei, eu sei, parece que nós só apanha, mas no meu lugar se ponha e suponha, que no século, 21, a cada 23 minutos morre um jovem negro. E você é negro que nem eu, pretin, ó. Não ficaria preocupado?” Portanto, a marca dessa experiência geracional é delineada por inseguranças e riscos, como também por relatos sobre memórias (e esquecimentos) sobre as perdas de seus pais, irmãos, amigos ou conhecidos, enfim perdas de pessoas que compõem suas redes de afetividade e são territorializadas nas periferias das cidades a partir de um perfil de vítimas e de comunidades vulnerabilizadas pela violência. Sobre o tempo da periferia, onde a morte está inscrita no seu cotidiano, Valéria Sanchez (1997) afirma que:

O tempo da periferia não é o tempo previsível do relógio, do trabalho, ao contrário, é o tempo do possível, do acaso, do aleatório, do desemprego e, de alguma forma, também do ócio. É o tempo da doença e da morte, da dor, do sofrimento e da miséria. Paradoxalmente, esse é o tempo da vida e da experiência que Benjamin acreditava ter chegado ao fim (1997: 75).

Roberto da Matta (1993) diz que pratica uma antropologia da saudade para falar sobre o tempo. Para ele, a saudade como uma categoria social é resultado de uma dada experiência causada por uma contingência sentimental, por um amor e por uma emoção dilacerante da ausência, assim como “é o nosso modo de ler a perda, a velhice a nossa inexorável passagem pelo tempo” (1993: p. 34). No entanto, o curso dos anos e as estatísticas e histórias sobre os homicídios de jovens no

¹⁴ Um marco na história do Ceará foi a Chacina do Curió que ocorreu no bairro de Messejana em Fortaleza. No evento, 11 jovens foram assassinados, como os que estavam conversando em frente suas casas ou acessando a internet de um igreja na calçada, por policiais militares na madrugada de 15 de novembro de 2015. De acordo com o Ministério Público do Ceará, os crimes foram motivados por vingança pela morte de um soldado. Dos 44 agentes denunciados pelo Ministério Público, 34 foram pronunciados para ir a júri popular, 10 irão a julgamento comum e 33 deles recorreram com um pedido para serem julgados por um júri comum. Os policiais são denunciados por tentativa de homicídio, homicídios duplamente qualificados e prática de tortura física e psicológica.

Brasil demonstram uma inversão dessa aparente cronologia no qual os velhos morrem antes dos novos, pois é comum os jovens perderem um amigo, irmão, primo ou conhecido vítima de homicídio. E caso isso não tenha (ainda) ocorrido em suas trajetórias de vida, existe a preocupação com mortes ocasionadas pela violência institucional. Miguel relata sua indignação com o assassinato de um jovem paulista¹⁵ que foi sequestrado na porta de sua casa e encontrado morto horas depois:

Pega um dos últimos casos aí? Daquele menino que foi assassinado. Ele tava em casa, cara, durante a ação da polícia, ou seja, o menino morreu dentro de casa. Não tem como dizer o que dizem muito. O menino tava com uma roupa tal suspeita, tava com não sei quem. Não cara! O menino tava dentro de casa. Não tem como falar nada. Tem é que mudar alguma coisa na gestão da polícia. Se for pegar no geral, tem muito jovem morrendo por conta do crime, eu sei, mas uma boa parte é por erro da polícia. Uma ação que deu errado. Tem que mudar alguma coisa, porque se for continuar assim só vai aumentar. Eu sei que muitos jovens morrem porque tem envolvimento com tráfico e isso também tem que mudar. Eu boto muita fé que o apoio familiar influi muito pra você não se envolver, mas e quem não tem nem pai nem mãe? Ainda bem que eu tive minha mãe e minha avó, mas quem não tem isso? Fica difícil, cara, mas não adianta nada proteger seu filho do envolvimento com o crime, se ele pode morrer até dentro da própria casa.

Anderson, apesar de ter pouca memória sobre sua curta história de vida com seu pai lamenta a morte de um amigo que esteve com ele nas ocupações das escolas em 2016. Apesar de lutarem contra as desigualdades educacionais e sociais juntos, os amigos tiveram destinos diferentes. Anderson tornou-se funcionário de uma instituição financeira e seu amigo foi assassinado enquanto se divertia em uma praça pública no dia da “Chacina do Benfica¹⁶”, uma tragédia que ocorreu em Fortaleza no ano de 2019: “Depois disso a vida de todo mundo desandou. Depois da morte do Joca teve gente que tocou o foda-se. Teve realmente um grupo que se fudeu por falta de atenção da escola. A nossa vida desandou, num foi por acaso, não”.

¹⁵ Na madrugada de 14 de junho de 2020, Guilherme, um jovem de 15 anos de idade morador de um bairro da periferia de São Paulo, estava na porta de sua casa esperando uma amiga quando um carro preto parou e dois homens forçaram a entrada do jovem no carro. Ele foi encontrado duas horas depois morto com dois tiros na cabeça e marcas de agressão no corpo. A polícia investiga a participação de dois policiais militares, que estavam de folga no dia, como responsáveis pelo crime. Ver: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-06-30/entre-a-vida-e-a-morte-sob-tortura-violencia-policial-se-estende-por-todo-o-brasil-blindada-pela-impunidade.html>

¹⁶ Chacina do Benfica ocorreu no referido bairro no dia 9 de março de 2018 com eventos em três locais diferentes da região, incluindo a Praça da Gentilândia. Sete pessoas foram executadas e três ficaram gravemente feridas. Todos jovens na faixa etária de 20 a 29 anos. Segundo as investigações da Polícia Civil, cinco pessoas participaram ativamente do crime e três delas estão presas. A principal motivação foi por vingança pela morte do primo de um dos réus. Os denunciados pelo crime e o alvo principal da chacina — que não foi encontrado pelos algozes — cresceram juntos no bairro e se distanciaram em razão das filiações diferenciadas a facções criminosas rivais que disputam territórios na capital cearense. Essa noite violenta em um bairro reduzido da juventude fortalezense, que abriga um campus universitário, marcou a história do lugar, que vem, desde então, reconstruindo sua imagem com um bairro cultural e acolhedor dos multipertencimentos juvenis.

Os indivíduos reproduzem a sua condição humana a partir das relações sociais que estabelecem. Essa é a essencial e contraditória condição da sua humanidade. Ao mesmo tempo, constrói memórias individuais a partir de memórias coletivas, portanto partilhadas com os grupos sociais, dos quais pode fazer parte ou não. Para Maurice Halbwachs (1990), são os diferentes grupos sociais que propiciam “lembranças dos acontecimentos e das experiências”, sendo assim são as relações e os contatos com as pessoas do grupo que o indivíduo convive que fortalece a lembrança de uma dada experiência. Para ele: “É preciso que nos encontremos ou que estejamos em condições que permitam a essas duas influências combinar melhor sua ação, para que a lembrança reapareça e seja reconhecida” (idem, p. 46). Paul Connerton (1999) também partilha da mesma ideia de Halbwachs, ao compreender a memória como uma faculdade individual, coletivo e social. Porém, reflete sobre como se transmite e conserva-se a memória dos grupos sociais. A memória pessoal é a que diz respeito aos atos de recordação que tem como objeto a história de vida de cada indivíduo. Trata-se de uma reflexão sobre si mesmo pela presentificação do passado.

Com isso, a memória individual e social de uma geração de jovens na contemporaneidade está associada a convivência com a morte e o luto como eventos cotidianos. Uns pela perda direta de seus familiares, outros de amigos e conhecidos, mas, de todo modo, uma geração que vive a experiência da inversão do ciclo da vida, no qual os jovens morrem antes dos velhos, com a singularidade de ser uma “morte matada” e não uma “morte morrida”. Essa é a geração de jovens filhos de jovens que são assassinados no Brasil. Jovens onde o tempo da morte é o tempo do passado, mas também do presente, e carregado pelo medo da morte no futuro. Rebeca revela que teme a morte de um primo quando soube de seu envolvimento com grupos armados que atuam no tráfico de drogas:

Eu sofri muito, muito, muito, porque eu já vinha de uma história de perder, pai, tio, primo e ver que meu primo, que foi criado comigo e que eu considero meu irmão, está entrando para essa vida que a gente sabe que tem poucas saídas: ou morre ou vai preso. Eu não conheço histórias de gente que se redimiou do crime e hoje está inserido na sociedade completamente.

Os narradores dessa pesquisa nos contaram que não possuem memória de seus pais. Os eventos das mortes ocorreram quando eles eram muito pequenos. Os relatos sobre seus pais são descritos por terceiros, por outras pessoas produtoras de memórias, podendo ser elas saudosas, indiferentes ou difamatórias. Como vimos, ser um jovem filho de um jovem que foi assassinado é uma trajetória juvenil formada pela produção social de estigmas ou rótulos destinados à eles. De todo modo, quem sofre a perda, mesmo anunciada, mas sempre inesperada, de uma pessoa do seu

círculo de afetividade atravessa um processo de sofrimento, de desesperança, de dor, portanto, de sentimentos que quando são compartilhados por um determinado grupo social é mobilizador de um laço que vincula os indivíduos a um coletivo. David Le Breton (2008) destaca que somos afetivamente situados no mundo, pois as nossas vivências são fios contínuos de sentimentos mais ou menos vivos e difusos, os quais podem mudar, se contradizer ou se fortalecer ao longo dos anos de acordo com as situações. Essas relações criam afetividades mobilizadoras de identidades grupais, pois somos afetados por essas relações, sobretudo, compreendendo que “razão” e “emoção” não são opostas, ambas estão inscritas em nossos olhares, corpos, sentimentos e ideias repletas de valores.

Com isso, os jovens entrevistados para essa pesquisa são os amigos, irmãos, primos ou colegas de jovens que foram assassinados e com quem criaram redes de afetividades. Essas redes afetivas também se estendem a outros grupos que mobilizam ações que lutam por justiça, memória e direitos, produzindo resistências e esperanças, como no caso dos grupos de mulheres e familiares que tiveram seus filhos vítimas de violência institucional. No caso do Ceará, como aponta Ingrid Leite (2018), são redes formadas por mulheres onde o foco não é unicamente os efeitos da dor e da violência, mas também no “sentido de ser mulher”, de resistir, esperar e lutar pela proteção da memória de seus filhos que foram brutalmente assassinados.

Sendo assim, falar sobre a morte também é falar sobre a vida ou sobre traços e riscos de vida, e com isso produzir uma ideia de humanidade as trajetórias de jovens que são vítimas de homicídios. Vidas que são prematuramente encerradas ou aniquiladas em razão de uma sociedade belicosa e intolerante, no qual muitos colocam fim ao seu medo de morrer eliminando quem possa ameaçá-los, como alardeia Judith Butler (2015) ao questionar em sua obra, *Quadros de Guerra: quando a vida é passível de luto?* Portanto, para a autora são populações que foram precarizadas e vulnerabilizadas numa compreensão a partir da perspectiva cultural que cria sujeitos e não normalidades referentes à condição humana. Nesse sentido, Butler (2015) compreende que a ideia de humano interfere na ideia de reconhecimento, que deve ser conectada à ideia de sofrimento humano, pois a precariedade é um contexto social enquadrado por esquemas de reconhecimento que estão imersos na distribuição desigual de recursos que possibilite uma vida vivível, passível de luto e que importa.

Algumas considerações...

Ao chegar ao final deste trabalho, consideramos que ele traz anúncios de compreensão da trajetória de jovens que definimos como os “herdeiros da violência”. Essa parcela da juventude representa jovens negros, pobres e periféricos que se expressam através da palavra “sorte” como uma forma de reconhecimento de que suas trajetórias escaparam das encruzilhadas de formas diversas de violência, mas não de vivências com a morte e luto, experiências cotidianas configuradas como rotas juvenis atemporais, pois falamos de gerações que vivenciam a dor da perda de namorados, pais, amigos, irmãos, primos ou conhecidos. Portanto, jovens que carregam ao longo da vida traços marcantes da pai ausente, através dos estigmas, da saudade e de um sentimento de ausência paternal sobre uma história que poderia ter sido vivida. São os sintomas do luto que marcam um pedaço de tempo, como o tempo da saudade do que já não pode mais ser vivido.

No entanto, este estudo, além da compreensão das narrativas dos herdeiros da violência, também apresenta outro problema referente ao recrudescimento da morte dos jovens, anunciada em frases do tipo: “a juventude quer viver”, “jovem negro vivo”, “cada vida importa”. O estudo revela que o racismo, o machismo e o criminalização da pobreza estão presentes nas favelas e comunidades brasileiras, através da falta de assistência estatal e a ausência da promoção de políticas públicas de proteção da vida de crianças, adolescentes e jovens. O rapper Emicida, na provocante e necessária música “Chapa”, fala sobre o desaparecimento de pessoas negras em comunidades pobres e constrói, poeticamente, versos sobre ausência e saudade: “Chapa, dá um salve lá no povo, Te ver de novo faz eles reviver, Os pivetin' na rua diz assim: Ei tio, e aquele zica lá que aqui ria com nóiz, cadê?”

Apesar disso, são jovens periféricos que concluíram o Ensino Médio, realizam atividades laborais em situações precarizadas, convivem com suas famílias e são capazes de sonhar, esperar e lutar por uma sociedade guiada por outros valores e referenciais, na qual suas trajetórias, representam por si, o clamor por justiça herdado pela perda do pai, de um amigo, familiar ou conhecido de vidas abreviadas. Apesar da singularidade de cada trajetória e de termos apresentado nesse artigo, que representa a primeira fase de uma pesquisa qualitativa, os relatos de jovens que estuam e trabalham, podemos observar também que suas narrativas refletem a naturalização da desigualdade social e a teimosia da sociedade em atribuir as juventudes a responsabilidade pelos índices de violência nesse país de marcas autoritárias, no qual sua idade, raça, classe, gênero e o lugar onde mora pode definir o seu direito de viver.

Referências

Experiências, multipertencimentos e riscos de vida: Narrativas de jovens filhos de jovens vítimas de homicídios
Camila Holanda Marinbo
Samara Edwiges Andrade Lima
Vinicius Cavalcante Santos

AGAMBEN, Giorgio. **Estado de Exceção**. 2ª edição. São Paulo: Boitempo, 2004.

BECKER, Howard. **Outsiders: estudos de sociologia do desvio**. 1ª. Edição. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BENJAMIN, Walter. **O Narrador**. São Paulo: Abril Cultural, 1975.

BUTLER, Judith. **Quadros de Guerra: quando a vida é passível de luto?** 1ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CONNERTON, Paul. **Como as sociedades recordam**. Oeiras: Celta Editora, 1999.

DAMATTA, Roberto. Antropologia da Saudade. In: **Conta de Mentiroso**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

DAYRELL, Juarez. A Escola "faz" as Juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 100, p. 1105-1128, 2007.

FREITAS, Isaurora C.M; BRAGA, José Ricardo B. Os universitários viajantes: suas práticas e sociabilidades. **Revista O Público e o Privado** - Nº 21 - Janeiro/Junho – 2013.

HALBWACHS, Maurice. **Memória Coletiva**. São Paulo: Editora Vértice, 1990.

HONNETH, Axel. **Luta pelo reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais**. São Paulo: Editora 34, 2003.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, Jan/Fev/Mar/Abr, 2002.

LEITE, Ingrid Lorena Silva. **“É meu direito de mãe”: Narrativas de mulheres integrantes do grupo de mães do sistema socioeducativo de Fortaleza**. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2018.

MADEIRA, Maria Zelma de A. Desigualdades raciais como expressão da questão social no Ceará. In: CUNHA, Aurineida; SILVEIRA, Irma Martins Moroni da. **Expressões da questão social no Ceará**. Fortaleza: EdUECE, 2014.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. São Paulo: N-1 Edições, 2011

MARINHO. Camila Holanda. Marcas do tempo: relatos sobre a morte e o luto para jovens viúvas da violência. In: BARREIRA, Irllys e BARREIRA, César. **A juventude e suas expressões plurais**. Fortaleza: Edições UFC, 2009.

_____. **Jovens Viúvas: o universo interdito da violência urbana juvenil**. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2004.

PAIS, José Machado. **Culturas Juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional. Casa da Moeda, 2003.

Experiências, multipertencimentos e riscos de vida: Narrativas de jovens filhos de jovens vítimas de homicídios

*Camila Holanda Marinbo
Samara Edwiges Andrade Lima
Vinicius Cavalcante Santos*

SANCHES, Valéria. Ao encontro de Mnemosyne: reflexões sobre a morte na periferia de São Paulo. In: **Plural**, USP, São Paulo, 4: 60-77, 1997.

SCHUCMAN. Lia Vainer. **Entre o encardido, o branco e o branquíssimo: branquitude, hierarquia e poder na cidade de São Paulo**. São Palo: Annablume, 2014.

VELHO, Gilberto. Juventudes, projetos e trajetórias na sociedade contemporânea. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de. EUGENIO, Fernanda (orgs). **Culturas Juvenis: novos mapas de afeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

Agências estetizadas: Juventudes, mobilizações e ativismos em Angola¹

Aesthetic agencies: Youth, mobilizations and activitivism, the case of Angola

Frank Marcon ²

Resumo

Meu objetivo com este artigo é analisar o contexto das mobilizações e do ativismo em Angola, em um período de emergência da geração digital e compreender o fenômeno em que as formas de ativismo político passaram a ser expressos cada vez mais intensamente de forma estetizada. Pensando nas transformações ocorridas nas manifestações políticas em forma de protesto, desde 2011, analiso o caso de Angola, sobre o qual venho acompanhando as movimentações das juventudes através das redes sociais digitais, sites e blogs. Tenho notado que o visual, o sonoro, a escrita e as performances são linguagens ou agências de ação estética predominantes nas práticas de ativismos juvenis na última década, como no Brasil (Marcon, 2018). Isso significa dizer que entre os jovens as ações políticas são apresentadas de forma cada vez mais plásticas e que as pessoas envolvidas nessas manifestações expressam um grande repertório criativo e comunicativo tanto local quanto global. O caso mais específico que trago aqui é o que ficou conhecido como 15+2 (quinze mais duas), quando durante o ano de 2015 alguns jovens foram presos por protestarem contra o presidente de Angola e tornaram a mobilização em torno do episódio da prisão um mote para expressão de manifestações e protestos, que ganharam grande repercussão em Angola e na comunidade internacional.

Palavras chave: Agências; Estética; Juventude; Ativismo; Angola.

Abstract

My objective with this article is to analyze the context of mobilizations and activism in Angola, in a period of emergence of the digital generation and to understand the phenomenon of the last decade in which the forms of political activism have passed and to be expressed more and more intensively in a aesthetic way. Thinking about the transformations that have occurred in political demonstrations in the form of protest,

¹ Boa parte da pesquisa e das reflexões realizadas para este artigo foram elaboradas inicialmente durante um Estágio Pós-doutoral em Lleida, Espanha, realizado com Bolsa Capes, entre os anos de 2015 e 2016. Na ocasião, entre outras atividades de pesquisa envolvendo juventudes e o conceito de agências estetizadas, acompanhei sistematicamente pela Internet os protestos e o ativismo digital que ocorriam simultaneamente na Espanha, no Brasil e em Angola, com algumas incursões de observação direta no Brasil e na Espanha e entrevistas com ativistas angolanos pela internet, com os quais ainda mantenho contato.

² Doutor em Antropologia pela UFSC. Professor do Departamento de Ciências Sociais na Universidade Federal de Sergipe. Coordenador do Grupos de Estudos Culturais, Identidades e Relações Interétnicas (GERTs). Membro Rede de Estudos e Pesquisas sobre Experiências e Ações Juvenis (REAJ).

since 2011, I analyze the case of Angola, about which I have been following the movements of youths through social networks, blogs and the internet. Since then, I have noticed that visual, sound, writing and performances are the languages or agencies of aesthetic action that are prevalent in youth activism practices, como no caso do Brasil (Marcon, 2018). This means that among young people, political actions are presented in an increasingly plastic way and that the people involved in these manifestations express a great creative and communicative repertoire, both local and global. The most specific case I bring here is what became known as 15 + 2, when during 2015 some young people were arrested for protesting the president of Angola and made the mobilization around the prison episode a motto for the expression of demonstrations and protests that have had great repercussions in Angola and in the international community.

Keywords: Agencies; Aesthetics; Youths; Activisms; Angola.

Introdução

O visual, o sonoro, o escrito e o dramático se tornaram formas de agências estéticas predominantes nas manifestações políticas de protesto e de ativismo na última década, seja no espaço topográfico da cidade ou no ciberespaço. Estou chamando de agências estetizadas aquelas formas de ação, de narrativa e de comunicação que emergem da intencionalidade das expressões sensíveis dos sujeitos, negociadas entre quem as produz e quem as consome, ou entre quem as propaga e quem as recebe, considerando que ambos são produtores de sentido neste processo. Quando relaciono tal agência com a questão do protesto, das mobilizações e dos ativismos contemporâneos, quero dizer que as pessoas envolvidas nessas manifestações expressam e usam um amplo repertório criativo de práticas e símbolos com referências locais e globais e que carregam sentidos políticos intrínsecos nos contextos em que aparecem³.

O fenômeno dos ativismos e dos protestos se transformou largamente na última década quando a internet e as tecnologias móveis também se tornaram as ferramentas, as linguagens e o meio pelo qual passaram a ocorrer. O surgimento do que Castells (2012) e Feixa (2014) - entre outros - denominaram de “era digital” e de “geração digital”, respectivamente, possibilitou um cenário em que as pessoas passaram a acessar a informação, o conhecimento e a comunicação de forma mais intensa, livre e aleatória, à medida que o acesso e a absorção de tecnologias digitais

³ Estou utilizando a expressão repertório no sentido dado por Charles Tilly. Citando Tilly, Alonso (2012, p. 26) sintetiza o conceito: “A palavra repertório identifica um conjunto limitado de rotinas que são aprendidas, compartilhadas e postas em ação por meio de um processo relativamente deliberado de escolha. Repertórios são criações culturais aprendidas, mas eles não descendem de filosofia abstrata ou tomam forma como resultado da propaganda política; eles emergem da luta. [...] Em qualquer ponto particular da história, contudo, elas [as pessoas] aprendem apenas um pequeno número de maneiras alternativas de agir coletivamente”.

também se tornou mais ampla e fácil, além de mais criativa e mais compreendida, principalmente por uma geração de jovens que desde muito cedo se socializou e se educou em meio aos dispositivos tecnológicos móveis, em meio às linguagens digitais e diante das formas de cognição em que a imagem, o grafismo, o som, a oralidade e o texto digital (quase sempre de mensagens curtas) passaram a compor uma infinidade de possibilidades de comunicação, sensações e aprendizados.

Manuel Castells (2012) disse sobre as manifestações de 2011, no livro *Primavera Árabe y Los Indignados*, que tais manifestações começaram nas redes e logo a seguir as pessoas sentiram a necessidade de assumir os seus papéis ativos nas ruas. Acrescento que esta dinâmica se ampliou e intensificou tal relação intrínseca, passando não só a ser um fenômeno das redes para as ruas, mas também das ruas para as redes, em que mais pessoas se envolveram e se implicaram politicamente. É importante frisar que não só as manifestações e ativismos nos espaços da cidade ganharam enorme destaque e passaram a fazer parte do cotidiano das pessoas, mas principalmente as manifestações e ativismos comunicados ou realizados na internet foram as que permitiram maior visibilidade e também exerceram o papel de meio pelo qual as pessoas convocam, informam e protestam atualmente. A proliferação de recursos tecnológicos móveis transformou a todos e todas em potenciais produtores de conteúdo e por sua vez ampliou a visibilidade e a diversidade das formas de manifestação política. Este fenômeno ocorreu em várias regiões e países do mundo, incluindo países da África subsaariana, embora o contexto social, político e econômico vivido em Angola, por exemplo, tenha evidenciado certos contornos singulares às experiências das juventudes, como tratarei adiante. Por ora, destaco que entre as particularidades está o fato de que pelas circunstâncias políticas, principalmente o medo da repressão governamental, não houve grandes multidões nas ruas do País durante as primeiras manifestações, embora certa regularidade e intensidade do ativismo e certa convergência de pautas em torno da reivindicação geral por democracia tenha ganho um destaque marcadamente geracional e os usos das tecnologias digitais tenham sido um recurso imprescindível.

Após o *Occupy Wall Street*, a Primavera Árabe, os Indignados na Espanha, as Jornadas de Junho no Brasil e as primeiras manifestações dos Revús em Angola⁴, entre outras, surgiram diferentes modalidades de recursos expressivos disponíveis ao agir político, que demonstraram um modo de viver e compreender a política que está relacionado às transformações ocorridas no

⁴ Como descreverei adiante, Revús é a denominação pela qual ficaram conhecidos e se fizeram conhecer os jovens que aderiram as manifestações de 2011 contra o governo, em Angola, influenciados pelo espírito da chamada Primavera Árabe.

cotidiano das pessoas em termos sociais, econômicos e tecnológicos. As manifestações e protestos de rua passaram a contar com a visibilidade de várias agências individuais; com mais linguagem corporal; com maior ênfase na pluralidade de modos de pensar, compreender e dizer sobre o processo político em que estão envolvidas (Marcon, 2018). O que trago neste artigo é a sistematização dos registros que realizei sobre o curso de dois dos momentos mais intensos das manifestações políticas das juventudes em Angola na última década, procurando compreender as particularidades deste fenômeno geracional do ativismo e suas implicações para as juventudes de forma geral e em particular a angolana.

Os Jovens Revolucionários em Angola - Revús

Tomando o caso específico de Angola e suas particularidades, pouco visíveis nos cenários globais midiáticos dos protestos e do ativismo nos últimos anos, mas com atividades muito presentes nas redes sociais⁵, proponho aqui desenvolver alguns dos meus argumentos sobre o que denomino de agências estetizadas do protesto (Marcon, 2018), como fenômeno contemporâneo das juventudes da geração digital, que aos poucos foi também se tornando mais predominante no modo de fazer política entre outros grupos etários. É importante destacar que manifestações políticas de rua contra o governo foram sempre coibidas em Angola, invisibilizadas na mídia ou fortemente reprimidas, especialmente até o início desta década. Lembrando que desde 1975 o país é governado pelo mesmo partido MPLA e desde 1979 até muito recentemente, 2017, teve um mesmo presidente: José Eduardo dos Santos. Também é importante registrar que até 2002 o país viveu um longo período de guerra civil e nos primeiros anos após o fim dos conflitos, mesmo com o pluripartidarismo, a burocracia do Estado continuou sendo ocupada hegemonicamente pelos mesmos grupos e pessoas, restringindo-se muitos dos direitos políticos à sociedade civil em geral, seja pelas consequências econômicas ou sociais dos efeitos do longo período de guerra, seja pela desconfiança ou violência das instituições com relação aos opositores do governo.

Ao contrário das manifestações na Espanha (em 2011) e no Brasil (em 2013), por exemplo, em Angola as primeiras manifestações da década foram tímidas em números, embora agitadas por ações violentas por parte da polícia. Na África Subsaariana, além de Angola, uma versão dos protestos da Primavera Árabe também ocorreu em países como África do Sul, Burkina Faso, Cabo

⁵ As questões políticas em Angola ganham algum espaço na imprensa em língua portuguesa países como Portugal e Brasil, devido ao idioma oficial do país, mas também pelas relações históricas dos tempos do colonialismo e pelas atuais relações econômicas, diplomáticas e de imigração com tais países.

Verde, Moçambique e Senegal. Embora as realidades políticas sejam distintas para cada caso, as pautas do autoritarismo, da corrupção e da crise social e econômica foram fatores de indignação comum, bem como a ampliação do acesso e a apropriação das tecnologias móveis e da internet fora considerado um fenômeno transformador das agências dos jovens em tais manifestações. De modo geral, os protestos tiveram a característica de serem ações dispersas, implicadas por problemas sociais do cotidiano, articuladas através das redes sociais, mas sem organicidade de sindicatos, partidos ou movimentos associativos.

O surgimento da série de protestos iniciados em Angola a partir de 2011 esteve relacionado ao empobrecimento sistemático da maioria da população angolana, em grande parte dos jovens, em contrapartida ao enriquecimento ilícito de uma classe de políticos e suas famílias. A crise da economia mundial atingiu o país (com a queda do valor mundial de seu principal produto, o Petróleo) e os mais de 30 anos de autoritarismo de um único presidente no poder tornaram-se fortes elementos para questionar a ausência de democracia de fato e a falta e o respeito a liberdades individuais, principalmente a liberdade de expressão.⁶ Nas ruas surgiram faixas, palavras de ordem com frases clamando por “democracia agora” e a “saída do Presidente José Eduardo dos Santos”, ao mesmo tempo em que grupos de jovens criavam mecanismos de protestos através do ativismo digital. Estes jovens passaram a ser denominados nas mídias sociais e nas redes sociais por “Revús”.

Foram várias as ações mobilizadas por tais jovens entre 2011 e 2015, reprimidas com violência, com prisões e desaparecimentos. A primeira destas manifestações foi convocada online por meio de sites e redes sociais (Facebook e YouTube) e sua convocação foi veiculada no site “Movimento Revolucionário”, para o dia 7 de março de 2011⁷, sendo assinada por "personagens fictícios", como estratégia da não responsabilização individual dos seus mobilizadores. As informações circularam na internet e por meio de mensagens no celular, até que durante um show de música (no Cinema Atlântico), no dia 27/02/2011, um grupo de jovens rappers e bboys lançou a provocação ao público e reforçou a necessidade de se realizar um grande protesto em Angola, propondo que as pessoas se juntassem à manifestação que estava circulando pela internet. No dia 7 de março de 2011, compareceram ao ato 17 jovens, pessoas da imprensa e um grande aparato policial para controlar a manifestação. A repercussão nas mídias e nas redes sociais tornou o protesto e suas pautas ainda mais conhecido.⁸

⁶ A rede jornalística Al Jazeera produziu a reportagem *Activate - Angola: Birth of a Movement*, em 2012, sobre o início das manifestações em Angola, a partida das influências da Primavera Árabe, ver: <https://www.youtube.com/watch?v=-YbwzyirPhM> Último acesso em 12/08/2020.

⁷ Ver: <http://novarevolucaoangolana.yolasite.com/> Último Acesso em 12/8/2020

⁸ Sobre datas e informações sobre tais acontecimentos, pode ser consultado o livro de Manoel e Fortuna (2012).

A partir daí, as manifestações se tornaram mais regulares, incluindo a manifestação de 2 de abril de 2011, justificada como pacífica e apartidária, realizada no Largo da Independência, com o lema "Liberdade de Expressão em Angola".⁹ Várias destas manifestações foram reprimidas e em muitas delas alguns ativistas foram presos. Além disto, muitas outras estratégias de coação foram realizadas contra tais atos, como por meio da polícia e grupos de homens não identificados agindo pró-governo, que passaram sistematicamente a dispersar violentamente os manifestantes, a exemplo do que ocorrera em outra manifestação, em 3 de setembro de 2011. Estas formas de reação contra os protestos tinham o objetivo de intimidar os manifestantes e recolher ou desligar os aparelhos eletrônicos com os quais eles realizavam registros dos atos em fotos e vídeos para transmitirem através da internet. Além da violência, da intimidação e da arbitrariedade, também se tornou uma estratégia governamental criar eventos a favor do presidente e do governo, nos quais algumas pessoas eram pagas para estarem nos mesmos dias e locais que os ativistas, mas exaltando os símbolos nacionais e o apoio ao presidente, muitas vezes com a presença da JMPLA, a juventude do partido. Outras vezes, autoridades policiais bloquearam o acesso aos locais das manifestações, como os acessos ao Largo da Independência, muitas vezes escolhido pelos manifestantes por ser um importante espaço simbólico da política nacional, em que se realizam diferentes eventos e atividades oficiais, onde foi erguido pelo Estado um monumento representativo da luta contra o colonialismo, contra o racismo e pela liberdade do povo angolano. A escolha do Largo da Independência pelos manifestantes foi ao mesmo tempo uma tática de identificação política unificadora das manifestações de indignação popular - pelos significados simbólicos representados pelo monumento-, mas também uma tática de visibilidade pela centralidade urbana e pelo intenso fluxo de pessoas e veículos no local, por estar próximo de grandes escolas, edifícios e locais públicos, incluindo instituições governamentais. Pelos mesmos motivos, o governo passou a coibi-los com força naquele lugar.

As recorrentes manifestações de 2011 passaram a preocupar o governo. O próprio presidente José Eduardo dos Santos, em discurso no dia 15 de abril de 2011, durante a abertura do congresso do MPLA, acusou os jovens Revús e a Internet de serem a causa de descontentamento, incompreensão e motins em Angola e na África em geral, condenando publicamente e de forma moralizadora as manifestações que pediam alternância no poder e democracia no País¹⁰. Vários

⁹ Ver: <https://www.youtube.com/watch?v=IwZESB7UiBo> (Último Acesso em 10/9/2020)

¹⁰ Ver discurso na íntegra: http://www.angop.ao/angola/pt_pt/noticias/politica/2011/3/15/Discurso-Presidente-Jose-Eduardo-dos-Santos-reuniao-Comite-Central,e545cbc5-1a17-43e7-a00a-f7f3d1f3dbd4.html Último acesso em 12/08/2020.

setores governamentais trabalharam a contrainformação e a desmobilização das manifestações, tentando criar certo pânico moral sobre o surgimento destes atos, buscando sucessivamente construir lógicas de controle para desencorajar, dismantelar e conter as manifestações, com estratégias de intimidação, criminalização e desconstrução da força simbólica das reivindicações.

Em 2012, ocorreram eleições em Angola e outras manifestações voltaram a acontecer sempre reprimidas, intimidadas e dificultadas pelo governo. Para além dos protestos, os Revús criaram uma Campanha de Observação Paralela às Eleições de 2012 e em seguida denunciaram ter ocorrido fraudes nas eleições, mas o fato é que o MPLA foi o grande vencedor do pleito e José Eduardo dos Santos voltou a ser conduzido à presidência pelo voto indireto, dadas as especificidades do sistema eleitoral em Angola. Várias manifestações continuaram acontecendo e em 2013 ocorreu o desaparecimento e assassinato de dois manifestantes e com isso outros ativistas mobilizaram novos protestos contra a violência do Estado e pela liberdade de expressão. Em 2014, as manifestações continuaram, o ativismo aumentou, o descontentamento e as formas de intervenção continuavam crescentes e ativos tanto nas ruas quanto na internet, embora sempre intimidados, isolados, criminalizados e judicializados.

No livro *Os Meandros das Manifestações em Angola*, os autores Manoel e Fortuna (2012) destacam que muitos dos envolvidos nas primeiras manifestações eram jovens, estudantes e/ou rappers que de algum modo se sentiram estimulados pelas manifestações de rua que estavam acontecendo em países do mundo árabe, que levou multidões as ruas contra governos autoritários na Síria, no Egito e na Tunísia, durante a chamada Primavera Árabe. Nas palavras dos autores e também ativistas (Manoel e Fortuna, 2012), foram sete as razões pelo início dos protestos em Angola: “1ª) O empobrecimento sistemático do povo angolano e em contrapartida, o enriquecimento ilícito da elite dominante e seus familiares; 2ª) Prepotência, arrogância manifesta dos dirigentes do partido governante; 3ª) Nepotismo e Oligarquia; 4ª) Desfalques e roubos sistematizados aos cofres do Estado angolano; 5ª) Péssimas condições de vida das populações angolanas; 6ª) Os 32 anos no poder (do presidente José Eduardo dos Santos) e, 7ª) A exclusão dos angolanos a favor dos estrangeiros;” (Manoel e Fortuna, 2012, p. 22).



Figura 1: Cartaz Publicado na Internet para Convocação da Manifestação de 07/03/2011¹¹

Manoel e Fortuna (2012) destacam a importância das redes sociais e dos telefones celulares nas mobilizações dos autodenominados “Jovens Revolucionários” (ou Revús, como passaram a ser conhecidos). Neste sentido, é importante destacar que nos últimos anos a expansão da tecnologia de conexão e tráfego de dados 3G, depois 4G, e o aumento mundial da cobertura permitiram um crescimento sem precedentes no acesso à internet por parte de jovens nos diferentes países africanos.¹² O uso de suportes móveis de tecnologia, como celulares, smartphones, bem como máquinas fotográficas e câmeras de vídeo digitais se tornaram também instrumentos de protesto. Além disto, os smartphones se tornaram aparelhos cada vez mais comuns e mais populares no ativismo, por agregarem múltiplas funções de comunicação, de acesso à informação, de localização, de compartilhamento, de captação e de edição de imagem e de som. Estes suportes passaram a ser utilizados tanto como ferramenta de comunicação e consumo de informação, quanto como parte

¹¹ Fonte: <http://novarevolucaoangolana.yolasite.com/> Último Acesso em 12/8/2020

¹² Sobre o impacto das tecnologias de internet, das redes sociais e do acesso a telefonia móvel na vida política dos países africanos na última década, ver reportagem do El País: http://elpais.com/elpais/2016/02/29/planeta_futuro/1456752494_877876.html Último acesso em 12/08/2020. Em 2016, o Jornal El País, publicou um caderno especial “El África Conectada”, trazendo informações individualizadas por País e a conectividades nos mesmos. Sobre Angola, dizia: “Población total:24.227.524; Media de edad:18,0; Nivel de escolarización (% de menores de 15 años): 71,10; Población por debajo del umbral de la pobreza: 40,50%; Líneas de teléfonos móviles para cada 100 habitantes: 63,48; Usuarios de internet: 26%; Usuarios de Facebook: 3.300.000. <https://elpais.com/especiales/2016/planeta-futuro/africa-conectada/map.php> Último Acesso em 12/08/2020. Para mais dados sobre acesso a internet e a telefonia móvel em Angola, ver reportagem do Jornal de Angola, de 2019: <http://jornaldeangola.sapo.ao/economia/sete-milhoes-de-cidadaos-utilizam-internet-no-pais> Último acesso em 12/08/2020.

das técnicas produtoras de estéticas criativas que possibilitaram expor outras agências e outras visibilidades dos modos de se sentir, de se entender e de se expressar o político.

Entre as estratégias dos ativistas, esteve o forte uso dos recursos digitais através dos quais eles passaram a publicar denúncias contra má governança, a fazer discussões políticas e a produzir charges críticas e sarcásticas contra o presidente. Também foi intensa a produção de vídeos informativos, vários memes e diversas músicas de protesto. Como dito acima, muitos dos jovens envolvidos nestas ações se iniciaram nas redes de socialização e ativismo na internet a partir da produção e do consumo musical, principalmente do envolvimento com o rap, que teve um papel importante como manifestação de mensagens de protesto e pela expertise e dimensão do seu modo de fazer independente.

Através do uso das redes sociais e blogs também foram se constituindo canais independentes de comunicação e produção de informação e ativismo, que se tornaram meios pelos quais a desobediência civil e as várias formas de escracho contra os governantes articularam suas manifestações de protestos nas ruas e no ciberespaço. Os sujeitos dessas manifestações se tornaram produtores do próprio conteúdo de informação, que passou a ganhar repercussão e autonomia nas redes de comunicação digital e, mesmo que restritas a grupos específicos de empatia, passaram a fazer parte do debate público, destoando das narrativas dos órgãos de mídia governamental ou de grandes empresas privadas. Acessar, criar, gravar, filmar, fotografar, escrever, editar, samplear, mimetizar e compartilhar se tornaram práticas comuns do ativismo dos Revús e possibilitaram novas modalidades de agências políticas que passaram a ser expressas por meio de uma infinidade de linguagens e de suportes de mídias dominados por eles.

Destaco aqui, entre outras iniciativas, a página web denominada “Central Angola 7311”, na qual alguns dos mobilizadores das primeiras manifestações estiveram envolvidos e que se manteve por anos como um canal bastante ativo e como referência das primeiras manifestações contra o governo entre os jovens em Angola, produzindo conteúdo e informação, utilizando-se da ironia, do humor, do escracho e de efeitos dramáticos como forma alternativa de informação e debate sobre as questões sociais do país, com o intuito de provocar e sensibilizar a população para a participação política. O nome Central 7311 foi escolhido como uma referência simbólica à data da primeira manifestação organizada em 7 de março de 2011, já referida acima, e é considerada um marco simbólico das manifestações que a sucederam. A Central Angola 7311 passou também a dominar e a nomear uma variedade de ferramentas digitais na internet com contas no YouTube, Facebook, Twitter e outras redes sociais, se tornando uma marca reconhecida das plataformas dos Revús.

Diz na página de apresentação do site:

“Aqui publicaremos não só a correspondência com o Governo Provincial de Luanda como também alguma informação independente, fora da redoma dos nossos viciados meios de comunicação social, na linha do chamado “jornalismo cidadão”. Publicaremos igualmente alguns textos de opinião de diferentes colaboradores e estamos abertos a outros textos que vão ao encontro do que temos vindo a defender. A Central 7311 pretende ser somente um espaço de convergência, de troca de ideias e de comunicação dessa juventude, dessa minoria(?) que está descontente, cansada e revoltada com a situação social e política em Angola.”¹³

A “Central 7311” surge também com a proposta de promover a memória de um marco político inaugural para aqueles ativistas. Não só a manifestação de 07 de março de 2011, mas tudo que ele poderia representar como ato de transformação na forma de fazer política no País, estendendo sua existência como continuidade, movimento e marca das transformações geracionais que estavam ocorrendo no País, que mesmo sem uma pauta convergente sobre economia ou sobre o direcionamento político ideal, convergiam na crítica radical contra o domínio da ordem governamental vigente, que afetava suas vidas e de toda uma geração alijada de direitos sociais, economicamente precária e distante da representação política.

Para Alcinda Honwana (2014), as manifestações ocorridas nesta década nos países da África Subsaariana, foram a reação dos jovens contra uma interminável condição de espera sobre a expectativa de autonomia e de futuro. Sem perspectiva de autonomização e sem direção eles passaram a se aproximar por motivos comuns em torno do que não querem, ao invés de projetos e aspirações que os unam ideologicamente. Na análise de Honwana (2014), nessa condição interminável de espera por uma vida plena, de reconhecimento social, de acesso a recursos econômicos e de força política, os jovens não se sentem pertencentes, acolhidos ou integrados aos modelos de ordem social vigentes, como sujeitos capazes de construir sua própria autonomia esperada pela condição adulta e procuram seus próprios meios para fazê-lo, subvertendo as autoridades e o aparato legal instituído. Como contraponto, as tecnologias digitais possibilitaram em alguma medida a agência política, econômica e social de uma maioria jovem que enfrentava e enfrenta as dificuldades de se constituírem como sujeitos plenos em meio a contextos de extremas dificuldades e escassez (Marcon e Tomás, 2012).

¹³ Ver: <https://centralangola7311.net/about/> Última consulta em 10/9/2020.

O Caso 15+2 e a Estetização do Ativismo

“Sou o Hitler Jessy Tshikonde o mesmo que Hitler Samussuku, nasci na província do Moxico e a minha vida foi entre esta província e a capital (Luanda), mas acabei por viver mais na última. Sou formado em Ciência Política pela Universidade Agostinho Neto, sou rapper, activista, promotor de manifestação e faço parte de uma geração que luta para alternância política e por mais liberdades em Angola. O nosso país é bastante partidarizado, temos um regime autoritário que se instalou em 1975 e perdura até hoje. Para mudar alguma coisa, usamos a música, as nossas contas nas redes sociais Facebook, Whatsapp e Youtube, procurando de certa forma influenciar o processo de mudanças com vista a garantir uma Angola melhor para a próxima geração. Actualmente fundamos o Movimento Jovens pelas Autarquias que tem procurado pressionar as autoridades sobre a importância das autarquias locais para o desenvolvimento dos municípios. Visa resgatar a cidadania e estimular os cidadãos na vida pública.”¹⁴

Entre os anos de 2015 e 2017, o ativismo dos Revús ganhou maior visibilidade com o caso que se tornou internacionalmente noticiado e conhecido como 15+2¹⁵. No dia 20 de junho de 2015, um grupo de jovens foi detido quando se reunira para discutir o livro de Domingos de Castro, *Ferramentas para destruir o ditador e evitar nova ditadura - Filosofia de Libertação de Angola*, inspirado em outra obra *Da ditadura à Democracia*, de Gene Sharp. Na ocasião em que discutiam o livro, as instalações foram invadidas pela polícia e o grupo foi preventivamente acusado de conspirar um golpe de estado. O caso ficou conhecido por 15+2 por alusão ao envolvimento inicial de quinze jovens do sexo masculino e posteriormente o acréscimo à prisão de duas jovens do sexo feminino.¹⁶ Durante a prisão e durante um ano de processo judicial repleto de percalços, concluído em julho de 2016, do qual participou o jovem da narrativa acima, o caso ganhou repercussão nacional e internacional por meio das redes sociais, mídias digitais e protestos de rua em apoio aos ativistas.

¹⁴ Trecho de conversa realizada pelo autor deste artigo com Hitler Tshikonde, em 2020, pelo aplicativo de mensagens whatsapp. Outra entrevista foi realizada em 2016, quando Hitler descreve seu envolvimento no processo 15+2.

¹⁵ Entrevistei ou conversei por e-mail, WhatsApp ou Messenger com alguns dos 15 + 2, a quem agradeço a atenção por compartilharem suas histórias e outras contribuições.

¹⁶ São eles e elas: Domingos José da Cruz, Henrique Luaty da Silva Beirão, Nuno Álvaro Dala, Manuel Chivonde Baptista, Afonso Mayenda João Matias, Benedito Jeremias Dali, Inocêncio António de Brito, Sedrick Domingos de Carvalho, Albano Evaristo Bingo Bingo, Arante Kivulu Italiano Lopes, Hitler Jessy Tshikonde, Fernando António Tomás, Nelson Dibango Mendes dos Santos, Osvaldo Sérgio Correia Caholo, José Gomes Hata, Laurinda Manuel Gouveia e Rosa Kusso Conde. Para mais informações, ver reportagem “É Proibido Falar em Angola”, no endereço eletrônico da Agência Pública <http://apublica.org/2015/10/proibido-falar-em-angola/> por Elisa Capai e Natalia Viana. Último acesso em 12/08/2020. O Jornal Maka Angola publicou também uma pequena bibliografia dos ativistas, em <https://www.makaangola.org/2015/07/jose-eduardo-dos-santos-tem-medo-de-livros-e-de-miudos/> Acesso em 12/08/2020.

Durante a prisão, os Revús mantiveram ativas várias manifestações de protesto contra o governo. Dentre as ações: 1) continuaram utilizando as redes sociais como Youtube, Twitter e Facebook para difundir sua visão injusta dos acontecimentos, para denunciar e protestar contra o processo e a prisão dos ativistas; 2) realizaram concertos musicais, atos, vigílias e passeatas contra a prisão sem julgamento dos 15+2; 4) utilizaram sites alternativos de notícias locais e correspondentes internacionais, com eventos que chamaram a atenção do público, mantendo em evidência a atenção da imprensa e a circulação de imagens e informações sobre o caso; 5) criaram inúmeras formas de manifestação reunindo pessoas nas praças e ruas de Angola e de outros países do mundo (Brasil, França, Portugal, entre outros), sempre com registros visuais e divulgação de imagens e informações sobre os eventos; 6) alguns dos 15+2 fizeram Greve de Fome, tentando visibilizar a causa e sensibilizar a opinião pública, os organismos internacionais e o governo, o que fora divulgado amplamente pelas redes sociais e mídias digitais independentes; 7) durante o julgamento, os presos se apresentaram diversas vezes em juízo satirizando seus julgadores ou enviando mensagens políticas maquiando-se ou adicionando as suas roupas mensagens contra o que definiam como prisão política, com o intuito de assinalar o seu protesto e ganhar publicidade durante a cobertura da imprensa; 8) os presos criaram memes com o seus próprios rostos pintados de palhaço ou usando perucas satirizando o governo e seus julgadores, substituindo estas por suas imagens de perfis nas redes sociais; 9) escreveram relatórios de dentro da prisão e publicaram nos seus canais da internet sobre as condições dos presídios e dos presos em geral, tornando visíveis outros personagens e outros problemas, que muitas vezes se fizeram esquecidos pelo governo, o que transformou a estada do grupo nas prisões um incomodo político, ao invés de silenciá-los; 10) durante a prisão escreveram diários sobre suas experiências na cadeia e durante o julgamento as publicaram por meio de redes sociais, visibilizando publicamente suas existências e constrangendo de algum modo as possibilidades de ações ilegais das autoridades ou de agentes que a mando criminoso os colocassem sob algum tipo de risco de vida. Todas estas formas de ativismo e protesto tiveram grande repercussão local e internacional e após um longo período de julgamento, e um ano depois de serem presos, foram libertados.



Figura 2: Meme publicado no site Central 7311, com os presos satirizando uma das Juízas do caso 15+2

Por meio de ferramentas digitais, edições caseiras e redes sociais, os ativistas improvisaram, criaram oportunidades de conscientização, visibilidade, reconhecimento e apoio dentro e fora do país. O efeito do ativismo em torno do “15 + 2” tornou as demandas dos Revús ainda mais visíveis e a tentativa do governo de pará-los com a prisão teve o efeito inverso de difundir ainda mais as motivações e ações do grupo. Os recursos mais recorrentes entre eles, como práticas de protesto, advinham das habilidades com as tecnologias digitais e com as linguagens comunicacionais. Fotografar, filmar, cantar, desenhar, pintar, escrever, atuar, editar, compartilhar e publicar, com a intenção de responder, denunciar, informar e agir politicamente fora, até então, uma prática comum que demarcara uma tensão entre formas geracionais distintas de atuação política entre os Revús e o governo. O que demonstra o quanto em tal formato de ativismo e protesto as agências individuais e coletivas são mais barulhentas, difusas e fluidas, mais dinâmicas e imprevisíveis, e pouco preocupadas com a técnica e a linguagem formal de apresentação ou com a racionalidade, a hierarquia e a clareza das formas comunicativas.

Os 15 + 2 acabaram construindo a própria narrativa sobre suas trajetórias, sobre suas motivações e sobre o modo de mobilização do grupo, tornando a repercussão de suas ações e suas justificativas ainda mais visíveis, possibilitando que muitos outros jovens e parte da população em geral aderissem as suas pautas pela democratização do País, pela necessidade da alternância do poder, pelas investigações contra corrupção e pelas liberdades individuais e coletivas de reunião e expressão; fragilizando em alguma medida a estabilidade de certas lideranças, especialmente a do presidente José Eduardo dos Santos. Em várias ocasiões, durante ou após a prisão, os 15+2

construíram suas narrativas sobre si e nos contaram como se viram no processo e o que pensavam e pensam de tais episódios (a exemplo da narrativa de Hitler, que abre este capítulo, mas também da parte de outros deles, como, por exemplo, a publicação do livro *Sou Eu Mais Livre, Então*, do ativista Luaty Beirão, sobre as condições e a experiência da sua prisão política; além das outras narrativas disponíveis na internet nas próprias redes sociais dos ativistas¹⁷). Outras vezes, construíram suas próprias narrativas também coletivas sobre o que entendiam e entendem representar ou terem representado politicamente para o País, como no texto assinado por eles e elas, durante uma palestra coletiva à imprensa, em agosto de 2016, publicada no sítio eletrônico da Central 7311. O texto ressalta a diversidade social dos participantes e as diferenças nas opiniões políticas, embora destaque o ponto comum da luta contra o autoritarismo e a ideia de que juntos advogavam por algo maior, que seria a vontade coletiva de transformação social em Angola.

“Somos jovens de vários extratos sociais, de vários níveis de formação e também sem formação nenhuma, partidários ou apolíticos, religiosos ou ateus, empregados ou desempregados, formando-se ou autodidatas, somos filhos de camponeses e de abastados, estamos na zunga e nos escritórios também, vivemos no musseque ou na cidade, enfim, somos nós, somos vós, somos todos nós! Somos a manifestação dos anseios não saciados do nosso povo. Um grito de mudança que não se quer calar”.¹⁸

Tal manifestação pública dos 15+2 parece exemplificar as duas facetas da expressão da agência dessa geração em Angola. No plano da experiência individual, o que me parece uma questão central é a possibilidade e o desejo de participação política direta de tais jovens como sujeitos de seus destinos, além da satisfação pessoal pelo envolvimento com a ação política, como forma de reivindicação de sua existência em uma sociedade que até então anulava suas possibilidades de autonomia, inclusive como sujeitos políticos. No plano coletivo, a principal característica de tais manifestações foi a visibilidade das diferentes pautas dos seus ativismos, destoando das narrativas hegemônicas das grandes corporações informacionais e das instituições políticas legitimadas pelo Estado, além de especialmente abranger genericamente temas como democracia, justiça social e liberdade de expressão. Tais questões ampliaram e diversificaram a atuação, a visibilidade e a participação ativista em Angola, evidenciando a agência das juventudes e trouxeram transformações

¹⁷ Ver, por exemplo, a narrativa na página de Luaty Beirão, no facebook, que no dia 20/06/2016, registrando um ano de prisão, publica a sua versão dos acontecimentos. O que fora feito sistematicamente durante todo o período em que se mantivera na prisão: <https://www.facebook.com/luatybeirao/posts/601389296689194:0> Último acesso em 12/08/2020.

¹⁸Ver: <https://centralangola7311.net/2016/08/19/o-caso-15duas-uma-longa-cronologia/> Último Acesso em 10/9/2020

políticas significativas que complexificaram ainda mais as disputas pela multiplicidade de pautas e de posicionamentos até então pouco institucionalizados.

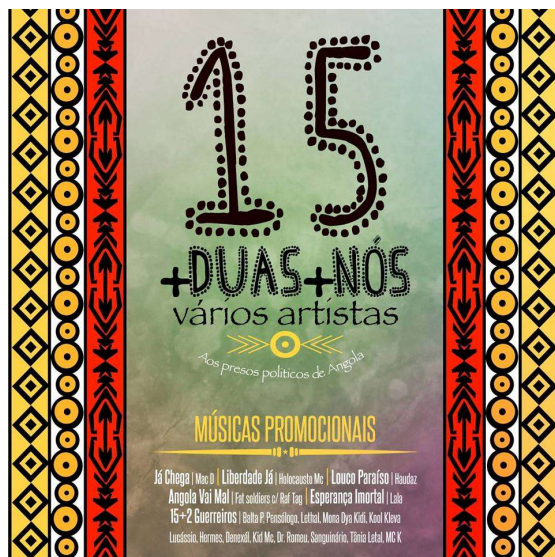


Figura 3: Fac-Símile de Capa do CD-Room produzido como Campanha pela Libertação dos 15+2

Em Angola, a atuação dos Revús e a questão em torno da prisão e da libertação dos 15+2 impulsionou o ativismo e os protestos nas ruas e na internet eles continuaram clamando pelo fim do governo de quase 40 anos de José Eduardo dos Santos, que finalmente ocorreu em 2017. Como diria Balandier (1994) sobre a política como representação e como dramatização, o poder político obtém a subordinação por meio da teatralidade, utilizando meios espetaculares, assim como a contra política deve também fazer-se política de imagem e da imaginação para produzir efeitos capazes de suscitar emoções (1994, p. 117). Ou seja, as formas de ativismo e protesto dos Revús, carregados de simbolismos e de criatividade, contribuíram para dar visibilidade aos jovens da geração digital em Angola como agentes reconhecidos na seara política, criando possibilidades de subverter a subordinação governamental e geracional - se contrapondo a sua teatralidade hegemônica - ao se colocarem em cena e ao utilizarem da linguagem e das ferramentas estéticas ao seu dispor.

Considerações finais

Na última década, as formas de ativismos e protestos se diversificaram em causas, lugares, criatividade e formatos de intervenção, carregando como características marcantes o advento das tecnologias móveis de captação de produção e edição de imagens utilizando as redes sociais como

produtores e difusores de comunicação e informação instantâneas e alternativas aos meios hegemônicos, bem como se tornaram instrumentos de rápida mobilização e organização de eventos de rua e atos políticos nas redes.

Em diferentes países do mundo, os impactos das manifestações e protestos iniciados pelas juventudes tiveram diferentes consequências, desde a ascensão ao poder por parte de políticos conservadores e nacionalistas até a derrubada de governos autoritários ou a ascensão de políticos progressistas. Em Angola, mesmo com o desgaste, a doença e a saída de José Eduardo dos Santos do governo e as promessas de mudanças no sistema político, de renovação dos quadros, de investigação da corrupção e ampliação da democracia por parte do novo presidente, o MPLA permanece no poder e as promessas de mudanças estruturais não foram colocadas em prática.¹⁹

Dentre as peculiaridades das formas de protesto e ativismo da geração digital estão as características criativas de intervenção, a produção e o compartilhamento da própria narrativa a partir de múltiplos pontos de vista, a diluição das lideranças e as novas linguagens estetizadas de informação, com ênfase ao visual, ao sonoro, ao performático, através do uso de diferentes suportes, como os equipamentos urbanos, o próprio corpo e os equipamentos digitais, que provocam sensibilidades políticas através de estilos estéticos reconhecíveis como o realismo, a ironia, o satírico, o drama e o cômico - entre outros.

As denominações “Jovens Revús” e “15+2” foram transformadas em marcos e marcas geracionais do ativismo e do protesto em Angola. Em junho de 2020, participei como ouvinte de um evento na internet, organizado pelo 15+2, tendo como referência o marco dos passados 5 anos de quando foram presos. O tema recorrente do encontro em forma de *live*, através do facebook, foi o destino atual daqueles ativistas e o que eles pensam hoje, sobre o que fizeram e sobre os dias atuais. Alguns se afastaram definitivamente das pautas políticas, alegando necessitarem de tempo para cuidar das suas vidas ou da família, outros continuam suas trajetórias de envolvimento com diferentes formas de ativismo, principalmente direcionando seus esforços de crítica contra a hegemonia política do MPLA e contra a corrupção, ou na militância envolvendo a pauta de ampliação das liberdades de expressão e da democratização do sistema político em suas diferentes instâncias, a começar pelos municípios, entre outras causas, como, por exemplo, o movimento

¹⁹ Por exemplo, a violência policial é considerada uma prática comum no País, atribuída ao longo, exclusivo e autoritário domínio político do mesmo partido e das mesmas pessoas no governo. Na semana em que eu estava finalizando a revisão deste artigo, começou uma grande mobilização organizada pela sociedade civil contra a violência policial em Angola, com uma crítica contundente ao novo presidente e ao MPLA. Ver: <https://www.dw.com/pt-002/as-vidas-angolanas-importam-jovens-exigem-fim-da-viol%C3%Aancia-policial-em-angola/a-54905729> Último acesso em 13/09/2020.

“Jovens pelas Autarquias”²⁰. Além do mais, a experiência com o ativismo levou vários deles a realizarem palestras, publicarem livros e a criarem coletivos organizados com alguma implicação política e social.

Como diria Pleyers (2013) em sua análise sobre as manifestações na Europa, em 2011, uma nova geração de ativistas descobriu novas formas de promover mudanças políticas, mediante a capacidade de comunicar-se e de organizar-se de forma autônoma, fora do alcance dos métodos atuais de controle político e econômico e com habilidade do uso de ferramentas individuais de comunicação e de produção de conteúdo. Quanto aos Revús, mesmo que nem todos e todas continuem envolvidos diretamente em atividades políticas, eles fazem parte deste processo do qual fala Pleyers. Dentre os muitos desafios analíticos que permanecem, ainda está a necessidade de entendermos o alcance de tais transformações na vida das diferentes juventudes, neste caso específico em Angola, mas também para além, e também em como será o campo da atuação e da disputa política mediadas cada vez mais pelas tecnologias digitais, por seus usuários, produtores e controladores²¹, jovens ou não. Outro desafio será o de compreendermos melhor os efeitos das agências estetizadas sobre emancipação política dos sujeitos.

Bibliografia

ALONSO, Angela. “Repertório, segundo Charles Tilly: história de um conceito”. En: **Sociologia & Antropologia**.v.02.03, pp 21–41, 2012

ARCE, José Manuel Valenzuela. **El sistema es antinosotros; culturas, movimientos y resistencias juveniles**. Barcelona: Gedisa Editorial, 2015.

BALANDIER, Georges. **El poder en escenas: de la representación del poder al poder de la representación**. Paidós Studio: Barcelona, 1994.

BAYAT, Asef. **Life as Politics. How Ordinary People Change the Middle East**. Amsterdam: Amsterdam Universited Press, 2010.

CAMPOS, Ricardo, BRIGHENTI, Andrea Mubi e SPINELLU, Luciano. “Introdução”. En: _____ (org). **Uma Cidade de Imagens. Produções e Consumos Visuais em Meio Urbano**. Lisboa: Mundos Sociais, 2011.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignacion y esperanza: los movimientos sociales en la era de internet**. Madrid: Alianza Editorial, 2012.

²⁰ Ver: <https://www.facebook.com/jovenspelasautarquias> Último acesso em 10/9/2020.

²¹ Como é o caso dos novos usos das tecnologias de acesso e manipulação dos dados na internet por parte das grandes empresas do ramo digital, que estão servindo também aos governos e grandes grupos políticos.

FEIXA, Carles. **De la generación @ a la # generación: la juventud en la era digital**. Barcelona, NED, 2014.

HEBDIGE, Dick. **Hiding in the light**. London: Routledge, 1988;

HONWANA, Alcinda. “Juventude, Waithood e Protestos Sociais em Africa”. En: BRITO, Luís, de; CASTEL-BRANCO, Carlos Nuno; CHICHAVA, Sérgio; FORQUILHA, Salvador; FRANCISCO, Antonio (Org). **Desafios para Moçambique – 2014**. Maputo: IESE, 2014.

LIPOVETSKY, G. e SERROY, J. **A estetização do mundo: viver na era do capitalismo artista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

MANOEL, Coque Francisco; FORTUNA, Cláudio dos Anjos Ramos. **Os Meandros das Manifestações em Angola**. Brasília, Kiron, 2012.

MARCON, F. “Agências Estetizadas, Geração Digital, Ativismos e Protestos no Brasil”. *Ponto Urbe*, v. 23, 2018, p. 1-19.

MARCON, F.; TOMAS, C. Kuduro, Juventude e Estilo de Vida: Estética da Diferença e Cenário de Escassez. **Tomo** (UFS), v. 21, p. 137-167, 2012.

PLEYERS, Geoffrey. 2013. “Ativismo das ruas e on-line dos movimentos pós-2011”. **Lutas Sociais**, São Paulo, vol.17 n.31, jul./dez: 87-96.

ROCHA, Everardo e PEREIRA, Carla. “Sociabilidade e novas tecnologias: os significados do consumo entre jovens”. En: ROCHA, Everardo, PEREIRA, Cláudia e BARROS, Carla (orgs). **Cultura e experiência midiática**. Rio de Janeiro: Ed. PUC/Rio; Mauad, 2014.

SILVA, Sandra Rubia da. “De afetos e de memórias: o consumo do telefone celular como “tecnologia afetiva””. En: RIAL, Carmen, SILVA, Sandra R. e SOUZA, Angel Maria de (org). **Consumo e Cultura Material: perspectivas etnográficas**. Florianópolis: Ed. UFSC, 2012.

SILVA, Regina Helena Alves da (org). **Ruas e Redes: dinâmicas dos protestos BR**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

Os saraus de poesia - cultura, política e juventude em movimento:
os “novos” sujeitos da cena político-cultural da cidade de Salvador

The poetry soirees – culture, politics and youth in motion: the “new”
subjects of the political-cultural scene of Salvador City

Célio José dos Santos¹

Resumo

O presente artigo tem como objetivo tensionar o debate a respeito das formas de articulação e mobilização política da juventude na capital baiana. Na última década, emergiram na cena cultural da cidade de Salvador inúmeros saraus de poesia, que se espalharam pela cidade, e em sua maioria organizados por jovens negros e negras, os quais enxergaram no sarau uma forma de mobilização e auto-organização política baseada na autogestão, na autonomia, na ajuda mútua e na horizontalidade. Nesse contexto, o sarau assume um papel interessante para a construção de redes de sociabilidade dos jovens na cidade: é o lugar de encontro, de aprender, de fazer, de debater e de construir política. O sarau é o nó da rede das tramas de relações que são tecidas na cena política e cultural soteropolitana; é o lugar onde os jovens estão vivenciando, experienciando e construindo um modo de ser jovem negro/negra na cidade de Salvador.

Palavras chave: Juventude; Sarau; Sociabilidade; Movimentos Sociais.

Abstract

The present paper aims at tensioning the debate regarding the forms of articulation and political mobilization of the youth of the capital of Bahia. In the last decade, a number of poetry soirees have emerged in the cultural scene of the city of Salvador. Those evening parties have been spreading throughout the city, mostly organized by young black men and women, who saw this sort of event as a form of political mobilization and self-organization based on self-management, autonomy, mutual aid, and horizontality. In this context, soirees have been playing an interesting role in the construction of social networks for young people in the city. This is the meeting place, the place to learn, do, debate, and build politics. The soiree is the knot of the network of the webs of relationships that are woven in the political and cultural scene of Salvador. That is the place where young people have been experiencing and building a way of being a young black man or woman in the city of Salvador.

Keywords: Youth; Soiree; Sociability; Social movements.

¹ Professor do Instituto Federal Baiano - IFBAIANO, pesquisador na área da Geografia Urbana e ativismos socioculturais da juventude. Membro da Rede de Estudos e Pesquisas sobre Experiências e Ações Juvenis (REAJ).

Introdução

O artigo que se segue é fruto de resultados parciais da nossa pesquisa de doutoramento, a qual aborda as práticas espaciais insurgentes coordenadas pelos coletivos de jovens negros e negras que organizam os saraus de poesia na periferia de Salvador. A referida tese está sendo desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Bahia - UFBA, e os resultados parciais aqui apresentados são decorrentes do levantamento bibliográfico e da análise documental que possibilitaram problematizar os conceitos de juventude, sociabilidade e movimentos sociais. A pesquisa de campo consistiu na observação direta do sarau Bairro da Paz Vive e do sarau do Jaca, em entrevistas e conversas com os frequentadores e organizadores dos saraus; o que permitiu que pudéssemos elaborar algumas reflexões teóricas, mesmo que prévias, a partir do diálogo com o campo. Os saraus em questão acontecem na periferia da capital baiana, o sarau Bairro da Paz Vive é organizado pelo coletivo homônimo e realizado na praça do Popular no Bairro da Paz. Já o sarau do Jaca é desenvolvido pelo coletivo Juventude Ativista de Cajazeiras - JACA, situado no bairro de Cajazeiras 5, na rua deputado Herculano Menezes S/N - Indústria do bairro. O sarau existe desde o ano de 2014.

De início, é preciso ressaltar que nosso intuito não é analisar de forma aprofundada a parte artística e literária que acompanha o movimento, como fizeram Gama (2019) e (Oliveira, 2019) em suas dissertações de mestrado, mas sim toda a mobilização feita pela juventude para a organização e participação (seja na condição de artista ou espectador) desses saraus, uma vez que muitos jovens desafiam a cidade, subvertem toda a lógica de circulação e de uso da mesma, para poderem estar presentes nesses eventos. e

Na última década, a capital baiana viu brotar em sua cena cultural inúmeros saraus de poesia, que se espalharam pela cidade, em sua maioria organizados por jovens poetas, os quais enxergaram nessa atividade uma forma de auto-organização e de construção do ser jovem. Esses saraus, objetos das nossas análises, não se restringem apenas ao recital de poesia, comumente conhecido pelo grande público, mas são também rodas culturais que agregam a poesia, a dança, a música, o teatro, as batalhas de rap, o grafite, os slams e entre outras manifestações que emergem da cultura popular. Ou seja, eles foram ressignificados, ganhando novos formatos que buscam dialogar diretamente com as questões culturais do lugar (cidade/bairro).

Nesse sentido, os saraus, aqui mencionados, são formas de organização e mobilização política da juventude negra e periférica. De fato, são eles os “novos” sujeitos sociais da cena político-cultural de Salvador. Entretanto, devemos sempre tensionar essa ideia de “novo”. É novo

para quem? É novo a partir de qual escala temporal? Quem determina o que é e o que não é novo? Será que os sujeitos que são novos na cena ou as teorias e metodologias hegemônicas até então utilizadas é que não permitiam perceber esses sujeitos sociais? Sendo assim, considerando essas reverberações, utilizamos o termo “novo” em destaque porque entendemos que esses sujeitos já vinham militando há algumas décadas na cidade, mas o que desenvolviam não chegou a receber o status de movimento social, pois a forma de organização e de mobilização, além das pautas defendidas, não faziam parte do receituário teórico do que seria um movimento. Estes “novos” sujeitos da esfera pública soteropolitana trouxeram consigo novas narrativas e novas formas de mobilização e de lutas, como poderemos observar no decorrer do artigo.

Vale salientar, então, que determinadas teorias não podem e nem devem ser utilizadas como guarda-chuva para explicar toda e qualquer realidade. Corroboramos com Silva (2012), quando ela diz que a realidade está alicerçada em uma complexidade multidimensional, característica que permite que um mesmo fenômeno seja estudado a partir de diferentes perspectivas epistemológicas e entende que reduzir a análise a um único viés teórico é simplificar a realidade que se apresenta. Lógico que devemos estar cientes de que, ao escolher a forma com a qual compreendemos, representamos e damos sentido ao mundo, estamos, de certa forma, classificando e selecionando, como também, excluindo e tornando invisíveis algumas questões.

Partindo dessas reflexões, o presente texto pretende tensionar o debate em duas frentes: (i) problematizar o sarau como um espaço de mobilização política da juventude negra em Salvador; e (ii) pensar as redes de sociabilidades que são tecidas nos saraus e as insurgências desses jovens na capital baiana. Com o objetivo de contemplar esse debate, dividimos o artigo em 4 seções: na introdução, procuramos apresentar brevemente a pesquisa, bem como trazer à tona algumas advertências e os pontos motivadores que estimularam o desenvolvimento desse trabalho; na seção seguinte, buscamos abordar o sarau como um espaço de produção de autonomia e o seu potencial para catalisar a ação política da juventude; na terceira seção, abordamos uma discussão sobre a cidade, defendendo a ideia de que ser jovem, negro e morador da periferia de Salvador é correr um sério risco de não poder ter o privilégio de gozar a moratória social e nem a moratória vital (MARGULIS e URRESTI, 1996) e (GROPPO, 2015), devido às formas-conteúdo da cidade que é planejada para conter a circulação do corpo negro, resultando nos altos índices de homicídios e encarceramento que assolam a população negra juvenil, como aponta o Atlas da Violência (2019), o Mapa do Encarceramento (2015), entre outros documentos; já na última seção, tentamos estabelecer uma relação entre a mobilização da juventude negra acerca do sarau e os movimentos sociais, uma vez que a atividade em questão proporciona que a juventude esteja sempre em

movimento, lutando para sobreviver na cidade.

O sarau como espaço da produção da autonomia da juventude

Para entender um pouco a dinâmica dos saraus na cidade de Salvador, é importante construir uma tentativa de análise do seu processo histórico e da participação da juventude negra na apropriação dessa cultura. Vale ressaltar, porém, que o termo apropriação é aqui entendido a partir do sentido lefebvriano, que consiste na insurreição do uso, isto é, na passagem da condição de consumidores para criadores da própria cultura (LEFEBVRE, 2006).

Consideramos salutar a tentativa de historicizar o fenômeno dos saraus, contudo, fazemos algumas ressalvas, pois todas as vezes que se pretende descrever um fato histórico, comete-se o equívoco de pensar os processos a partir de uma lógica que obedece a hierarquia urbana e social. Historiciza-se os fenômenos sempre do centro para as periferias, colaborando de certa forma para colocar à margem alguns sujeitos sociais. Porém, procurando não incorrer nesse erro, preferimos contar a história a partir das pessoas que participam e contribuem de alguma maneira na construção e manutenção do sarau no ambiente cultural de Salvador. Sendo assim, segundo Valdeck Almeida², nos últimos anos, houve uma explosão no número de saraus de Salvador, com um visível crescimento em direção a parte norte da cidade, a periferia, principalmente durante a última década. O próprio Valdeck faz questão de frisar que o sarau em Salvador não é algo recente, pois o ato de declamar poesia em espaços públicos vem desde a década de 1980 com os Poetas da Praça: “foi um dos maiores, senão o maior movimento popular literário de resistência à Ditadura Militar, cujos participantes se apresentavam na Praça da Piedade para protestar e denunciar os desmandos através de poemas e performances.”

Sobre essa disseminação de saraus pelos bairros periféricos de Salvador, alguns poetas e pesquisadores do tema defendem que a periferização da atividade foi desencadeada a partir do Sarau Bem Black³ e do Sarau da Onça⁴, Oliveira (2019) faz uma leitura bastante interessante a respeito da importância desses saraus.

O Sarau Bem Black vai ser a principal referência na construção dos saraus periféricos soteropolitanos, do descentramento da arte da palavra, uma

2 Jornalista, escritor, poeta e ativista cultural de Salvador. Figura carimbada dos saraus que acontecem na cidade, fundador do prêmio literário de poesia, interlocutor e colaborador para o desenvolvimento da nossa pesquisa.

3 Sarau que foi realizado no Pelourinho - Centro Histórico de Salvador, idealizado por Nelson Maca, professor, poeta e agitador cultural, que se inspirou no sarau produzido pela Coperifa em São Paulo.

4 Sarau realizado no Bairro de Sussuarana - periferia de Salvador, desde 2011, teve forte inspiração do sarau Bem Black e hoje é uma das principais referências para os saraus que surgem no terreno fértil da periferia.

verdadeira ação desterritorializante ligada aos sentimentos de coletividade, de solidariedade e afetividade. O evento vai despertar a potência poética que esteve adormecida na periferia, instigar o surgimento de saraus não somente em Salvador como fora dela (OLIVEIRA, 2019, p. 42).

Vale destacar que são dois saraus cuja a dimensão racial assume a centralidade na pauta dos debates e nas poesias, proporcionando uma forte atração da juventude negra, que se identificava não só com os poemas declamados, mas com as pessoas que ali estavam servindo de fonte de inspiração e referência para que os jovens pudessem organizar os saraus em seus próprios bairros, como por exemplo o sarau Bairro da Paz Vive, **imagem 1**. Os nossos interlocutores apontam que o tanto o Sarau da Onça como o Bem Black foram um divisor de águas em suas vidas como poetas, seja no ato de incentivá-los a escrever suas próprias poesias ou de ressignificar o que já vinham escrevendo.



Imagem 1: Sarau Bairro do Paz Vive
Fonte: Acervo do autor

Mas o que tem de diferente nos saraus que se difundiram pela cidade, principalmente pela periferia? Podemos dizer que essa apropriação ocorreu de várias formas: pela ação espacial, que consistiu em levar os saraus para os bairros periféricos de Salvador, formando novas centralidades culturais; pela transformação no conteúdo das poesias, que agora passa a materializar com mais intensidade em versos a experiência e vivência do povo negro, dando voz a juventude; e pela emergência da juventude negra como “novos” sujeitos da cena política-cultural de Salvador, que estão aprendendo a se organizar a partir de outras lógicas, de novas formas de mobilização e

organização política, diferentemente de outros movimentos sociais que já estão a mais tempo na esfera pública de Salvador. Para Vinícius Araújo⁵, membro do Coletivo Bairro da Paz Vive, a poesia o colocou em movimento, possibilitou que ele pudesse refletir contra as formas de opressão sofrida pela juventude da periferia;

“Olha cara, posso dizer que a poesia me fez movimentar, me obrigou a estudar para compreender melhor a minha situação, a situação da minha família, a situação do meu bairro, e por isso faço questão de colocar em minha escrita a desigualdade social, o contraste social, o racismo, é uma forma de denunciar, sabe?”

A ação de organizar o sarau faz com que os jovens *se organizem para organizar*. É necessário que se mobilizem e formem coletivos, que, inicialmente, têm como objetivo a coordenação e produção dos saraus. Após um tempo, já estão aproveitando as reuniões para o desenvolvimento da atividade também com o propósito de discutir problemas do bairro, da cidade, da conjuntura política do país, bem como se articulam com outros coletivos e ampliam a rede de sociabilidade. O interessante é que essas interações sociais, políticas e culturais vão reverberando no sarau, nas poesias, na estética e no próprio corpo (como podemos observar na imagem abaixo). É um transformar transformando-se, como diz Raul Zíbechi (2004, 2015). Segundo o mesmo (2004), a juventude do século XXI tende a participar de formas de organização cada vez mais informal, menos disciplinadas pelas estruturas hierárquicas, ou seja, se organizam através de estruturas mais horizontais, que tenham como característica um funcionamento mais flexível, mais frouxo, porém com laços de amizade e solidariedade mais intensos e com forte implicação emocional.

A dinâmica interna dos saraus, Bairro da Paz Vive e do Jaca, é semelhante, o evento acontece um sábado no mês, a escolha do dia é decidida pelo coletivo de acordo com a disponibilidade dos integrantes, com base em nossas observações, podemos dizer que é o sarau é construído em três etapas - **o antes, o durante e o depois**.

O antes inicia no momento em que a data do sarau é definida pelo coletivo, sendo que a divulgação deve se dar de preferência com o mínimo de uma semana de antecedência. Logo depois, passa-se para a definição do formato e dos convidados (artistas, bandas e/ou palestrantes), que fazem parte da densa rede de relacionamentos existente entre os coletivos e grupos culturais da cidade. O passo seguinte corresponde ao contato realizado com os convidados para viabilizar a ida deles ao evento. É importante destacar que não existe o pagamento de cachê, não que os

⁵Poeta, estudante de Serviço Social, mobilizador social e membro do Coletivo Bairro da Paz Vive, o trecho da fala de Vinícius foi retirada de entrevista concedida ao autor do artigo.

convidados não mereçam, mas pela falta de dinheiro para poder realizar o pagamento. Nesse momento, então, se impõe a rede de solidariedade e apoio mútuo entre os grupos. Se por um acaso algum dos convidados não tenha condições para arcar com os custos do transporte, o caixa financeiro do coletivo é acionado. Como o sarau é um evento gratuito e que não conta com o apoio do poder público, o dinheiro para arcar com pequenos custos é oriundo da venda de lanches, de rifas, de zines ou de trabalhos artísticos que são vendidos durante e após o evento.

Convidados confirmados, é hora de confeccionar o flyer⁶. Após a aprovação pelo grupo o flyer já pode ser divulgado nas redes sociais. Como a divulgação nas redes sociais é bastante efêmera, no dia anterior ao evento a divulgação é reforçada com o intuito de lembrar aos interessados que “o sarau é amanhã”. Nesse mesmo dia, o equipamento de som passa por uma revisão, com o objetivo de verificar se há a existência de algum problema técnico no aparelho, e, em caso de um eventual defeito, possa ter tempo hábil para poder consertá-lo, ou, se o problema for um pouco mais grave, poder providenciar um empréstimo de outro som, e, assim, poder evitar surpresas no dia do sarau.

Nas horas que antecedem ao evento, é dado “um grau⁷” no espaço: coloca-se alguns adereços, que dialoguem com o momento, para decorar o ambiente, é feita a montagem e a passagem do som. Estando tudo certo, é torcer para não chover. Como Salvador é uma cidade de elevada umidade, a presença de chuva é muito comum. A pluviosidade influencia diretamente na quantidade de pessoas no evento, seja no sarau Bairro da Paz Vive, lugar onde o evento acontece em praça pública, como pode ser visualizado na **imagem 1**, ou no sarau do Jaca, que, mesmo acontecendo em um espaço fechado, **imagem 2**, em dias de precipitação elevada a mobilidade na cidade fica bastante comprometida, e, como precaução, as pessoas evitam sair de casa. Para que seja possível entender a influência da chuva, algumas edições do sarau no Bairro da Paz já chegaram a ser canceladas devido às fortes chuvas.

⁶ Flyer é um material de divulgação em meio digital semelhante aos panfletos, muito utilizado no meio cultural para divulgação dos eventos de forma rápida por meio das redes sociais.

⁷ Uma gíria muito comum do vocabulário da juventude soteropolitana, está relacionado a limpeza ou organização de um determinado ambiente, ou a um melhoramento estético, como cortar o cabelo ou fazer a sobrancelha.



Imagem 2: Atividade cultural do Jaca
Fonte: Acervo do autor

O **durante** passa a se realizar não exatamente no horário marcado de iniciar o sarau, geralmente às 18h. Os organizadores adotam a estratégia de esperar formar um *quórum* “mínimo” para iniciar os trabalhos. Como o público advém dos diferentes bairros da cidade e depende do transporte público e do horário de saída do trabalho, o atraso é bastante comum. Mas quem é o público que frequenta os saraus? As **imagens 1 e 2** nos oferecem, mesmo que parcial, um retrato dos frequentadores do sarau. Apesar dos jovens corresponderem ao público majoritário, é comum a presença de pessoas de outras faixas etárias, em especial crianças e adolescentes. A estética é um marcador importante para identificarmos que se trata de jovens negros e negras, estética que procura fazer alusão a cultura negra, seja com base no vestuário ou no penteado do cabelo, estratégia utilizada como uma forma de projetar uma territorialidade negra na cidade.

Com base nas enquetes, um outro instrumento de coleta de dados que utilizamos durante a pesquisa, pode-se notar que uma parcela considerada do público reside em bairros periféricos, têm como principal meio de condução o transporte público e são duplamente ocupados, em outras palavras, estudam e trabalham⁸. O fato interessante é que isso vale tanto para os jovens que estão cursando o ensino médio, o ensino superior ou a pós-graduação.

Público presente, é hora de iniciar o sarau!

A abertura é sempre feita por algum dos membros do coletivo e segue um roteiro que consiste em apresentar o grupo, indicar a edição que está sendo realizada, explicar a importância

⁸ Estamos levando em consideração tanto o trabalho formal quanto o informal.

do sarau, anunciar as atrações do dia e discorrer a respeito de algum fato político do bairro ou da cidade. No Bairro da Paz, o sarau é conduzido pelo Mestre de Cerimônia - MC, enquanto, em Cajazeiras, não existe a figura do condutor. Em ambos os saraus, contudo, a primeira atividade é o microfone aberto para que as pessoas possam se manifestar a respeito de qualquer tema, divulgar eventos, declamar suas poesias, ou fazer alguma apresentação artística. A ação de deixar o microfone aberto é de poder dar voz aos presentes e fazer com que as pessoas se sintam parte do sarau. Em dois anos acompanhando de forma sistemática esses saraus, pude notar que essa ação estimula o público a participar. É comum, por exemplo, nas edições dos saraus, aparecer um novo poeta que até a edição anterior estava a fazer parte do público, e, na seguinte, já está declamando uma poesia de autoria própria.

As poesias declamadas trazem em seu enredo toda problemática vivida e experienciada pela juventude negra soteropolitana, temas como violência, morte, desigualdade social e racismo contrastam com temáticas ligadas a empoderamento racial e de gênero. Valorização da periferia e o incentivo a busca pelo conhecimento atravessam os versos poéticos que são proferidos durante o sarau.

Durante essa primeira parte do microfone aberto, as pessoas vão chegando e se cumprimentando. Algumas vezes o cumprimento é acompanhado pela surpresa de encontrar um conhecido naquele local, e, logo em seguida, se juntam a um determinado grupo, o que nos faz defender a ideia do sarau como um lugar de encontro da juventude.

Por volta das 20h, período que o sarau atinge o seu ápice de público, é o horário dos convidados se apresentarem. O coletivo Jaca, nos últimos saraus realizados nos primeiros meses de 2020⁹, tem utilizado esse momento para levar palestrantes com o intuito de promover um debate político sobre variados temas, promovendo o sarau como um espaço de formação política, e assim, potencializando o seu caráter pedagógico.

Mesmo tendo todo um roteiro previamente definido, a dinâmica do sarau é regida pelo público presente. O evento, é, de fato, gerido de forma autônoma e coletiva, pois mesmo os que não estão recitando uma poesia, cantando uma música ou executando alguma atividade artística, estão ali como participantes ativos, aproveitam o momento para rever amigos, trocar ideias e discutir sobre os diversos assuntos, dessa forma, tecendo redes de sociabilidades.

⁹ Devido ao período de isolamento social provocado pela pandemia do Covid19 só aconteceu sarau nos três primeiros meses do ano de 2020.

Essas sociabilidades proporcionam que o sarau assuma outras temporalidades e espacialidades, indo muito além do dia e hora marcados. Seja em Cajazeiras ou no Bairro da Paz, o sarau proporciona que os jovens se articulem, discutam formas de mobilização que possam resultar em uma ação em outro bairro e em outro momento.

Como podemos perceber, o sarau é autogestionado pelos próprios jovens que desejam construir formas não capitalistas, horizontais e solidárias da organização política e social a partir de uma combinação de resistência, insurgência e criação, tecendo, dessa maneira, sociabilidades emergentes, como descreve Chagaceda e Brancalone (2012):

[...] la noción de sociabilidades emergentes nos sirve como sendero para pensar y/o interpretar estos procesos, elementos y fenómenos en sus dimensiones anticapitalistas, desde el lugar de las relaciones sociales más elementales, de las interacciones entre los sujetos, las organizaciones y colectivos sociales. Esto es, como el contenido de prácticas y representaciones colectivas que expresan, en determinadas circunstancias y articulaciones, un cierto potencial antisistémico (CHAGUACEDA; BRANCALEONE, 2012, p. 10).

Compartilhamos da mesma ideia defendida pelos autores, pois compreendemos o sarau como um espaço de desenvolvimento da autonomia, a partir das relações sociais mais banais que promovem uma interação entre os sujeitos que se fazem presentes. O desenvolvimento dessa atividade significa para a juventude um espaço de comunicação, de encontro e de trocas de afetos e experiências não só para os moradores dos bairros onde está sendo realizado o evento, mas para os jovens de toda a cidade. Para isso, precisam subverter a política de contenção dos corpos negros e adotar práticas espaciais insurgentes, em outras palavras, esses jovens precisam desafiar a cidade.

O depois, após o encerramento do sarau, entre às 22h e 23h, é a hora de limpar o espaço, guardar o equipamento de som e fazer uma avaliação da atividade do dia, como também é o horário de retornar para casa. Para os que residem no bairro do sarau, é um momento menos problemático, pois estão próximos a sua casa. Já para os demais jovens que se deslocaram de outros bairros, o momento é mais tenso, uma vez que dependem do péssimo serviço de transporte público da cidade, da mesma forma que precisam driblar as diversas formas de violência que atingem, e conseqüentemente, afligem a juventude negra soteropolitana. Na seção seguinte discutiremos esses pontos de forma mais aprofundada.

Como já sinalizamos nos parágrafos supracitados, o sarau assume outras espacialidades e temporalidades, ou seja, ele não se encerra com o término do evento. Na verdade, cria-se um ciclo, a produção de um novo **antes**, pois as redes de sociabilidade que foram tecidas durante o sarau continuam em constante movimento, seja para participar de alguma atividade cultural ou política,

oferecer oficinas em escolas ou projetos sociais ou para articular a visita ao sarau de um outro bairro. Isso possibilita que essa juventude se movimente de forma bastante fluída pela cidade, mesmo diante da adversidade que se impõe sobre o cotidiano desses jovens.

Desafiando a cidade: as práticas espaciais insurgentes da juventude negra

O sarau é fruto do contraste e da diversidade que ecoa em cada bairro, ruas e esquinas da cidade de Salvador, fazendo com que os saraus se tornem um ambiente profícuo para que os jovens possam demonstrar sua criatividade e construir sua cidadania. A criatividade, por sua vez, emerge através das poesias que insurgem contra as formas dominantes e opressoras da sociedade vigente.

Partiremos da concepção do sociólogo Henri Lefebvre (2001) ao pensar a cidade como produto e produtora das relações sociais, como o lugar do encontro e do conflito. Lefebvre aborda a cidade como o espaço das lutas políticas e das mobilizações sociais, ou seja, como o lugar do exercício da política. Nesse sentido, compreender os jovens como sujeitos políticos e sociais é entender que as práticas espaciais desses jovens produzem e criam espaços.

A cidade em questão é Salvador, a capital baiana. Um lugar com um grande contingente de negros e negras, e, assim como todas as metrópoles brasileiras, é uma cidade marcada pela contradição e pela desigualdade que estão impressas na paisagem. Segundo Vasconcelos (2016), é possível perceber a existência de “três cidades” em Salvador: a cidade histórica, construída pela mão de obra escrava, com um riquíssimo patrimônio arquitetônico e urbanístico, herdado do período colonial, de quando Salvador foi a capital brasileira (1549-1763); a cidade moderna, que acompanha a urbanização brasileira a partir do último terço do século XX, quando a modernização das formas urbanas, edifícios e shopping centers passaram a fazer parte da paisagem soteropolitana; e a cidade pobre e precária, marcada pelo desenvolvimento geográfico desigual do capitalismo, cuja estratificação social e a grande desigualdade social se materializam enquanto forma-conteúdo pelos bairros pobres da cidade.

Seu longo passado e sua riqueza durante o período colonial, quando se destacava como porto exportador de açúcar e de fumo e como porto de entrada de mercadorias européias e de escravos africanos, resultaram numa combinação populacional que a tornou a maior cidade brasileira com população majoritariamente negro-mestiça (quarto quintos da sua população), além dos componentes de origem portuguesa e indígena (VASCONCELOS, 2016, p. 15).

Como bem afirma Vasconcelos (2016), Salvador é uma cidade de transformações e permanências, cuja forma-conteúdo tem forte relação com as práticas coloniais. Isso significa que

temos uma cidade que é concebida, planejada e gestada para negar a presença do diferente. Este é tudo que está fora dos padrões estéticos coloniais, o que implica diretamente nas formas de uso e apropriação da cidade pelos negros.

A polis soteropolitana é gestada pelo Estado a partir da lógica do consumo. A cidade é vista como um produto a ser consumido e não uma obra, espaço de troca e não de uso (LEFEBVRE, 2001). É justamente essa cidade mercadoria que os jovens negros estão a desafiar quando se apropriam da forma dos saraus para levar cultura e política para seus bairros, estimulando a juventude negra a circular pela cidade.

Segundo dados do relatório final “*Juventude e Políticas Públicas em Salvador - Bahia*”, encomendado pela Prefeitura Municipal junto ao Fundo da População das Nações Unidas - UNFPA, divulgado em dezembro de 2013 e apoiado nos dados do censo demográfico de 2010, constatou-se que 28% da população de Salvador é composta por jovens. Na época, 751.337 (setecentos e cinquenta e um mil e trezentos e trinta e sete) era o quantitativo da população juvenil, sendo que 81,4% desse contingente populacional se autodeclararam pretos ou pardos. E mesmo representando menos de um terço da população do município, os jovens são as principais vítimas de homicídios, com uma taxa significativa de 76%, totalizando 1.401 (um mil e quatrocentos e um) vidas ceifadas no ano de 2009. Segundo essa mesma fonte, o número de homicídios dobrou em quatro anos, no período de 2005-2009. Números que, infelizmente, seguem um padrão de normalidade nas cidades brasileiras que viram nos últimos anos um aumento vertiginoso das taxas de homicídios relacionadas à população jovem.

O Atlas da Violência 2019, produzido e divulgado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA, que traz dados mais atualizados sobre a violência no Brasil, mostra que no intervalo de 1 (um) ano, entre 2016 e 2017, a taxa de assassinatos de jovens aumentou em 6,7%, e que esse número se mostra mais estarrecedor se compararmos o intervalo de 10 anos (2007 à 2017), período em que a taxa passou de 50,8 por grupo de 100 mil jovens em 2007, para 69,9 por 100 mil em 2017, isto é, um aumento de 37,5%. O perfil das vítimas da violência tem sexo, cor e grupo etário. São majoritariamente homens e negros, entre 18 e 29 anos, que corresponde 75,5% do total de homicídios. Desta forma, os dados trazidos por esse documento evidenciam como a violência contra a população negra é um dos principais traços da desigualdade racial no Brasil. Basta compararmos as taxas de letalidade da população negra e de não negros no intervalo de uma década (2007 à 2017) para constatarmos que, enquanto a taxa de indivíduos negros cresceu 33,1%, a de não negros apresentou um pequeno crescimento de 3,3%. Já se compararmos apenas com o ano de 2016, é possível observar que, enquanto a taxa de letalidade de não negros apresentou relativa

estabilidade, com redução de 0,3%, a de negros cresceu 7,2%.

Outro estudo importante é o que aborda a população carcerária no Brasil, desenvolvido pela Secretaria Nacional da Juventude - SNJ e publicado no ano 2015, intitulado “*Mapa do Encarceramento: os jovens do Brasil*”. A partir da análise dessa pesquisa, é possível perceber que houve, em 2012, um forte recrudescimento no aumento da população brasileira encarcerada - 74%, se comparado a 2005. Também é exequível traçar um perfil da população carcerária do país: homens, jovens (abaixo de 29 anos), negros, com ensino fundamental incompleto, acusados de crimes patrimoniais.

Os dados apresentados servem para ilustrar três pontos centrais para compreender a juventude negra em Salvador. Primeiro, consiste em entender a juventude como plural, mas, quando se trata de vítimas de violência, essa juventude tem rosto. Para não incorremos no risco de tratar a pluralidade como inócua e abstrata, como bem sinalizou Barbosa (2013), nos sustentaremos em sua tríade diversidade, desigualdade e diferente para compreender a juventude:

A juventude é **diversa** na sua dimensão sócio-humana, dada a dinâmica das relações que realizam os modos de ser da juventude em seus recortes étnicos, raciais e culturais, demonstrando a complexidade não só das juventudes, mas também das sociedades. É isto que é importante tratar quando abordamos a questão da diversidade. Justamente aquela que nos oferece a dimensão existencial da juventude. Mas não é só da juventude, é também da sociedade em que vivemos. Outro elemento dessa tríade é a **desigualdade**, por excelência uma dimensão socioeconômica, um modo de estar no mundo. Nesse sentido, a desigualdade em termos de escolaridade, de uso de bens culturais, de acesso a serviços de saúde, de oportunidades de renda, de qualidade de moradia, demonstram concretamente que a juventude é profundamente desigual. Os últimos dados da PNAD demonstram que 44% dos jovens até de 17 anos são de famílias pobres que vivem com meio salário mínimo. Enfatizamos que há um recorte socioeconômico evidente entre os jovens. Os jovens podem pertencer a uma mesma faixa etária, mas seus futuros não serão comuns. Diversa e desigual, a juventude é também fruto/semente da **diferença**. Estamos diante da dimensão sociocultural. Estamos diante de modos de viver; dos hábitos, dos costumes, das construções culturais, das preferências sexuais, das suas estratégias identitárias e das relações de pertencimento, que fazem do jovem uma experiência indivisível de ser na Pólis (BARBOSA, 2013, p. 2, grifo nosso).

Os números revelam que os jovens negros não têm o privilégio de gozar de duas categorias que estruturam a noção de juventude, as moratórias social e vital. Segundo Groppo (2015, p.18), “[...] a moratória social é o direito a um período de experiências, a um tratamento mais tolerante em comparação com outras categorias etárias e ao adiamento de certas obrigações sociais.”, Margulis e Urresti (1996) chamam a atenção ao frisar que a moratória social é vivida desigualmente pelos sujeitos, fazendo um recorte de classe da juventude. Já a moratória vital, seria a certeza de uma

vitalidade, de uma vida mais longa, se comparado aos idosos e adultos, defendida por Margulis e Urresti (1996) como algo transversal entre os jovens, independente de classe social. Na verdade, o jovem negro, não só em Salvador, mas em todo Brasil, tem que viver a sua juventude dentro de uma estrutura política baseada na necropolítica (MBEMBE, 2016) e no punitivismo (DAVIS, 2018), devido a forma sistêmica de exterminá-los e encarcerá-los, O recrudescimento do encarceramento juvenil mostra cada vez mais a intolerância da sociedade em relação aos jovens negros e negras.

Danilo Lisboa¹⁰, integrante do Coletivo Bairro da Paz Vice, faz um panorama interessante do que é ser jovem em Salvador, para ele, ser um jovem negro é está em situação de vulnerabilidade, seja por conta da violência ou do desemprego que atinge a juventude:

Ser jovem na cidade é estar a margem, principalmente se você for jovem negro periférico, é ser muitas vezes vítima da violência do Estado, você tá mais vulnerável a tomar um enquadro, e tá vulnerável a sofrer violência de outros jovens em outras comunidades, é conviver com o desemprego. Você muitas vezes tem que trabalhar na informalidade, seja vendendo picolé, água mineral, ou em outras situações, até... (pausa longa) infelizmente, se iludindo, indo para uma vida errada, para criminalidade, então você tem toda essa pressão que leva para esses vários caminhos.

Para tratarmos do segundo ponto, retornaremos ao debate sobre as políticas de contenção do jovem negro na cidade. As formas-conteúdos das grandes cidades brasileiras, principalmente Salvador, por ainda contar com a permanência da mentalidade colonial, tem por objetivo a negação da mobilidade na cidade dos corpos negros, especialmente quando essa mobilidade está ligada à prática do lazer. Para isso, são adotadas políticas de contenção que se manifestam de diferentes maneiras: no alto preço do transporte público ou na sua limitação de horário (em Salvador, o metrô só funciona até às 23:30), na militarização da cidade e nas câmeras de vigilância que estão sempre a vigiar os corpos negros, entre outras. Salientamos que, de acordo com Lefebvre (2008), forma e conteúdo são elementos indissociáveis na análise urbana, logo, as formas que citamos anteriormente são potencializadas pelo seu conteúdo, que é construído para negar a presença do diferente.

A insurgência dos jovens negros em Salvador é o terceiro ponto da nossa problematização. Diante de todas adversidades promovidas e impostas pelo Estado e legitimada pela sociedade, mover-se na cidade e promover uma cultura de mobilização política entre os jovens é um ato

¹⁰ Poeta, estudante de Geografia, mobilizador social e membro do Coletivo Bairro da Paz Vive, o trecho da fala de Danilo foi retirada de entrevista concedida ao autor do artigo.

legítimo de insubordinação, é desafiar a cidade em sua mais pura acepção, mesmo correndo enorme risco de ser mais um número na estatística, engrossando os dados da violência. Em conversas informais, é muito comum os jovens poetas relatarem a apreensão em circular pela cidade, para isso adotam estratégias de auto-proteção, evitam sair sozinhos, se deslocam para curtir os saraus em outros bairros sempre em grupo, de dois ou mais conhecidos, pois assim se sentem mais protegidos, uma proteção que eles não conseguem explicar, apenas dizem que a simples presença do colega ao lado, os fazem se sentir mais seguros.

Movimentos sociais de juventude ou juventude em movimento

O título desta seção é inspirado em Raul Zibechi (2015) que traz um questionamento bastante pertinente em relação ao entendimento dos movimentos sociais latino-americanos a partir de uma literatura eurocêntrica. As mudanças sociais enfrentadas pela América Latina durante a virada de século, como a desindustrialização, a precarização do trabalho, a diminuição dos empregos formais, resultaram na transformação do espaço urbano e alterou o cenário das lutas sociais, fazendo emergir dentro desse contexto “novos” sujeitos, como os jovens, as mulheres e os negros. Estes sujeitos trouxeram consigo novas formas de mobilização e de lutas, revelando a complexidade da sociedade em movimento (ZIBECHI, 2003).

Maria da Glória Gonh (2008, 2017) faz um apanhado das principais teorias que acompanharam os movimentos sociais, mostrando as rupturas e continuidades dessas discussões. A autora utiliza três categorias analíticas que ajudaram a explicar a realidade dos movimentos sociais no Brasil, os quais são: os movimentos sociais clássicos, os novos movimentos sociais e os novíssimos movimentos sociais.

- I. **Os movimentos sociais clássicos** - são os mais antigos, formados, geralmente, pela classe trabalhadora, cuja pauta perpassa por melhoria nas condições de vida e trabalho. Aqui, “as relações sociais são mais homogêneas, verticalizadas; as articulações e comunicações são mais dirigidas, fechadas, entre pares” (GOHN, 2017, p. 20). Eles têm uma estrutura organizacional e administrativa mais próxima de uma empresa, uma liderança centralizadora e um discurso de vanguarda muito latente, tornando os movimentos sociais em instituições extremamente burocráticas; o que, de certa maneira, acaba afastando os jovens dessas formas de organização.
- II. **Os novos movimentos sociais** - surgem no Brasil no final dos anos 70, mas se intensificaram após a constituição de 88. É um movimento que se aproxima da luta pelos direitos civis, em

que a pauta de reivindicação perpassa por questões identitárias e culturais, com modelos de organização menos rígidos em relação aos movimentos clássicos. No entanto, essa organização não é tão flexível como os novíssimos movimentos sociais. Vale frisar, que os jovens que participam dos novos movimentos sociais, geralmente, não assumem os cargos de “liderança”, sob a justificativa da “falta de experiência” e que eles estão sendo preparados para assumirem os cargos de liderança em um futuro próximo. De certa forma, essa postura alimenta a ideia do jovem como um vir a ser, uma concepção defendida pela corrente geracional que compreende o jovem sempre como um projeto de futuro.

III. **Os novíssimos movimentos sociais** - são os que emergiram nas manifestações de rua das duas últimas décadas, trazendo consigo novos sujeitos para a esfera pública brasileira. Composto em sua maioria pela juventude, possuem pautas diversas que variam entre a questão de classe, de gênero, de sexualidade e da mobilidade social. Propõem formas de organização que se distanciam das formas anteriores (os clássicos e novos movimentos sociais) e se aproximam mais dos ideais libertários, tendo os coletivos como as formas mais usuais de organização e articulação.

Para Zibechi (2003), a análise de movimentos sociais, a partir de uma perspectiva europeia, não oferece subsídios teóricos para compreender nuances nas maneiras de mobilização das periferias nas cidades latino-americanas, que, devido à retirada de direitos sociais e trabalhistas, está em constante movimento, sempre lutando por serviços básicos, como educação, saúde, moradia e segurança:

O conceito de movimento social parece um obstáculo adicional para refinar a compreensão da realidade das periferias. Quando se analisam os movimentos sociais, costumam-se enfatizar seus aspectos formais, desde as formas organizativas até os ciclos de mobilização, da identidade, aos marcos culturais. E assim, se costuma classificá-los, com frequência, segundo os objetivos que eles perseguem, o pertencimento estrutural dos seus integrantes, as características da mobilização, os momentos e os motivos pelos quais irrompem. Já existem bibliotecas inteiras sobre o assunto. Mas existem poucos, muito poucos trabalhos acerca do terreno latino-americano sobre bases próprias e, portanto, diferentes. (ZIBECHI, 2015, p. 35)

Por também entender que os conceitos de movimentos sociais existentes apresentavam fragilidades para a compreensão da realidade dos bairros populares de Salvador, Serpa (2009) criou o conceito de ativismos socioculturais, o qual consiste em articular os conceitos de cultura e política, pensando ambos como fenômenos da esfera pública. O autor afirma que a solidariedade, a sociabilidade e os laços de vizinhança, existentes nos bairros populares, servem como substância

potencializadora desses ativismos. Ou seja, o conteúdo previamente existente, as redes de solidariedade e o apoio mútuo, nos bairros populares, proporcionam uma base para que as mobilizações sociais possam se organizar de baixo para cima.

Os bairros populares da metrópole soteropolitana parecem se constituir em uma base real para ativismos que bem poderiam ser denominados de “ativismos socioculturais”, que mobilizam diferentes agentes e grupos na produção do espaço urbano, articulando linguagens e códigos que abarcam escalas mais diferenciadas, variando do local ao global (SERPA, 2009, p.161).

É com base nas redes de solidariedade e ajuda mútua (KROPOTKIN, 2009), constituídas pelas relações de proximidade e vizinhança, que a juventude da periferia de Salvador se articula para formar os mais diversos movimentos. Os jovens conseguem vincular cultura e política, seja através das artes literárias que desembocam na organização dos saraus, ou seja através dos grupos de rap que estimularam o aparecimento do movimento Hip-Hop, como verificamos em uma outra pesquisa (Santos 2012). Segundo Marcos Paulo¹¹, membro do JACA, o sarau conseguiu articular em rede a juventude negra dos bairros periféricos de Salvador, formando uma rede de cooperação e ajuda mútua, que consiste na colaboração em atividades sociais em outros bairros da cidade, seja marcando presença nos saraus organizado por outros coletivos, emprestando equipamento técnicos (aparelhagem de som, data show e entre outros), oferecendo oficinas ou realizando palestras.

Nesse objetivo de problematizar os movimentos sociais a partir da ideia de sociedade em movimento, trazida por Zibechi (2003), e de ativismos socioculturais, elaborada por Serpa (2009), é que iremos tentar compreender a mobilização da juventude negra na capital baiana. Assim, é necessário ressaltar que a história recente da cidade de Salvador mostra como a cultura é um elemento central para a articulação política dessa juventude. Analisando tal proposição, podemos citar três exemplos em contextos históricos distintos: O primeiro momento abarca a juventude das décadas de 70, de 80 e de 90 que tinham nos blocos afros e os afoxés uma forma de articulação política. Segundo Risério (1981), esse período ficou marcado pelo processo de reafricanização da juventude negra de Salvador. No entanto, vale ressaltar que, mesmo se tratando de um movimento majoritariamente juvenil, o termo juventude, nesse período, era pouco acionado pelos blocos afros e afoxés, o que no entanto, não exclui a possibilidade desses movimentos serem entendidos como espaços de sociabilidade, de construção e afirmação política da juventude negra.

O segundo momento vai de 1990 aos anos 2010, período em que o hip-hop é o principal

¹¹ Poeta, antropólogo, educador e mobilizador social e membro da Juventude Ativista de Cajazeiras.

aglutinador político da juventude negra. Segundo Santos (2012), a cultura hip-hop foi apropriada pela juventude soteropolitana como um instrumento de militância racial, social e, sobretudo, como uma ferramenta pedagógica de formação política. Ao contrário do movimento anterior, os jovens hiphoppers traziam em sua pauta os problemas vividos pelas juventudes e reivindicavam o direito de ser jovem, negro, pobre e periférico.

E o terceiro momento é a geração atual, entendida como uma transição do período anterior, já que os jovens hiphoppers estão migrando para o movimento de poetas que cresce na cidade. Esse movimento se materializa através dos saraus que congrega não só a poesia como também os elementos da cultura hip-hop. Em nossas pesquisas de campo, foi possível observar que vários jovens, que produziam e cantavam a música rap, começaram a criar e recitar suas poesias, participando de forma mais ativa desse movimento. O mundo da vida cotidiana desses jovens continua a ser a principal pauta, logo, a tônica do discurso é bem parecida com a do hip-hop. Entretanto, esses novos sujeitos políticos trazem pautas que até então eram tabus para as gerações anteriores, como as questões ligadas ao afeto, ao gênero, a sexualidade e a masculinidade tóxica, bastante explorados por esse movimento.

Retornamos com Gohn (2017) para tensionar os conceitos de movimentos sociais e de coletivos, pois é justamente nos moldes dos novíssimos movimentos sociais que os nossos sujeitos de pesquisa se organizam. A nomenclatura Coletivo é algo marcante na linguagem da ação política e organizacional desses jovens. A utilização das redes (sociais e técnicas) é central também na/para a política com outros agrupamentos de autogestão, ocasionando o desenvolvimento do sarau como um nó de rede de vários coletivos, uma vez que esse espaço se caracteriza como um lugar de encontro para esses grupos. Gohn assevera que:

Os coletivos, ao contrário, são vistos como agrupamentos fluídos, fragmentados, horizontais, e muitos têm a autonomia e a horizontalidade como valores e princípios básicos. Coletivos autodenominam-se como ativistas e não como militantes de causas, vivem experiências e experimentações que podem ser tópicos ou mais permanentes; fragmentadas ou mais articuladas (GOHN, 2017, p.23).

Com base em nossas pesquisas, temos muitas convergências e algumas divergências em relação à análise de coletivos descrita por Gohn (2017). No que diz respeito às convergências, concordamos quando ela afirma que a horizontalidade e a autonomia são princípios básicos para a auto-organização desses coletivos. Todavia, adicionamos outros dois princípios, que também possuem origens anarquistas/libertárias, que é a autogestão e a ajuda mútua. Este último, a nosso ver, o principal articulador das redes de sociabilidades e gerador das práticas espaciais, as quais

chamamos de insurgentes. Esses valores libertários são operacionalizados no cotidiano, por meio das posturas ou das atividades internas dos coletivos, como podemos observar na digressão sobre a dinâmica dos saraus que fizemos em parágrafos anteriores. De antemão, os grupos não apresentam uma liderança ou uma pessoa que represente o movimento. Pelo contrário, todos representam o grupo, logo, não existe uma estrutura hierárquica, sendo a responsabilidade compartilhada por todos/as, e as decisões tomadas de forma coletiva. Em caso de divergência de opinião, os argumentos são colocados pelos pares, e a questão é decidida através do voto, tornando o coletivo um espaço de exercício pleno da participação política. Cairo¹², integrante do Jaca, quando indagado a respeito da operacionalização dos valores libertário dentro do movimento ele responde:

A questão da autonomia, a questão de não precisar de um representante para que seus problemas sejam resolvidos, no meu entender é isso... Os partidos políticos, eles muitas vezes vão de encontro aos princípios dos moradores da periferia, por causa que eles procuram colocar na cabeça da galera que é necessário um representante para que ele precise sair daquela situação, o anarquismo vai dizer: não, você não precisa de um representante, você precisa se representar, se presente, busque, faça você a sua representação.

Com relação às divergências, não concordamos que os coletivos desconsiderem a ideia de militância. cremos que isso varia muito no contexto histórico-geográfico e entre os agrupamentos. Durante as nossas pesquisas, principalmente em conversas formais (entrevistas) e informais com os jovens, a palavra militância é bastante recorrente e muitos se consideram militantes de causas específicas. A principal causa identificada é a que emerge dos problemas sofridos pela população jovem e negra residente nos bairros periféricos, como o extermínio da juventude negra, provocado pela violência exacerbada, sobretudo a violência sistematizada do Estado, como apontado na seção anterior. A temática da violência perpassa pelas poesias, pelos discursos e as ações de militância dos jovens poetas, como é possível perceber faixa estendida, **imagem 3**, durante uma das edições do sarau Bairro da Paz Vive.

¹² Poeta, economista e mobilizador social e membro da Juventude Ativista de Cajazeiras, o trecho da fala de Cairo foi retirada de entrevista concedida ao autor do artigo.



Imagem 3: Manifestação contra o extermínio da juventude negra
Fonte: Acervo do autor

O outro ponto de divergência é a relação entre militância e ativismo. Em nossa concepção, militância e ativismo não são termos que se contrapõem, muito pelo contrário, se complementam. Nesta perspectiva, dialogaremos novamente com o exemplo dos/as jovens poetas de Salvador que articulam o ativismo, a cultura e a militância. Esta, por sua vez, não se resume a uma causa específica, isto é, as causas são múltiplas e estão diretamente ligadas ao mundo da vida cotidiana desses/as jovens. Para compreender esse processo, é necessário que estejamos mais próximos desses movimentos, superando a forma de fazer pesquisa *sobre* e passando a fazer a pesquisa *com* esses “novos” sujeitos sociais.

Considerações finais

Neste artigo, argumentamos que os saraus são um espaço de mobilização política, construção de sociabilidades e de autonomia da juventude negra soteropolitana. A promoção desses espaços proporciona ao jovem desafiar toda a lógica da cidade de Salvador. A essa dinâmica desafiadora chamamos de práticas espaciais insurgentes, já que essa juventude está subvertendo a ordem e desafiando as políticas de contenção dos seus corpos negros. Essas políticas consistem em confinar esses corpos em suas casas, negando-lhes a possibilidade de apropriação e uso da cidade. Nesse sentido, o simples ato de ir visitar um sarau na periferia de Salvador escancara toda a fragilidade da mobilidade da capital baiana, a qual se apresenta de forma intencional por parte do

poder público, uma vez que faz parte da famigerada política de contenção da juventude.

Buscamos demonstrar também que a juventude negra de Salvador desponta na esfera pública da cidade como os novos sujeitos sociais que projetam no sarau uma maneira de abordar e praticar novas formas de mobilização, em *um transformar transformando-se* (ZIBECHI, 2003,2015). Esses jovens elaboram códigos próprios, propiciando uma cultura política diferente, sobretudo baseada na autonomia, na horizontalidade e na autogestão. É o famoso “nós por nós”, lema bastante comum nos diversos coletivos, o que nos faz compreender os saraus, os quais estamos estudando, como uma política cultural promovida pela juventude negra da periferia, para os jovens negros residentes nas periferias da cidade de Salvador.

E por entender essas formas diferentes de mobilização como movimentos sociais, procuramos tensionar as maneiras clássicas de conceituar os movimentos sociais, trazendo para o debate as teorias de Serpa (2009), Zibechi (2003, 2015) e Gohn (2017), que apresentam um caminho bastante profícuo para compreender a ação desses “novos” sujeitos da cena político-cultural em emergência nas cidades latino-americanas.

Referências

- BARBOSA, J. Palestra do Prof. Dr. Jorge Barbosa. **Revista Geografia UFJF**, Juiz de Fora, v. 1 número especial, 2013.
- BRASIL. Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas; Fórum Brasileira de Segurança Pública. **Atlas da violência 2019**: Nota técnica. Rio de Janeiro, junho de 2019.
- BRASIL. Secretaria-Geral da Presidência da República e Secretaria Nacional de Juventude. **Mapa do encarceramento**: os jovens do Brasil: Brasília, 2015.
- CHAGUACEDA, A; BRANCALEONE, C. (org.) **Sociabilidades Emergentes y Movilizaciones Sociales en America Latina**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2012.
- DAVIS, A. **Estarão as prisões obsoletas?** Rio de Janeiro: Difel, 2018.
- GAMA, D. M. H. de L. da. **A voz e a vez de dizer: batalhas de poesia em comunidades de periferias em Salvador/BA**. Dissertação (mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais: Cultura, Desigualdades e Desenvolvimento, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, UFRB, Cachoeira, 2019.
- GOHN, M. da G. **Novas Teorias dos Movimentos Sociais**. São Paulo: Edições Loyola, 2008.
_____. **Manifestações e Protestos no Brasil**: correntes e contracorrentes na atualidade. 1º ed. São Paulo: Editora Cortez, 2017

GROPPO, L. A. Teorias críticas da juventude: geração, moratória social e subculturas juvenis. **Em Tese**, Florianópolis, v. 12, n. 1, jan./jul., 2015. p.4-33.

MBEMBE, A. Necropolítica. **Arte & Ensaios**, n. 32, 2016. pág. 122-151.

FUNDO DE POPULAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS – UNFPA. **Relatório Final: Juventude e políticas públicas em Salvador: Brasília / Salvador**, 2013.

KROPOTKIN, P. **Ajuda Mútua: um fator de evolução**. São Sebastião: A senhora Editora, 2009.

LEFEBVRE, H. **O Direito a Cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

_____. **La presencia y la ausencia: contribución a La teoría de las representaciones**. México: Fondo de Cultura Económica, 2006.

_____. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

MARGULIS, M; URRESTI, M. “La juventude es más que una palabra”. In: MARGULIS, M. **La juventude es más que una palabra**. Buenos Aires: Biblos, 1996.

OLIVEIRA, G. da S. **O Fio Mnemônico da Palavra: o sarau da onça**. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-graduação em Literatura e Cultura, Universidade Federal da Bahia - UFBA, Salvador, 2019.

RISÉRIO, A. **Carnaval Ijexá: notas sobre afoxés e blocos do novo carnaval afrobaiano**. Salvador: Corrupio, 1981.

SANTOS, C. J. dos. **As práticas de apropriação da cultura hip-hop pela juventude soteropolitana: um estudo a partir do lugar**. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal da Bahia - UFBA, Salvador, 2012.

SERPA, A. Ativismos socioculturais nos bairros populares de Salvador: relação entre cultura e política na articulação de novos conteúdos para a esfera pública urbana. **Revista Cidades**. Presidente Prudente, vol. 6, num. 9, 2009, p. 155 – 191.

SILVA, P. C. da. Elementos analíticos para la calidad interventora de los sujetos. In: CHAGUACEDA, A; BRANCALEONE, C. (org.) **Sociabilidades Emergentes y Movilizations Sociales en America Latina**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2012. p. 19-36.

VASCONCELOS, P. **Salvador: Transformações e Permanências (1549-1999)**. Salvador: EDUFBA, 2016.

ZIBECCHI, R. **Genealogía de la revuelta, Argentina: una sociedad en movimiento**. Buenos Aires: Letra Libre, 2003.

_____. **Territórios em Resistência: cartografia política das periferias urbanas latino-americanas**. Rio de Janeiro: Consequência, 2015.

Os jovens da jovem: A questão geracional em uma torcida organizada de futebol

The young people from “jovem”: The generational issue in an organized football fandom

Phelipe Caldas¹
Marco Aurélio Paz Tella²

Resumo

O artigo aborda algumas práticas de grupos de torcedores da Torcida Jovem do Botafogo-PB. Analisamos como a torcida se organiza a partir de delimitações geracionais, entre jovens e adultos dentro e fora do Estádio Almeidão. Procuramos analisar as torcidas organizadas a partir de sua diversidade geracional, racial e econômica em seus espaços de atuação e práticas, às vezes visíveis, às vezes nem tanto. A partir de um olhar rasante, de um ponto de vista etnográfico – trabalho de campo realizado entre maio de 2017 e agosto de 2018 –, sobre torcidas organizadas e distintas formas de torcer, discutimos como práticas de torcedores instigam reflexões sobre processos existentes de fluidez e rigidez das linhas fronteiriças geracionais em nossa sociedade. O foco do nosso artigo é a prática daquilo que vamos chamar de “prática do vai e vem”, realizada pela torcida organizada e caracterizada pela harmonia e beleza dos cânticos e movimentos corporais, assim como pela intimidação que desejam provocar nos torcedores adversários. Pretendemos demonstrar como aqueles torcedores que executam a prática são protagonistas de uma dinâmica tipicamente juvenil, delimitadora de fronteiras com os mais velhos, na contramão de processos em que as fronteiras geracionais estão cada vez mais fluidas, mescladas e imprecisas.

Palavras chave: Botafogo-PB, torcidas, juventude, fases da vida, antropologia das práticas esportivas

Abstract

The article discusses some practices of groups of supporters such as “Torcida Jovem” of Botafogo-PB sports team. We analyzed how the fans are organized based on generational boundaries, between young people and adults/old people inside and outside the Almeidão Stadium. We seek to analyze the supporters based on their generational, racial and economic diversity and also in their areas of activity and practices,

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFSCar. Integra o Laboratório de Estudos das Práticas Lúdicas e de Sociabilidade (LELuS/UFSCar) e o Grupo de Pesquisa em Etnografias Urbanas (Guetu/UFPB). Membro da Rede Nordestina de Estudos em Mídia e Esporte (ReNEme).

² Doutor em Ciências Sociais pela PUC-SP. Professor associado do curso de Antropologia e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFPB. Coordenador do Grupo de Pesquisa em Etnografias Urbanas (Guetu/UFPB). Membro Rede de Estudos e Pesquisas sobre Experiências e Ações Juvenis (REAJ).

sometimes visible, sometimes not so much. From a glance and from an ethnographic point of view - with fieldwork carried out between May 2017 and August 2018 -, on organized fans and different ways of cheering, we discuss how fan practices instigate reflections on existing processes of fluidity and rigidity of generational boundary lines in our society. The focus of our article is the practice of what we will call “practice of the coming and going”, carried out by the organized fans and characterized by the harmony and beauty of the chants and body movements, as well as by the intimidation that they want to provoke in the opposing fans. We intend to demonstrate how those fans who perform the practice are the protagonists of a typically youthful dynamic, delimiting boundaries with their elders, against processes in which generational boundaries are increasingly fluid, mixed and inaccurate.

Keywords: Botafogo-PB, fans, youth, life stages, anthropology of sports practices;

Introdução

Este artigo é um recorte da dissertação de mestrado em antropologia (PPGA-UFPB) desenvolvida por Phelipe Caldas, sob orientação de Marco Aurélio. Ao longo de 15 meses, num período correspondente a maio de 2017 e agosto de 2018, Phelipe foi praticamente a todas e Marco Aurélio a algumas partidas do Botafogo-PB³ realizadas no Estádio Almeidão⁴, em João Pessoa. É ali onde o Belo realiza os seus jogos quando acontecem na capital paraibana. Phelipe foi também a alguns jogos fora da cidade, acompanhando torcedores em viagens para os mais diversos destinos.

Estávamos em busca das diferenças, dos conflitos, das fronteiras, das alteridades, que muitas vezes se iniciam fora do estádio de futebol e cujas arquibancadas não conseguem apagar. Esquecemos de dizer. João Pessoa é uma cidade atípica do ponto de vista futebolístico. Não há rivalidades locais, visto que o grande rival botafoguense, o Auto Esporte, entrou em decadência financeira e futebolística no início da década de 1990 e nunca mais conseguiu fazer frente ao adversário.

A maioria dos jogos que presenciamos no Almeidão, portanto, aconteceu praticamente sem a presença de torcedores do outro clube em ação, de forma que as arquibancadas eram majoritariamente ocupadas por torcedores do próprio Belo. Isso, no entanto, não significa dizer que a pacificação seja a regra.

Afinal, trata-se de sujeitos que reiterada e erroneamente são vistos como formando uma suposta “unidade botafoguense”, como sendo unos e indivisíveis, mas que, a rigor, formam

³ Clube paraibano cujo nome oficial é Botafogo Futebol Clube. Neste artigo, ele poderá ser chamado também de Belo ou Alvinegro da Estrela Vermelha, seus apelidos mais conhecidos.

⁴ Nome popular do que é oficialmente chamado de Estádio José Américo de Almeida Filho. É o maior estádio de João Pessoa, na Paraíba.

múltiplas identidades e, por consequência, constituem grupos de torcedores diversos. Com interesses próprios, dinâmicas próprias, conceitos igualmente próprios sobre o que classificam de “jeito certo” de torcer.

Este artigo, portanto, propõe-se a fazer um recorte sobre essas diferenças, para mostrar inclusive que as distinções, as fronteiras, podem ser percebidas em contextos ainda mais micros. Por exemplo, internamente, no interior de uma mesmíssima torcida organizada.

Nossa proposta aqui, entretanto, é focar mais detidamente nas fronteiras geracionais, nas características e nas formas de torcer que definem quem são os jovens e os adultos, que os posicionam dentro de identidades torcedoras específicas, num processo, inclusive, que delimita onde cada tipo de torcedor pode assistir ao jogo dentro do estádio. Onde – e como – eles podem circular.

Queremos considerar que, embora em nossas sociedades contemporâneas as fronteiras que delimitam as gerações sejam mais fluidas e menos definidas, com as fases de vida podendo carregar características de outros grupos geracionais, ao menos no tempo do futebol, no contexto do estádio, as tais fronteiras geracionais seguirão mais rígidas e bem delineadas.

Ainda assim, mesmo que as formas de torcer dos jovens cimentem fronteiras no contexto do estádio, isso não significa um processo de ruptura ou conflito entre a prática juvenil de torcer e o ser adulto. Pelo contrário: primeiro, as formas de torcer possibilitam os processos de socialização dos jovens (PAIS, 1990) e o sentimento de pertencimento ao grupo (torcida); segundo, as formas de torcer que definem ser jovem têm o consentimento dos adultos. É o que se pode chamar de “juvenilização”, ou “a capacidade dos jovens de influenciarem os adultos” (PAIS, 1990, p.155).

Em concordância com Pais (2009), nos deparamos com grande diversidade de trajetórias de vida, essas marcadas e influenciadas por condições individuais e sociais. No entanto, com um olhar mais distante, pode-se observar regularidades, ou melhor, fatores de invariabilidades nas trajetórias de vida que, de forma geral, podem alimentar representações sociais (senso comum)⁵ sobre as fases de vida e estabelecer uma “aceitação social sobre algumas normas etárias”⁶ (PAIS, 2009, p. 374). Como, por exemplo, acontece na ideia de juventude.

Tal categoria, social e historicamente construída, apresentaria regularidades, consistindo num período de namoros, finalização do ensino médio e/ou profissionalizante ou ingresso no

⁵ Nossa referência a representações sociais sobre juventude vai na direção oposta da realidade, encarada como mito, construção social homogeneizante sobre ser jovem (PAIS, 1990), difundida por poderes públicos e a grande mídia.

⁶ O sociólogo português José Machado Pais (2009), ao falar de aceitação social de normas etárias, se baseia nos estudos sobre Tempos da Vida e as Percepções de Bem-Estar, de uma rede de investigação europeia, *European Social Survey*, realizada nos anos de 2006 e 2007: www.europeansocialsurvey.org/.

ensino universitário, com vistas também numa profissionalização⁷. Prevê ainda dependência financeira dos pais, morando-se com eles. Enquanto isso, o período adulto seria caracterizado pela independência econômica da família, conquista do emprego estável, saída da casa dos pais, constituição de uma nova família, filhos. Tais representações homogeneizantes podem ser consideradas o alicerce para a elaboração de políticas públicas focada na juventude e legitimação de uma legislação destinada a regular determinados direitos para fases específicas da vida. Podemos utilizar como exemplos disso, aliás, os estatutos da Criança e do Adolescente, da Juventude e do Idoso.

Entretanto, nas pesquisas com foco na juventude, podemos observar com um olhar mais atento que as características específicas associadas a cada fase de vida deixaram de ser bem definidas, com fronteiras geracionais mais elásticas, imprecisas, heterogêneas e com possibilidade de serem moldadas. Podemos constatar tais mudanças especificamente no tocante aos jovens, em concordância com José Machado Pais (2009, p. 373), quando ele diz que estamos vivenciando “uma crescente reversibilidade das trajetórias para a vida adulta (emprego/desemprego; casamento/divorcio; abandono à escola ou família de origem)”. A constatação verificada em pesquisas sobre juventude nos mostram experiências diversas de ser jovem, desconstruindo, assim, as representações sociais homogeneizantes (PAIS, 1990).

Contudo, e este é o nosso entendimento para o presente artigo, embora cada vez mais se aprofunde os processos de reversibilidade destacado por Pais (2009), e nisso também concordamos com o sociólogo português, há em alguns grupos ou organizações sociais a conservação de funções e práticas que estão associadas às fases da vida da juventude e do adulto. E é a partir das demarcações geracionais entre jovens e adultos que muitos dos torcedores organizados botafoguenses se distribuem nos espaços, dentro e fora do estádio, e se diferenciam na forma de se vestir, de se comportar e de torcer. Isso, inclusive, reafirma o que estamos defendendo aqui sobre a existência de uma heterogeneidade nas formas de torcer e de experienciar a juventude.

Para discutir isso, iremos analisar as dinâmicas da Torcida Jovem do Botafogo-PB (TJB)⁸. E, a partir de um movimento que esses torcedores costumam realizar ao longo dos jogos, que aqui chamaremos ludicamente de “prática do vai e vem”, tentar demonstrar como ocorre uma divisão entre jovens e adultos dentro da própria TJB, dividindo o grupo entre os que se movimentam e os

⁷ Embora José Machado Pais se baseie em pesquisas realizadas na Europa, podemos encontrar algumas semelhanças sobre algumas normas etárias, quando observamos os objetivos disciplinadores das políticas públicas direcionadas aos jovens pobres brasileiros e visões adultocêntricas sobre a juventude como fase de vida. Se os/as jovens se desviam de tais normas etárias serão classificados/as, pelos poderes públicos e grande mídia, como juventude problema, ameaça e perigo.

⁸ É a maior e mais antiga torcida organizada do Botafogo-PB.

que não se movimentam. Entre aqueles que ficam ao centro e aqueles que ficam à margem do ato de torcer. Ou, como os próprios torcedores preferem, quem está “na pista” (retomaremos esse termo pouco mais a frente) e quem já faz parte da chamada Velha Guarda.

O estádio e a prática do vai e vem

Ao longo de toda a pesquisa de campo, contemplamos em inúmeras oportunidades um movimento coletivo típico da TJB, que rapidamente nos chamou atenção e que é usual em outras agremiações torcedoras autodeclaradas de pista⁹: um grupo significativo de integrantes da organizada começa a correr de um lado para o outro, aos pulos, percorrendo algo próximo de 30 metros de arquibancada, aos gritos de “ei, playboyzada, tira o cu da arquibancada”. Um grito, aliás, que em si já é uma afirmação da diferença. Uma demarcação de alteridade. Uma declaração expressa de que existe um “outro” que difere daquilo o que representa ser TJB, e que encerra de uma vez por todas com a falácia da unidade entre torcedores de um mesmo clube.

Observada à distância, a cena parece um vai e vem sincronizado, como o brinquedo de mesmo nome, criado na década de 1970, composto por uma bola oval com abertura no centro, por onde passam duas cordas. São colocadas alças nas extremidades das cordas e cada um dos dois jogadores envolvidos segura duas delas para jogar a bola para o lado oposto.

Como no jogo, em que as duas pessoas envolvidas se divertem, mostrando força, potência e agilidade, assim também acontece no movimento síncrono de torcedores. Talvez, na prática do vai e vem, semelhante à brincadeira com a bola oval, os torcedores demonstram força de grupo e potência; entretanto, o movimento pode funcionar também para alimentar a autoestima coletiva e para manifestar virilidade, com a intenção de intimidar outros torcedores ou grupos de torcedores do próprio time ou de torcidas adversárias.

⁹ Torcidas organizadas de pista são aquelas mais afeitas ao embate, que gostam de experienciar de forma mais intensa as alianças e as alteridades com outras organizadas.



Imagem 1: A “prática do vai e vem” realizada pela TJB na Arquibancada Sol do Estádio Almeidão / Foto: Phelipe Caldas

Trata-se de um grupo grande, podendo chegar a mais de 100 pessoas em jogos de maior importância, na quase totalidade formada por homens. É um movimento ao mesmo tempo bonito e intimidador. Na prática do vai e vem, os torcedores dançam, pulam, andam, cantam, gritam, numa cinesia aparentemente infatigável.

Ao aproximar nosso olhar antropológico, “passando a paisagem social a pente fino” (PAIS, 1993, p. 109), buscamos indícios, em conformidade com a sociologia do cotidiano de José Machado Pais, que nos revelem algo além do que é possível perceber de forma distante e superficial. Com olhares “rasantes” e “matreiros” (PAIS, 1993), pois, acessamos vestígios para compreender as dinâmicas e organizações da TJB, tanto entre seus torcedores como na relação com as demais torcidas organizadas do Botafogo-PB e de outros times de futebol.

Neste olhar “rasante” e “matreiro” observamos diversos indícios que podem constituir caminhos para a compreensão de problemas e questionamentos. Nosso recorte para este artigo ressalta determinado perfil etário daqueles torcedores da Jovem na prática do vai e vem, sem deixar de relacionar com outros marcadores sociais da diferença e estabelecendo conexões entre micro e macro. Ao agirmos dessa forma, acreditamos desfrutar de elementos que contribuam para desassombrar algumas das práticas das torcidas organizadas.

No processo de aproximação da prática do vai e vem na arquibancada há uma primeira constatação: são jovens, pobres, homens, moradores de bairros periféricos, muitos deles negros.

Este primeiro retrato daqueles torcedores não é diferente do perfil majoritário das torcidas organizadas de pista. Percebe-se aí pelo menos cinco marcadores sociais da diferença – geracional, classe social, gênero, território e racial –, que se sobrepõem e marcam o perfil destes torcedores, especificamente desta prática.

Marcam os integrantes da TJB como um estigma, rapidamente classificado por outros torcedores e pelo policiamento militar dentro do estádio. Sim, porque não raro a prática, principalmente quando considerada mais acintosa, é rechaçada pelos policiais, criticada pelos demais torcedores como sendo típica de “marginais”. Aconteceu isso, por exemplo, em 18 de março de 2018, na semifinal de Campeonato Paraibano daquele ano, quando a Polícia Militar da Paraíba desmobilizou uma dessas práticas mais empolgadas, iniciada logo após um gol do Botafogo-PB em cima do Treze¹⁰, na base do gás de pimenta e dos disparos com armamento não letal, as famosas e temidas balas de borracha.

Na visão de outros torcedores com quem dialogamos, inclusive, a polícia não fez mais do que “conter a violência”, ainda que os organizados não tenham iniciado nenhuma briga naquele momento. É um tipo de anuência e de aprovação tácita ao uso de força policial, pois, que se coaduna com o que diz Pimenta (1997, p. 17), quando expressa criticamente que “a Polícia Militar se transforma no órgão legalmente constituído para disciplinar, no calor do acontecimento, a violência dos agrupamentos de torcedores”.

Mas, voltemos ao debate ora proposto. Dentro desses perfis mencionados, a questão geracional vai modificar as formas de torcer e vivenciar o estádio. Isso nos chama a atenção porque emerge como uma demarcação que define os papéis que uma e outra identidade vai exercer nos estádios de futebol.

Antes de continuar o voo rasante na prática do vai e vem da TJB, no entanto, devemos apresentar a forma como as torcidas se distribuem no Almeidão, local onde a TJB mais atua. E o primeiro passo para isso é descrever a própria estrutura física do estádio.

Em primeiro lugar, registre-se que a praça esportiva em questão é dividida em três setores distintos: a Arquibancada Sol de um lado, a Arquibancada Sombra e o Setor de Cadeiras do outro lado do campo de jogo. Esses espaços, aliás, provocam uma primeira ruptura, de ordem econômica.

¹⁰ Clube de Campina Grande, a segunda maior cidade da Paraíba. Considerado hoje em dia pelos botafoguenses, após a decadência do Auto Esporte, o principal rival do Alvinegro da Estrela Vermelha.

O preço médio do ingresso nas cadeiras, que é o setor mais caro, é R\$ 100; enquanto que no Sol¹¹, que é o setor mais barato, não passa de R\$ 20.

O Setor de Cadeiras, portanto, é exclusivo aos torcedores ricos, aos dirigentes e familiares dos jogadores do clube, principalmente se considerar que num mesmo mês o clube poderá jogar entre cinco e seis vezes no Almeidão. Já a Arquibancada Sombra (preços médios fixados em R\$ 40) é, em regra, destinada aos torcedores de classe média. Enquanto que na Arquibancada Sol ficam comumente os torcedores mais pobres¹².

Não é uma mera divisão espacial. As cadeiras, por exemplo, estão no único local coberto do estádio, livre de chuvas. E, como o próprio nome sugere, fica no único setor em que os torcedores não se sentam diretamente no concreto. Mas mesmo entre uma e outra arquibancada há diferenças, a começar pela principal delas, justo aquela que as nomeiam.

O que queremos dizer aqui é que o Almeidão foi construído em tal posição que o sol se põe por detrás da estrutura onde ficam o Setor de Cadeiras e a Arquibancada Sombra. Isso significa dizer que, em jogos realizados à tarde, essa estrutura fará sombra naquele lado do estádio, tornando a experiência torcedora menos adversa. Porque do outro lado, no Sol, afinal, o torcedor mal conseguirá enxergar a bola de jogo nos dias mais ensolarados, recebendo toda a irradiação solar de frente, diretamente nos olhos, queimando também a pele, tornando o desgaste físico mais acentuado. Ademais, a altura do degrau na Sombra é mais alto do que no Sol, o que torna o ato de sentar mais confortável.

Reforçando ainda mais esta marcação econômica entre um lado e outro, pode-se registrar ainda, a título de ilustração, que as camisas oficiais do Botafogo-PB, mais comuns na Sombra, eram vendidas no início de 2018 pela loja oficial do clube a R\$ 160. A sua versão falsificada, no entanto, mais comum no Sol, não passava de R\$ 40 em varais precariamente armados na parte de fora do estádio.

Fixando mais nossas observações nas diferenças entre as duas arquibancadas, a Sombra é a “casa” da maioria dos sócios do clube, por exemplo, e de torcidas organizadas como a Império Alvinegro, composta em sua maioria também por torcedores jovens, mas de classe média, moradores de bairros centrais ou daqueles classificados como “nobres”, que a todo o momento tentam se afastar da imagem de torcida de pista. O lado Sol, pelo contrário, é o ambiente preferido

¹¹ Tecnicamente, deveria ser escrito “na Sol”, visto que se refere à “arquibancada”. Mas nenhum torcedor se refere ao setor dessa forma. Adotam “Sombra” e “Sol” como substantivos próprios que nomeiam as arquibancadas. E, por isso, o seu uso no masculino no segundo caso. É o que faremos, também, respeitando o costume êmico.

¹² Vale ressaltar que a diretoria da TJB recebe dos diretores do clube um lote gratuito de ingressos a cada jogo, que acaba sendo vendido a cinco reais para seus integrantes, como forma de arrecadação de dinheiro para gastos diversos da torcida organizada. Ainda que seja uma venda informal, esse é o tipo de ingresso mais barato disponível.

das torcidas de pista. A já citada TJB, mas também a Fúria Independente. Ambas formadas majoritariamente por torcedores pobres, moradores de bairros periféricos.



Imagem 2: Visão do campo de jogo da Arquibancada Sol do Estádio Almeidão / Foto: Phelipe Caldas

São pedaços¹³ de arquibancadas que não se resumem a meros espaços. E que aqui serão pensados como “lugar”, tal qual defendido por Agier (2011, p. 108), que vai se referir a “um espaço de relações, de memória e de identificação relativamente estabilizadas”; ou mesmo como “lugar antropológico”, que Augé (1994, p. 51) vai definir como a “construção concreta e simbólica do espaço”. Que se pretendem “identitários, relacionais e históricos” (Id., *Ibid.*, p. 52).

E isso é tão intenso que, não raro, o nome da torcida se torna o próprio lugar do estádio. A Império se posiciona sempre atrás do banco de reservas do time botafoguense. A Fúria se posiciona exatamente na mesma linha deste banco de reservas, mas no outro lado do campo de jogo, no Sol. Enquanto a TJB fica na mesma arquibancada da Fúria, mas no extremo oposto. Essas posições não mudam jogo a jogo. Ao contrário, são fixas, simbólicas, rituais, caras para cada um

¹³ O termo “pedaço” pode ser pensado aqui, inclusive, como proposto por Magnani (2005, p. 178), “onde se desenvolve uma sociabilidade básica, mais ampla do que a fundada nos laços familiares, porém mais densa, significativa e estável do que as relações [...] impostas pela sociedade”.

de seus ocupantes. De forma que alguém dizer que vai assistir ao jogo “na TJB” é definir para o seu interlocutor bem mais do que aparenta. É dar uma espécie de endereço do ponto exato onde estará ao longo de toda a partida.

Para além disso, é importante registrar que existe uma forte oposição e disputa entre as duas arquibancadas, em discursos festivos, mas muitos deles insultuosos e pautados por preconceitos de ambos os lados e sempre visando o outro. Os torcedores da Sombra, pudemos constatar, não raro se referem ao outro lado como “Faixa de Gaza”, numa referência clara a um dos pontos mais tensionados do mundo, homogeneizando toda a arquibancada Sol sob um mesmo denominador. Chamando de forma meio aleatória e socialmente desqualificadora todos os torcedores organizados como sendo “marginais”.

Em sentido inverso, os torcedores do Sol, com ênfase maior nas torcidas organizadas ali posicionadas, têm a tendência de classificar todo mundo do outro lado como sendo um bando de “playboy que não sabe torcer”, tal qual nos disse um dos nossos interlocutores. Alegam que esses torcedores assistem aos jogos sentados, não cantam, não gritam, não empurram o time. E é justo em reação a esta suposta postura passiva dos torcedores não organizados que surge a tal prática do vai e vem.

“Ei playboyzada, tira o cu da arquibancada”. O grito, tal como acontece, gritado de forma ritmada enquanto os torcedores vão e vêm pela arquibancada, aos pulos, com coreografias corporais que sugerem o enfrentamento com o outro, tem, para os torcedores da Jovem, portanto, um tom didático sobre qual o jeito que, para eles, é o correto de se torcer. Um grito, aliás, que muitas vezes vem acompanhado de outro, ainda mais direto: “quem ficar parado vai levar um ‘tá ligado’¹⁴”.

“Marginais” ou “playboys”, proferidos por torcedores das diferentes arquibancadas do estádio, nos mostram outro contorno fronteiriço, diretamente associado ao demarcador de classe social. Nesta outra configuração, os lados das arquibancadas se dividem em duas partes, tendo a classe social como critério da divisão, não importando quem está do outro lado. Durante o tempo do jogo, se o torcedor estiver no espaço do Sol, será identificado como “marginal”; se o torcedor estiver no espaço da Sombra, será identificado como “playboy”. Em síntese, no tempo do jogo, o espaço definirá quem você é.

Para além da questão semântica, ainda é possível pensar os movimentos. Segundo Le Breton (2010, p. 52), esses “não são espontâneos, mas ritualmente organizados e significados

¹⁴ O “tá ligado” é um termo êmico usado para designar uma tapa na cabeça, na região da nuca. Como o próprio nome ilustra, serve para acordar o outro, deixá-lo ligado.

visando o outro”. Ou como dito por Pais (2006, p. 47), “não são meras formas de gestos corporais. O corpo é um instrumento de comunicação num espaço de interação”. Se optarmos por uma abordagem mais específica às torcidas organizadas, podemos citar ainda Toledo (1996, p. 52, grifo do autor), que vai falar em “*marcas distintivas* dos grupos, [...] marcas de identificação, visibilidade e oposição entre torcedores e as Torcidas Organizadas”. O autor nesse ponto se refere mais a vestimentas, faixas, bandeiras, símbolos, nomes, apelidos, mas podemos incluir aqui também a corporalidade específica de cada uma dessas identidades torcedoras.

É um movimento que, insistimos, visa outras identidades. Mas que vai ter repercussões internas também. É justo sobre essas repercussões no interior da Torcida Jovem do Botafogo-PB que vamos falar agora.

Jovens e não-jovens... na Jovem

Mais do que estar em determinada fase de vida (PAIS, 2009), para participar ativamente das dinâmicas da TJB o importante mesmo é se comportar em conformidade com uma representação de ser jovem construída por estes sujeitos. O nome dado à torcida já nos diz bastante sobre uma forma de ser jovem de torcida de pista. Uma forma de torcer, inclusive, que não necessariamente coincide com as bem delimitadas marcações geracionais demográficas.

Em outras palavras, se o torcedor se predispõe a atuar na pista – isto envolve a prática do vai e vem –, sua faixa etária deixa de ser o primeiro critério para atuar e ser aceito pelo grupo. O que importa é a prática de ser jovem, mesmo se o torcedor tenha 12 anos ou 50 anos.

Por outro lado, não basta disponibilidade ou disposição para participar das performances da torcida, é necessário um investimento físico para praticar as performances. Como foi dito acima, integrar a organizada e participar das práticas de pista das torcidas requer condições físicas apropriadas. Em dias de jogos em casa – quando o Botafogo-PB manda seus jogos no Almeidão – são mais de três horas de performances que demanda, no mínimo, bom condicionamento físico.

Principalmente porque as dinâmicas não são exclusivas do estádio, do rígido tempo em que se desenrola o futebol, mas se alargam para antes e para depois de a bola rolar, nas andanças pré-jogo pela cidade e nas dispersões coletivas – festivas ou não, a depender do placar – após o apito final. Essas três horas citadas, portanto, é um tempo médio de atividade torcedora, mas essa pode se tornar muito maior, por exemplo, em dias de clássico ou de finais de campeonato.

E quando o time joga fora de suas dependências – em outra cidade ou estado – o tempo dedicado às práticas se torna ainda maior. Pode dobrar, triplicar, quadruplicar, até, a depender do tempo despendido para o deslocamento.

Ser jovem ou ter experiência juvenil se torna importante para se sentir parte da torcida de pista, para ser reconhecido como membro dela, e para se diferenciar de outras torcidas e de outras formas de se torcer. Há, em todo este processo, uma valorização da experiência juvenil, ou melhor, de uma determinada experiência juvenil, demonstrada no nome da torcida ou nas formas de torcer. Mesmo que estes jovens, principalmente aqueles pertencentes às classes sociais mais pobres, longe das atividades da torcida, desempenhem papéis da fase de vida representados pela fase adulta – emprego, constituição de família, casamento, filhos. No tempo do jogo, estar apto a participar das performances coletivas da torcida se torna a principal condição.

Esta forma de torcer de pista sinaliza uma delimitação geracional, a partir desta experiência juvenil: aquele que não quer mais participar da pista deixa de ter a condição de ser jovem. Assim, faz sua passagem para a fase adulta, comportando-se de forma diferente nas arquibancadas. Paulo Soares, que hoje está na casa dos 40 anos e é um dos integrantes do Loucos pelo Belo¹⁵, foi um dos pioneiros da torcida, reconhecido por todos da TJB atual como um de seus fundadores mais ilustres, e que no passado já foi presidente da torcida. Hoje, assiste aos jogos na Arquibancada Sombra, acompanhado do filho de 14 anos, de forma pacata e quase anônima. Ainda que continue sendo um nome famoso na Arquibancada Sol.

Paulo representa a passagem geracional, da juventude para a adultez, em pelo menos quatro aspectos: (1) deixou as práticas da pista; (2) começou a assistir aos jogos na Arquibancada Sombra; (3) passou a torcer de outra forma, sem gritar, sentado ou sem se movimentar tanto; (4) passou a levar o filho aos jogos, que nos leva a considerar incumbências da vida adulta, como a formação de uma nova família, ter filhos. No caso específico de Paulo, a passagem de fase, para a vida adulta, talvez o tenha levado a sair da torcida.

Como apontamos acima, atuar ou deixar de atuar na pista não são determinados por responsabilidades típicas da fase adulta. Um jovem pode atuar na pista mesmo sendo casado, empregado e com filhos. Da mesma forma que um “não-jovem” pode seguir na TJB. Mas, para isso, ele passará a ser classificado como integrante da tal Velha Guarda da torcida, que vai escancarar o seu distanciamento da pista.

¹⁵ Loucos pelo Belo é um grupo de torcedores de classe média que assiste aos jogos na Arquibancada Sombra. Esses torcedores têm uma organização interna que eventualmente poderia aproximá-los da ideia de torcida organizada, mas eles rejeitam peremptoriamente essa denominação, se identificando genericamente como “um grupo de amigos que gosta do Belo”.

De volta ao Almeidão, no setor onde se localiza a TJB, existem dois grupos muito bem delimitados, nos mostrando outro desenho fronteiro, mas só perceptíveis para quem olha de perto, justo com a disposição de entender como eles se comportam. Um desses grupos é justamente a Velha Guarda, em regra formada por pessoas mais velhas (todos acima dos 40 anos, alguns com mais de 50), que já foram ativos na torcida, mas que agora, sem tanta energia para atuarem na pista, preferem assistir aos jogos de forma menos agitada. Eles ficam mais à margem, mas são respeitados por tudo o que já fizeram, como se a experiência da pista no passado honrasse o seu presente. São quase como uma espécie de torcedores organizados aposentados, reconhecidos pelos pares da torcida que, a despeito da aposentadoria, ainda comparecem à TJB para vivenciarem o estádio. Mas nem sempre vão uniformizados, até para evitarem os eventuais confrontos.

Um de nossos interlocutores, aliás, é quem explicita de forma cristalina o que queremos expressar aqui. Ele foi de pista no início dos anos 2000, continua indo ao estádio e ao Sol, assistindo aos jogos perto da torcida, mas já não entra mais no que ele chama de “meiuca”, ao se referir ao centro dos acontecimentos: “A gente quer continuar assistindo aos jogos juntos da Jovem, mas já não temos mais aquele gás, né?”, comenta sorridente. Perto, mas não dentro. Ou, se preferirmos, dentro, visto que segue sendo reconhecido pelos demais como integrante da torcida, mas à margem.

Há alguns aspectos importantes sobre a Velha Guarda da TJB, todos diretamente ligados a esta falta de energia que mencionamos acima. Em jogos no Almeidão, se abstêm das práticas performáticas da pista e não se apresentam para as peijas em possíveis confrontos com a polícia ou com outros torcedores organizados do Botafogo-PB e de outros clubes. Já nas viagens para jogos longe de João Pessoa e do Almeidão, até viajam juntos dos demais torcedores, no mesmo ônibus, mas são bem menos numerosos (quase exceções em meio aos jovens) e ficam longe do “agito”, posicionados em regra nas poltronas da frente, deixando o chamado “fundão” (do ônibus) para aqueles que ficam mais agitados, cantando, reproduzindo as dinâmicas torcedoras também durante a viagem.

O outro grupo é a parte visível. Os atuais integrantes da TJB. Ou, numa contraposição aos aposentados, aqueles que seguem na ativa. São todos mais jovens. E esses, sim, vão obrigatoriamente uniformizados, ocupam a parte central da torcida, posicionados sempre de forma muito coesa. Eles cantam juntos, torcem juntos, exaltam igualmente juntos o nome da torcida, garantindo que uma festa intensa e barulhenta se prolongue durante todo o jogo. Todas essas práticas requerem muita energia e muito preparo físico.

Aquí, vale rapidamente citar a figura do “puxador”, para facilitar ainda mais o entendimento das dinâmicas de uma torcida organizada durante um jogo de futebol. O “puxador”, pois, é uma

figura central em uma organizada. Posto ocupado necessariamente por um integrante antigo e respeitado, que possui “status” entre seus pares. Ele fica de costas para o campo de jogo e de frente para os demais torcedores. Trabalha como sendo uma espécie de maestro da parte ativa da torcida, da parte que se apresenta para a pista.

É o “puxador” quem define as músicas que serão cantadas, as coreografias que serão executadas, os movimentos que serão realizados. É o puxador, enfim, quem garante a coesão do grupo e certa uniformidade de suas ações. Ao menos entre os jovens. Ele indica a próxima ação, sinaliza com as mãos o momento exato de se iniciar a execução, e rapidamente todo mundo o acompanha.



Figura 3: O puxador é o maestro da torcida organizada. Que indica, por exemplo, quando os torcedores têm que se agachar (como aparece na imagem) e se levantar / Foto: Phelipe Caldas

E nestes momentos, não foram poucos os movimentos percebidos que demandam energia e preparo físico dos envolvidos. Além da já citada prática do vai e vem, algumas músicas são cantadas com metade da torcida agachada e a outra metade em pé, mas ao longo da música essas posições são constantemente alternadas, obrigando quem está agachado a se levantar rapidamente

e quem está agachado a fazer o movimento inverso. De longe, o movimento parece o de uma onda harmônica. De perto, os esforços corpóreos são melhores percebidos.

Há ainda dois outros tipos de componentes de uma torcida organizada que podem ser mencionados aqui para enfatizar o desgaste físico que tais dinâmicas podem gerar. Os integrantes da bateria e os porta-bandeiras. A inabilidade musical evitou que testássemos a experiência de passar três ou quatro horas batucando de forma ininterrupta, mas tentamos agitar as grandes bandeiras que as torcidas possuem como marcas distintivas, com mastros grandes feitos de bambu ou cano e que não raro possuem 5m² de pano. Exige força, coordenação, cadência, concentração. Foi necessário um esforço tremendo para conseguir executar a tarefa por reles cinco minutos. Mas as torcidas organizadas, como já comentamos, não as balançam por apenas cinco minutos.



Figura 4: Agitar o bandeirão exige força, coordenação, cadência e concentração / Foto: Yara Alves Monteiro / TJB

Como se vê, há um marcador geracional muito bem definido, que explica a dinâmica da torcida, as relações de reciprocidade e reconhecimento existentes em seu interior, as características físicas e simbólicas nas arquibancadas dos estádios, que a distingue em comparação com outras

torcidas do Botafogo-PB, com torcidas de outros clubes, com outros membros inclusive da própria TJB.

Considerações finais

A pesquisa que levou ao presente artigo, mais ampla, pretendia perceber as distinções que existem em um estádio de futebol mesmo quando ele é todo ocupado apenas por torcedores de um mesmíssimo clube de futebol – no caso aqui o Botafogo da Paraíba. Acabar com essa ideia erroneamente alardeada sobre uma suposta “unidade botafoguense” cuja alteridade seria exclusivamente os rivais de outros clubes, para mostrar a multiplicidade de formas de torcer que permeiam tais arquibancadas.

Afinal, torcedores organizados não torcem jamais como torcem os não-organizados. E mesmo uma torcida organizada terá distinções com relação à outra torcida organizada, seja porque existem rivalidades de bairro motivadas por questões para além do futebol, seja porque ambas querem ter o protagonismo de ser reconhecida como a maior e mais importante agremiação do clube que torcem.

O recorte aqui, no entanto, potencializa ainda mais essas distinções, essas variações nas formas de torcer e de enxergar a si mesmo e os outros sujeitos. Mostra, pois, tomando como ponto de partida a supramencionada prática do vai e vem, uma certa cisão no interior da própria torcida organizada que a executa. E “cisão” aqui, importante dizer, não necessariamente no sentido conflitivo que muitas vezes é dada ao termo, mas também numa referência a certa reorganização espacial e comportamental que o movimento acaba por provocar.

Pode-se dizer que há reciprocidade dos torcedores adultos da TJB, reconhecendo as formas de torcer dos jovens, os locais que eles ocupam e as práticas de torcer dentro e fora do estádio. O vai e vem também desempenha a função de socializar os torcedores, fortalecer o sentimento de pertencimento, a juvenilização da prática e da própria torcida¹⁶. A prática do vai e vem, como outras formas de torcer e estar no estádio, assegura a reprodução dessas experiências e vivências (PAIS, 1990) nas arquibancadas.

Os jovens ao centro, na ação, na pista, produtores mesmo de um modo de ser jovem (DAYRELL, 2003). Enquanto que os não-jovens, ou adultos/velhos, ou membros da Velha Guarda, se preferirmos nesse último caso o termo êmico adotado pelos torcedores, mais à margem, numa postura mais passiva, aposentado da pista. Ainda que eventualmente respeitados, vistos como

¹⁶ Juvenilização também no sentido de renovação etária da torcida.

uma espécie de conselho consultivo da agremiação, sem se apresentarem como executores das dinâmicas torcedoras.

Para análises futuras, podemos nos questionar até que ponto essas práticas de torcedores não fazem parte também de um tipo de masculinidade, de uma identidade masculina, baseada na virilidade, na valentia, na disposição de defender o seu território dos rivais – sejam eles botafoguenses ou não. Afinal, não são poucos os autores que já tratam do tema. De Leon (2011, p. 60), por exemplo, cita “força, poder, violência, virilidade, agressividade e potência sexual” como valores típicos do futebol e de seus atores. Connel (2016, p. 137), por sua vez, vai falar que “a energia masculina encontra sua expressão no futebol”.

Ademais, mesmo num contexto de uma predominância de fronteiras geracionais fluidas, ainda podemos observar a permanência de demarcações geracionais. Assim, é possível pontuar com relativa segurança que fazer parte de uma torcida organizada e, nela, desempenhar tais funções relacionadas a sua condição juvenil, como descritas acima, marcam a fase de vida representada por práticas sociais longe da autoridade da família ou dos mais velhos, se identificando com estilos de roupa, cabelos e comportamento próprios do grupo (FEIXA, 2006).

Referências

- AGIER, Michel. **Antropologia da Cidade:** lugares, situações, movimentos. Trad. Graça Índias Cordeiro. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2011.
- AUGÉ, Marc. **Não-Lugares:** introdução a uma antropologia da supermodernidade. Trad. Maria Lúcia Pereira. Campinas: Papyrus, 1994.
- CONNEL, Raewyn. **Gênero em Termos Reais.** Trad. Marília Moschkovich. São Paulo: nVersos, 2016.
- DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação.** Campinas, nº 24, pp. 40-52, 2003.
- DE LEÓN, Adriano. Tem viado no gramado dos campos de futebol? Uma proposta metodológica para analisar diferentes performances masculinas. In: MACHADO, Charliton; NUNES, Maria; SANTIAGO, Idalina. **Olhares:** gênero, sexualidade e cultura. João Pessoa: Editora Universitária UFPB. pp. 47-72, 2011.
- FEIXA, Carles. **De Jóvenes, bandas y tribos:** antropología de la juventud. Barcelona: Ariel, 2006.
- LE BRETON, David. **A Sociologia do Corpo.** Trad. Sônia M. S. Fuhrmann. 4ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

MAGNANI, José Guilherme. Os Circuitos dos Jovens Urbanos. **Tempo Social**. São Paulo, v. 17, n. 2, pp. 173-205, 2005.

PAIS, José Machado. A construção sociológica da juventude - alguns contributos. **Revista Análise Social**. Lisboa, v. 25, pp. 139-165, 1990.

_____. Na rota do quotidiano. **Revista Crítica de Ciências Sociais**. Lisboa, n. 37, pp. 105-115, jun. 1993.

_____. Bandas de Garagem e Identidades Juvenis. In: COSTA, Márcia Regina da; SILVA, Elizabeth Murilho da Silva. **Sociabilidade Juvenil e Cultura Urbana**. São Paulo: Educ, 2006.

_____. A juventude como fase de vida: dos ritos de passagem aos ritos de impasse. **Revista Saúde e Sociedade**. São Paulo, vol 18, n. 13, pp. 371-381, 2009.

PIMENTA, Carlos Alberto Máximo. **Torcidas Organizadas de Futebol: violência e autoafirmação – aspectos da construção das novas relações sociais**. Taubaté: Vogal Editora, 1997.

TOLEDO, Luiz Henrique de. **Torcidas Organizadas de Futebol**. Campinas: Autores Associados/Anpocs, 1996.

Geografias da vida noturna: Uma experiência de pesquisa

Nightlife Geographies: A research experience

Marcelo Custódio Pereira¹

Nécio Turra Neto²

Antônio Bernardes³

Resumo

O texto que aqui se apresenta procura trazer uma discussão sobre a relação entre lógicas econômicas e práticas espaciais ligadas à oferta de vida noturna, entendida como tempo-espço privilegiado das culturas juvenis. Um conjunto de pesquisas de vários níveis foi desenvolvido como parte de um projeto coletivo maior em cidades médias do interior do Brasil. Para que houvesse comparabilidade entre as pesquisas, foram adotados os mesmos procedimentos metodológicos, com poucas variações, dependendo da cidade ou do grau de aprofundamento das pesquisas individuais. Tais procedimentos reuniram netnografia, pesquisa exploratória, observação participante, questionário e entrevista, constituindo a parte central do texto. Por fim, o texto apresenta algumas das conclusões decorrentes desse estudo comparativo, em que se articula a oferta de vida noturna aos processos mais amplos de produção do espaço urbano das cidades estudadas, cuja tendência hegemônica aponta para a fragmentação socioespacial.

Palavras chave: Diversão Noturna; Culturas Juvenis; Metodologia de Pesquisa; Fragmentação Socioespacial.

Abstract

This paper aims to discuss the relationship between economic logics and spatial practices linked to the nightlife offer, understood as a privileged time-space for youth cultures. A set of multi-level researches was developed as part of a larger collective project in some middle size cities in Brazil. In order to ensure comparability between the researches, the same methodological procedures were adopted, with few variations, according to the city size or the depth of the individual researches. The procedures brought

¹ Licenciado (2012), Bacharel (2013) e Mestre (2016) em Geografia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (FCT UNESP de Presidente Prudente - SP).

² Graduação em Geografia pela Universidade Estadual de Londrina, Mestrado e Doutorado em Geografia, pela Universidade Estadual Paulista. Professor Assistente da Universidade Estadual Paulista (UNESP Presidente Prudente). Membro Rede de Estudos e Pesquisas sobre Experiências e Ações Juvenis (REAJ).

³ Professor do Programa de Pós-graduação em Geografia, Campos dos Goytacazes-RJ, e do Departamento de Geografia e Políticas Públicas da Universidade Federal Fluminense, Angra dos Reis. Graduação, Doutorado e estágio Pós-doutoral em Geografia pela UNESP, campus de Presidente Prudente-SP.

together netnography, exploratory research, participant observation, questionnaires and interviews. They are the central part of the text. Finally, the paper presents some of the conclusions from this comparative study, which nightlife offer is articulated to the broader processes of urban space production of the studied cities, whose hegemonic tendency points to socio-spatial fragmentation.

Keywords: Night Time Entertainment; Youth Cultures; Research Methodology; Socio-spatial Fragmentation.

Introdução

Nossa proposta de discussão neste texto, parte dos pressupostos teóricos propostos no Projeto Temático FAPESP “*Lógicas Econômicas e Práticas Espaciais Contemporâneas: cidades médias e consumo*”⁴, a partir do qual procuramos olhar para as relações entre lógicas econômicas e práticas espaciais de um público específico, aquele constituído pelos jovens habitantes das cidades, em suas experiências do tempo livre, o que nos conduziu para o estudo da vida noturna, sendo está uma das frentes de trabalho do referido projeto.

Neste projeto, o estudo da diversão noturna seguiu procedimentos mais ou menos padronizados para as seis cidades pesquisadas e são estes procedimentos que pretendemos apresentar aqui, bem como algumas das conclusões resultantes do conjunto das pesquisas ligadas a esta frente de trabalho – sejam de iniciação científica, sejam de pós-graduação. Os procedimentos se pautaram em observação sistemática da dinâmica das cidades à noite, observação participante (etnografia) em estabelecimentos selecionados, aplicação de questionários com jovens consumidores, bem como realização de entrevistas com empresários, trabalhadores e consumidores/frequentadores da noite. Antecedendo a estas estratégias metodológicas utilizamos alguns procedimentos de netnografia, a etnografia das redes sociais virtuais, como uma forma de primeira aproximação dos sujeitos e identificação das áreas da cidade com concentração de oferta de vida noturna, bem como dos estabelecimentos mais luminosos – aqueles que tinham poder de atração dos maiores fluxos de consumidores à noite.

Inicialmente, ainda aqui na introdução, apresentamos os principais pressupostos teóricos que articularam o estudo da diversão noturna aos estudos de juventudes, assim como seus rebatimentos nos processos de produção do espaço urbano. Na sequência, trazemos o que é o foco

⁴ Projeto Temático FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo) intitulado “*Lógicas Econômicas e Práticas Espaciais Contemporâneas: cidades médias e consumo*” executado pelos membros do GASPERR (Grupo de Pesquisa Produção do Espaço e Redefinições Regionais), do qual fazemos parte. O Projeto abarca seis cidades: Presidente Prudente, Marília, São Carlos, São José do Rio Preto e Ribeirão Preto, em São Paulo e Londrina, no Paraná e foi realizado entre 2012 e 2017.

central do texto, que são os procedimentos metodológicos, apresentando a sequência seguida para o conjunto das cidades estudadas. Para falarmos dos procedimentos mais qualitativos, trazemos um exemplo concreto de como a pesquisa exploratória e, mais particularmente, a observação participante foram desenvolvidas em uma cidade específica – Londrina, no Paraná. Por fim, trazemos algumas das conclusões a que o conjunto da pesquisa nas seis cidades do Projeto Temático nos permitiu chegar.

Na ciência geográfica, mais especificamente na Geografia Urbana, a discussão sobre a produção do espaço é central e o entendimento dos agentes produtores, bem como dos elementos que o compõem tem concentrado a atenção dos estudos. Em nossas investigações, buscamos entender algumas dessas facetas, correlacionando as lógicas econômicas tradicionais, que regem a produção do espaço urbano e as temporalidades da vida noturna, que possui dinâmicas e lógicas que lhe são características.

Sem nos aprofundarmos nessa discussão específica do campo, podemos dizer que as áreas das cidades que possuem uma concentração de estabelecimentos de comércio e serviços acabam formando uma área central. Se nesta área se concentram estabelecimentos de um mesmo ramo, forma-se o que Corrêa (2004) chamou de “magnetismo funcional”, ou seja, uma aglomeração que gera dupla atração: do público, que se beneficia da proximidade e da diversidade no mesmo local; e, a dos empresários do ramo, que se beneficiariam do fluxo gerado pelos seus concorrentes.

Toda área central, independentemente de ser especializada ou não, tem como qualidade certa centralidade, que é justamente o poder de atração de fluxos. Este poder varia da escala do bairro, passando pela escala da cidade como um todo, podendo chegar à escala regional e mesmo nacional e internacional, dependendo da importância da cidade. Em síntese, o processo de concentração de atividades comerciais e de serviços em certas áreas da cidade cria como forma urbana uma área central que, por sua vez, exerce centralidade.

Até muito recentemente, cidades médias brasileiras (ou áreas não metropolitanas)⁵ tinham uma estrutura urbana baseada na presença de um único centro principal (com centralidade que as

⁵ Segundo Sposito (2001b) e Sobarzo (2008), para definir uma cidade média, o critério demográfico – tamanho da população – é apenas uma primeira aproximação, pois na verdade são os papéis urbanos que devem ser considerados na definição de um conceito de cidade média, ou seja, suas interações espaciais com outras cidades e com sua área rural; e nem sempre há correspondência direta entre tamanho demográfico e papéis urbanos. Para definir cidade média é necessário considerar a situação geográfica em duas escalas, a da proximidade e a da conectividade (a região e as redes). O consumo tem um papel estruturador dos papéis intermediários da cidade e as cidades médias são espaços interessantes para capturar os consumidores das cidades pequenas de uma região. Em síntese, a ideia de cidade média se refere menos ao tamanho e mais aos papéis de intermediação que a cidade desempenha entre uma rede de cidades de mesmo porte, distantes, e as metrópoles nacionais, por um lado e, por outro, uma série de pequenas cidades que estão em sua área de influência. Ainda que algumas dessas cidades, no Brasil, sejam consideradas cidades centrais em

vezes chegava à escala regional) e, quando muito, alguns subcentros de bairro, com menor poder de centralidade. Esta situação tem se alterado, a partir da década de 1990, com a chegada nessas cidades de novas formas comerciais, de novos conteúdos e agentes econômicos, que atuam em escala nacional e internacional. Estamos nos referindo mais especificamente a hipermercados, *shopping centers*, franquias, formas e conteúdos antes restritos aos grandes centros urbanos. Formas comerciais e novos agentes que não vão mais disputar espaço no centro principal da cidade, mas sim criar seus próprios centros, muitas vezes em concorrência com as áreas centrais mais antigas e consolidadas (SPOSITO, 2001a). Aliado a isto, também novas formas de *habitat* passam a ser identificadas nestes espaços urbanos não metropolitanos, como os condomínios horizontais fechados, muitas vezes estendendo a cidade para além dela mesma, em busca de amenidades como áreas verdes, rios e lagos.

Segundo Sposito e Goes (2013), a combinação destes novos elementos promoveu uma reestruturação das cidades de tal monta que reconfigurou o que se pode entender como periferia, bem como ampliou as desigualdades já presentes nessas cidades. Para as autoras, quando a segregação socioespacial imposta à população urbana mais pobre se viu potencializada pela auto segregação em condomínios fechados e pela existência de áreas centrais fechadas e/ou segmentadas segundo os estratos de renda, emergiu uma cidade mais complexa, que já não pode mais ser explicada pela polarização centro-periferia, nem pelo conceito de segregação socioespacial (cujo foco são apenas as áreas residenciais), pois se trata agora de uma cidade que se fragmenta no plano físico-territorial e no plano da sociedade. Nesse sentido, as autoras advogam pela necessidade de pensarmos esse novo espaço urbano pelo conceito de fragmentação socioespacial (um processo altamente complexo de produção da diferenciação e da desigualdade, em que os cidadãos ficam restritos ou são restringidos a seus próprios nichos de circulação e convivência, em que a presença do Outro se torna uma ameaça. Emerge assim, uma nova experiência urbana nas cidades do interior do país) o que é particularmente verdadeiro para as classes sociais de maiores rendimentos.

Segundo Dal Pozzo (2011), com base em Sposito, segregação e fragmentação socioespaciais são processos que têm a mesma natureza, visto que promovem a separação, a apartação (SPOSITO, 1996), entre as diferentes classes sociais no espaço urbano, sendo a fragmentação socioespacial um acirramento dessa apartação que incorpora, além da separação entre locais de moradia distantes e/ou desconectados, as práticas espaciais seletivas de apropriação dos espaços

regiões metropolitanas, do ponto de vista dos seus papéis na rede urbana mais ampla, não desempenham papéis de metrópole, mas de cidades intermediárias, como é o caso de Londrina, que iremos apresentar.

da cidade, o que envolve os locais de consumo, como as novas e as velhas áreas centrais. Tais processos, pelo que o mesmo autor tem constatado em outro estudo (DAL POZZO, 2015)⁶, parecem se acentuar conforme aumentam a dimensão da cidade e a complexidade do seu espaço intraurbano.

Essas lógicas comumente observadas na economia urbana diurna também se apresentam na dinâmica da economia da vida noturna, uma vez que ela, cada vez mais, tem sido orientada por uma oferta proporcionada por agentes econômicos que atuam em diferentes escalas (levando para um conjunto amplo de cidades os mesmos formatos de diversão). Assim, diferente do que argumenta Margulis (1997), defendemos a tese de que, à noite, não emerge propriamente uma outra cidade, ainda que outros sejam os significados atribuídos na sua apropriação e consumo, mas que uma “economia da vida noturna” (SHAW, 2014) tende a reforçar, em linhas gerais, os processos mais amplos de produção do espaço urbano, jogando o jogo das distinções sociais, seja na seleção de áreas de implantação de novos investimentos e de público alvo, seja nas estratégias de *marketing* e nos formatos de diversão, vendidos como modernos e metropolitanos.

Por outro lado, concordamos com Margulis (1997) quando argumenta que a noite tem um corte geracional, que a noite é um tempo dos jovens. Um tempo de refúgio aos ditames do mundo adulto, em que se pode exercitar alguma independência; ainda que esta independência seja mera ilusão, visto que tanto o autor, quanto as pesquisas que desenvolvemos apontam para uma captura da vida noturna pela oferta de uma festa cada vez mais programada, segura e excludente.

Há um consenso entre estudiosos de juventudes (PALLARÉS e FEIXA, 2000; CÓMAS ARNOUD, 2000; PAIS, 2003) de que as culturas juvenis são culturas do tempo livre. São momentos em que os coletivos juvenis podem estar reunidos, em tempos e espaços que lhes são próprios, sem a presença dos adultos (sejam eles os pais, os professores ou os patrões, por exemplo). É assim que os grupalismos juvenis vão ser mais visíveis nas cidades aos finais de semana e durante a noite.

É importante frisar que tal uso do tempo livre noturno pelos jovens, como forma de reunião festiva entre iguais, em que se produzem e se exercitam culturas juvenis, foi uma conquista das últimas gerações, mais especificamente a partir da década de 1970, em cidades do interior do país.

As pesquisas de Turra Neto (2014; 2012) apontam que até pelo menos a década de 1970, a sociabilidade juvenil em cidades como Presidente Prudente-SP e Guarapuava-PR não contava com tempos e espaços específicos. Nestas cidades médias do interior, longe dos grandes centros

⁶ Em pesquisa também desenvolvida como parte do Projeto Temático Fapesp, mas em outra de suas frentes.

urbanos, a igreja, a família e o trabalho organizavam a vida social. Não é à toa que o passeio na praça – uma prática conhecida popularmente como *footing* (acontecia com maior animação no domingo no final da tarde, após a missa, como uma atividade de toda a família). Contudo, sobretudo, na segunda metade da década, com a maior difusão da televisão e dos aparelhos de som, estas cidades vêm emergir uma cultura juvenil classe média, ligada ao consumo de bens culturais e que vai demandar tempos e espaços específicos. Nestas cidades, o autor identificou o surgimento de lanchonetes e casas noturnas, bem como a maior presença do automóvel nas dinâmicas da sociabilidade juvenil. A igreja, o trabalho e a família já não desempenhavam papéis centrais na sociabilidade, ao passo que jovens de classe média conquistavam cada vez mais o sábado à noite. Dessa forma, as cidades estudadas pelo autor conheceram a implantação de estabelecimentos voltados à diversão noturna, que reforçaram a distinção de uma cultura juvenil no interior das sociedades locais⁷.

Desse modo, ao estudarmos o tempo livre aliado à oferta de lazer noturno, estamos direcionando nossa atenção para aquelas culturas juvenis que têm como *locus* de sociabilidade os espaços atualmente estruturados para receber as práticas de diversão juvenis mediadas pelo consumo: bares, *baladas*, *pubs*, *clubs* e suas derivações. Trata-se de uma oferta que produz espaços, ao mesmo tempo em que fundamenta as práticas que lhes dão conteúdo.

Emerge assim uma “economia do ócio” (CÓMAS ARNOUD, 2000), que faz com que as práticas de diversão se deem em espaços de consumo, ao mesmo tempo, passa a ser possível identificar nas cidades do interior certa especialização de áreas em que se concentra esta oferta, produzindo áreas centrais de diversão noturna, espaços altamente luminosos no conjunto da cidade à noite. Magnani (2005; 1992), estudando o lazer na metrópole paulista, nomeou estes mesmos espaços de “manchas de lazer”, com uma preocupação em estudar suas inerentes dinâmicas socioculturais. Além desse formato mais coeso, indicado pelo termo *mancha*, Magnani (2005; 1992) também se utilizou de outras expressões espaciais, como *trajetos* e *circuitos*, para falar de práticas espaciais que conectam pontos de concentração de vida noturna na metrópole.

Com isso, relacionamos, na pesquisa como um todo, as culturas juvenis, a diversão noturna e seus espaços nas cidades, o tempo do ócio e as propostas de Magnani de *mancha* e *circuitos*, tendo como objetivo entender como as práticas espaciais de jovens cidadãos no momento do

⁷ Processos semelhantes foram também identificados nas cidades espanholas no mesmo período, como apontam Feixa (1998), Pallares e Feixa (2000) e Comas-Arnaud (2000).

tempo livre dialogam com as reestruturações contemporâneas das cidades, subvertendo, reforçando ou dialogando com as tendências de fragmentação socioespacial⁸.

Para alguns autores, as manchas de lazer são espaços de espetáculo urbano e da cultura de massa, nos quais os jovens, sobretudo, são socializados em dinâmicas globalizantes e em novos padrões de consumo cultural (DIÓGENES, 1998; CASTRO, 2004). Nelas, está a maior movimentação da cidade, nos finais de semana à noite e, para elas, afluem consumidores de diferentes filiações sociais, culturais e territoriais. Para que os moradores das periferias pobres das cidades participem desse movimento, devem realizar grandes investimentos no plano do consumo (de bens culturais, de meios de transporte, do próprio espaço urbano), às vezes muito além de suas possibilidades concretas. Ao mesmo tempo, sua presença, sempre indesejada, é um sinal de popularização dos novos espaços de concentração, alterando o conteúdo de suas centralidades, o que aponta para tensões de diversas ordens e para o emprego de outras estratégias de evitação que não apenas a separação espacial.

Por outro lado, jovens de classes de renda média e alta têm maior mobilidade e podem circular intensamente pela cidade, não necessitando filiar-se a nenhum espaço específico. Estudar as novas centralidades do lazer noturno, ou as manchas de lazer, e suas configurações em cidades médias, como uma das frentes da pesquisa do Projeto Temático FAPESP, certamente não nos deu acesso à totalidade das práticas espaciais juvenis, mas tão somente àquelas práticas em que imperam o consumo e as imagens-símbolo do que é ser moderno e estar em sintonia com a vida urbana dos grandes centros. Outras tantas práticas espaciais juvenis ficaram excluídas do foco da pesquisa, visto que excluídas dos próprios espaços de consumo de vida noturna e, portanto, não participam da relação entre lógicas econômicas e práticas espaciais, ou não são práticas que respondem às demandas, ou reforçam as intencionalidades, dos agentes econômicos que ofertam vida noturna nas cidades⁹. Estudamos, enfim, o que se convencionou chamar de *mainstream*, uma categoria que se

⁸ Não podemos perder de vista que, em cidades médias, as opções são bem mais limitadas do que em espaços metropolitanos, o que pode concorrer para que se imponha uma maior mistura social, revelando uma particularidade desse conjunto de cidades ao compará-las com outras maiores.

⁹ O que não significa que jovens de camadas mais baixas de renda e moradores de periferias pobres não se façam presentes nestes espaços mais luminosos de diversão noturna, como veremos adiante. Ramos (2017), em sua tese desenvolvida também no âmbito do Projeto Temático, identificou que alguns sujeitos possuem o que ele chamou de “passaporte de classe”, sobretudo, as meninas cuja boa aparência franquia o acesso às casas noturnas. Certas casas fazem promoções que garantem o acesso livre às jovens mulheres, desde que cheguem até certo horário, ou lhes oferecem bebida sem custo (também dentro de um horário determinado). Esta é uma estratégia para atrair público feminino que, por sua vez, atrai público masculino, que é quem acaba sendo o principal consumidor da casa, como identificou também Custódio Pereira (2016), em pesquisa de mestrado ligada ao Projeto Temático. Nesse sentido, a vida noturna *mainstream*, além do que Margulis (1997) reconhece (como sendo segregacionista por classe social), é também altamente sexista.

aplica “[...] às ‘maiorias convencionais’ que não se estruturam em torno de um gosto musical seletivo e não se recusam à mídia e ao consumo” (ALMEIDA e TRACY, 2003, p. 181).

Ao desenvolvermos esta frente de pesquisa, pensávamos trazer uma contribuição significativa para efetivação do seguinte objetivo, estabelecido no âmbito do Projeto Temático: “Compreender as práticas espaciais decorrentes das reestruturações urbana e da cidade, com enfoque naquelas práticas ligadas especificamente ao consumo de bens culturais e ao consumo do espaço urbano, pelo estudo das novas centralidades em cidades médias” (SPOSITO, 2011, p. 22).

Apresentados estes pressupostos teóricos, passamos nas próximas seções do texto a expor os procedimentos pelos quais estudamos as dinâmicas da vida noturna das seis cidades médias foco do Projeto Temático que, como já visto, reuniram diferentes estratégias, algumas mais formais, como questionários e entrevistas, outras menos estruturadas como netnografia e observação participante. Em relação a esta última, traremos o relato de um estudo de caso na cidade de Londrina, em que um dos autores do texto fez um mergulho etnográfico na dinâmica interna de quatro casas noturnas da cidade.

Primeira aproximação: A etnografia das redes sociais virtuais

Dentre as seis cidades estudadas pelo Projeto Temático FAPESP, a cidade de Presidente Prudente merece uma ressalva importante. Como foi a cidade em que boa parte dos pesquisadores estavam sediados, ela foi a primeira a ser estudada, sendo uma espécie de laboratório para as metodologias de pesquisa desenvolvidas, assim como para o delineamento das primeiras questões.

O ponto de partida em cada cidade foi o estudo de como a vida noturna aparecia, era divulgada, compartilhada e curtida nas redes sociais. Partimos do pressuposto de que as redes sociais virtuais, ou seja, aquelas redes sociais mediadas pelas mídias eletrônicas, tinham um impacto nas formas de sociabilidade juvenil e na intensificação ou não da centralidade das áreas centrais de diversão noturna (TURRA NETO e BERNARDES, 2013). A rede social *Facebook*, naquele momento, constituiu-se num importante campo de investigação, para uma primeira aproximação das áreas em que a pesquisa de campo iria ser ancorada e identificação dos principais estabelecimentos de oferta de vida noturna nas cidades. Reconhecemos em Presidente Prudente que os estabelecimentos que realizavam maior investimento em propaganda e que tinham mais quantidade de seguidores eram também os mais luminosos no contexto da cidade.

Como estratégias metodológicas, adotamos uma sequência de procedimentos operacionais que foram sendo testados, superados ou confirmados como mais adequados para abarcar o fenômeno.

Dos procedimentos que se confirmaram e que foram então seguidos como procedimentos padrão para todas as cidades, o primeiro foi o levantamento no *Facebook* da oferta de diversão noturna nas cidades estudadas, buscando por *perfis*¹⁰ de bares, com indicações de suas características, programações, localização etc. Este primeiro levantamento nos permitiu elaborar uma tabela com nomes de estabelecimentos, horários de funcionamento, endereços (eletrônicos e presenciais na cidade), contatos etc.

Como forma de complementar o levantamento anterior na rede social, realizávamos o levantamento em *sites* da Internet que anunciavam aquilo que existe na cidade em termos de entretenimento, diversão, locais de encontro e festas. Com base nestes dois levantamentos à distância, acreditávamos dispor de um primeiro registro daquela oferta de diversão noturna mais badalada, mais luminosa e que representava ser a de mais altos investimentos nas cidades estudadas, que teriam o perfil da oferta que buscávamos: aquela com maior poder de impactar na reestruturação da centralidade das cidades.

Só depois deste trabalho remoto, passávamos ao primeiro trabalho de campo, cuja função era realizar um reconhecimento da oferta, em que o mapeamento era confrontado com a realidade. Alguns estabelecimentos poderiam ser adicionados ao mapa, outros poderiam ser retirados¹¹. Nesse momento, já realizávamos algumas entrevistas com donos de estabelecimentos, a partir dos contatos ainda na fase do levantamento.

Nas entrevistas com donos e gerentes de estabelecimentos, adotávamos o roteiro semiestruturado e seguíamos as orientações de Colognese e Mélo (1998), a respeito dos procedimentos para condução da entrevista e tratamento das informações. Pelo roteiro, procurávamos conhecer tanto a história do estabelecimento, quanto a história da área em que ele está implantado. Perguntávamos sobre a diversidade dos públicos dos bares próximos, destes em

¹⁰ “Perfis” e “Páginas” são as nomenclaturas para as seções da rede social *Facebook* nas quais os usuários (perfis pessoais ou profissionais/comerciais) podem fazer publicações textuais, com ou sem fotos e vídeos. Isso permite uma comunicação entre uma comunidade de usuários que utiliza a rede e serve de plataforma para variadas interações. Dentre elas, no nosso caso de estudo, interação entre os clientes e a seção de divulgação de eventos e promoções dos empreendimentos noturnos (bares e baladas). Como essas interações deixam rastros, elas são passíveis de serem inventariadas por um processo investigativo.

¹¹ Como estamos tratando de investimentos muito voláteis, estabelecimentos que identificávamos pelas redes sociais e nos *sites* de divulgação das cidades poderiam não estar mais operando no momento do trabalho de campo e mesmo alguns estabelecimentos que foram efetivamente investigados na pesquisa nas etapas seguintes, no momento em que a pesquisa se concluiu já não estavam mais com as portas abertas, ou haviam mudado de nome.

relação ao público de outras áreas da cidade, sobre as formas de interação do estabelecimento com seus frequentadores, incluindo as redes sociais, dentre outras questões.

Nos próximos trabalhos de campo, buscávamos ampliar as entrevistas aos empresários da noite, bem como aplicar enquetes aos frequentadores dos seus estabelecimentos, como forma de realizarmos diferentes procedimentos sempre nos mesmos locais, para captarmos as interações entre lógicas econômicas e práticas espaciais a elas ligadas. As questões desenhadas nas enquetes versavam sobre a rede de amigos, os locais mais frequentados, as mudanças ao longo do tempo dos locais frequentados, os trajetos pela cidade, considerando os diferentes tempos da noite (o início, o meio e o final), as relações sociais virtuais e sua influência na tomada de decisões de onde ir, bem como um perfil socioeconômico dos frequentadores.

Concomitante a estes procedimentos, continuamos os levantamentos no *Facebook*, mas agora focando nos espaços e estabelecimentos já delineados como mais relevantes ou mais abertos para a pesquisa, que já haviam sido entrevistados e nos quais já havíamos aplicado a enquete com frequentadores. Nesse levantamento, contamos com o apoio de *softwares* (NodeXL e Gephi) que permitiram o mapeamento de redes sociais. Tratava-se da *webmetria*, ou seja, do levantamento de dados em mídias e redes sociais virtuais e da análise quantitativa e estatística (KOZINETTS, 2002); e da análise das redes sociais, que busca investigar as relações, laços sociais, multiplexidade e composição do laço social (RECUERO, 2005). Com isso, conseguimos ter acesso aos principais sujeitos que estão articulados aos estabelecimentos, que chamamos de sujeitos chave, pela sua importância na rede social da casa. Sujeitos que comentavam, compartilhavam, postavam conteúdos nas páginas dos estabelecimentos, ou seja, sujeitos que têm relevância para suas estratégias *online* de propaganda.

Identificados esses sujeitos chave, entrávamos em contato com eles, pelo *Facebook*, para marcar entrevistas, como forma de produzirmos informações de natureza qualitativa para aquelas questões já elencadas nas enquetes. Estes sujeitos também eram “mapeados” em seus perfis do *Facebook*, identificando os estabelecimentos de diversão que curtiam ou que tinham algum tipo de vinculação (o que permitiu o delineamento de alguns prováveis circuitos).

Em cada uma das visitas que fazíamos às cidades, tínhamos também a missão de realizarmos observações sistemáticas sobre a dinâmica dos estabelecimentos que estavam sendo estudados. Essas observações eram registradas em diários de campo e se constituíam também em dados de pesquisa.

Quanto mais tínhamos em mãos os estabelecimentos e seus perfis de consumo e público, assim como alguns nomes e contatos de sujeitos chaves, cada volta ao campo de pesquisa possuía

uma nova perspectiva. Com isso, buscávamos realizar, na medida em que o tempo de estadia no campo nos permitia, algumas observações sistemáticas seguidas de etnografia dos locais de estudo, com atenção para a dinâmica dos estabelecimentos que estavam sendo estudados, também registradas em diários de campo.

A parte mais etnográfica da pesquisa será apresentada a seguir, a partir do estudo de caso de Londrina, em que o pesquisador responsável pela cidade teve a oportunidade de ali residir e realizar observações sistemáticas de reconhecimento e pesquisas etnográficas em estabelecimentos selecionados, por um período de sete meses.¹²

Deambulando por Londrina: Campos exploratórios¹³

*Suave é a noite / É a noite que eu saio
Pra conhecer a cidade / E me perder por aí
Nossa cidade é muito grande, e tão pequena...
Tão distante do horizonte do país [...]*

*Suave é cidade / Pra quem gosta da cidade
Pra quem tem necessidade de se esconder
Nossa cidade é tão pequena / E tão ingênua
Estamos longe demais das capitais
Longe demais das capitais*

Engenheiros do Hawaii – Longe demais das capitais (1986)

Londrina situa-se no Norte do estado do Paraná e contava, em 2014, quando a pesquisa de campo aconteceu, com aproximadamente 550 mil habitantes (IBGE Cidades, 2016)¹⁴. Constituiu-se historicamente como um centro regional, destacando-se como a mais importante prestadora de serviços do Norte do Paraná, tendo em vista que seus equipamentos urbanos “[...] foram se estruturando sempre mais para atender a região que a própria cidade [...]” (WADA, 1987, p. 84).

Não cabe nos limites do texto, apresentarmos todo processo de formação socioespacial de Londrina. Cabe, contudo, destacar que, ao longo do tempo, foi se consolidando uma espécie de

¹² É importante dizer que nem todas as cidades puderam ser estudadas nesse mesmo grau de profundidade, seja porque os pesquisadores principais não podiam residir por um período nelas, seja porque estudantes de iniciação científica, ligados ao Projeto Temático e responsáveis por estudar cada uma das cidades, só podiam realizar pequenas estadias, de modo que a observação, nestes casos, não se constituiu na principal metodologia de produção de dados para a pesquisa, ainda que ela era recomendada e realizada, gerando dados analisáveis.

¹³ Este e o próximo tópico são adaptações de excertos da dissertação de mestrado *Geografia da noite: oferta e consumo de diversão noturna em Londrina – Paraná*. O capítulo é o terceiro, intitulado *Construção do objeto de pesquisa: conhecendo as metodologias e a noite de Londrina*, disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/147062>

¹⁴ Consulta realizada no site <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/londrina/panorama>, acessado em agosto de 2020, traz dados mais atualizados, indicando que Londrina contava, em 2019, com 569.733 habitantes.

polarização entre distintas classes de renda em algumas áreas da cidade, especialmente as *zonas norte e sul/sudoeste* em relação ao seu centro tradicional. Na zona norte foram se instalando população de menor renda, o que se reforçou nos anos de 1960 e 1970, com a implementação de grandes conjuntos habitacionais de moradia popular. Enquanto na zona sul, foram se instalando importantes equipamentos urbanos, como universidades e *shopping center*, bem como, mais recentemente, condomínios residenciais horizontais e verticais de alto padrão (CUSTÓDIO PEREIRA, 2016). É justamente nessa porção ao sul da cidade que vimos se concentrar a oferta de vida noturna e foi onde ancoramos a pesquisa empírica.

Inicialmente, os trabalhos de campo por Londrina tiveram um caráter exploratório, com o intuito de constatar o que foi levantado previamente através das redes sociais virtuais. Buscamos também identificar outras áreas não apontadas por este levantamento, que poderiam ter escapado a ele. Nesse processo, mapeamos estas áreas com maior precisão, buscando traçar um perfil do público dos diferentes estabelecimentos, identificar o “estilo” ou a “proposta” de cada bar e casa noturna.

O período exploratório da pesquisa se estendeu de janeiro a março de 2014, totalizando 30 saídas de campo. Apesar da dinâmica da noite se intensificar tradicionalmente aos finais de semana (tendência que se confirmou no decorrer da investigação), buscamos apreender a dinâmica da vida noturna na escala temporal da semana como um todo, fazendo o esforço de passar pelas áreas de interesse de domingo a domingo, além de buscar as informações com os proprietários e cidadãos para desvendar se havia algum comportamento corriqueiro para além dos finais de semana. Os trabalhos de campo foram realizados aproximadamente entre as 22h e 6h do dia seguinte, sendo que de segunda a quinta feira tendiam a terminar mais cedo por conta da pouca ou nenhuma atividade, com raras exceções.

Os trajetos foram feitos de carro, com o esforço de circular pelas áreas de interesse apontadas pelo levantamento prévio em diversos momentos diferentes, percorrendo o mesmo circuito repetidas vezes¹⁵. Este circuito inicialmente foi pensado como estratégia para abarcar, em um tempo menor e com menos gasto de combustível, as diversas áreas identificadas no mapa inicial e nas primeiras saídas de campo. Assim, foi pensado um trajeto que cobrisse o máximo de pontos possíveis, levando em consideração a malha viária da cidade e suas peculiaridades (sentido das ruas, lagos e fundos de vale sem pontes, ruas sem saída, etc.). Contudo, com o tempo, o trajeto que

¹⁵ Neste primeiro momento, percorríamos entre 60 e 80 km por noite de trabalho de campo, perfazendo várias vezes o circuito para acompanhar as nuances em diferentes horários ao longo da noite e também as diferenças entre os dias da semana e os períodos do mês.

delineamos se revelou também o mais praticado pelos frequentadores da vida noturna de Londrina, cuja mobilidade é predominantemente realizada por automóvel.

Durante os trajetos, foram feitas paradas para circulação a pé, permitindo uma observação um pouco mais aprofundada dos estabelecimentos, de seus públicos e da dinâmica das áreas. Nessas paradas, foi possível observar elementos como as roupas dos clientes, a música que animava o ambiente, o tipo de bebidas predominantemente consumido, a faixa etária aparente, de que forma os clientes se deslocavam até o estabelecimento (carro, a pé, moto, ônibus etc.), quais veículos transitavam e estavam estacionados no entorno, dentre outros elementos, que buscamos categorizar e que pudessem corroborar para uma análise geral das características da noite londrinense e de seu público.

Além disso, essas pausas na circulação permitiram conversas informais com a clientela, com proprietários, funcionários, guardadores de carros e outras pessoas que acabavam, vez por outra, revelando elementos importantes para a compreensão das dinâmicas que acontecem nestas áreas. Todos os diálogos e impressões foram registrados no diário de campo.

Ao longo dos campos exploratórios, a conformação de eixos e algumas áreas coesas foram revelando uma lógica particular, sendo que certos trajetos e circuitos desenhados pelas práticas espaciais dos sujeitos começaram a evidenciar uma coerência do ponto de vista da atração de públicos específicos (como determinados segmentos de renda mais elevada). Assim, à primeira vista, o que encontramos em campo pareceu apresentar certa homogeneidade de classe, mas se revelou com maior complexidade ao longo da observação participante realizada na etapa seguinte da pesquisa.

Magnani (1996) sugere que deve haver um esforço de categorização e tipificação dos elementos observados, para buscar identificar aqueles que se repetem e os que são exceção. Entretanto, do ponto de vista das identidades dos jovens frequentadores (cuja identificação era buscada no uso e consumo de signos/símbolos das culturas de massa) houve inicialmente uma grande dificuldade para encontrar padrões estéticos. Dessa forma, buscamos elaborar um quadro sintetizando as principais características que pudemos identificar. Nele, foram organizados os principais estabelecimentos de diversão noturna identificados em Londrina, desde o processo de levantamento remoto, através das redes sociais virtuais, até a averiguação em campo.

As categorias utilizadas foram genéricas, a fim apenas de ilustrar as principais características destes estabelecimentos, organizados por eixos viários, tipo de oferta, características da infraestrutura (fachada aberta, fechada ou híbrida, permitindo contato visual entre as partes de dentro e fora do estabelecimento), estilo de música predominante e público alvo. As principais

categorias identificadas/registradas foram: barzinhos (com ou sem música ao vivo); baladas (casas noturnas com capacidade para cerca de 1000 pessoas ou mais); e “barladas” (que são ao mesmo tempo bares, com proposta de serem também baladas, nas quais os frequentadores podem permanecer a noite toda, onde inclusive há, de quando em quando, *shows* maiores, com grupos e/ou bandas). Todo este trabalho resultou também em um novo mapeamento síntese, em que identificamos as áreas, estabelecimentos e trajetos mais luminosos da cidade de Londrina (confira o *Mapa 1*).

A proposta analítica feita por Magnani (1996) faz uma analogia entre a vida noturna e um “espetáculo teatral”, empregando conceitos como cenário, atores, *scripts*, usados para o estudo interno às manchas de lazer. Utiliza conceitos que também levam em consideração o movimento e os fluxos desses atores no espaço, pois estes traçam “trajetos” que podem ou não fazer parte de um “circuito”, como já apresentamos anteriormente.

Esses conceitos somados ao mergulho no campo foram valiosos para a interpretação das práticas espaciais dos jovens na noite. Assim, dentro do contexto do “espetáculo da diversão noturna”, o cenário é representado pela coesão dos estabelecimentos em uma determinada área do espaço urbano, em correlação com a construção histórica das práticas sociais anteriores e atuais dos atores que ali se territorializam. A existência de uma lógica e de uma ciclicidade dessas práticas pode dar a ideia de que de fato existe um *script*, que se repete dentro desse cenário, e acaba sendo seguido pelos atores, em maior ou menor grau e segundo a maior ou menor possibilidade de recursos para consumir a/na noite¹⁶.

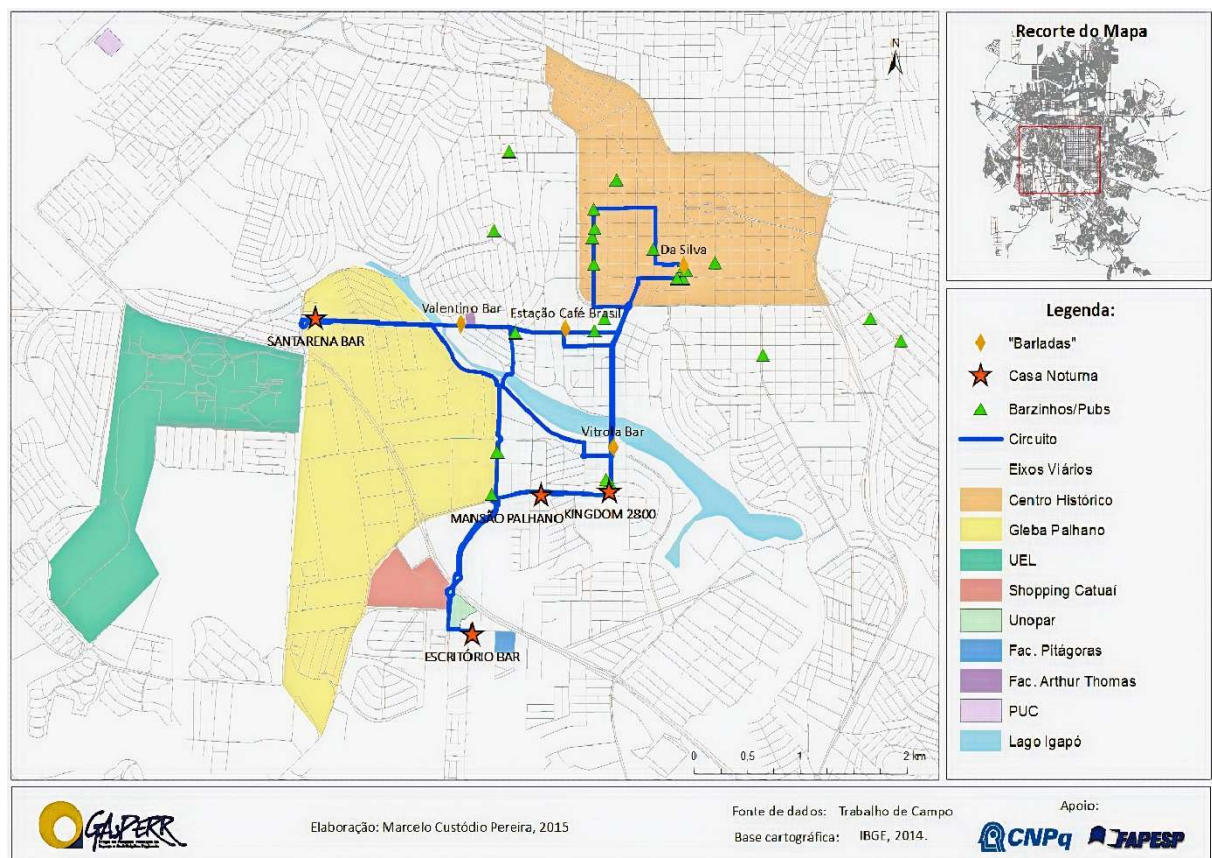
Tendo isso posto, partimos para a segunda etapa da investigação, com um novo recorte investigativo, mudando o foco e também a escala, realizando um mergulho etnográfico nas casas noturnas de Londrina. Nesta etapa focamos a observação empírica nos estabelecimentos com o perfil de “baladas” (foram identificadas quatro delas), buscando compreender seu funcionamento, suas “propostas” e estratégias para atrair o público, o tipo de público alvo, o tipo de atração oferecida e as micro interações que ocorrem no interior dessas casas.

Interessou-nos especialmente investigar tanto as lógicas dos produtores destes locais (os donos das baladas) quanto os sujeitos que ali têm suas práticas de sociabilidade, diversão e “experiências de juventude”. No entanto, buscamos não perder de vista a correlação que existe

¹⁶ Deve-se levar em consideração que a analogia proposta por Magnani (1992, 1996, 2005), ao usar o conceito “*script*”, não indica que há um roteiro rígido que é seguido à risca, nem que exista regras específicas e claras que controlem as práticas dos sujeitos. Entretanto, reconhecemos que, mesmo que não sejam rígidas e que haja exceções, as práticas observadas tendem a se repetir de maneira geral, como se houvesse “etapas” com características peculiares que, encadeadas, dariam à dinâmica da noite um “roteiro” que tem início, meio e fim.

entre as práticas circunscritas a esses ambientes e todo o contexto sociocultural (nas mais diversas escalas) em que são produzidos os valores e modelos de diversão e juventude. Além disso, também o que motivou elegê-las foi o fato de receberem centenas de pessoas todos os finais de semana, com um público que tem uma maior filiação identitária com as culturas juvenis produzidas pela cultura de massa, em uma estrutura baseada nos moldes internacionais de diversão noturna.¹⁷

MAPA 1: PRINCIPAIS REFERÊNCIAS ESPACIAIS DA NOITE LONDRINENSE, 2015



Fonte: Custódio Pereira, 2016, p. 160.

O mergulho etnográfico

*Vou mostrando como sou / E vou sendo como posso
Jogando meu corpo no mundo / Andando por todos os cantos
E pela lei natural dos encontros / Eu deixo e recebo um tanto
E passo aos olhos nus / Ou vestidos de lunetas*

¹⁷ Outras modalidades de diversão noturna também têm um forte apelo às culturas juvenis e com vultoso público, mas são menos sistemáticas, como os chamados “grandes eventos” (shows no Parque de Exposições Gov. Ney Braga, por exemplo), ou as festas promovidas em chácaras. Essa falta de ciclicidade e as diferenças entre um evento e o outro acabam comprometendo um olhar sistemático, o que nos levou a eleger as casas noturnas como objeto de pesquisa.

Esta etapa mais aprofundada da investigação no novo recorte mais específico das “baladas” se estendeu aproximadamente entre Abril e Julho de 2014, somando, no total, 65 saídas de campo e aproximadamente 19 horas e 53 minutos de registro de áudio. As transcrições e registros escritos geraram cerca de 220 páginas de diários de campo¹⁸. Neste período, além da rica produção de dados em campo, foram realizadas 11 entrevistas semiestruturadas com donos de estabelecimentos e informantes chave (seguranças, fotógrafos, *promoters*) e frequentadores, além de um acervo de fotografias e vídeos organizado durante o processo de investigação empírica.

A etnografia como estratégia metodológica

Se as práticas espaciais e de consumo são centrais no Projeto Temático, é importante mencionar que

As etnografias permitem conhecer mais de perto as formas pelas quais os grupos sociais atribuem significados, estabelecem usos, incluem ou excluem bens de consumo e produtos em suas vidas. Também seria possível captar as formas pelas quais os grupos, através do consumo, traduzem afetos, desejos e relações, construindo determinada visão de mundo. A etnografia sempre foi um modo privilegiado de análise cultural e, por isso, pode desempenhar um papel essencial no entendimento dos sistemas simbólicos que articulam os objetos de consumo e a vida cotidiana dos atores sociais (ROCHA, 2006, p. 33).

Lofland e Lofland (1984, *apud* MAY, 2004, p. 177) argumentam que a observação participante pode ser entendida como “o processo no qual um investigador estabelece um relacionamento multilateral e de prazo relativamente longo com uma associação humana na sua situação natural, com o propósito de desenvolver um entendimento científico daquela associação”. Assim, a Observação Participante configura uma metodologia na qual o pesquisador investiga *in loco* os sujeitos sociais que se constituem em foco da pesquisa, não de maneira distanciada e

¹⁸ Importante mencionar que ainda que as saídas de campo sistemáticas (todos os finais de semana, buscando observar desde o momento da abertura até o fechamento dos estabelecimentos numa noite) tenham formalmente acabado em julho, a experiência de campo continuou, com realização de entrevistas e questionários, permitindo últimas observações. Estas se estenderam durante os meses subsequentes, até o início de Dezembro de 2014.

despercebida, mas de maneira participativa e interativa, identificando-se como pesquisador e fazendo parte do dia a dia desses sujeitos.

Ressaltamos a importância dessa metodologia nos estudos sociais e, por extensão, das juventudes, pois

[...] é importante participar nas relações sociais e procurar entender as ações no contexto de uma situação observada. Por que? Porque é argumentado que as pessoas agem e dão sentido ao seu mundo se apropriando de significados a partir do seu ambiente. Assim, os pesquisadores devem tornar-se parte daquele ambiente, pois somente então podem entender as ações daqueles que ocupam e produzem as culturas, definidas como os aspectos simbólicos e aprendidos do comportamento humano, os quais incluem os costumes e a linguagem. É argumentado que essa técnica tem menos tendência a levar os pesquisadores a impor a sua própria realidade sobre o mundo social que procuram entender. (MAY, 2004, p. 176).

Tendo isso em vista, lançamos mão de uma metodologia que aproxima o pesquisador do universo pesquisado, estreitando esta relação e permitindo que, com o contato mais prolongado e horizontal, o pesquisador compreenda melhor o contexto social e possa minimizar a interferência de possíveis preconceitos na sua interpretação. Mesmo sabendo que o resultado desses estudos é sempre uma leitura da realidade a partir do pesquisador, de modo que não é possível, nem crível, uma análise completamente imparcial, a observação participante permite que os próprios valores e visões de mundo do pesquisador sejam relativizados e colocados a prova, no contato com o Outro.

Do ponto de vista da escala, esta metodologia consegue cobrir um recorte pequeno, mas com considerável profundidade e densidade. Assim, a observação demanda tempo, tendo em vista a complexidade do exercício de situar-se e dialogar no universo imaginativo que será estudado.

O que o etnógrafo enfrenta de fato [...] é uma multiplicidade de estruturas conceptuais complexas, muitas delas sobrepostas ou amarradas umas às outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares e implícitas, e que ele tem que, de alguma forma, primeiro apreender e depois apresentar. É isso que é verdade em todos os níveis de atividade do seu trabalho de campo, mesmo o mais rotineiro: entrevistar informantes, observar rituais, deduzir os termos de parentesco, traçar as linhas de propriedade, fazer o censo doméstico... escrever seu diário (GEERTZ, 1978, p. 7).

Geertz (1978) propõe que deve ser feita uma “descrição densa” da realidade estudada. Esta descrição envolve uma profundidade de análise, que vai além da observação superficial dos eventos. É uma observação que busca compreender as nuances e significados que não são facilmente

identificados, mas que, ao longo de um processo demorado de contato e interlocução, podem ser apreendidos pelo pesquisador.

Para tratar desta “descrição densa”, temos que abordar um dos seus recursos mais importantes: o Diário de Campo. Esse pode ser reconhecido como parte inseparável da metodologia da Observação Participante, onde quase todos os registros são feitos.

Oliveira (1998), seguindo as recomendações de Wright Mills, mesmo sem se remeter diretamente ao diário de campo, ressalta que em pesquisas científicas dessa natureza não se pode descuidar nem mesmo dos mínimos detalhes e das coisas aparentemente mais banais e vagas, uma vez que futuras associações criativas podem surgir justamente daí, por isso, a importância do seu registro.

Essa recomendação é feita por Winkin (1998) e por Turra Neto (2008), quando argumentam que os registros – mesmo de pensamentos vagos e informações aparentemente banais – e a leitura reflexiva do diário de campo devem ser constantes, pois, “a memória pode acabar nos traindo” e há o risco da perda e distorção de informações de grande valia para a investigação. Deve-se anotar desde coisas objetivas, como datas, horários, dados, etc., até as mais subjetivas, relativas às emoções do pesquisador, reflexões, sensações, observações, entre outras. Mesmo porque, no início do processo, ainda não se tem clareza do que poderá se constituir em peça importante para o quebra cabeça que precisará ser montado ao final.

Seguindo estas recomendações, os registros no diário sempre estiveram presentes nos trabalhos de campo, tanto os exploratórios, quanto nos de observação participante, mas somado a novas estratégias de registro, testadas na pesquisa-piloto em Presidente Prudente e aprimoradas ao longo da pesquisa em Londrina.

Essas estratégias estão ligadas ao uso de novas tecnologias da comunicação, mais particularmente dos aparelhos de telefone móvel (*smartphones*). Estes, que já são popularizados entre os jovens investigados, foram recursos indispensáveis nesta pesquisa. Eles não chamavam atenção nem causavam estranhamento nos sujeitos envolvidos, como causaria uma caderneta com anotações sendo feitas à mão – adequada para o registro *a posteriori*, ou em lugares discretos como dentro de um veículo ou num banheiro.

O uso destes aparelhos como recurso de registro de informações se revelou de grande importância do ponto de vista da facilidade e da riqueza de detalhes que foi possível gravar. A descrição permitida evitou que as dinâmicas cotidianas fossem distorcidas pela sensação de vigilância ou “de estar sendo observado e analisado” por um estranho (o pesquisador), que poderia ser o portador do julgamento, especialmente se ficassem evidentes elementos já mencionados, tais

quais cadernetas, filmadoras, câmeras fotográficas, ou até mesmo uma postura do pesquisador que seja incoerente com o ambiente de pesquisa.

Assim, esses novos recursos de registro de informações de diversas naturezas (áudios, vídeos, fotografias, textos, etc.) em um único aparelho (*smartphones*), que é amplamente utilizado pelos jovens (e que se estende cada vez mais para outros recortes de sujeitos sociais) acabaram minimizado, tanto o impacto da presença do pesquisador no universo de pesquisa, quanto sua interferência nesse, permitindo maior naturalidade nas interações observadas.

Os registros foram feitos tanto por mensagens de texto, salvas na memória do aparelho, quanto por registros de voz, fácil e rapidamente executados, aparentando aos sujeitos em campo que o pesquisador estava em uma ligação telefônica, ou trocando mensagens com algum amigo. Isso passou, na maioria dos casos, despercebido dentro do contexto da balada e o registro pode ser feito em tempo real, o que tirou o peso da memória do pesquisador, que precisaria registrar no diário de campo em um momento posterior.

Dessa forma, no período exploratório, foi utilizado como diário de campo uma caderneta e caneta para os registros iniciais, somados a registros de áudio feitos no celular, enquanto fazíamos o trajeto de carro. Com o tempo, os registros na caderneta demonstraram certa ineficiência do ponto de vista de exigir que o veículo estivesse parado, com iluminação, o que levava mais tempo, sendo utilizado somente antes do campo, para o registro de informações importantes para o entendimento da dinâmica de cada noite, como a programação das principais casas, ou grandes eventos que aconteceriam e, posteriormente, para anotações de reflexões ao final do trabalho de campo.

Com o recurso do registro de áudio, as informações foram gravadas de maneira mais espontânea, tanto durante o trajeto de carro quanto nas paradas, com maior detalhamento. Contudo, é importante evidenciar que se, por um lado, esses meios permitiram riqueza e facilidade de registro durante as saídas de campo, por outro, reuniram um volume de informações muito grande, que demandou, posteriormente, muito tempo do pesquisador para a transcrição, cuja falta dificultaria o acesso rápido às informações produzidas. Assim, houve a necessidade de dosarmos os registros – o que foi facilitado com nossa maior familiaridade com o universo de pesquisa – para que não tivéssemos um volume desnecessário de informações irrelevantes e difíceis de tratar¹⁹.

¹⁹ Recomendamos que os áudios sejam transcritos assim que possível após o registro, tanto para que o pesquisador se calibre sobre o que é importante ou não ser registrado, nas próximas saídas, quanto para que o trabalho de gravação não seja acumulado.

Tendo isso em vista, no mergulho etnográfico nas casas noturnas, passamos a mesclar os registros em áudio com os registros em texto diretamente no celular. O elevado ruído nestes ambientes acabou impelindo-nos aos registros de natureza textual que, com o tempo, foram se mostrando mais eficientes do ponto de vista do acesso e tratamento das informações produzidas, sendo recomendada a mescla destes recursos, buscando evitar o exagero ou excesso de preocupação com os registros *in loco*, mas procurar fazê-los já em local adequado e calmo, passando pelo filtro crítico do pesquisador.

Este último recurso de registro em forma de texto era realizado quando se terminavam os trabalhos de campo, no final da madrugada ou no dia seguinte, digitados diretamente no computador, já com algumas reflexões sobre o que foi observado em campo. Durante todo o processo também foram feitos registros foto e videográficos.

É importante mencionar que a construção e escolha desses procedimentos metodológicos se deu ao longo de uma trajetória que vem se acumulando através de outras experiências de pesquisa e correlacionada às leituras dos referenciais teóricos e suas propostas metodológicas, num processo contínuo de melhoria e testagem de estratégias que funcionam ou não em determinados contextos. O próprio desenrolar da pesquisa acabou ajudando a delinear as estratégias. Posto isso, entendemos que é extremamente importante para a pesquisa dessa natureza que não se vá ao campo “engessado” por uma proposta metodológica, mas que se ponderem as técnicas e estratégias já trilhadas por teóricos e outros pesquisadores, adaptando ao contexto que será feita a pesquisa em questão, criando sua própria metodologia, como advoga Ribeiro (1999).

A vida noturna e a fragmentação socioespacial em cidades médias

No geral, as pesquisas desenvolvidas na frente de estudos da diversão noturna, sejam de iniciação científica, sejam de pós graduação, seguindo, em maior ou menor grau, os procedimentos metodológicos apresentados aqui, contribuíram para confirmar e, ao mesmo tempo, relativizar a tese principal, qual seja, de que a vida noturna tende a acompanhar processos mais amplos de produção do espaço urbano, reforçando a tendência hegemônica de fragmentação socioespacial nas cidades estudadas. Isto ficou particularmente evidente nas cidades de Londrina (CUSTÓDIO PEREIRA, 2016), Ribeirão Preto, Presidente Prudente (ZOMBINE, 2017) e São José do Rio Preto (SAKURAI, 2018).

Como confirmação da tese principal, foi constatado que nestas cidades, o centro tradicional perdeu centralidade no que se refere à oferta de vida noturna, em benefício de novas áreas que

despontaram a partir do início do século XXI, como áreas dos investimentos mais recentes e de maior vulto dos empresários da noite.

Tal como visto para a cidade de Londrina, em que a zona sul se afirmou como área do principal circuito de diversão noturna da cidade, também em Ribeirão Preto, os empresários das casas noturnas mais badaladas (em funcionamento no momento da pesquisa) realizaram estratégias bastante racionais nas suas escolhas locacionais e na orientação do *marketing*. Houve pesquisas prévias de mercado, para identificar não só a acessibilidade, mas também a vizinhança e o status social das áreas. Assim, as avenidas que conectam o centro tradicional ao principal *shopping center* da cidade, bem como aos condomínios horizontais fechados de mais alto padrão, e as áreas entre elas foram locais privilegiados dos novos megaempreendimentos de diversão noturna de Ribeirão Preto. Ao mesmo tempo em que se aproximaram do público de mais altos rendimentos, para o qual se destinavam, acabaram reforçando uma nova área central, cujos conteúdos e funcionamento diurno já indicavam a seletividade do público (DAL POZZO, 2015; ZOMBINE, 2017).

Vimos, assim, uma lógica que se repetia nas cidades, o que reforçou a ideia de que a vida noturna, seus centros de coesão de oferta, bem como as práticas espaciais que respondem aos seus apelos acompanham os processos mais amplos de produção do espaço urbano contemporâneos. Esses últimos são fortemente impactados e reforçados pelas desigualdades presentes nas cidades médias estudadas.

No entanto, a tese foi relativizada, ou distendida, em face de algumas evidências empíricas insuspeitadas. Nas entrevistas com donos de estabelecimentos, foi comum a ideia de que em cidades desse porte, uma balada voltada exclusivamente ao que os empresários chamam de “público A e B” não se sustenta, seja porque este público, ávido por novidades, exige uma atualização constante, seja porque tem recursos para viajar e frequentar baladas em grandes centros urbanos. Assim, os empresários da noite precisam desenvolver estratégias para obter o maior retorno ao seu investimento no prazo mais breve possível²⁰. Uma das estratégias mais comuns é abrir a casa para um público de mais baixa renda, em dias alternativos da semana, como a quarta feira, em que o preço praticado é mais acessível e o estilo musical pode também variar. Normalmente, é quando se promovem noites exclusivas com música funk, por exemplo (ZOMBINE, 2017; CUSTÓDIO PEREIRA, 2016).

²⁰ Sakurai (2018), em São José do Rio Preto, obteve um depoimento de um empresário que afirmou que o retorno da casa noturna deveria vir em pelo menos seis meses, porque depois disso o fluxo começa a se arrefecer, visto que já não há mais os ares de novidade. Isso alimenta uma lógica de renovação constante. Muitas vezes, a casa noturna simula o próprio fechamento e reinaugura com algumas novidades, ou até mesmo outro nome, mas sob o controle dos mesmos proprietários, apenas para restaurar o interesse do público.

Tendo isso em vista, observamos que a oferta de vida noturna no formato de baladas tem estratégias locacionais que buscam fazer parte dos espaços de consumo e moradia das classes mais abastadas e se apropriar desse status socioespacial. Conseguem, com isso, magnetizar os fluxos para este nicho de mercado e em determinados momentos, deslocando o eixo da centralidade para outras áreas em detrimento do centro tradicional, contribuindo para a produção da fragmentação socioespacial. No entanto, no plano das práticas espaciais dos cidadãos, essa separação classista não acontece de forma plena, pois jovens de mais baixa renda, residentes em outros quadrantes da cidade, também são atraídos e consomem (n)esses locais de diversão, ao passo em que a casa noturna tenta separar os diferentes públicos pelo tempo, sendo as sextas feiras e os sábados, os dias mais concorridos.

Por outro lado, mesmo com todas as estratégias de evitação da mistura social – e os depoimentos dos empresários da noite apresentam muitas delas –, ela é inevitável e isto tem relação com as estratégias do próprio público consumidor das classes de renda mais baixa, que faz altos investimentos (para o seu padrão de consumo) para acessar as baladas “mais exclusivas”, “seletas” ou “diferenciadas”, em que circulam os símbolos da distinção social e da modernidade (BOURDIEU, 1990; 1995).

Nas entrevistas de Zombine (2017), em Ribeirão Preto, por exemplo, duas moças relataram que preferem as baladas da zona sul porque lá tem o “público mais bonito”, enquanto as opções de diversão que se oferecem nas áreas onde residem concentram um público mais “rampeiro”, com o qual preferem “não se misturar”. Contudo, seus recursos lhes condicionam certos limites ao consumo, de modo que preferem comer em casa antes da balada, ou, quando muito, deixam para comer depois, no cachorro quente da esquina; evitam consumir bebidas na balada, organizando-se para um “esquentar”, na casa de amigos – assim, são consumidoras da balada, mas participam pouco do circuito mais amplo do qual elas fazem parte. Além disso, como mulheres, podem aproveitar certas promoções, pois, conforme já comentamos, as próprias casas noturnas buscam atrair público feminino, independente da renda, desde que tenha certos “passaportes de classe”, como constatou Ramos (2017), ou seja, certas características estéticas que estejam alinhadas aos padrões de beleza correntes.

Desse modo, é possível dizer que do ponto de vista das lógicas econômicas, observamos o reforço das tendências de fragmentação socioespacial na escala da cidade, mas que, de alguma forma, há um público que responde a elas, através de suas práticas espaciais, subvertendo, em certa medida, estas lógicas. Isso ficou evidente ao longo de todo o processo de investigação, quando pudemos perceber a permeabilidade dessas pretensas fronteiras de classe que, apesar do discurso

de separação, acabam fazendo parte da lógica dos negócios e da própria disposição espacial interna das casas noturnas.

Essas buscam apartar os setores, criando microterritorialidades (como camarotes e outros setores “exclusivos”), para gerar certa diferenciação de status e capitalizam em cima da necessidade de diferenciação social, vendendo-a aos frequentadores que podem e estão dispostos a pagar, o que significa também que ganham o privilégio de ostentá-la em presença de sujeitos de menores rendimentos. Isso faz com que a própria distinção seja uma mercadoria a ser negociada e exibida, entrando inclusive nos jogos e nas trocas afetivas.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, M.I.M. de; TRACY, M. **Noites nômades**: espaço e subjetividade nas culturas jovens contemporâneas. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

BOURDIEU, P. Espaço social e poder simbólico. In: _____. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990. p. 149-168.

_____. **Physical space, social space and habitus**. Raport 10. Oslo: Universitet Oslo, 1995

CASTRO, L.R. de. **A aventura urbana**: crianças e jovens no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2004.

COLOGNESE, S. A.; MÉLO, J. L. B. de. A técnica de entrevista na pesquisa social. **Cadernos de Sociologia**, Porto Alegre, v. 9, p. 143-159, 1998.

COMAS ARNOUD, D. Agobio y normalidad: una mirada crítica sobre el sector “ocio juvenil” em La España actual. **Estudios de Juventud**, n. 50/00, p. 9 – 22, 2000.

CORRÊA, R. L. **O Espaço Urbano**. São Paulo: Ática, 2004.

CUSTODIO PEREIRA, Marcelo. **Geografia da noite**: oferta e consumo de diversão noturna em Londrina – Paraná. 2016. 214 fl. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Faculdade de Ciências e Tecnologia UNESP de Presidente Prudente – São Paulo, 2016. Disponível em <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/147062>.

DAL POZZO, C. F. **Fragmentação socioespacial em cidades médias paulistas**: os territórios do consumo segmentado de Ribeirão Preto e Presidente Prudente. 400 fl. Tese (Programa de Pós Graduação em Geografia). FCT/UNESP. Presidente Prudente, 2015.

DAL POZZO, C. F. **Territórios de autossegregação e de segregação imposta**: fragmentação socioespacial em Marília e São Carlos. 2011. 315 fl. Dissertação (Mestrado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia, UNESP, Presidente Prudente, 2011.

DIÓGENES, G. **Cartografias da cultura e da violência**: gangues, galeras e movimento hip hop. São Paulo: Annablume/ Fortaleza, Secretaria da Cultura e do Desporto, 1998.

FEIXA PAMPOLS, C. F.. La ciudad invisible: territorios de las culturas juveniles. In: MARGULIS, M. et al. **Viviendo a toda**: jóvenes, territorios culturales y nuevas sensibilidades. Santafé de Bogotá: Siglo del Hombre Editores/Departamento de Investigaciones Universidad Central, 1998. p. 83 – 109.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

KOZINETS, R. V. **The field behind the screen: using netnography for marketing research in online communities**. 2002. Disponível em: <<http://www.nyu.edu/pages/classes/bkg/methods/netnography.pdf>> Acessado em: 05/08/2017.

MAGNANI, J. G. C. Da periferia ao centro: pedaços de trajetos. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 35, p. 191 – 203, 1992.

_____. Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole. In: MAGNANI, J. G. C.; TORRES, Lilian de Lucca (org.). **Na metrópole**: fazendo antropologia urbana. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 1996. p. 12 – 53.

_____. Os circuitos dos jovens urbanos. **Tempo Social**, São Paulo, v. 17, no. 2, p. 173 – 205, novembro de 2005.

MARGULIS, M. La cultura de la noche. In: _____. et al. **La cultura de la noche**: la vida nocturna de los jóvenes en Buenos Aires. Buenos Aires: Biblios, 1997.

MAY, Tim. **Pesquisa social**: questões, métodos e processos. Tradução: Carlos Alberto Silveira Netto Soares. 3ª Ed. Porto Alegre: ArtMed, 2004.

OLIVEIRA, Paulo de Salles. Caminhos de construção da pesquisa em ciências humanas. In: _____. (org.). **Metodologia das ciências humanas**. São Paulo: EdUNESP, 1998. p. 17 – 26.

PAIS, José Machado. **Culturas juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2003.

PALLARÉS, J. G.; FEIXA, C. P. Espacios e itinerários para el ocio juvenil nocturno. **Estudios de Juventud**, n. 50/00, p. 23 - 41, 2000.

RAMOS, E. C. M. **Tudo junto e misturado, rolês e fluxos dos jovens da periferia**: capital espacial construído por redes juvenis no campo da diversão e geometrias de poder na cidade. 2017, 477 p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (UNESP). Faculdade de Ciência e Tecnologia. Departamento de Pós-Graduação em Geografia. Presidente Prudente.

RECUERO, Raquel. Redes Sociais na Internet: Considerações Iniciais. **Revista E Compós**, 2005. Disponível em: < http://www.ufrgs.br/limc/PDFs/redes_sociais.pdf > Acessado em: 25/09/2017.

RIBEIRO, R. J. Não há pior inimigo do conhecimento que a terra firme. **Tempo Social**, São Paulo, 11 (1): 189-195, maio de 1999.

ROCHA, Everardo. Coisas estranhas, coisas banais: notas para uma reflexão sobre o consumo. In: ROCHA, E.; ALMEIDA, M. I. M.; EUGÊNIO, F. (org.). **Comunicação, Consumo e Espaço Urbano**: novas sensibilidades nas culturas jovens. Editora Mauad/PUC-Rio, 2006. p. 15 – 34.

SAKURAI, R. **Lógicas Econômicas e Práticas Espaciais da Diversão Noturna em São José do Rio Preto/SP**. 2018. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Presidente Prudente: Unesp, 2018.

SHAW, R. Beyond nighttime economy: affective atmospheres of the urban night. **Geoforum**, v. 51, p. 87-95, 2014.

SOBARZO, O. As cidades médias e a urbanização contemporânea. *Cidades*, Presidente Prudente, v. 5, n. 8, p. 277 – 292, 2008.

SPOSITO, M. E. B. Reflexões sobre a natureza da segregação espacial nas cidades contemporâneas. **Revista de Geografia**, Dourados, v. 4, p. 71-85, 1996.

_____. Novas formas comerciais e redefinição da centralidade intra-urbana. In: _____. (org.). **Textos e contextos para a leitura geográfica de uma cidade média**. Presidente Prudente: [s.d.], 2001a. p. 235 – 253.

_____. As cidades médias e os contextos econômicos contemporâneos. In: _____. (org.). **Urbanização e cidades**: perspectivas geográficas. Presidente Prudente: [s.n.], 2001b. p. 609 – 643.

_____. **Lógicas econômicas e práticas espaciais contemporâneas: cidades médias e consumo**. 2011, 43f. Projeto Temático FAPESP (Geografia) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente, 2011.

SPOSITO, M. E. B.; GOES, E. M. **Espaços fechados e cidades**: insegurança urbana e fragmentação socioespacial. São Paulo: Edunesp, 2013.

TURRA NETO, N.. **Múltiplas trajetórias juvenis em Guarapuava**: territórios e redes de sociabilidade. 2008. 530 fl. Tese defendida no Programa de Pós-Graduação da FCT/UNESP, Presidente Prudente. 2008.

_____. **Múltiplas trajetórias juvenis**: territórios e rede de sociabilidade. São Paulo: Paco Editorial, 2012.

_____. A noção de geração no estudo das transformações do espaço urbano: contribuições para pensar a relação entre geografia histórica e práticas culturais na produção da cidade. In: OLIVEIRA, F. G. de et. al.. (Org.). **Geografia Urbana**: ciência e ação política. 1ed. Rio de Janeiro: Consequência, 2014, v. 1, p. 317-342.

TURRA NETO, N.; BERNARDES, A. Relações de interface e centralidade de lazer noturno em Presidente Prudente - São Paulo. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA URBANA – SIMPURB –, XIII, 2013, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro, UERJ, 2013. – disponível em

<http://www.simpurb2013.com.br/wp-content/uploads/2013/11/GT11-1235-necio.pdf>,
acessado em março de 2014.

WADA, F. O. Transformações na área central de Londrina – um exemplo a partir das “casas de madeira”. **Geografia**. Londrina. v. 4, p. 77-95. 1987.

WINKIN, Yves. Descer ao campo. In: _____. **A nova comunicação: da teoria ao trabalho de campo**. Campinas: Papirus, 1998. p. 129 – 145.

ZOMBINE, L. da S. **Centralidades do lazer noturno nas cidades de Ribeirão Preto e Presidente Prudente – SP**. 163 fl. Monografia (Bacharelado em Geografia). Faculdade de Ciências e Tecnologia/UNESP. Presidente Prudente, 2017.